

Manuel Vilas

Em tudo havia beleza

[Ordesa]





Manuel Vilas

Em tudo havia beleza

Tradução de Vasco Gato

ALFAGUARA


*Obrigada à vida, que me deu tanto.
Deu-me o riso e deu-me o pranto.
Assim distingo a sorte do quebranto,
os dois materiais que compõem o meu canto,
e o canto de vocês, que é o mesmo canto,
e o canto de todos, que é o meu próprio canto.
Violeta Parra*

Oxalá fosse possível medir a dor humana com números claros e não com palavras incertas. Oxalá houvesse maneira de saber o quanto sofremos, e a dor tivesse matéria e medição. Todo o homem acaba, mais dia menos dia, por enfrentar a insignificância da sua passagem pelo mundo. Há seres humanos capazes de suportar, eu jamais o suportarei.

Nunca o suportei.

Olhava para a cidade de Madrid, e a irreabilidade das suas ruas e das suas casas e dos seus seres humanos enchia-me o corpo de chagas.

Fui um pobre diabo.

Não entendi a vida.

As conversas com outros seres humanos tornaram-se aborrecidas, lentas, nocivas.

Custava-me falar com os outros: via a inutilidade de todas as conversas humanas que existiram e existirão. Via o esquecimento das conversas quando estas ainda estavam presentes.

A queda antes da queda.

A vaidade das conversas, a vaidade daquele que fala, a vaidade daquele que responde. As vaidades postas de acordo, para que o mundo possa existir.

Foi então que voltei a pensar no meu pai. Porque pensei que as conversas que tivera com o meu pai eram a única coisa que valia a pena. Regressei a essas conversas, à espera de alcançar um momento de descanso no meio do desvanecimento geral de todas as coisas.

Achei que o meu cérebro estaria fossilizado, não seria capaz de resolver operações cerebrais simples. Somava as matrículas dos carros, e essas operações matemáticas precipitavam-me numa profunda tristeza. Cometia erros no momento de falar espanhol. Demorava a articular uma frase, ficava em silêncio, e o meu interlocutor olhava para mim com pena ou desdém, e era ele quem terminava a minha frase.

Gaguejava, e repetia mil vezes a mesma oração. Talvez houvesse beleza nessa disfemia emocional. Pedi contas ao meu pai. Não parava de pensar na vida do meu pai. Tentava encontrar na sua vida uma explicação para a

minha. Tor-nei-me um ser aterrorizado e visionário.

Olhava-me ao espelho e via, não o meu envelhecimento, mas o envelhecimento do outro ser que já estivera neste mundo. Via o envelhecimento do meu pai. Conseguia assim recordá-lo perfeitamente, bastava olhar-me ao espelho e lá aparecia ele, como numa liturgia desconhecida, como numa cerimónia xamânica, como numa ordem teológica invertida.

Não havia nenhuma alegria nem nenhuma felicidade no reencontro com o meu pai no espelho, antes uma nova volta de porca na dor, mais um grau na descida, na hipotermia de dois cadáveres à conversa.

Vejo o que não foi feito para a visibilidade, vejo a morte em extensão e em fundamentação da matéria, vejo a insignificância global de todas as coisas. Estava a ler Teresa de Ávila, e a essa mulher aconteciam coisas parecidas com as que me acontecem. Ela chamava-as de uma maneira, eu de outra.

Pus-me a escrever, só escrevendo podia dar vazão a tantas mensagens obscuras que surgiam dos corpos humanos, das ruas, das cidades, da política, dos meios de comunicação, do que somos.

O grande fantasma do que somos: uma construção arredada da natureza. O grande fantasma tem sucesso: a humanidade está convencida da sua existência. É aí que começam os meus problemas.

Houve no ano 2015 uma tristeza que caminhou pelo planeta inteiro e entrou nas sociedades humanas como se fosse um vírus.

Fiz uma TAC ao cérebro. Consultei um neurologista. Era um homem corpulento, calvo, de unhas cuidadas, com uma gravata debaixo da bata branca. Fez-me uns exames. Disse-me que não havia nada de estranho na minha cabeça. Que estava tudo bem.

E comecei a escrever este livro.

Pensei que o estado da minha alma era uma vaga recordação de algo que aconteceu num lugar do Norte de Espanha chamado Ordesa, um lugar repleto de montanhas, e era uma recordação amarela, a cor amarela invadia o nome de Ordesa, e por trás de Ordesa desenhava-se a figura do meu pai num Verão de 1969.

Um estado mental que é um lugar: Ordesa. E também uma cor: o amarelo.

Tudo se fez amarelo. Quando as coisas e os seres humanos se tornam amarelos, significa que alcançaram a inconsistência, ou o rancor.

A dor é amarela, quero eu dizer.

Escrevo estas palavras a 9 de Maio de 2015. Há setenta anos, a Alemanha assinava a sua rendição incondicional. Num par de dias, as fotografias de Hitler seriam substituídas pelas fotografias de Estaline.

A História é também um corpo com remorsos. Tenho cinquenta e dois anos e sou a história de mim mesmo.

Os meus dois filhos entram em casa neste preciso momento, foram jogar pádel. Já faz um calor terrível. A insistência do calor, a sua vinda constante sobre os homens, sobre o planeta.

E o crescimento do calor sobre a humanidade. Não são apenas as alterações climáticas, é uma espécie de lembrete da História, uma espécie de vingança dos mitos antigos sobre os mitos novos. As alterações climáticas não são senão uma actualização do apocalipse. Agrada-nos o apocalipse. Trazemo-lo nos genes.

O apartamento em que vivo está sujo, cheio de pó. Tentei limpá-lo várias vezes, mas é impossível. Nunca soube limpar, e não porque me faltasse o interesse. Talvez haja em mim um qualquer resíduo genético que me aparenta com a aristocracia. Coisa que me parece bastante improvável.

Vivo na Avenida de Ranillas, numa cidade do Norte de Espanha cujo nome não recordo neste momento: aqui só há pó, calor e formigas. Há tempos, tive uma praga de formigas e matei-as com o aspirador: centenas de formigas aspiradas, senti-me um genocida legítimo. Olho para a frigideira que está na cozinha. A gordura pegada à frigideira. Tenho de a esfregar. Não sei o que darei de comer aos meus filhos. A banalidade da refeição. Da janela vê-se um templo católico, a receber impávido a luz do Sol, o seu fogo ateu. O fogo do Sol que Deus envia directamente sobre a Terra como se fosse uma bola negra, suja, miserável, como se fosse podridão, lixo. Não vêm o lixo do Sol?

Não há gente nas ruas. Onde eu vivo não há ruas, mas passeios vazios,

cheios de terra e gafanhotos mortos. As pessoas foram de férias. Estão a aproveitar a água do mar nas praias. Os gafanhotos mortos também formaram famílias e tiveram feriados, dias de Natal e festas de aniversário. Somos todos pobre gente, metidos no túnel da existência. A existência é uma categoria moral. Existir obriga-nos a fazer, a fazer coisas, o que seja.

Se de algo me dei conta na vida foi que todos os homens e mulheres são uma única existência. Essa única existência terá um dia representação política e, nesse dia, daremos um passo em frente. Eu não o verei. Há tantas coisas que não verei e que estou a ver neste preciso momento.

Sempre vi coisas.

Sempre os mortos falaram comigo.

Vi tantas coisas, que o futuro acabou por falar comigo como se fôssemos vizinhos ou amigos até.

Estou a falar desses seres, dos fantasmas, dos mortos, dos meus pais mortos, do amor que senti por eles, desse amor que não se vai embora.

Ninguém sabe o que é o amor.

Depois do meu divórcio (acontecido há um ano, embora nunca se saiba muito bem o momento, pois não é uma data, mas um processo, embora oficialmente seja uma data; para efeitos judiciais talvez seja um dia concreto; em qualquer caso, haveria que ter em conta muitas datas significativas: a primeira vez em que se pensa nisso, a segunda vez, o amontoar das vezes, a próspera aquisição de factos repletos de desavenças e discussões e tristezas que vão sustentando o que se pensou, e por fim a saída de casa, e essa saída é porventura o que precipita a cascata de acontecimentos que acabam num taxativo acontecimento judicial, que parece o fim do ponto de vista legal; pois o ponto de vista legal é quase uma bússola no despenhadeiro, uma ciência, de vez em quando precisamos de uma ciência que confira racionalidade, um princípio de certeza), transformei-me no homem que tinha sido muitos anos antes, ou seja, tive de comprar uma esfregona e uma vassoura, e produtos de limpeza, muitos produtos de limpeza.

O porteiro do bloco de apartamentos estava à porta. Estivemos um bocadinho à conversa. Algo relacionado com um jogo de futebol. Eu também penso na vida das pessoas. O porteiro é de raça oriental, embora a sua nacionalidade seja equatoriana. Está há muito tempo em Espanha, não se lembra do Equador. Eu sei que, no fundo, inveja o meu apartamento. Por muito mal que nos corra a vida, há sempre alguém que nos inveja. É uma espécie de sarcasmo cósmico.

O meu filho ajudou-me a limpar a casa. Havia um monte de correspondência amontoada, cheia de pó. Pegava-se num envelope e notava-se aquela sensação sebenta que o pó deixa, quase ao ponto de ser terra, nas polpas dos dedos.

Havia desbotadas cartas de amor antigo, inocentes e ternas cartas de juventude, as cartas da mãe do meu filho e de quem foi minha mulher. Disse ao meu filho para pôr tudo na caixa de recordações. Também lá pusemos fotografias do meu pai e uma carteira da minha mãe. Uma espécie de cemitério da memória. Não quis, ou não pude, demorar o olhar diante desses objectos. Toquei neles com amor, e com dor.

Não sabes o que fazer a todas estas coisas, não é?, disse-me o meu filho.

Há mais coisas assim; existem as facturas e os papéis que parecem importantes, como os seguros, e as cartas do banco, disse-lhe eu.

Os bancos arrasam-nos a caixa de correio com cartas deprimentes. Uma série de extractos bancários. As cartas do banco põem-me nervoso. Vêm dizer-nos o que somos. Impelem-nos à reflexão do nosso nulo sentido no mundo.

Pus-me a olhar para os extractos bancários.

Porque é que gostas de ter o ar-condicionado tão forte?, perguntou-me.

Tenho pânico do calor, o meu pai também tinha. Lembras-te do teu avô?

É uma pergunta incómoda, pois o meu filho acha que, com este género de perguntas, procuro algum tipo de vantagem, algum tipo de tratamento benévolo da sua parte.

O meu filho tem capacidade de resolução e de trabalho. Foi exaustivo a ajudar-me na limpeza do meu apartamento.

De repente, pareceu-me que o meu apartamento não valia o dinheiro que estou a pagar por ele. Imagino que tal certeza seja a prova de maturidade mais óbvia de uma inteligência humana sob o peso do capitalismo. Mas é graças ao capitalismo que tenho casa.

Pensei, como sempre, na ruína económica. A vida de um homem é, na sua essência, a tentativa de não cair na ruína económica. Tanto faz aquilo a que se dedica, o grande fracasso é esse. Se não sabemos dar de comer aos nossos filhos, não temos razão nenhuma para existir em sociedade.

Ninguém sabe se é possível viver sem ser socialmente. A estima dos outros acaba por ser a única cédula da nossa existência. A estima é uma moral, molda os valores e o julgamento que existe sobre nós, e a nossa posição no mundo emana desse julgamento. É uma luta entre o corpo, o nosso corpo, onde mora a vida, e o valor do nosso corpo para os outros. Se as pessoas nos cobiçarem, se cobiçarem a nossa presença, a coisa há-de correr-nos bem.

No entanto, a morte — essa sociopata louca — nivela todas as estimas sociais e morais através da corrupção da carne, que continua no activo. Fala-se muito da corrupção política e da corrupção moral, e muito pouco da

corrupção de um corpo às mãos da morte: da inflamação, da explosão de gases nauseabundos e da transformação do cadáver em hediondez.

O meu pai falava muito pouco da sua mãe. Recordava apenas que cozinhava bem. A minha avó foi-se embora de Barbastro em finais dos anos sessenta e nunca mais voltou. Terá partido por volta de 1969. Foi-se embora com a filha.

Barbastro é a terra em que nasci e onde me criei. Quando nasci, tinha dez mil habitantes. Agora tem dezassete mil. À medida que o tempo vai passando, esta terra tem já a força de um destino cósmico e, ao mesmo tempo, privado.

A esse desejo de transformar o informe numa personagem com forma deram os antigos o nome de «alegoria». Pois o passado tem para quase todos os seres humanos a concretude de uma personagem de romance.

Recordo uma fotografia dos anos cinquenta do meu pai, na qual está dentro do seu *Seat 600*. Quase não dá para distinguir, mas é ele. É uma fotografia estranha, muito daquela época, com ruas como que recém-aparecidas. Ao fundo há um *Renault Ondine* e uma roda de mulheres; mulheres de costas, com as suas malas, mulheres que estarão já mortas ou serão idosas. Distingo a cabeça do meu pai dentro do *Seat 600* com matrícula de Barcelona. Nunca aludiu a tal facto, ao facto de o seu primeiro *Seat 600* ostentar matrícula de Barcelona. Não parece nem Verão nem Inverno. É possível que seja por finais de Setembro ou finais de Maio, algo que calculo pela roupa das mulheres.



Pouco há a dizer acerca do desmoronamento de todas as coisas que foram. Há que assinalar o meu fascínio pessoal por aquele automóvel, por aquele *Seat 600*, que foi motivo de alegria para milhões de espanhóis, que foi motivo de esperança ateia e material, que foi motivo de fé no futuro das máquinas pessoais, que foi motivo de viagem, que foi motivo do conhecimento de outros lugares e outras cidades, que foi motivo para pensar nos labirintos da geografia e dos caminhos, que foi motivo para visitar rios e praias, que foi motivo para nos fecharmos dentro de um cubículo separado do mundo.

A matrícula é de Barcelona, e o número é um número perdido: 186.025. Algo restará dessa matrícula algures, e pensar isto é como ter fé.

Consciência de classes é o que nunca nos deve faltar. O meu pai fez o que pôde com Espanha: arranjou um trabalho, trabalhou, formou família e morreu.

E há poucas alternativas a estes factos.

A família é uma forma testada de felicidade. As pessoas que decidem permanecer solteiras, como se demonstra estatisticamente, morrem cedo. E ninguém quer morrer antes da hora. Pois morrer não tem graça nenhuma e é algo antigo. O desejo de morte é um anacronismo. E foi algo que descobrimos há pouco tempo. É uma descoberta última da cultura ocidental: é melhor não morrer.

Aconteça o que acontecer, não morras, sobretudo por uma coisa bem simples de entender: não é necessário. Não é necessário que uma pessoa morra. Antes julgava-se que sim, antes julgava-se que era necessário morrer.

Antes, a vida valia menos. Agora, vale mais. A geração de riquezas, a abundância material, faz com que os esfarrapados históricos (aqueles para quem há décadas tanto fazia estarem vivos como mortos) amem estar vivos.

A classe média espanhola dos anos cinquenta e sessenta transferiu aspirações mais sofisticadas para os seus descendentes.

Nem sequer sei em que ano morreu a minha avó. Talvez tenha sido em 1992 ou 1993, ou em 1999 ou em 2001, ou em 1996 ou em 2000, por aí. A minha tia telefonou com a notícia da morte da mãe do meu pai. O meu pai não falava com a irmã. Deixou uma mensagem no atendedor. Eu ouvi a mensagem. Era para dizer que, embora se dessem mal, partilhavam a mesma mãe. Isso mesmo: tinham a mesma mãe, o que era motivo de aproximação. Fiquei pensativo ao ouvir aquela mensagem, entrava sempre uma luz muito forte na casa dos meus pais que fazia com que os factos perdessem consistência, pois a luz é mais poderosa do que as acções humanas.

O meu pai sentou-se na sua poltrona. Uma poltrona de cor amarela. Não iria ao enterro, foi essa a sua decisão. Ela morreria numa cidade distante, a uns quinhentos quilómetros de Barbastro, a uns quinhentos quilómetros de onde naquele momento o meu pai recebia a notícia da morte da mãe. Abdicou de ir, simplesmente. Não lhe apetecia ir. Conduzir tanto. Nem passar horas metido num autocarro. E ter de procurar esse autocarro.

Tal facto gerou uma catadupa de outros factos. Não me interessa julgar o que aconteceu, antes narrá-lo ou di-zê-lo ou celebrá-lo. A moralidade dos

factos é sempre uma construção da cultura. Já os factos, em si mesmos, são seguros. Os factos são natureza, a sua interpretação é política.

O meu pai não foi ao enterro da minha avó. Que relação tinha com a mãe? Não tinha relação nenhuma. Sim, claro, tiveram-na no princípio dos tempos, sei lá, por volta de 1935 ou de 1940, mas essa relação foi-se evaporando, desaparecendo. Acho que o meu pai devia ter ido ao enterro. Não pela sua mãe morta, mas por ele, e também por mim. Ao prescindir daquele enterro, estava a decidir prescindir também da vida em geral.

O supremo mistério é que o meu pai amava a mãe. A razão de não ter ido ao seu enterro alicerça-se no facto de o seu inconsciente rejeitar o corpo morto da mãe. E o seu eu consciente ser alimentado por uma preguiça invencível.

Misturam-se na minha cabeça mil histórias, relacionadas com a pobreza e com a forma como a pobreza acaba por nos envenenar com o sonho da riqueza. Ou como a pobreza engendra imobilismo, falta de vontade de nos enfiarmos num carro e fazermos quinhentos quilómetros.

O capitalismo veio abaixo em Espanha no ano 2008, ficámos perdidos, já não sabíamos a que aspirar. Com a chegada da recessão económica, teve início uma comédia política.

Quase tivemos inveja dos mortos.

O meu pai foi queimado num forno a gásóleo. Nunca manifestou nenhum desejo quanto ao que pretendia que fizéssemos com o seu cadáver. Limitámo-nos a livrar-nos do morto (o corpo jacente, aquilo que tinha sido e não sabíamos agora o que era), como toda a gente faz. Como hão-de fazer comigo. Quando alguém morre, a nossa obsessão é apagar o cadáver do mapa. Extinguir o corpo. Mas porquê tanta pressa? Por causa da corrupção da carne? Não, pois agora há frigoríficos extremamente avançados no depósito de cadáveres. Apavora-nos um cadáver. Apavora-nos o futuro, apavora-nos aquilo em que nos transformaremos. Aterroriza-nos a revisão dos laços que nos uniram àquele cadáver. Assustam-nos os dias passados ao lado do cadáver, as coisas que fizemos com aquele cadáver: ir à praia, comer com ele, viajar com ele, jantar com ele, até dormir com ele.

No final da vida das pessoas, o único problema real que se apresenta é o

que fazer aos cadáveres. Em Espanha, há duas possibilidades: a inumação ou a incineração. São duas belas palavras que cravam as suas raízes no latim: transformar-se em terra ou em cinza.

A língua latina prestigia a nossa morte.

O meu pai foi incinerado a 19 de Dezembro do ano 2005. Arrependo-me agora, foi uma decisão porventura apressada. Por outro lado, o facto de o meu pai não ter ido ao enterro da sua mãe, isto é, da minha avó, teve a ver com a decisão de o cremarmos. O que será mais relevante, assinalar o meu parentesco e dizer «a minha avó» ou assinalar o do meu pai e dizer «a sua mãe»? Duvido sobre o ponto de vista a escolher. A minha avó ou a sua mãe, tudo reside nesta escolha. O meu pai não foi ao enterro da minha avó e isso teve a ver com o que fizemos ao cadáver do meu pai; teve a ver com termos decidido cremá-lo, incinerá-lo. Não tem a ver com o amor, mas com a catadupa dos factos. Factos que produzem outros factos: a catadupa da vida, água que passa o tempo todo a correr, enquanto enlouquecemos.

Também me dou conta neste instante de que aconteceram grandes coisas na minha vida e, no entanto, carrego um sofrimento profundo. A dor não é de todo um entrave à alegria, tal como eu entendo a dor, pois para mim está vinculada à intensificação da consciência. O sofrimento é uma consciência expandida que alcança todas as coisas que foram e serão. É uma espécie de amabilidade secreta com todas as coisas. Cortesia com tudo o que foi. E da amabilidade e da cortesia nasce sempre a elegância.

É uma forma de consciência geral. O sofrimento é uma mão estendida. É amabilidade para com os outros. Enquanto sorrimos, desfalecemos por dentro. Se escolhemos sorrir em vez de cairmos mortos a meio da rua é por elegância, por ternura, por cortesia, por amor aos outros, por respeito aos outros.

Nem sequer sei como estruturar o tempo, como o definir. Regresso a esta tarde de Maio de 2015 que vivo neste instante e vejo espalhados de forma caótica em cima da minha cama vários medicamentos. Há-os de todos os géneros: antibióticos, anti-histamínicos, ansiolíticos, antidepressivos.

E, ainda assim, celebro o facto de estar vivo e hei-de celebrá-lo sempre. Sobre a morte do meu pai vai caindo o tempo, e muitas vezes tenho já

dificuldades em recordá-lo. No entanto, isso não me entristece. Que o meu pai caminhe para a dissolução total, dado que sou, a par do meu irmão, o único que o recorda, parece-me de uma enorme beleza.

A minha mãe morreu há um ano. Quando era viva, eu quis algumas vezes falar do meu pai, mas ela recusava a conversa. Com o meu irmão também não posso falar muito do meu pai. Não é uma recriminação, de todo. Percebo o desconforto e, de certa forma, o pudor. Porque falar de um morto, nalgumas tradições culturais, ou pelo menos na que me calhou, supõe um forte e áspero grau de despudor.

De maneira que fiquei sozinho com o meu pai. E sou eu a única pessoa neste mundo — ignoro se o meu irmão o fará — a lembrar-se dele diariamente. E a contemplar diariamente o seu desvanecimento, que acaba por se transformar em pureza. Não é que me lembre dele diariamente, é que ele está em mim de forma permanente, é que me retirei de mim mesmo, para lhe dar espaço.

É como se o meu pai não tivesse querido estar vivo para mim, quero dizer que não quis revelar-me a sua vida, o sentido da sua vida: nenhum pai quer ser um homem para o seu filho. Todo o meu passado se desmoronou quando a minha mãe fez o mesmo que o meu pai: morrer.

A minha mãe morreu enquanto dormia. Estava farta de se arrastar, pois não era capaz de andar. Nunca me inteirei ao certo de quais seriam as suas doenças concretas. A minha mãe era uma narradora caótica. Eu também o sou. Herdei da minha mãe o caos narrativo. Não o herdei de nenhuma tradição literária, nem clássica nem vanguardista. Uma degeneração mental provocada por uma degeneração política.

Na minha família nunca se narrou com precisão o que acontecia. Nasce daí a dificuldade que tenho em verbalizar as coisas que me acontecem. A minha mãe tinha uma multiplicidade de maleitas que se sobrepunham umas às outras e colidiam entre si nas suas narrações. Não havia como ordenar o que lhe sucedia. Eu acabava por decifrar o que lhe acontecia: queria introduzir nas suas narrações o desassossego pessoal e queria, para além disso, encontrar um sentido para os factos narrados; interpretava e, no final, tudo a conduzia ao silêncio; esquecia pormenores que contava passados vários dias, pormenores que julgava não a beneficiarem.

Manipulava os factos. Tinha medo dos factos. Tinha medo de que a realidade do que acontecia fosse contra os seus interesses. Mas também não atinava com saber quais eram os seus interesses, para lá do instinto.

A minha mãe omitia o que achava que não a favorecia. Foi algo que herdei nas minhas narrações. Não é mentir. É tão-só o medo de nos enganarmos, ou o medo de fazer asneira, o terror do julgamento atávico dos outros, por não termos feito o que se supõe que devêssemos fazer, segundo o incompreensível código da vida em sociedade. Não percebemos bem, nem a minha mãe nem eu, o que se supõe que uma pessoa deva fazer. Por outro lado, os médicos e os geriatras que a trataram também não conseguiram que as versões médicas triunfassem sobre as suas versões caóticas e errantes. A minha mãe encurralava a lógica da medicina, levava-a para o abismo. As perguntas que fazia aos médicos eram memoráveis. Uma vez, conseguiu que um médico lá acabasse por lhe confessar que, na realidade, não sabia que diferença havia entre uma gripe bacteriana e uma gripe viral. No seu caos moral e na sua ânsia de saúde, as observações intuitivas e visionárias da minha mãe revelavam-se mais interessantes do

que as explicações dos médicos. Ela via o corpo humano como uma serpente hostil, e cruel. Acreditava na crueldade da circulação do sangue.

Era uma mulher-drama. O seu dramatismo era superior à paciência dos médicos. Os médicos não sabiam que fazer com ela. Os ossos de uma das suas pernas estavam péssimos. Andava com uma prótese, que infectou. Puseram-lha na mesma data em que fizeram o mesmo ao rei de Espanha, Juan Carlos I. Foi a televisão quem o disse. Fazíamos piadas com isso. Quando a prótese infectou, não foi possível extraí-la pois envolveria uma operação e a minha mãe também padecia de doenças cardiovasculares.

Os seus males eram enumerativos. Enumerava dores, algumas de uma originalidade imensa.

Ficou sozinha. Estava lá no seu apartamento, completamente sozinha, a enumerar males.

Também sofria de asma. E de ansiedade. Era um compêndio de todas as doenças jamais nomeadas. Transformara em doença não grave a sua própria consciência da vida. As suas doenças não eram mortais, eram pequenos suplícios quotidianos. Eram sofrimento, não mais do que isso.

Vivia num apartamento arrendado: cinquenta e quatro anos a viver num apartamento arrendado. Fumou muito na juventude. Terá fumado até fazer sessenta anos. Não sei ao certo quando deixou de fumar.

Posso tentar calcular de forma aproximada quando ela deixou de fumar. Terá sido por volta de 1995, algo assim. Ou seja, teria então uns sessenta e dois anos.

Fumava com modernidade, diferenciando-se ainda das mulheres mais velhas da sua época por fumar. Recordo a minha infância presidida por marcas de tabaco que me pareciam exuberantes e misteriosas.

Por exemplo, a marca de tabaco *Kent*, que sempre me seduziu, especialmente pela beleza do maço, de cor branca. A minha mãe fumava *Winston* e *L&M*. O meu pai fumava pouco, e fumava *Lark*.

Todos esses maços de tabaco que havia pelas mesas e mesinhas de minha casa estão associados à juventude dos meus pais. Havia então alegria em minha casa, pois os meus pais eram jovens e fumavam. Os pais jovens fumavam. E é incrível a precisão com que recordo essa alegria, uma alegria

dos anos setenta, de princípios dos anos setenta: 1970, 1971, 1972, até 1973.

Eles fumavam e eu olhava para o fumo, e assim foram passando os anos.

Nem o meu pai nem a minha mãe alguma vez fumaram tabaco escuro.

Nunca fumaram *Ducados*, nada de tabaco escuro. Daí que eu tivesse desenvolvido uma mania por essa marca, pelo *Ducados*, que me parecia um tabaco sórdido, feio. Os meus pais não o fumavam. Associei o tabaco escuro à sujidade e à pobreza. Embora também tenha visto que havia gente rica que fumava *Ducados*, mas isso não me impediu de continuar a olhar para o tabaco escuro com desdém ou com medo. Mais com medo. O medo, pelo menos em personalidades como a minha, está associado ao espírito de sobrevivência. Quanto mais medo temos, mais sobrevivemos. Sempre tive medo. Mas, de certa forma, o medo não impediu que me metesse em sarilhos.

Noto agora uma brecha gigantesca. Julgo que, ao evocar as marcas de tabaco que os meus pais fumavam, estou a descobrir uma alegria inesperada nas suas vidas, nas vidas dos meus pais.

Quero dizer que acho que foram mais felizes do que eu. Embora no final se tivessem sentido decepcionados com a vida. Ou talvez decepcionados com a simples deterioração dos seus corpos.

Não foram pais normais. Tiveram a sua originalidade histórica. Ah, sim, já acredito nisso. Foram originais, pois faziam coisas estranhas, não eram como os outros. A razão da sua excentricidade ou de me ter calhado a mim, como filho, essa excentricidade parece-me um enigma amoroso. O meu pai nasceu em 1930. A minha mãe — é uma hipótese, pois mudava a sua data de nascimento —, em 1932. Acho que tinham uma diferença de dois anos, ou porventura três. Às vezes tinham seis, pois de vez em quando a minha mãe insistia que nascera em 1936, parecia-lhe uma data famosa, pois ouvira-a designada várias vezes sabe-se lá porquê.

Na realidade, nasceu em 1932.

A minha mãe provinha de uma família camponesa, tendo sido criada numa aldeia diminuta, perto de Barbastro. O meu avô paterno era comerciante, mas, após a guerra civil, foi acusado de ser vermelho, republicano, e condenado a dez anos de cadeia que não chegou a cumprir, devido ao seu estado de saúde. Passou seis anos numa cadeia de Salamanca. Não sei muito bem os pormenores, o meu pai referia por vezes uma história de amizade do meu avô com os milicianos. Ao que parece, tinha amigos na Frente Popular. Foi denunciado quando os nacionais entraram em Barbastro. O meu pai sabia quem o denunciara. Mas o tipo já morreu. O meu pai não herdou nenhum ódio. O que herdou foi silêncio. Não conheço muito bem a natureza desse silêncio; julgo que não seria um silêncio de natureza política, mas uma espécie de renúncia à palavra. Como se o meu avô não quisesse falar, e o mutismo parecesse bem ao meu pai.

Morrerei sem saber se o meu pai e o meu avô chegaram a falar. É possível que nunca tenham falado. Estavam envoltos numa preguiça adâmica. Morrerei sem saber se o meu pai alguma vez deu um beijo ao meu avô. Julgo que não, julgo que nunca se beijaram. Dar um beijo é vencer a preguiça. A preguiça dos meus antepassados é bonita. Não conheci nenhum dos meus avôs, nem o materno nem o paterno. Nem sequer há fotografias deles. Partiram do mundo antes de eu ter chegado ao mundo, e partiram sem deixar uma fotografia. Não deixaram um triste retrato. De maneira que não sei o que faço neste mundo. Nem a minha mãe falava do pai dela nem o meu pai do seu. O silêncio era uma forma de sedição. Ninguém merece ser nomeado e, dessa maneira, não deixaremos de falar desse ninguém quando esse ninguém morrer.

Os meus pais nunca iam à missa, como faziam os pais dos meus colegas de escola; era algo que me causava grande estranheza e me incomodava perante os meus amigos. Não sabiam quem era Deus. Não que fossem agnósticos ou ateus. Não eram nada. Não pensavam nisso. Nunca mencionaram religião em casa. E, agora que escrevo esta lembrança, fico fascinado. Era como se fossem extraterrestres. Nem sequer blasfemavam. Nunca nomeavam Deus. Viviam como se a religião católica não existisse, o que tem um mérito indizível na Espanha que lhes calhou em sorte. A religião, para os meus pais, foi algo invisível. Não existia. O seu mundo moral aconteceu sem o fetichismo do bem e do mal.

Naquela Espanha dos anos sessenta e setenta, teriam feito bem em ir à missa. Em Espanha, as coisas sempre correram muito bem a quem vai à missa.

Como a minha mãe fumava, também eu comecei a fumar. No final, o que fazíamos era fumar. A minha mãe introduziu-me no vício, não tinha consciência do que fazia. Confundia sempre a importância das coisas: atribuía relevância a coisas insignificantes, e não fazia caso das relevantes. Uma vida inteira a fumar, até nos dizerem que estávamos a apodrecer por dentro. Ela mandava-me ir comprar cigarros à tabacaria. Acabei por conhecer os estanqueiros de Barbastro.

Os mortos não fumam.

Certa vez descobri numa gaveta um cigarro *Kent* com uns trinta anos de idade. Estava escondido. Devia tê-lo metido numa urna.

Procuro um significado no facto de já nada restar. Toda a gente perde o pai e a mãe, é pura biologia. Só que eu contemplo também a dissolução do passado, e portanto a sua inexpressividade final. Vejo uma laceração do espaço e do tempo. O passado é a vida já entregue ao santo ofício da escuridão. O passado nunca se vai embora, pode sempre regressar. Volta, volta sempre. O passado contém alegria. O passado é um furacão. Tudo o é na vida das pessoas. O passado é amor também. Viver obcecado com o passado não nos deixa desfrutar do presente, mas desfrutar do presente sem que o peso do passado compareça com a sua desolação nesse presente não é um gozo, mas uma alienação. Não há alienação no passado.

Parecem vivos. Mas estão mortos.

Vem até mim o dia em que se conheceram. Uma tarde de sábado do mês de Abril de 1958. A tarde está viva. A presença dessa tarde esconde outra presença mais afastada.

A morte é real e é legal. É legal morrer. Haverá algum Estado que decrete a ilegalidade da morte? Dá-me tranquilidade que a morte esteja protegida pela legalidade das nossas leis; morrer não é um acto subversivo; até o suicídio deixou de ser subversivo.

Mas o que fazem eles ainda vivos, eles os dois, os meus pais, evadindo a legalidade da morte? A verdade é que não estão de todo mortos. Vejo-os com grande frequência. O meu pai costuma aparecer antes de me ir deitar, quando estou a escovar os dentes. Põe-se atrás de mim e olha para a marca do meu dentífrico, observa-a com curiosidade. Sei que quer perguntar pela marca, mas tal não lhe é permitido.

E não é uma questão de eu me lembrar deles, de viverem na minha memória. Tem a ver com a região onde estão e continuam a sofrer os espíritos. Tem a ver com a má morte e a boa vida.

Estão ali. E, de certa forma, são espíritos terríveis.

Quando os meus pais morreram, a minha memória tornou-se um fantasma iracundo, assustado e raivoso. Quando o nosso passado se apaga da face da Terra, apaga-se o universo, e tudo é indignidade. Não há nada mais indigno do que o cinzentismo da existência. Abolir o passado é abjecto. A morte dos nossos pais é abjecta. É uma declaração de guerra que a realidade nos faz.

Em criança (devido à minha personalidade em formação, ou à minha timidez), eu sofria por não saber encontrar um lugar entre os demais, entre os colegas de escola, pensava sempre no meu pai e na minha mãe, confiando que eles tivessem uma explicação para a minha invisibilidade social. Eles eram os meus protectores e quem guardava o segredo da razão da minha existência, que a mim me escapava.

Com a morte do meu pai, teve início o caos, pois já não estava neste mundo quem sabia quem eu era e podia em última instância

responsabilizar-se pela minha presença e pela minha existência. Talvez esta seja uma das coisas mais originais da minha vida. A única razão segura e certa de estarmos neste mundo reside na vontade do nosso pai e da nossa mãe. Somos essa vontade. A vontade transferida para a carne.

Esse princípio biológico da vontade não tem carácter político. Daí que me interesse tanto, que me emocione tanto. Se não tem carácter político, significa que ronda os caminhos da verdade. A natureza é uma forma feroz da verdade. A política é a ordem acordada, certo, mas não é a verdade. A verdade é o nosso pai e a nossa mãe.

Foram eles que nos inventaram.

Vimos do sémen e do óvulo.

Sem o sémen e o óvulo, não há nada.

Que depois a nossa identidade e a nossa existência aconteçam sob uma ordem política não fere o princípio da vontade, que é anterior à ordem política; e é, para mais, um princípio necessário, ao passo que a ordem política pode estar muito certa e o que se queira, mas não é necessária.

Arrependi-me de ter escolhido a cremação. A minha mãe, o meu irmão e eu queríamos esquecer tudo. Livrar-nos do cadáver. Tremíamos de medo, e fingíamos controlar a situação, tentávamos rir-nos de alguns pormenores cómicos que nos protegiam do terror. Os túmulos foram inventados para que a memória dos vivos neles se refugiasse e porque os restos ósseos são importantes, embora nunca os vejamos: basta-nos pensar que existem. Mas os túmulos, em Espanha, são gavetas. O túmulo é nobre; as gavetas são deprimentes, caras e feias. Porque tudo é feio e caro para a classe média-baixa espanhola, mais baixa do que média. O hífen e o amontoamento, «classe média-baixa», foram uma invenção sinistra, e uma falsidade.

Éramos classe baixa; o que acontece é que o meu pai andava sempre muito elegante. Sabia estar à altura das coisas. Mas era pobre. Só que não parecia. Não parecia e, nisso, era um fugitivo do sistema socioeconómico da Espanha dos anos setenta e oitenta do século passado. Não podiam meter ninguém na prisão por isso, por ter estilo mesmo que fosse pobre. Não podiam meter ninguém na prisão por, sendo pobre, evadir a visibilidade da pobreza.

O meu pai foi um artista. Tinha estilo.

Antes de ser cremado, o cadáver do meu pai esteve exposto na casa mortuária durante umas horas. As pessoas vinham vê-lo. Quando a funerária monta o pequeno espectáculo da exibição da morte, esconde tudo, à excepção de um rosto maquilhado. Não vemos as mãos nem os pés nem os ombros do cadáver. Fecham os olhos com cola. Pensei se seria uma cola industrial, a que empregavam para selar lábio contra lábio. Imagine-se se a cola falha e, de repente, a boca do cadáver se abre. Apareceu um homem que eu conhecia. Não era amigo do meu pai, quando muito conhecido. O tipo apercebeu-se de que a sua presença era injustificada. Veio ter comigo e disse-me: «É que tínhamos a mesma idade, vim ver como ficarei eu de corpo presente.» O tipo estava a falar a sério. Voltou a olhar e pirou-se.

Soube depois que esse tipo morreu dois meses após a morte do meu pai. Lembro-me do seu gesto, até do tom da sua voz. Lembro-me de como olhava para a cara morta do meu pai através do vidro da vitrina onde estava

o caixão, tentando, num esforço de imaginação, trocar a cara do meu pai pela sua, para averiguar qual seria o seu aspecto de morto.

Eu também estive a olhar para o meu pai morto. Estava a partir do mundo o vigilante, o guarda, o comandante da minha infância. Estava a contemplar a desintegração da humanidade. A vinda do cadáver. O nascimento da insignificância. A loucura. A grandeza. O cadáver em todo o seu mistério.

Acordei de chofre, saído de um sono muito pesado. Tomara ansiolíticos para dormir. Em tempos, cheguei a tomá-los em quantidades alarmantes, misturando-os com álcool. Foi no ano 2006 que pela primeira vez me deu para os misturar de uma forma agressiva com o álcool. Houve uma crise matrimonial pelo meio, pois eu tinha uma amante. Não era uma amante qualquer, era especial, ou assim o vivi então; talvez fosse algo que só me aconteceu a mim, pois no amor não basta a confissão de uma das partes, haveria que inquirir a outra pessoa. A vontade de viver é sempre confusa: começa com um estouro de alegria e acaba num espectáculo de vulgaridade. Somos vulgares, e quem não reconhecer a sua vulgaridade é ainda mais vulgar. O reconhecimento da vulgaridade é o primeiro gesto de emancipação rumo ao extraordinário. Todas as minhas crises matrimoniais, desde então, combinaram o álcool e os ansiolíticos. Quando os efeitos do álcool nos abandonam, entramos em estado de pânico; é então que tomamos uma boa dose de ansiolíticos.

No fundo, o único grande inimigo do capitalismo são as drogas.

Tinha sido um sono denso, do qual saí com uma sensação de terror abatido ou cansado. Sonhara com um quarto de dormir, com o quarto de dormir de uma casa que foi minha há não muito tempo.

Tinha várias coisas para fazer nesse dia. Bebi café, tomei duche. Duvido sempre acerca do que fazer primeiro: se tomar café e depois duche; ou se tomar duche e depois café. Fiquei nervoso, excitado. Tinha de vestir um fato e ir a uma refeição oficial com os reis de Espanha. A ideia de ir drogado cumprimentar o rei de Espanha seduzia-me, mas para isso há que ter audácia revolucionária. Havia tantos anos que não vestia um fato, talvez desde o meu casamento. Porque, para os divórcios, não são necessários fatos.

Como não sei fazer o nó da gravata, o meu irmão deixara-mo feito. Vesti o meu fato azul-marinho. Não me ficava mal. Até parecia bonito, com a camisa branca. Emagrecera; passei a vida em luta contra a comida. A comida alegre o coração, mas a magreza também. Fizera-se tarde, ou assim julguei, mas não era tarde.

Sentei-me então numa cadeira e pensei no sofrimento do tecido da gravata: aquele nó estava feito havia vários dias. Lembrei-me do meu pai. Ele é que sabia fazer o nó da gravata, sem dúvida. Conseguia fazê-lo de olhos fechados e em dois segundos.

Um homem de gravata envelhece automaticamente.

Fui à refeição real, no meu carro particular. Dera, dias antes, o número da matrícula às autoridades da Casa Real.

Tive dificuldades em encontrar a entrada para a Plaza de Armas.

O meu nervosismo estava a intensificar-se.

Então, com o cérebro prestes a rebentar, ouvi uma voz: «Calma, camarada, está tudo em ordem; só vais a uma refeição, o fato assenta-te bem. Os teus pais estão mortos. Tu parece que estás vivo. Tens um carro que não está nada mal, e ainda pareces jovem. Que importância poderá ter uma refeição a mais ou uma refeição a menos na tua vida?»

Sabe-me sempre bem ouvir aquela voz. É uma voz que provém do meu interior, mas parece uma terceira pessoa. A terceira pessoa que vai em mim.

Conduzo por Madrid. As rodas do meu automóvel tocam a cidade de Madrid. Toco no nó da gravata. Consulto o GPS. Está muito trânsito. O GPS não está a funcionar bem, pois já é velho, não quis actualizá-lo porque custava cinquenta euros. As pessoas têm dinheiro em Madrid, nota-se.

Madrid é bonita.

Madrid foi tudo neste país, está cá tudo. O meu pai veio várias vezes a Madrid. Todos os espanhóis das províncias foram alguma vez a Madrid. Nisso, Madrid foi cruel. As pessoas das províncias assustavam-se por Madrid ser tão grande.

No entanto, não era assim tão grande. Não tão grande como Londres ou como Paris, por exemplo. Talvez esteja a aproximar-se. Era depreciativa, essa história das «províncias». E era absurda. Essa Madrid que se elevava aristocraticamente sobre as províncias foi, no início, uma criação monárquica e, depois, franquista, mas vai dar ao mesmo.

E tudo vai dar ao mesmo porque a História morreu e porque as pessoas se deram conta de que aquilo que a História narra não existe no presente e as pessoas já não querem herdar as cargas fantasmagóricas de tempos passados, de tempos fictícios.

Um guarda indica-me onde devo estacionar. Depois, outro guarda volta a dar-me outra indicação. São guardas elegantes. Os guardas do Palácio Real de Madrid.

Uma grande escadaria estende-se diante de mim, flanqueada por soldados vestidos de gala, com lanças que brilham, embora inofensivas. Julgo que não lhes terão afiado as pontas em mais de cem anos. Lanças castradas, lanças com, no máximo, valor histórico, mas inúteis no momento de despedaçar um corpo.

Subo a escadaria. Observo os guardas, olho-os nos olhos.

Sinto como se os guardas conhecessem o meu passado, como se soubessem que sou um impostor; como se soubessem que, na realidade, caber-me-ia estar ali com eles, vestido espalhafatosamente e agarrado a uma lança. Que salário terão? Calculo aí uns 1450 euros, talvez, com sorte, 1629 euros. Não acho que cheguem aos 1700. Ocultamos o salário, mas é a única coisa confessável que temos. Quando descobrimos o salário de alguém, vemo-lo nu.

Os grandes janelões do Palácio Real continuam ali, a ver as coisas, e a filtrar a luz dos dias acumulados em forma de séculos.

Os convidados sorriem.

Madrid parece o coração de uma besta.

A monarquia gera fascínio, um fascínio que não exclui a reprovação. Lá estavam Felipe VI e a sua mulher, dona Letizia, reis de Espanha sem que ninguém o tenha pedido, embora ambos saibam que tal pedido não é necessário, porquanto a História é uma sucessão de manobras políticas aterradoras, e mais vale não penetrar nesse abismo, porque eles, Felipe e Letizia, são uma solução capaz e sólida na medida em que tudo aquilo que poderia substituí-los é incerto, inseguro, e muito susceptível de acabar em devastação, morte e miséria. Sabem que o serviço que prestam a Espanha é objectivo e mensurável, pode ser contado e medido, é dinheiro, conseguem acordos internacionais, que outros Estados ou empresas invistam em Espanha. Graças a eles, sim. É verdade. Inspiram confiança aos investidores internacionais. A confiança é dinheiro e são pessoas a sair do desemprego.

Ainda assim, as pessoas acabam por se organizar, de maneira que há que estar alerta, daí que haja no rosto de Felipe VI uma borbulha de sombra, e daí que haja na sua mulher um murmurinho de chicotes. Têm de ter cuidado. Ela está a fabricar esse espaço moral que poderia ser classificado como templo político onde ocorre «o irrepreensível».

São marido e mulher, o que me gera uma certa compaixão por eles. É normal sentir compaixão pelos casais, especialmente pelos casais que começam a acumular anos de vínculo conjugal, porque todos sabemos que o casamento é a mais terrível das instituições humanas, pois requer sacrifício, requer renúncia, requer negação do instinto, requer mentira atrás de mentira, proporcionando em troca a paz social e a prosperidade económica.

Dona Letizia dá mais um passo à frente do marido e situa-se numa zona histórica mais confortável, mais próxima da absolvição. Está a pensar nessa ideia iluminadora, pensa isto: «Nunca ninguém poderá repreender-me por nada.» Estão em silêncio. Fico a observar o seu silêncio, quebrado de vez em quando por monossílabos de cariz afirmativo.

Alguém lhe disse: «Escolhe sempre o sim.»

Os reis presidem ao almoço oficial da entrega do Prémio Cervantes a um velho escritor chamado Juan Goytisolo, um homem genial, que escreveu

livros brilhantes, os melhores livros da sua geração, livros escritos em espanhol. Trata-se, portanto, de um escritor espanhol. Não é assim tão óbvio recordar a sua nacionalidade. Pois Espanha é sempre um país prestes a dizer que não, daí que tenham dito a dona Letizia para, se puder, dizer sempre que sim.

É dia 23 de Abril de 2015, uma manhã de Primavera em Madrid, com uma temperatura de dezasseis graus no exterior. Os convidados formam rodas onde se conversa com certa simpatia; são conversas educadas e descontraídas. São também conversas medidas. Todos os convidados sabem que fazem parte de uma rede comum, uma fotografia de família, uma realidade sociológica à qual se poderia chamar «cultura espanhola, âmbito das letras, do ano de 2015».

Uma fotografia já disposta para que o tempo lance sobre si a cavalaria inapelável dos mortos. Penso em mim mesmo, neste instante, como o homem da gravata cujo nó foi feito por outro homem. Parece um cognome áulico, como dos romances de cavalaria: o homem cujo nó da gravata foi feito por outro homem.

Não tenho grandes dificuldades em me enquadrar em várias rodas, transito até de uma roda para outra, e cumprimento ilustres escritores com afabilidade e cordialidade. Sinto-me elegante dentro do meu fato. Embora no mais fundo da minha psicologia reine o medo.

Tenho medo. O poder e o Estado metem-me medo, o rei mete-me medo, não consigo evitar.

Há medo, na realidade, em toda a parte. Até naqueles que supostamente não deveriam temer nada, como em suas majestades, os reis de Espanha, haverá porventura medo. Noutros convidados, em convidados já veteranos, talvez o medo tenha sido substituído pelo hábito e pela rotina.

Esses convidados veteranos parecem estar no seu elemento. Há uma novidade óbvia: já não reina Juan Carlos I, mas o filho. Porém, quanto ao mais, os protocolos são idênticos.

Transformo-me interiormente numa terceira pessoa, dando a mim mesmo este cognome: o homem da gravata falsa.

Vejo-me, por fim, como uma terceira pessoa.

Aparece o espectro. Já sou o espectro.

O homem da gravata falsa é novo, é a sua primeira refeição com os reis.

Receia não estar à altura das exigências do protocolo. Também não pertence à alta hierarquia da literatura espanhola. Milita numa classe média algo obscura. Pensa agora nessa classe média, nesse tipo de escritor que tão depressa tresanda a fracasso como a «este miúdo tem jeito», só que o miúdo já fez cinquenta anos. Mas tanto faz, pois o mundo inteiro, já global, caminha para lugares onde as hierarquias são volúveis e desgraçadas e deliquescentes, e fedem a antiguidade, onde por fim já nada significa nada, e isso é uma novidade.

As hierarquias estão a corromper-se. A antiguidade no cargo corrompe-se. A História, como a água, avança por onde menos se espera.

As coisas e as pessoas estão a deixar de ter um significado claro, e isso é subversivo, libertador.

Muitos dos presentes ultrapassam os cinquenta anos, os sessenta até, e os setenta também. Talvez a idade média desta refeição esteja nos sessenta e cinco anos. Na realidade, os mais jovens são os reis de Espanha.

A sabedoria dos protocolos reais discerniu em tempos o método pelo qual duas pessoas podem cumprimentar mais de cem pessoas, ou duzentas pessoas, de forma ordenada e coerente. A ideia era revolucionária e democrática: ninguém deve ficar sem ser cumprimentado.

Todos os convidados serão cumprimentados pelos anfitriões.

Parece uma ideia magistral.

Uma ideia que é, em si mesma, uma obra-prima.

De maneira que os reis de Espanha se postam numa sala contígua, num canto imprevisto. É como se saíssem da escuridão, ou descessem do céu. Cada convidado terá a sua fotografia com os reis, cada convidado terá exactamente seis segundos de visibilidade diante da realeza.

O homem da gravata amarrada a um pescoço vulgar concebe uma fórmula de desassossego histórico. É um homem que de vez em quando alcança ideias que estão acima da sua classe social. É uma espécie de distribuição descontrolada da genialidade, algo que agrada, muito de vez em quando, à História: que aqueles cujos antepassados são irrelevantes

alcancem um pensamento relevante.

O homem da gravata triste (triste a gravata, não assim o homem, triste a gravata por ter achado um pescoço desajustado à sua estatura estética, porque existe o destino das gravatas, tal como existe o destino dos grandes elefantes asiáticos) tem a ideia de utilizar uma arma nova, surgida há pouco tempo neste mundo. É uma arma política. Tira do bolso das calças um telemóvel, um *Samsung Galaxy*, e vai à função de cronómetro. É uma função tecnológica revolucionária.

Mede o tempo que dura o cumprimento aos reis de Espanha. Mede-o com o seu cronómetro. São seis segundos e noventa e dois centésimos de segundo. É esse o tempo concedido a cada convidado.

Não soube dizer nem boa tarde nem boa noite nem bom dia nem olá que tal como vai a nenhum dos dois reis. É normal, a sua mudez: provém da noite avarenta de pão e carne do campesinato ibérico, da noite dos loucos e dos atrasados mentais, e nos seus genes há apenas terror e angústia e erro.

Terror e angústia, frente à luz e à riqueza, frente à segurança e ao amor que emanam dos reis.

O sorriso dos dois reis é, a um metro de distância, um dos maiores espectáculos que um cidadão espanhol pode contemplar, pois está lá contida a vida de milhões de espanhóis que já morreram e cuja dignidade histórica não cabe senão naquele sorriso. O que Espanha soube construir politicamente está cifrado naquele sorriso, em cujas extremidades moram milhões de serpentes acesas.

Acendem-se as serpentes.

O escritor galardoado, idoso ausente, homem desvanecido, um ser de outro tempo, passeia de braço dado com a rainha. Ela, devido aos seus torturantes saltos, emerge dois palmos acima da cabeça quase careca de Juan Goytisolo. O homem da gravata de nó triste cisma na exibição pública da tortura a que a rainha submete os seus pés enfiando-os naqueles saltos de palmo (estiramento e distorção de ossos, dores articulares, artrite, deformação, colapso ósseo); e cisma em quais poderão ser os pensamentos do escritor galardoado. Nota-se-lhe um certo incómodo, uma certa aspereza. Talvez poucos dos presentes o tenham lido. E, mesmo que tivesse sido muito lido, na realidade de pouco lhe pode servir, pois ninguém o ama, e desse ponto de vista é como se ninguém o tivesse lido. Não há amor aqui, não há amor em lado nenhum. E talvez ele saiba e aceite isso. Todos sabemos e aceitamos, pois a literatura é já algo irrelevante na medida em que não há nela amor. Não há nela amor, pensa o homem da gravata amarela, e devia haver, pois só o amor tem sentido, e onde estará o seu amor, e o que estará a fazer neste sítio se não vai encontrar aqui o amor, e lembra-se do seu pai então, cuja vida aconteceu segundo esta ordem que aquela mulher com tacões severos simboliza.

O seu pai teria ficado contente ao vê-lo ali, junto dos reis. Teria gostado

que ele lhe contasse alguma anedota, talvez por isso tenha ido, por amor ao seu pai.

O escritor e a rainha caminham ao longo da mesa, com os convidados de pé. Caminham lentamente, de braço dado. A rainha abrandando o passo para o fazer coincidir com o andar cansado do escritor.

A voz regressa e diz ao homem da gravata quente: «Já viste, é isto, é este o final dos grandes escritores espanhóis, um deambular pelo palácio de braço dado com uma rainha, um protocolo, mas por esse protocolo final as pessoas seriam capazes de matar a mãe, pois a vida está vazia, muito vazia de si mesma.»

O homem da gravata assustada nunca vira uma mesa tão grande, uma mesa para mais de cem pessoas. Sonha festejar um Natal naquela mesa, e sonha que as pessoas sentadas a essa mesa sejam os fantasmas sem estirpe dos seus antepassados, os seus pais, os seus avós, os seus bisavós, os seus trisavós.

Gostaria de falar com o seu trisavô, se é que existiu. Existirá um homem que biologicamente poderá ser considerado um antepassado, e portanto um trisavô segundo a aritmética geracional, mas esse homem jamais pensou que seria trisavô de outro homem.

Não há vínculo.

Não há nada.

Mas a monarquia é vínculo. Os antepassados do rei estão retratados no Museu do Prado. O rei pode ir ver o seu trisavô quando quiser e falar com ele.

Tudo está amarelecido, e a cor da monarquia é o amarelo. A família real representa a família escolhida para que sobre si recaia a pompa amarela da memória, essa memória da qual carecem milhares e milhares de famílias espanholas, que se perdeu nos dias cansados da História, que se perdeu na fome, na guerra e na miséria.

O homem da gravata de nó triste nunca poderá ir a um museu reencontrar-se com os seus trisavós, pintados por Francisco de Goya. Mas, se uma única família pode, isso já basta. É esse o mistério moral das monarquias. É esse o símbolo, o grande achado.

O homem da gravata humilhada gostaria de saber se tem algo a ver com o seu trisavô: algum gesto, alguma aparência física, qualquer coisa que suponha uma necessidade, um significado, uma explicação deste presente histórico, biológico, genético.

Enquanto todos os convidados contemplam o velho e a rainha, o homem da gravata condenada aproveita para poder observar a mesa, agora que ninguém olha para ela.

A mesa gigantesca também cumpre uma função, um estar ali como móvel, cumpre o pouco cobiçado emprego na história de Espanha de «estar ali a aguentar, a realizar o seu trabalho».

O idoso premiado leva no rosto um esgar que quer dizer algo mais do que na realidade diz, um nariz inclinado para a falésia da maior tristeza imaginável. É um espectáculo feroz, a sua mão agarrada pela mão da rainha de Espanha. Mulher bela, hierática, de arrogância silenciosa, de arrogância sem culpa. Caminham os dois fantasmas, sob a suposta ordem da democracia espanhola, que não ajuda a morrer em paz.

Uma democracia não ajuda a morrer em paz.

Nada que seja humano ajuda a morrer em paz; a morrer em paz só ajudam as drogas, cujo monopólio é do Estado.

E quem é o Estado? É uma sobreposição amarelecida de vontades cansadas, que já não pensam, que pensaram há muitas décadas, e que a preguiça, que é a mãe da inteligência, perpetua.

No dia 1 de Outubro do ano 1991, depois de ter passado num concurso, ao homem que passados vinte e quatro anos se sentará perto do rei de Espanha ataviado com uma gravata falsa foi concedida uma vaga de professor do ensino secundário, da especialidade de língua e literatura, num liceu de uma cidade do Norte peninsular de cuja denominação o homem que vinte e quatro anos depois se sentará perto do rei de Espanha não quer lembrar-se.

Foi a melhor coisa que aconteceu do ponto de vista económico na vida desse homem que sou eu.

Cheguei a pensar na existência de Deus, que decidira velar pela minha passagem pelo mundo: ia dispor de um ordenado fixo.

Havia alegria no coração do homem que vinte e quatro anos depois se sentará perto, embora não muito perto, não demasiado perto, do rei de Espanha, envergando uma gravata deprimida em torno do pescoço, do seu embaraçado e avermelhado pescoço.

Tinha então vinte e nove anos esse homem, esse homem que deveio no que actualmente sou eu, ou seja, outro homem. Um homem fundado sobre outro homem, ou sobre vários. Ter vinte e nove anos é a maior máquina de matar do mundo. Ninguém que tenha vinte e nove anos sabe disso. Era o momento de desfrutar a vida. Todos os jovens dessa idade ansiavam então por um trabalho fixo, era a obsessão da Espanha que vinha da Transição.

O liceu ao qual fui destinado chamava-se Pablo Serrano, nome de um ilustre escultor. Comprei um automóvel: um *Ford Fiesta*. E ia nesse automóvel dar as minhas aulas nesse liceu, que hoje continua de pé. Havia, por sorte, um estacionamento com árvores, reservado aos professores. A sombra das árvores tapava os carros. Eu deixava o meu carro à sombra. Há-de acompanhar-me toda a vida a obsessão de deixar o carro à sombra. Herdei essa obsessão do meu pai. O meu pai tentava sempre deixar o carro à sombra. Se não conseguisse, ficava de mau humor. Não entendíamos, nem a minha mãe, nem o meu irmão nem eu, quando éramos pequenos, aquela obsessão. Íamos aos sítios em função de lá haver sombra para o carro. Quando o meu pai teve algum dinheiro, e nos levava nas férias de Verão

para a costa — isto foi em finais dos anos sessenta e princípios dos setenta —, madrugávamos para ir à praia, pois se chegássemos tarde ele não arranjava sítio para deixar o carro debaixo de uns eucaliptos. Eu era muito pequeno e não entendia por que seria necessário levantarmo-nos às sete da manhã se estávamos de férias e não havia escola. Tentei investigar a razão. E a razão era a sombra dos eucaliptos, de maneira que ficava a olhar para aquelas árvores, e cheguei a interiorizar aquela sombra como algo maravilhoso e de substância divina. Se o meu pai não deixasse o carro estacionado debaixo de uma sombra, não ficava feliz, angustiava-se e sofria. Anos depois, destruíram os eucaliptos e alargaram o passeio marítimo. Já não existem essas árvores.

Hoje já entendo o desejo de deixar o carro à sombra, pois essa obsessão está em mim, comigo, no meu coração. Cuido dessa obsessão por ser um legado do meu pai. Se o sol batesse no carro, o meu pai ficava atormentado. Foi um homem original em tudo.

Entrei para fazer parte do exército da educação em Espanha. Ainda existia a Formação Profissional. E a sombra das árvores daquele estacionamento de 1991 levava-me à recordação dos eucaliptos de 1971.

Como era novato, atribuíram-me as piores turmas daquele liceu. Calhou-me dar aulas aos alunos de Electrotecnia. Eram miúdos de catorze anos que ninguém queria; miúdos que o Estado encaminhara para supostos estudos profissionais, a famosa FP. Também me atribuíram uma turma de cabeleireiras. E uma turma de auxiliares administrativos. Passava o dia a explicar o acento diacrítico. Todos os espanhóis que andaram na escola acabam por distinguir o «*tú*» pronome pessoal do «*tu*» pronome possessivo. Não é o mesmo «*tu*» em «*tú piensas*» e em «*tu pensamiento*». No primeiro caso é pronome pessoal e leva acento, no segundo é determinante e não leva acento. E eu dedicava-me a isto. Passei vinte e três anos a contemplar o maldito «*tu*» ou «*tú*». E pagavam-me por isso. Ficava o dia inteiro a ensinar isto, que não é o mesmo «*tú vienes*» e «*tu venida*», era ridículo, sobretudo quando não vinha caralho nenhum. Mas fazia-o porque nunca me tinham pago tão bem como me iam pagar ali. Fui nomeado director de uma turma do primeiro ano de Electrotecnia. Os professores que são directores

no sistema de ensino público espanhol ficam incumbidos de se manterem a par dos pormenores disciplinares e pedagógicos de uma turma de alunos. Depressa me dei conta de que era uma farsa. Entrava na sala em meados de Outubro e ainda fazia calor. Um aluno do terceiro ano de Administração perguntou-me por um incidente que acabava de acontecer nos Estados Unidos. Achei que a pergunta seria a sério.

No dia 16 de Outubro de 1991, George Hennard assassinou vinte e três pessoas na cidade de Killeen, no Texas.

Fiz uma longa reflexão sobre a violência, mas ninguém me ouviu. Os meus alunos não me ouviam. Como tal, permiti que fossem eles a falar.

— Passou na televisão o crânio rebentado de um dos alvejados, ele tinha uma pistola de repetição, cem balas disparou o tipo, uma maravilha — disse o Castro, o aluno que mais costumava falar. — Despachou vinte e três, e ainda por cima, enquanto um não estivesse bem morto, não passava a outro.

A turma desatou à gargalhada. E ouvi a voz, talvez tenha sido uma das primeiras vezes ou até a primeira vez que se apresentou diante de mim: «Não conhecem as vítimas, não sabem o que é morrer, não sabem o que é um assassinio, disparar contra outro corpo, não sabem nada, e tu também não sabes nada. E na verdade não sabes se os vinte e três corpos desfeitos pelas balas também não te importam. Tens de repudiar a violência porque és um morto de fome, e estás neste trabalho porque te pagam um salário ao final do mês. E és um educador. E tens de os educar em valores razoáveis, tens de os levar a ver que não se pode andar por aí a matar pessoas. E, quando te pões a moralizar acerca do assunto, eles adormecem. Inventa uma história, professor de um raio. Só pensas no teu salário, embora eu perceba. Achas que serás despedido se falares como eles, e que não poderás cobrar ao final do mês. E isso vai acabar por te matar. As pessoas costumam acreditar no seu trabalho. E isso é em absoluto uma alienação, pois é útil acreditar em algo; melhora a vida das pessoas. Mas mora em ti, desde o início, o vírus histórico e genético da tua mãe: uma insatisfação que se estende como uma mancha de petróleo sobre os oceanos do mundo, fazendo-o de forma constante e irreprimível.»

O professor novato que eu era (aparece outra vez o espectro) ficou a

olhar para o Castro. E formou uma pistola com a mão.

Apontou ao Castro e disse: «Pum, pum, pum.»

— Castro, acabei de te rebentar os miolos — disse eu.

E ficaram todos calados.

Terminou a aula e saí com um certo ar triunfal.

«Boa, conseguiste», disse a voz.

Passaram umas semanas, e um aluno do primeiro ano de Electrotecnia que habitualmente faltava, quase ninguém se lembrava da sua cara aliás, apresentou-se à entrada da minha sala. O professor novato que eu era ficou surpreendido.

— Não, não venho à sua aula — disse —, venho dar duas lambadas àquele filho da puta — e apontou com o dedo para um dos seus colegas.

Estava a apontar para o Maráez, que era gozado como «Couve-Flor».

— O cabrão do Couve-Flor foi apanhado a roubar no Corte Inglés e o canalha disse ao segurança que não trazia o BI, mas que lhes dava a morada de casa. E deu a minha, deu a minha morada e o meu nome, e ontem a bófia foi a minha casa perguntar por mim, e o meu velho abriu-me a cabeça com uma concha da sopa. — E apontou para uma ferida purulenta na cabeça.

O Couve-Flor ria-se. Toda a gente se ria. O professor novato que eu era ficou a olhar para a ferida.

Ainda hoje recordo aquela ferida, e senti perante essa ferida um misto de raiva inconsciente e de lóbrega ternura. Hoje vem-me ao pensamento uma palavra solar: «clemência». Deveríamos ser todos mais clementes. Cheguei a pensar que tinha de escrever um livro intitulado *Clemente*. Gostaria de ter metido o punho naquela ferida e tê-la aberto ainda mais, até que aquele miúdo se esvaísse em sangue, e depois beber esse sangue com ternura, como numa cerimónia do desespero.

Este tipo de sensações de desespero profundo acompanhou-me em grande parte da minha vida. Não sei de onde vêm. São sentimentos mestiços, são violência e são melancolia. Também são euforia. Julgo que estes sentimentos advêm dos meus antepassados mais remotos. Deve haver algo em mim que me tornou resistente apesar da minha distorção e deterioração emocionais; se não fosse assim, não estaria neste mundo.

Resistente contra as bactérias biológicas e contra as bactérias sociais.

— Enfim, já que vieste, entra na sala — disse eu.

O Horcas, era esse o nome do miúdo, entrou na sala, a repetir a frase: «Vou comer-te o fígado no recreio, Couve-Flor.»

«Ouviste», disse a voz, «quer comer o fígado do Couve-Flor. A que saberá o fígado de um miúdo de catorze anos? Olha, tens à tua frente a classe baixa espanhola, é um espectáculo histórico para o qual poucos têm entrada, aproveita; estes miúdos são como rios de sangue jovem e barato, vivem em apartamentos de merda, dormem em camas malcheirosas e os seus pais não valem nada. As suas mães não têm corpos afortunados nem os seus pais aptidões profissionais. Nem toda a gente tem entrada para ver isto. Tu tens. Olha como se matam. Tens um lugar de camarote. És escritor, ou acabarás por sê-lo. É a Espanha irredimível. Pagam-te para lhes explicares parvoíces como o acento diacrítico; para não confundirem Quevedo com Gôngora, está-se mesmo a ver que raio lhes importa quem era Quevedo e quem era Gôngora. Não certamente a eles os dois, pois estão sobejamente mortos. Melhor dizendo, a quem importa que reproduzas este tipo de parvoíces e que obrigues a que sejam sabidas de cor é a certa aristocracia cultural espanhola, que nada tem a ver contigo nem com estes desgraçados que a sociedade abandonou. Porém, deviam de facto saber quem foram Gôngora e Quevedo, porque, se alguém alguma vez lhes der uma mão, serão os mortos. Como se Gôngora e Quevedo fossem uma ONG, pois a História acabará por ser uma ONG para os que mais precisam dela, ou seja, para os que não têm nada, excepto a História. Terias de escrever uma história para aqueles que não têm nada, só a História.»

Anos depois, li na imprensa a morte do Couve-Flor. Estampara o carro contra um muro. Um carro velho, mas roubado. Poderia ter roubado um carro novo e não um velho, mas o Couve-Flor tinha estilo, e sobretudo tinha sentido de humor. De certeza que o grande filho da puta roubou o carro ao Horcas.

O Couve-Flor partiu deste mundo aos vinte e sete anos.

O pobre Couve-Flor, cuja vida aconteceu num minuto, que ninguém conheceu, nem sequer ele. Também nisso há uma assombrosa pureza.

Pureza e miséria contraíram matrimónio no seio da escassa vida do tonto do Couve-Flor.

Gosto de o recordar assim, como o tonto do Couve-Flor, a palavra «tonto» denotando paz, honra e santidade.

Identifiquei o Couve-Flor porque no jornal vinham o seu nome e apelido: Iván Maráez.

Era ele, o Couve-Flor.

Engordara muito, o pobre Couve-Flor. Todos os meus alunos acabaram por engordar. Todos se transformaram em gordos.

O grande bastardo espanhol de todos os tempos: o Couve-Flor.

E isto, Couve-Flor, porque os teus pais, no momento do teu nascimento, te puseram um nome bonito, que parece fruto de uma motivação. Isto é, pensaram o teu nome, e isso conta.

Chamaram-te Iván.

Terá sido o melhor dia da tua vida, quando os teus pais decidiram que terias nome. Mas é impossível recordares esse dia. Ninguém recorda o dia em que recebe o nome escolhido pelos pais. Terá sido o melhor dia da tua vida e não soubeste, não percebeste esse dia, não o aproveitaste.

Enfim, Couve-Flor, eu acho que no dia do teu baptismo foste amado. Não sei, parece haver um sentido de beleza no facto de te terem chamado Iván, um pouco de vontade, de desejo de que estivesse neste mundo.

Ou talvez os teus pais se tenham zangado logo nesse dia.

Ou talvez tenha sido um dos teus avôs a encarregar-se do teu baptismo, querido Couve-Flor. E deu-lhe para te baptizar com o nome de Iván por algum motivo ridículo e insignificante.

A razão de se chamar Couve-Flor foi com ele para o túmulo.

Ó Couve-Flor, vou-te dizer uma coisa bem engraçada: o tipo que te deu aulas de língua castelhana em 1991 chegou a sentar-se perto — na verdade, não muito perto — do rei de Espanha. Hã, que dizes disso, Couve-Flor? Não que seja importante, pois nada é importante quando se está morto e se foi desgraçado enquanto se esteve vivo.

Não é importante, mas é cómico.

É de facto cómico, e achei que te faria rir.

Porque em certa medida tu foste uma vítima de todo um ordenamento histórico, da construção de hierarquias, da constatação de que efectivamente existe um determinismo biológico, e eu fui o portador oficial das notícias do Estado espanhol, fui o carteiro, o notário. Daí que alguém me tenha posto perto do rei de Espanha muitos anos depois. É como se tudo acabasse por ter um sentido, embora seja um mau sentido.

Ó Couve-Flor, já terão metido os teus ossos na vala comum; julgo que já lá vão cinco anos. E acho que os teus pais, se ainda estiverem vivos, não te pagariam mais cinco anos.

Ó Couve-Flor, naquele Natal de 91 falei de ti ao meu pai. O meu pai ganhou carinho por ti. Conte-lhe como eras. Teve curiosidade por ti. O meu pai era um íman dos desgraçados deste mundo. Lembro-me de o meu pai se ter rido com a história de teres dado o nome do teu amigo quando te apanharam no Corte Inglés. Era o meu primeiro trabalho a sério, e o meu pai gostava que lhe contasse coisas. Couve-Flor, estiveste no pensamento do meu pai. Sabes, Couve-Flor, em Barbastro, os doentes, os atrasados, os pobres, os loucos, os desgraçados gostavam do meu pai. Era um íman da desventura. Onde foi buscar esse estranho dom? Era um dom que vinha das profundezas da terra que o viu nascer, dali, daquela terra, do Somontano. Era estranho o meu pai, porque é que os tontos iam sempre ter com ele e se punham a falar com ele? Acho que era por o meu pai ser profundamente bom.

A sua bondade foi lendária.

«Conta-me mais coisas do Couve-Flor, mas que miúdo fantástico», disse o meu pai no Natal de 1991, diante de um frango de capoeira que a minha mãe guisara.

O meu pai gostou de ti, Couve-Flor.

Eu não.

Eu não naquele tempo, agora sim, Couve-Flor. Porque os teus olhos, que neste instante lembro, eram bons, e o azar jamais deveria separar-nos no momento de cravar o nosso olhar no céu, dando graças por ter contemplado os suspiros de todos os homens encadeados no ar.

Recordo o ano 1983, no mês de Agosto. Ia de viagem para a cidade de Saragoça com outros dois amigos, em busca de um apartamento para estudantes. Lembro-me dos apartamentos que nos mostraram.

Julgo que os apartamentos custavam entre vinte e vinte e cinco mil pesetas por mês. Andávamos à procura de um que tivesse três quartos, sala e cozinha. Também havia uns a dezoito mil, até a quinze, mas afastados do centro.

Havia uma orgia de apartamentos baratos diante dos meus olhos.

Éramos três estudantes pobres, com as nossas bolsas de estudo às costas. Éramos boa gente. Talvez fôssemos os três feios. Talvez eu menos. Havia nos três a alegre expectativa do futuro.

Alugámos um que nos custava vinte e oito mil pesetas. Superava o nosso orçamento, mas gostámos dele, era central. A rua chamava-se Pamplona Escudero, ficava pertíssimo da universidade e perto de todo o lado. Ficava a cinco minutos da universidade.

Vim depois a saber que esse senhor, esse tal Pamplona Escudero, foi presidente da câmara da cidade, e terá com certeza tido grande prazer em ser presidente de câmara dessa cidade. Pensei no que a minha mãe pensaria daquele apartamento, se receberia a sua aprovação. De certeza que não lhe agradaria. A minha mãe gostava muito pouco das casas alheias. Pensei que a minha mãe não compreenderia o que eu estava a fazer naquele apartamento, por que tinha de viver numa casa assim.

Estávamos em 1983 e morriam guardas civis em Espanha todos os dias. Um país no qual estava sempre a morrer gente. Mas ter o nosso próprio apartamento era um motivo de alegria, e estou agora a reavivar todos os motivos de alegria que pude ter na minha vida.

Eu tinha medo daquele apartamento, daquela cidade. O medo, sempre com o medo, como uma peste agarrada a mim. O medo que procura namorada no nosso cérebro, e, se não encontrar essa namorada, se põe a forjá-la ele mesmo; e no final o medo torna-se namorado do desespero, que é um ser feminino que se constrói sobre a deterioração e a loucura. E essa é outra parte fundamental da minha pessoa: toda a vida me acompanhou o

receio de ficar louco, de não saber racionalizar as coisas que me aconteciam, de que o caos me atropelasse. A minha mãe era igual a mim, e a minha mãe levou o meu pai ao desespero e o meu pai enfureceu-se com a minha mãe e eu herdei o trono do ruído e da fúria, que não é senão a vontade de partir objectos, de partir janelas, de rasgar camisas, de partir pratos, de partir portas, de dar pontapés nos móveis, e de nos lançarmos por fim para o vazio.

Meu Deus, como gosto dos desesperados. São os melhores.

A minha mãe via a mão do diabo na sua adversidade quotidiana. Dizia muitas vezes «o diabo está nesta casa», quando procurava algo e não o encontrava. E concluía gritando: «É impossível que o diabo não esteja nesta casa.» E procurava algo que estava à sua frente, mas que não sabia ver. Eu herdei o mesmo princípio de demência. Procuro coisas que tenho à minha frente, como um livro ou uma carta ou uma camisola ou uma faca ou uma toalha ou umas meias ou um documento de um banco, e não sei vê-las. A minha mãe estava convencida de que o demónio lhe escondia as coisas, que o demónio era o culpado dos pequenos contratempos. Ela vivia todos esses acidentes domésticos com uma intensidade de louca. E eu sou ela agora, e o demónio não é senão uma degeneração neuronal hereditária que afecta o nervo óptico e se transforma em vagas de conexões químicas apagadas ou titubeantes, e nessa deterioração eléctrica da transmissão da realidade incubam as bactérias da psicose, e a forma orgânica da vontade vai apodrecendo numa massa de ordens alheias ao mundo social e vou-me transformando num museu de secura, de silêncio, de solidão, de suicídio, de surdez e de sofrimento.

Para a minha mãe e para mim, a vida não tinha ou não tem argumento.

Nada estava a acontecer.

No início dos anos oitenta, o meu pai vinha de vez em quando a Saragoça por motivos de trabalho. Íamos comer. Vinha com alguns amigos, e nessas refeições eu sentia-me um extraterrestre, não sabia o que dizer. Os seus amigos eram boa gente, mas não me apetecia estar com eles, pareciam-me aborrecidos e distantes. Os restaurantes daquele tempo, no entanto, tinham o seu encanto. Havia mistério. Íamos sempre a restaurantes antigos, não sei que será feito deles, que transmitiam uma ideia atractiva de Saragoça. Viria a tornar-me um especialista nessa cidade. Mas naquela altura não fazia a mínima ideia de Saragoça. Não havia Google nesse tempo. O meu pai ligava-me para o telefone da vizinha e dizia: «Sou o teu pai.» Pois não tínhamos telefone próprio no meu apartamento de estudantes.

Gostava sempre de fazer isso, de dizer isso, «sou o teu pai», com voz teatral. Era a única coisa que tínhamos: essa afirmação de carácter universal. E eu faço o mesmo agora com os meus filhos, digo-lhes quando lhes ligo para o telemóvel: «Sou o teu pai.» Intimida bastante. Não se sabe lá muito bem o que querará dizer, mas intimida, é forte, parece um cimento, parece uma nuvem que enche de sangue o céu da nossa consciência, parece a origem do mundo. E o meu pai dizia-me o sítio aonde tinha de ir comer. Comia com os seus amigos, comíamos bem. Certa vez, fomos comer a um restaurante na Avenida de Madrid. Nunca lá estivera. Entrei naquele sítio e lá estava o meu pai, acompanhado pelo então presidente da câmara de Barbastro e outro tipo. Eram três e estavam contentes.

Fumavam charutos e tomavam um café com cheirinho. Riam. Contavam piadas. Tinham comido bem. Três homens felizes, filhos da mesma terra, com idades semelhantes, filhos da mesma experiência de vida, provenientes os três das mesmas ruas, frutos da mesma árvore, daí que emanassem uma fraternidade que era feita de raízes. Os três simbolizavam as raízes, e as raízes são aquilo que hoje tenho. Eram raízes numa aldeia do Alto Aragão e numa forma de estar vivo. Daí que rissem e estivessem felizes, plenos de raízes.

Disse ao meu pai que viesse ver o meu apartamento, mas ele não veio. O meu pai nunca viu os sítios em que vivi quando era estudante. Não sei onde

caralho achava que eu vivia. Nunca viu as camas onde dormi nesses anos. Não sei porque é que não veio. Se calhar, não insisti com ele. Se calhar, a necessidade que agora tenho de que o meu pai tivesse visto os apartamentos em que vivi nesses anos é uma necessidade presente, e não a tive naquela época. Não lhe disse, por exemplo: «Papá, quero que vejas onde vivo.» Não, não disse essa frase. Digo-a agora. Ele também não disse: «Quero ver o teu apartamento.» Parece que estávamos feitos um para o outro: não dissemos nada um ao outro.

Faço com que o meu pai diga agora: «Quero ver o teu apartamento, meu filho.» E acho que pouco lhe importava onde eu vivia, mas também, com o passar do tempo, acabou por lhe importar pouco onde ele próprio vivia.

Reduziu a importância das coisas.

O meu pai foi um artista do silêncio.

No entanto, trouxe-me um roupão. Ofereceu-me um roupão. Quando levei o roupão para o apartamento, desatei a chorar. Não tinha sido ele a comprá-lo, naturalmente; tinha sido a minha mãe. Naquele roupão azul-marinho, de algodão, robusto para o Inverno, estava contida toda a ternura da minha mãe. Aquele roupão era o símbolo das raízes. E, no entanto, eu tinha de depositar aquele roupão num quarto estrangeiro, num lugar hostil.

Chorei.

Tentei guardar o roupão num sítio onde ele não tocasse em nenhum elemento material daquele quarto. Tudo naquele quarto era impuro. Fiquei a olhar para o roupão como quem olha para o amor absoluto, ou como quem olha para uma província do amor ameaçado.

Sabia que eu e a minha mãe estávamos a dizer adeus um ao outro. Um adeus não verbal, sem palavras. O tempo das nossas vidas já começava a decorrer por caminhos distintos.

Estávamos a despedir-nos.

Nunca mais voltarei a sentir aquela ternura, e tanto faz, e é isso que sinto agora: que tanto faz; e é essa a grandeza da vida: não há nenhuma razão nem para o choro nem para a condenação. O que me unia à minha mãe era e continua a ser um mistério que talvez consiga decifrar um segundo antes da minha morte. Ou talvez não, pois a fealdade de morrer pode muito bem ser

o único mistério.

Gostaria de salvar aquela ternura, a ternura com que a minha mãe me ajudava a fazer as malas quando partia de Barbastro para Saragoça naqueles anos, em 1980, em 1981, em 1982, as coisas que me punha dentro da mala, como me ajudava com a roupa, como me punha comida em frascos de vidro, e depois eu ficava a olhar para tudo aquilo e o desamparo vencia-me.

Na realidade, tudo isto tem a ver com a pobreza. Era a pobreza — como éramos pobres — que me fazia tremer de medo. E deu-me para chamar ternura ao medo.

Se tivéssemos sido ricos, tudo teria corrido melhor, e essa é a verdade de todas as coisas.

Se os meus pais tivessem tido dinheiro, tudo me teria corrido melhor. Mas não tinham nada, absolutamente nada. A confissão da pobreza em Espanha parece uma imoralidade, algo repudiável, uma afronta. E, no entanto, é o que quase todos fomos.

Fomos pobres, mas com pinta.

Eu nasci ali, numa povoação espanhola que se chama Barbastro, no ano de 1962, ou assim me disseram. Terá sido, com certeza, um grande ano. Acalento sérias dúvidas sobre o facto de ter nascido no ano de 1962. Não acalento dúvidas sobre o local em que nasci, mas sobre o ano. Toda a gente deveria acalantar dúvidas sobre a data do seu nascimento, pois essa é a primeira verdade herdada, não vista nem sentida nem verificada, em que haveremos de crer. Temos de ter fé de que nos dizem a verdade, e que os números que compõem a data do nosso nascimento significam algo.

Não somos testemunhas do nosso nascimento. Somo-lo de outras coisas: do nosso casamento, se nos casarmos. Do nascimento dos nossos filhos também somos testemunhas. Não somos, no entanto, testemunhas da nossa morte.

Nem do nosso nascimento nem da nossa morte somos testemunhas.

Duvidei muitas vezes da minha data de nascimento; talvez a dúvida advenha do sentido da origem da minha matéria corporal e espiritual, ou do sentido da colisão que se produz entre o meu corpo e o tempo, e que tal colisão tenha de ter uma data. Na realidade, uma data é um nome. A data é o nome da colisão.

Toda a gente deveria duvidar da sua data de nascimento. Não há nenhuma certeza vivida nessa data, e ela determina-nos estupidamente, e tendemos a atribuir-lhe uma importância que não resulta da nossa própria vontade, mas de pactos sociais anteriores a nós. Pactos que foram feitos enquanto não estávamos neste mundo ou estávamos sem termos nascido, sem termos colidido.

Poderei ser vítima de um engano, a minha mãe tinha péssima memória. Consigo recordar poucas coisas da década de sessenta. As minhas primeiras lembranças acontecem já na década de setenta, à excepção de uma delas, que tem necessariamente de acontecer em 1966. É a lembrança da minha mãe grávida do meu irmão. Tem de ser uma lembrança anterior ao Verão de 1966. É uma cena repleta de irrealidade. Não é uma lembrança fidedigna. Estamos na cozinha e a minha mãe permanece sentada numa cadeira, e está vestida de um branco quase imaterial, e diz-me «o teu irmão está aqui» e

aponta para o seu ventre, e leva a minha mão ao seu ventre, e eu fico surpreendido, e depois vejo uma luz a entrar pela sacada da cozinha. Uma luz que vem das estrelas. Olho pela janela e vejo uma lonjura cheia de doçura. É esta a minha primeira lembrança e não a compreendo. Não sei o que é. É uma lembrança que tento constantemente recuperar, e o que recupero é uma sensação de paz. Julgo que quando estiver para morrer sentirei o mesmo.

Estou na casa de banho, a escovar os dentes, e sinto atrás de mim um ser que está a seguir os meus passos. São os restos do meu pai e da minha mãe mortos, agarram-se à minha solidão, incrustam-se no meu cabelo, as suas minúsculas moléculas fantasmais seguem o passeio das minhas mãos e dos meus pés pela casa de banho, seguram ao meu lado a escova de dentes, olham como escovo os dentes, lêem a marca da pasta dentífrica, observam a toalha, tocam a minha imagem no espelho; quando entro na cama, põem-se ao meu lado, quando apago a luz ouço os seus murmúrios, e nem sempre são eles, podem aparecer com fantasmas doentes, com fantasmas sujos, horríveis, enfurecidos, malignos ou benignos, tanto faz, o facto de se ser fantasma supera o bem e o mal.

Fantasmas da história de Espanha, que também é um fantasma.

Afagam-me o cabelo enquanto durmo.

Os meus pais já não existem, mas existo eu, e vou-me embora daqui por cinco minutos. Repito muitas vezes mentalmente para mim mesmo este achado verbal: «Vou-me embora daqui por cinco minutos.» É ambíguo; meço nesses cinco minutos uma quantidade de tempo que só eu conheço. Esses cinco minutos podem ser cinco lustros ou cinco mil anos ou, efectivamente, cinco minutos; ou até cinco segundos. É como se, ao anunciar que não me importa morrer, a seguir estivesse a reclamar a minha vontade de morrer no dia em que me dê na veneta. Como não me importa morrer, imporei a mim mesmo a morte agora ou talvez daqui a cinquenta anos: sou senhor do tempo que me falta; acaba por ser uma forma de brincar com o que não se deve brincar, mas o que fazer com a morte senão isso, com algo como ela, que carece de conteúdo e é o fim de tudo, é assim que as pessoas que se abeiram da morte começam a integrá-la nas suas brincadeiras, nos seus pensamentos, acabam por lhe dar um significado, e não significa nada; talvez a ideia da paz, do descanso, tenha sido a que maior sorte teve. Toda a gente quer descansar. Toda a gente precisa de dormir. A preocupação dos que estão para morrer são os que ficam, é fazer o menor mal possível aos que ficam, deixar-lhes tudo resolvido. Deixar resolvidas as coisas aos filhos e pirarmo-nos, esfumarmo-nos. Desvanecemos-nos em paz se deixarmos tudo resolvido aos nossos filhos, morrer tranquilo é isso.

Assustam-me os velhos. São o que serei.

Serei mais um morto-vivo num quarto insondável da ala de geriatria de um hospital sem nome, só com um número. Hospital número 7, por exemplo. Sim, penso agora muito em envelhecer, em quando já não puder valer-me a mim mesmo e estiver cá às expensas da raiva ou da caridade de um qualquer cuidador cuja vida inteira consigo ver neste momento. O dom de ver as vidas, tive esse dom.

Estudei nos escolápios até ao sétimo ano do ensino básico. Estudei num colégio de padres porque era o único que havia. Num dia de 1971, um padre chamou-me. Queria que entrasse para o coro do colégio. Eu tinha oito anos. Chamava-se G. Sim, haverá ainda pessoas que se lembrarão dele, embora poucas. Entrei na sala. O sol brilhava através das janelas. Lembro-me da sotaina. Uma sotaina na qual avultava uma barriga. Aqueles padres eram todos gordos. Falou carinhosamente comigo. O franquismo estava cheio de padres tarados. Começou a acariciar-me o cabelo. Depois começou a enfiar as mãos nas minhas. E eu não percebia nada. Não sabia o que estava a acontecer.

Trinta anos depois, vi o obituário do G. no jornal da aldeia. Morrerá. Fumava *Ducados*. Não fiquei contente com a sua morte. Fiquei pensativo. Julgo que acabou por não fazer nada, mas não me lembro. Se alguma coisa me salvou, foi a luz do Sol que entrava naquela sala, e foi sob essa luz que aquele tarado se assustou com os seus actos. É possível que o meu cérebro tenha apagado tudo isso. Não sei. Não sei até onde chegou. Não me lembro. É que não consigo lembrar-me. Só sei que faço um corredor e entro numa sala e lá está ele, enfiado na sua sotaina, e sorri-me e começam as carícias que eu não sei interpretar. Fico a olhar para a sotaina, para o seu preto espalhafatoso, para a sua escuridão simbólica, o que significa andar assim vestido? Fico a olhar para o cingulo da sotaina, não consigo apurar a sua utilidade, associa-a ao cinto, mas não é um cinto, não tem fivela nem furos, é como um adorno, mas o que estará a adornar, e qual é o motivo de adornar algo ali, terá por acaso a ver com o Natal, com o nascimento do Deus Menino? Serei eu o Deus Menino, e terá sido por isso que este homem que

traz adornos na sua barriga atoucinhada me chamou? A minha inteligência esboroa-se, a minha memória trava. Não sabia o que era aquilo, se era bom ou mau. Nenhuma criança sabe até passar o tempo. Volto uma e outra vez a essa lembrança, tentando apurar o que aconteceu, mas há um apagão. Após as carícias, há um apagão.

Os meus olhos estão à altura do cingulo, a olhar para o cingulo, tentando decifrar o seu sentido. Não percebi se deveria contar aos meus pais, e não contei porque pensei que a culpa era minha. Que era eu o culpado. Que deixariam de gostar de mim. Que tinha sido mau. Que não gostara deles o suficiente e que por isso me acontecera o que me acontecera.

O problema do Mal é que nos transforma em culpados ao tocar-nos. É esse o grande mistério do Mal: as vítimas acabam sempre culpadas de algo cujo nome é outra vez o Mal. As vítimas são sempre excrementícias. As pessoas simulam uma compaixão pelas vítimas, mas no seu interior só há desprezo.

As vítimas são sempre irredimíveis.

Isto é, desprezáveis.

As pessoas amam os heróis, não as vítimas.

É uma tarde de finais de Abril do ano 2015, é um dia 29, decido ir ver uma exposição sobre uma escritora santa da literatura espanhola. A exposição está na Biblioteca Nacional de Madrid. Tenho muita fome. Quase não comi. Entro nas salas dedicadas à exposição. Há uma série de quadros que pretendem ser retratos da santa. Reparo que em nenhum quadro aparece a mesma mulher ou o mesmo rosto. É como se fossem uma série de mulheres e simultaneamente nenhuma. Ninguém sabe que cara ela tinha, não há recordação das suas feições. Todos os pintores que a retrataram eram uma cambada de falsários. As suas feições, os seus olhos, a forma do seu nariz, as maçãs do rosto são inúteis. Não lhe conhecemos o rosto de uma forma indubitável. Portanto, poderia ter sido qualquer rosto; nenhum rosto. Quem a pintou retratou-a de ouvir dizer.

Aqui não há nada.

Olho para os seus livros manuscritos: um amontoado de tinta delirante, uma caligrafia saída do inferno. Pouco foi dito sobre a materialidade da escrita, e é um assunto mais relevante do que as influências literárias e do que as aparições de Deus. Por exemplo: não é a mesma coisa escrever num teclado ou noutra; no ecrã de um portátil ou num ecrã grande; num ecrã rectangular ou num quadrado; numa mesa alta ou numa mesa baixa; numa cadeira com rodas ou numa cadeira sem rodas, etcetera, etcetera.

Porque a materialidade da escrita é a escrita. De facto, Santa Teresa escreveu como escreveu porque a mão ficava cansada de tanto meter a pena no tinteiro, daí a sua letra enfastiada e caótica e feroz e com mau feitio. Se tivesse tido uma esferográfica *Bic*, o seu estilo teria sido outro.

De maneira que as suas visões de Deus foram visões materiais da sua escrita.

Escrever é uma mão que se move sobre um papel, um pergaminho ou um teclado.

Uma mão que se cansa.

Escreve-se uma coisa ou outra conforme o papel, a mão, a esferográfica, a pena ou o computador ou a máquina de escrever. Porque a literatura é matéria, como tudo. A literatura são palavras gravadas num papel. É

esforço físico. É suor. Não é espírito. Já basta de menosprezar a matéria.

Moisés escreveu dez mandamentos porque se cansou de cinzelar a pedra. Estava a suar, estava esgotado. Poderiam ter sido quinze, ou vinte e cinco, e se foram dez tal de-veu-se às laboriosas e pesadas condições materiais da escrita sobre a pedra. Toda a história ocidental frequenta o idealismo, ninguém parou para olhar as coisas de outra maneira; especialmente da maneira mais simples, a que se lembra da matéria, e das vãs realidades.

Interessa-me esta mulher, esta santa. Muita gente pode chamar-lhe, se assim desejar, «mãe». Pode ser a mãe de todos: o que significa isso? Poderá ser ela a minha mãe morta? A morte está por todo o lado, e as mães também. As pessoas rezam a Santa Teresa. Ela inspira devoção e, nesse sentido, parece um fantasma imorredouro. Será melhor este fantasma do que o fantasma da minha mãe? Há pessoas a rezar-lhe neste momento, a confessar-lhe a sua dor, a sua desgraça, a pedir-lhe auxílio. E essas pessoas acreditam que há alguém do outro lado, que a santa as ouve, e não há ninguém a ouvir, e isso é maravilhoso: milhões de palavras arremessadas para o buraco negro das nossas paredes cerebrais. Falar com a minha mãe morta é o mesmo? Não é o mesmo. A minha mãe existe. Porque eu sou ela.

Esta mulher que é agora recordada no quinto centenário do seu nascimento está morta. É uma morta com experiência secular. Nem todos os mortos são iguais: existe a antiguidade entre os mortos. Esta mulher invocava o amor todo o santo dia. Estava apaixonada, penso. E viveu neste país. Olho para a sua biografia: nasceu a 28 de Março de 1515, que é como nunca ter nascido. É impossível que esse ano signifique algo neste, de 2015. Há documentos, e obras literárias, e pictóricas, e igrejas e castelos que demonstram que terão existido pessoas metidas dentro desses algarismos: 1515. Nasce há quinhentos anos num sítio inóspito, chamado Gotarrendura, um bebé ao qual porão o nome de Teresa de Cepeda. Lembro-me de uma estupidez como a seguinte: não existiam então, em 1515, nem o Real Madrid nem o Fútbol Club Barcelona, dois sistemas de gravidade, duas massas gravíticas da vida espanhola. Talvez não seja uma estupidez. Era uma mulher que fundava conventos. Se tivesse vivido hoje, teria gravado discos e teria aparecido na capa. Ou teria fundado clubes de futebol. Eu

mesmo sou Santa Teresa: une-nos a dor. E uma aspiração a que ela chamou Deus e eu chamo X. Ela, ao menos, tinha um nome para a sua aspiração, para o seu grande desejo. Eu não tenho nome.

Ninguém sabe como foi o rosto real de Santa Teresa. Ninguém pôde tirá-lhe uma fotografia. Já os rostos do meu pai e da minha mãe mortos estão fotografados.

Tenho de rasgar essas fotografias, para que o meu pai e a minha mãe fiquem equiparados a Santa Teresa.

Se o Real Madrid e o Fútbol Club Barcelona se desvanecessem, Espanha transformar-se-ia num buraco negro. A gravidade de Espanha são dois clubes de futebol.

A minha mãe sempre gostou de bons perfumes e o meu pai também; foram eles que me transmitiram esse gosto, que no fundo não é senão um desejo de afastar de nós o avatar futuro da corrupção da carne. O mau cheiro assusta-nos não por ser um mau cheiro (porque o mau cheiro não existe), mas porque será o que exalaremos quando a nossa carne cair nas garras da decomposição.

Há dias estive em Barbastro, a cidade em que viveram e morreram os meus pais. Pensei nos nexos de actos e factos, palavras e factos, que provocaram o meu divórcio. O dado objectivo de a minha mãe não ter chegado a saber do meu divórcio não é fortuito. É como se tivesse sentido a mão de uma Grande Besta anterior à História a manipular os meus dias. Um diplodoco. Um tiranossauro. Um velociraptor. Um espinossauro. Um galimimo. Filtrações de um tecto humano que estava lá desde sempre. Factos de um apóstolo apócrifo, a impossibilidade de os factos serem purificados, que comporta a impossibilidade de viver em paz.

O meu divórcio levou-me a lugares da alma humana que jamais teria pensado que existiam. Conduziu-me a uma reescrita da História, a novas interpretações da descoberta da América, ou novas considerações sobre a revolução industrial; queimou o tempo passado ou elevou-o até o transformar num patíbulo em que todos os dias era decapitada uma lembrança.

Dei-me conta de que valia a pena viver, nem que fosse para estar em silêncio. Custava-me falar com pessoas que não tinham conhecido os meus pais, ou seja, com a maioria das pessoas com quem me cruzava; as pessoas que não tinham conhecido os meus pais ensombravam-me o ânimo.

Vi alegria no terror.

Quando a vida nos deixar ver o casamento do terror com a alegria, estamos prontos para a plenitude.

O terror é ver a fuselagem do mundo.

Quantas vezes chegava a casa, quando tinha dezassete anos, e não reparava na presença do meu pai, não sabia se o meu pai estava em casa ou não. Tinha muita coisa para fazer, era o que eu pensava, coisas que não incluíam a contemplação silenciosa do meu pai. E agora arrependo-me de não ter contemplado mais a vida do meu pai. Olhar para a sua vida, isso, simplesmente.

Olhar a vida do meu pai, eis algo que deveria ter feito todos os dias, demoradamente.

Após o meu divórcio, comprei um apartamento pequeno.

Chamo-lhe apartamento, mas a ideia de apartamento em Espanha é desprovida de sentido. Aqui, só existem andares. Só existe a palavra «andar». E há andares grandes ou pequenos, e é tudo. A ideia de apartamento contém uma sofisticação que não consta na cultura imobiliária espanhola. O meu pai nunca viu esse apartamento que comprei. Morreu nove anos antes, é muito tempo, muitíssimo tempo. Não viu a casa da minha solidão. Ou seja, não viu o meu grande presente. Ou seja, não sabe em que me transformei. Ou seja, o filho dele está morto — o tipo de filho que ele conheceu — e há no seu lugar um homem que ninguém sabe de onde veio, um desconhecido. Que teria achado do apartamento? Provavelmente não daria por isso. Porque nos últimos anos da sua vida já não dava por nada. Deambulava pela vida, à espera sabe-se lá do quê. Queixava-se muito pouco, nunca da sua doença, antes de pequenas adversidades quotidianas. Parecia não se lembrar de coisas. Como sempre, não falava do seu pai nem da sua mãe. Não falava da sua vida. O meu pai parecia ter nascido por geração espontânea. A minha mãe fazia a mesma coisa. A minha mãe não tinha passado nem presente nem futuro. Era como se tivessem feito um pacto. Quando o terão selado? Tê-lo-ão verbalizado?

A minha mãe não falava do passado. Não sabia que o passado existiria. A minha mãe não entendia o tempo. Não tinha categorias históricas na mente. Essa foi uma estranha criação estética da minha mãe; como se nela tivesse pousado uma espécie de sentido da vergonha histórica. Teria vergonha dos seus pais? A minha mãe nunca reflectiu sobre a sua vida; agia por instinto, por um instinto que escondia frustração. Por vezes, ao referir-se à sua mãe, dizia «mamã», e tornava a palavra grave e não aguda. Essa forma de pronunciar «mamã» era característica de uma dicção enraizada nas aldeias do Somontano de Barbastro. Na sua juventude, a minha mãe teve um sentido alegre da vida ao qual quis dar cumprimento. Lembro-me de, sendo eu muito miúdo, eles saírem praticamente todos os fins-de-semana. Imagino que fossem a jantares com amigos. Estou a falar de meados e finais dos anos sessenta. Deixavam-me ao cuidado da minha tia Reme. Às vezes,

concentrando-me, consigo imaginar os restaurantes a que iam. Imagino toalhas brancas, pudim flã à sobremesa, champanhe servido em taças largas, as chamadas taças abertas, que já não se usam. Agora usam-se as taças de champanhe conhecidas pelo nome «flauta». Porque é que já não se usam as taças abertas para servir champanhe? Porque é que se usam agora as taças de tipo «flauta»? Suponho que terá a ver com a ideia de «elegância», que é mutável e caprichosa. A taça larga de champanhe também dá pelo nome de taça Pompadour. E há uma taça intermédia, entre a Pompadour e a flauta, a chamada taça tulipa. Os meus pais bebiam champanhe na taça Pompadour nos anos sessenta do cada vez mais longínquo século xx, a desaparecida taça Pompadour, que simbolizava a festa e a alegria.

Arreponder-me-ei sempre de os ter cremado.

Desde que deixei de beber álcool, reencontrei-me com um homem que não conhecia. Às vezes arranho as mãos, belisco os dedos com as unhas, para aguentar o aborrecimento e o vazio. As coisas acontecem lentamente se não bebermos. Beber era a velocidade, e a velocidade é inimiga do vazio.

Um divórcio desperta a culpabilidade, porque a culpa é um exercício de relevo, é relevo sobre a terra lisa. A vida de um ser humano é a construção de relevos que a morte e o tempo acabarão por alisar. Um desses relevos reside na descoberta de que não existem dois seres humanos iguais. Nasce aí o desejo de promiscuidade. Todas as mulheres são diferentes. E isso atenta contra o amor platónico. Na idade que tenho, não direi que o sexo não seja importante, mas é como se dentro do sexo descobríssemos de repente uma dimensão que não é de cariz corporal, não é de cariz estritamente libidinoso. É Eros, sim, uma ordenação do espírito, que se baseia na cobiça dos pormenores daquilo que amamos. É uma inclinação que nos leva à beleza. Vamos da luxúria à beleza por um caminho cheio de árvores frondosas, e essas árvores são os nossos anos, os anos cumpridos.

Portanto, na minha vida, como em tantas outras vidas, houve um combate entre o platonismo e a promiscuidade. O que provoca sempre estragos. Mas, em última instância, um divórcio no capitalismo acaba reduzido a uma luta pela divisão do dinheiro. Porque o dinheiro é mais poderoso do que a vida e do que a morte e do que o amor.

O dinheiro é a linguagem de Deus.

O dinheiro é a poesia da História.

O dinheiro é o sentido de humor dos deuses.

A verdade é o mais interessante da literatura. Dizer tudo o que nos aconteceu enquanto estivemos vivos. Não contar a vida, mas a verdade. A verdade é um ponto de vista que logo brilha por si mesmo. A maior parte das pessoas vive e morre sem ter presenciado a verdade. O cómico da condição humana é que não precisa da verdade. A verdade é um adorno, um adorno moral.

É possível viver sem a verdade, pois a verdade é uma das formas mais prestigiosas da vaidade.

Às vezes confundo o meu divórcio com a viuvez. Julgo que a viuvez seria pior. Ao divorciarmo-nos, o nosso passado transforma-se em algo difícil de reconstruir ou de recordar ou de precisar ou de possuir; para depois reconstruir esse passado há que recorrer aos documentos: fotografias, cartas, testemunhos, papéis. É como o fim de um período histórico. Para guardar memória, apenas cabe chamar os historiadores. E os historiadores são preguiçosos, estão a dormir, não lhes apetece trabalhar. Querem apanhar sol.

Talvez a culpa seja uma forma de permanência. Talvez os grandes culpados acabem por divisar uma forma de perduração a partir das suas culpas.

Pensei certa vez que oxalá Deus ou o acaso tornassem possível que a minha morte acontecesse antes do que a da minha ex-mulher. Nas separações, o tempo que se partilhou é definitivo. Uma separação com dois anos de convivência, por exemplo, pode ser inofensiva. Uma separação com trinta anos de convivência é toda uma época histórica. É como o Renascimento, ou o Iluminismo, ou o Romantismo. O escritor Alejandro Gándara disse-me há pouco tempo que é necessário decorrerem cinco anos para a cauterização de um divórcio. Acho que tinha razão: cinco anos.

Custava-me especialmente o desmoronamento da ternura. Vêm-me à cabeça frases que ela dizia, cheias de bondade. Percebi então que a morte de uma relação é, na realidade, a morte de uma linguagem secreta. Uma relação que morre dá origem a uma língua morta. Foi o que disse o escritor Jordi Carrión num estado do Facebook: «Cada casal, quando se apaixona e se dá e convive e se ama, cria um idioma que só aos dois pertence. Esse idioma privado, cheio de neologismos, inflexões, campos semânticos e subentendidos, tem apenas dois falantes. Começa a morrer quando se separam. Morre por completo quando os dois encontram novos pares, inventam novas linguagens, superam o luto que sobrevive a toda a morte. São milhões, as línguas mortas.»

Os meus pais também possuíram uma linguagem. Quase não me lembro do meu pai a dizer o nome da minha mãe. Como pronunciava o seu nome,

como foi mudando a maneira de o dizer. Lembro-me, sim, de algo maravilhoso: o meu pai inventou uma forma de assobiar. Esse assobio era um som secreto, que só o meu pai e a minha mãe conheciam. Uma senha. Sei reproduzir esse som, não me lembro quando nem como o aprendi, nem onde o meu pai o foi buscar. Comunicavam através desse assobio quando se procuravam numa rua, ou numa loja, ou numa multidão; e sobretudo quando, no início de Setembro, chegavam as festas de Barbastro e as pessoas abarrotavam as ruas, quando apareciam os gigantes e os cabeçudos e os carros alegóricos e as marchas. Eu sentia um verdadeiro pânico dos gigantes. Quando perdia a minha mãe de vista, o meu pai entoava o tal assobio, e a minha mãe sabia que ele estava ali perto. Eram jovens então. E encontravam-se um ao outro guiados por esse som.

Nunca mais voltei a ouvi-la, essa forma de assobiar, nem sequer algo parecido.

Recordo que, quando tinha seis ou sete anos, sofria de terrores nocturnos e não conseguia adormecer, e começava a chorar. A minha mãe vinha então para a minha cama e ficava a dormir comigo, ou ficava na minha cama e eu ia dormir com o meu pai. O inexplicável é que rezava antes de dormir. Um misto de superstição, terrores infantis e influência da educação religiosa. Mas agora também sei que essas rezas afugentavam os espíritos dos mortos que cobiçavam o coração inocente de uma pobre criança. Também sei que sempre fui uma criança, com o egoísmo das crianças, ainda por cima. As crianças obrigadas a serem homens nunca terão culpa. Quando me enfiava na cama, e sabia que o meu pai estava ao meu lado, sentia-me protegido e todo o meu organismo se descontraía e eu alcançava a paz, a tranquilidade, a felicidade, e adormecia.

Tinha sete ou oito anos e adormecia ao lado do meu pai. Ou seja, ao lado de um morto. Agora tenho mais de cinquenta anos e, sempre que vou para a cama, esse morto continua a estar lá.

Não se vai embora.

O passado de qualquer homem ou mulher com mais de cinquenta anos transforma-se num enigma. É impossível resolvê-lo. Resta apenas apaixonarmo-nos pelo enigma.

O meu pai morto dorme comigo e diz-me: «Anda, anda lá.» Os mortos estão sozinhos, querem que vamos com eles. Mas para onde? Não existe o lugar em que estão. Os mortos não sabem onde estão. Não sabem dizer o nome do lugar em que estão. Mas o cadáver do meu pai é tudo o que conservo ou possuo neste mundo. Está junto de mim. O seu cadáver dirige as grandes devastações da minha vida; o seu cadáver governa no meu cadáver; na escuridão do meu cadáver respira com força a escuridão do seu; o seu cadáver administra a luz do meu cadáver; o seu cadáver é um professor a ensinar ao meu cadáver a desconcertante alegria de continuar a existir a partir do cadáver, região olímpica, região da Liga dos Campeões, a Champions League, região de emoções já sem tempo e sem história, emoções mortas que no entanto perseveram sem obrigação.

Estou a fazer qualquer coisa e de repente aparece o meu pai, por um cheiro, uma imagem, por qualquer objecto. Dá-me então um aperto no coração e sinto-me culpado.

Vem dar-me a mão, como se eu fosse uma criança perdida.

É possível que os meus pais tenham sido anjos, ou que a sua morte os tenha transformado em anjos diante dos meus olhos. Porque, após a sua morte, tudo o que os vi fazer enquanto eram vivos adquiriu um alcance taumatúrgico. Tal alcance só se concretizou aquando do falecimento da minha mãe, que fechou o círculo.

O cristianismo assenta numa conversa interminável entre um pai e o seu filho. A única forma de verdade resistente que encontrámos é essa: a relação entre um pai e um filho; porque o pai convoca a sua descendência, e isso é a vida a continuar.

O rito das monarquias é o mesmo: um pai e um filho. O rito das sociedades do século XXI é o mesmo: pais e filhos. Não há mais nada. Tudo se desvanece excepto esse mistério, que é o mistério da vontade de ser, da vontade de que haja outro diferente de mim: é nesse mistério que se baseiam a paternidade e a maternidade.

É possível que os meus pais não tenham sido reais. Cada vez sobram menos pessoas que possam testemunhar que eles foram reais. Os seus cadáveres não existem, porque o fogo dos modernos crematórios espanhóis os devorou; portanto, não existindo o cadáver, torna-se difícil a ideia da ressurreição dos mortos ou o florescimento de asas angelicais nos lados do esqueleto; a cremação é irredimível, anula a possibilidade de uma exumação do cadáver.

No entanto, ainda restam pessoas que os viram e pessoas com vontade de testemunhar. Há meses, uma mulher dos seus setenta anos disse-me: «Os teus pais foram o casal de borrachos mais famoso de Barbastro, eram míticos.» Sim, eu intuía isso mesmo. Foram célebres nos anos sessenta. É verdade, eram os dois bonitos. O meu pai foi um homem alto e bonito. E a minha mãe, uma loura bonita, na época da sua juventude. Quando era miúdo, eu sabia, sabia isso. Daí que quisesse que me levassem a passear. Queria que as pessoas vissem que era filho deles. Quando os meus tios me levavam a passear, eu sofria, pois não os achava tão bonitos. Julgo que foi a primeira vez que morou em mim a vaidade social, a vaidade de exhibir uma posse cobiçada. Queria que os outros me invejassem, me respeitassem, me bajulassem, porque os meus pais eram especiais. Acho que resgatei um sentimento que estava na minha memória profunda, pois esse desejo vaidoso de que as pessoas me vissem de mão dada com os meus pais desapareceu há muito tempo. Ao encontrar essa lembrança, senti espanto e terror. É como se de repente um geólogo assistisse ao espectáculo da formação da Terra há milhões de anos e comprovasse que o nascimento da Terra não tem nenhum significado. Não a banalidade do mal, como disse Hannah Arendt, mas a banalidade da matéria e da memória.

Eram bonitos. Eram os dois bonitos. É por isso que estou a escrever este livro, porque estou a vê-los.

Vi-os então, quando eram bonitos, e vejo-os agora, que estão mortos.

Os meus pais terem sido tão bonitos é o melhor que me aconteceu na vida.

Todo o ser humano que começa a viver está alegre. É a alegria que provém da juventude, que é o tempo da suprema ignorância da extinção. Vejo o homem que está ao centro desta fotografia, ensimesmado nas suas mãos, elegante, o tempo parado, a existência congelada, um momento de delícia visual a ressoar:



Parece ter um cigarro na mão e estar absorto, alheado das conversas que o cercam. Rondam por ali homens e mulheres. Todos os que estão nesta fotografia já partiram, foram — um por um — protagonistas de uma agonia hospitalar ou de uma morte súbita e de um enterro, todos foram chorados, uns mais, outros menos. Mas todos eles conheceram o meu pai antes de ele o ser; puderam falar com ele com tranquilidade, puderam conhecer um mistério que sempre se me furtará; eles sabem o mistério, todos os que estão enterrados nesta fotografia. Eles viram-no, deram-se com ele. Eu só pude conhecer o meu pai quando ele já era o meu pai. Se o tivesse

conhecido antes de ele o ser, teria conhecido a falta de necessidade de mim mesmo; teria conhecido um mundo sem mim. Pode-se desfrutar mais do mundo se não se estiver nele. Será desse gozo que se alimentam os anjos?

Morre-se melhor se ninguém souber que estamos vivos, não carregamos ninguém com o peso da nossa morte, com papelada, choros e funeral, com culpas e demónios. Quem morre melhor é quem não sabia que estava vivo. A vida ou é social ou é só natureza, e na natureza a morte não existe.

A morte é uma frivolidade da cultura e da civilização.

Todos os que ficaram aprisionados nesta fotografia não sabiam com clareza que iam morrer. Nenhum vivo antes de morrer sabe isso. A saber, só o sabem os vivos que vêem os mortos.

Não sei em que ano foi tirada esta fotografia, finais dos anos cinquenta, diria; chegou às minhas mãos por acaso; pertence a uma colecção particular, não estava em minha casa; deu-ma o meu irmão, que a recebeu, por sua vez, do dono dessa colecção particular. Não palpita nela a vontade de pai de conservar esta fotografia, nem sequer ele a recordou alguma vez; é uma fotografia do pai antes de ser pai; é a fotografia de um homem que não tem filhos nem esposa nem raízes; é a fotografia de um homem que não tem nada a ver comigo; não a preparou para que eu a visse, nunca disse «guardarei esta fotografia para os anos vindouros, talvez para os meus filhos se os tiver, coisa em que não acredito»; é um homem solteiro; está livre de qualquer parentesco. Por isso não sei quem é este homem, nem já nunca ninguém o saberá.

Por fim, esta fotografia evade o parentesco e somos livres os dois. Todo o pai e todo o filho procurarão sempre o fim do parentesco, a demolição desses grilhões; é a busca da liberdade, e acaba por ser a morte a dissolver todos os parentescos, todos os pesados laços de sangue, embora haja muito amor nesses laços. A fotografia do pai antes do pai remete para um momento pleno em que eu não existo, e não existir dá-me uma alegria enorme. Porque aquele homem da fotografia, ensimesmado nas suas mãos, com o seu fato cruzado, com o seu lenço na lapela, ainda não está à minha procura, a sua vida decorre sem a minha.

Parece um solitário naquela fotografia e, no entanto, preside à cena. E o

que estará a fazer? Só o soube naquele instante; só soube o que estava a fazer naquele instante; e o que desejava então? O que poderia proporcionar-lhe a felicidade absoluta naquele instante?

O pai antes de ser pai é uma força que está no mundo a avisar para a chegada de um filho, a avisar para a tua chegada, embora ainda não tenhas chegado, e é nisso que reside a maravilha: ainda não chegaste e depois, nesta fotografia, há a possibilidade de nunca chegares. E é uma possibilidade de uma enorme beleza.

Poderás imaginar um mundo no qual esteja o teu pai, mas tu não estejas, nem sejas esperado?

O maior mistério de um homem é a vida desse outro homem que o trouxe ao mundo.

Esta fotografia foi tirada quando eu não era necessário. É por isso que adoro esta fotografia, porque contém o meu mistério: eu não sou, e o meu pai é ali um homem que não quer casar nem ter filhos. Não concebe tal coisa. Ouve piadas a esse respeito, as típicas piadas, «vamos lá ver quem é que te caça», ou «e tu quando é que te casas?», mas não lhes dá importância. Reina no bar. É o bar da vida, está no centro.

Eu não estou ali, e descanso.

Procuro voltar à paz de não ser.

Anos após a fotografia do bar, encontrou esposa e eu nasci. O meu pai devia conhecer a razão da minha existência, pois sou seu filho (continuo a ser seu filho, embora ele não continue a ser um ser vivo), e levou-a consigo para o reino dos mortos. Adorávamos os dois as montanhas: essas aldeias perdidas dos Pirenéus oscenses de uma Espanha atrasada e inóspita, onde a perdição das aldeias serenava a nossa própria perdição. A neve, as rochas altas, as árvores insaciáveis, o enigmático sol, os rios dos vales, as montanhas sempre no mesmo sítio, um silêncio imperturbável, a indiferença da natureza, era isso que adorávamos. Adorávamos a imobilidade das montanhas. O seu «estar ali». As montanhas não são, estão. Também a nossa vida foi estar. A existência do meu pai foi uma reivindicação do «estar» acima do «ser».

Estivemos juntos; e tudo provém daí, de termos estado juntos. Estive com o meu pai quarenta e três anos da minha vida. Não esteve comigo uma década, e esse é o maior problema moral da minha vida: a década que levo de vida sem a contemplação do meu pai.

Cristo pedia constantemente a contemplação do seu pai. Que o romance de Jesus Cristo tenha sido um *bestseller* não anula o meu próprio romance. O que ele fazia em vida era visto pelo seu pai. Se o seu pai não contemplasse a sua vida, a vida de Cristo era falsa. O nosso pai confere significado e sentido a todas as zonas industriais, auto-estradas, aeroportos, centros comerciais, estacionamento subterrâneos, circunvalações, avenidas, urbanizações e quartos de hotel que povoam o mundo falso em que vivemos.

É possível que o único espaço humano seja uma igreja românica ou o apartamento familiar: são a mesma coisa.

Tudo se concentrou num nome, que é um topónimo: *Ordesa*, porque o meu pai tinha verdadeira devoção ao vale pirenaico de Ordesa e porque em Ordesa há uma célebre e bonita montanha que se chama Monte Perdido.

Mais do que morrer, o que o meu pai fez foi perder-se, pirar-se. Transformou-se num Monte Perdido.

O que ele fez foi desaparecer. Um acto de desaparecimento. Lembro-me

muito bem: queria pirar-se. Uma fuga.
Fugiu da realidade.
Encontrou uma porta e foi-se embora.

A mesa em que escrevo está cheia de pó; sendo ela de vidro, o pó consegue o seu reflexo, a sua imagem sob a luz. É como se nesta casa as coisas se casassem com o pó. Há pó nas bordas douradas da torradeira, também aí o pó se torna visível. Há sítios em que o pó não consegue impedir a sua visibilidade; é aí que se pode acabar com ele: destruí-lo, apagá-lo da face da minha casa. Não me sinto capaz nem instruído para limpar todo este pó, o que me desespera e me conduz a pensamentos neuróticos sobre a miséria. Até no aquecedor de toalhas da casa de banho há pó, e calor e pó fundem-se, como num casamento de conveniência, como os casamentos dos reis do século XVI que fundaram a civilização ocidental.

Nunca me habituarei a ser pobre. Chamo pobreza ao desamparo. Confundi pobreza e desamparo: têm o mesmo rosto. Mas a pobreza é um estado moral, um sentido das coisas, uma forma de honestidade desnecessária. Uma renúncia a participar no saque do mundo, é isso a pobreza para mim. Talvez não por bondade ou por ética ou por um qualquer ideal elevado, mas por incompetência na hora de saquear.

Nem o meu pai nem eu saqueámos o mundo. Fomos, nesse sentido, frades de uma qualquer ordem mendicante desconhecida.

Estou há muito tempo sem beber.

Achei que não ia conseguir, mas consegui. Há alturas em que me apetece imenso beber uma cerveja, um copo de vinho branco muito frio. A bebida estava a matar-me, recorria a ela de forma compulsiva, à procura do fim. Reagi. Agora continuo a sofrer, mas não bebo.

Bebi muitíssimo. Tive dois internamentos hospitalares. Caía no meio da rua e a polícia aparecia.

Todos os alcoólicos chegam ao momento em que têm de escolher entre continuar a beber ou continuar a viver. Uma espécie de escolha ortográfica: ou ficas com os bês ou com os vês. E acontece que acabas por amar bastante a tua vida, por mais insípida e miserável que seja. Há outros que não, que não saem, que morrem. Há morte no sim ao álcool e no não ao álcool. Quem bebeu muito sabe que o álcool é uma ferramenta que parte o cadeado do mundo. Acabamos por ver tudo melhor, se soubermos depois sair de lá, claro.

Beber era mais importante do que viver, era o paraíso.

Beber melhorava o mundo, e isso será sempre assim.

Recordo o dia em que, após o meu divórcio, uma entidade bancária me concedeu o empréstimo para o meu apartamento. Recordo que me perguntaram se gozava de boa saúde e eu disse que sim. Quando saí do banco, com o empréstimo concedido, fui a um bar que havia ao lado da agência. Era uma e meia ou duas da tarde. Estive nesse bar a beber sem parar. Bebia vinho. Fiquei eufórico. Saí do bar e fui justamente para trás da agência e aí, numa praça, caí redondo. Inconsciente, ao lado do meu empréstimo concedido. A polícia veio buscar-me, porque há sempre alguém que a chama. Acordei no hospital. A primeira coisa em que pensei ao recobrar a consciência, ali, numa cama das urgências, foi se me retirariam o empréstimo, se o pessoal do banco me teria visto a cair redondo, completamente bêbedo. Isso era o cúmulo. Tinha a sua marca humorística, levava o meu estranho carimbo, a minha comédia permanente, a herança da minha mãe; porque a minha mãe fazia coisas assim.

A minha mãe morta assiste ao meu teatro mortal, à minha comédia. Não

sei se os meus dois filhos me amarão tanto como eu amei os meus pais. Fica a referência a essa dúvida passageira, absurda, que sinto neste instante enquanto passeio ao acaso por Saragoça. A minha mãe adorava esta cidade porque na altura eu vivia perto de um centro comercial. E a minha mãe, tal como eu, era apaixonada por lojas. Adorava as perfumarias. Tivemos mais de uma discussão irada. Ia a uma perfumaria do centro comercial e comprava cremes de trezentos euros, que o meu irmão e eu tínhamos depois de pagar. A minha mãe não conseguia compreender. Para que é que sustentara os filhos, se não podia comprar aqueles cremes? E no fundo tinha razão. Não conseguíramos sair da classe média-baixa, quando muito talvez tivéssemos viajado da classe baixa para a classe média.

Às vezes penso que seria preferível ser completamente pobre. Porque, se formos da classe baixa, ainda temos esperança. Ser mendigo é ter batido com a porta no nariz da esperança. E isso tem a sua paixão.

Acordei ainda bêbedo nas urgências da clínica Quirón, para onde a polícia me levava. Estava desesperado, e com uma lacuna mental para além disso. Não sabia o que acontecera; a única coisa que me preocupava era se o director do banco, que acabara de me conceder um empréstimo a trinta anos, me vira cair bêbedo no meio da rua duas horas depois de ter assinado. Calculei que não. Julgo que terei assinado o empréstimo pouco antes das duas da tarde, e que terei caído redondo pelas quatro ou quatro e picos, mas nos bancos trabalha-se muito, e poderia acontecer que saíssem tarde nesse dia. Atolei-me em conjecturas mentais acerca da hora de saída do trabalho dos bancários. A chefe das urgências era uma médica que me tratou com desprezo. Eu não era um doente, mas um bêbedo asqueroso. Queria que eu me fosse logo embora, mas eu não me aguentava de pé. Ainda estava a vomitar. Olhei para o meu vómito e era vinho puro. A enfermeira disse-me que vomitara um litro de vinho. Pensei em voltar a bebê-lo, pois era vinho ressuscitado ou vivo ou real, um bom vinho reutilizável, como se saído de uma garrafa e não de um estômago. A chefe das urgências zangou-se comigo por eu não me ir embora. Dizia que estava a alvoroçar e a importunar os restantes doentes, tinha ao meu lado um monte de velhos. Disse a essa mulher que a Organização Mundial de Saúde qualificava o

alcoolismo como uma doença e que, portanto, ela devia dispensar-me o tratamento que se dá a um doente e não a um perverso, a um «filho da puta viciado». Ela disse-me para eu me ir embora, que não tinha nada, que não estava doente.

Tentei endireitar-me, mas acometeu-me novo vômito e dessa vez vomitei não para a bacia, mas para cima de uma idosa que estava ao meu lado. A médica insultou-me. Disse-lhe que a culpada era ela. Pedi para escrever uma reclamação. Transformei-me no pária daquela sala de urgências. Toda a gente me olhava com má cara. Imagino que seja esse o tratamento recebido pelos alcoólicos em Espanha. Pedi desculpa à idosa e, de repente, dei-me conta de que estava a falar sozinho. Aquela mulher estava morta. «Não se preocupe que ela não o ouve», disse-me a enfermeira. «Vá-se lá embora, que agora já consegue.»

Fui para casa e tomei três calmantes, estava angustiado, desesperado, assustado, morto por dentro, e adormeci. Acordei às três horas com um ataque de pânico que não saberia descrever e voltei a tomar três calmantes, e voltei a dormir.

No dia 9 de Junho de 2014 deixei de beber.

Para se deixar de beber, convém ir para outro sítio. O bem e o mal são uma das ficções mais bem montadas da nossa civilização. Não existe o bem, nem existe o mal. Pensei no anarquismo do coração, lugar onde o bem e o mal se evaporam e regressa a vida sem atributos. Meti-me assim no carro e fui para as montanhas. Atravessei para França, pelo porto de Somport. As aldeias francesas estão encalhadas no tempo. Quem quer que tenha passado pelas aldeias de Urdos, Bedous e Lescun e tenha conduzido por aquelas estradas sabe que aqueles lugares estão iguais a cinquenta anos atrás. Ali, naqueles vales pirenaicos, encontrei uma anulação da vida social, e vi os rios em pleno degelo, pois estávamos no mês de Junho.

Entrei num bar de Lescun e vi gente a beber cerveja.

Entrei no meu hotel de Canfranc e vi gente a beber vinho.

E eu bebia café com leite ou água com gás. Ficava a olhar para a água com gás, as bolhas dentro do copo. Quando não bebemos, os dias são mais longos, os pensamentos pesam mais, os lugares fortalecem-se, não esquecemos nada nos quartos dos hotéis, não riscamos o carro, não partimos os retrovisores ao estacionar, não nos cai o telemóvel na sanita, não confundimos os rostos das pessoas.

Penetrava nos bosques. Voltei a tocar a vida. Viajei até Ordesa, e pus-me a contemplar as montanhas. Vi com clareza os erros da minha vida e perdoei a mim mesmo tudo o que pude, mas não tudo. Precisava ainda de tempo.

O envelhecimento é o nosso futuro. Disfarçamo-lo com palavras como «dignidade», «serenidade», «honestidade», «sabedoria», mas qualquer idoso renunciaria a tais palavras desde que lhe tirássemos cinco anos de cima, ou até cinco meses. A minha mãe nunca aceitou o envelhecimento. Não sei que género de velho serei, e pouco me importa. O normal é morrer antes da chegada da decrepitude. As pessoas morrem sempre, todos acabamos por morrer. Todos os fracassados da terra, todos os pobres e todos os analfabetos cobram assim a sua vingança sobre os que acumularam êxitos, poder, conhecimento, cultura e sabedoria.

O envelhecimento é igualador.

E é divertido assistir a esse espectáculo: não tem conteúdo moral nem muito menos religioso, é apenas um espectáculo inesperado, muito estimulante e muito fascinante. O mundo e a natureza eliminam os predadores que, fortuitamente, criaram. Envolve-nos o presente, essa furiosa capacidade do presente de nos fazer crer que a vida tem consistência. Há que dar valor a estes esforços do tempo presente, ao seu grande afã civilizador. É o que temos. Temos mais coisas: amêndoas, adoro amêndoas. E outra coisa ainda mais inquietante: o azeite. O azeite faz com que me incline para a exaltação do presente.

Só a matéria.

Quero dizer que, de cada vez que o espectro da minha mãe me vem à memória, recordo o azeite.

Talvez tenha sido a matéria orgânica que mais relação teve com o corpo da minha mãe. A minha mãe estava sempre a cozinhar. Se estava sempre a cozinhar, em que haveria de pensar? Em farinha, em pão, em ovos, em verduras, em hortaliças, em carnes, em arroz, em molhos, em peixes?

Não.

Em azeite.

A minha mãe viveu sempre rodeada de azeite.

A minha mãe transmitiu um culto secreto, jamais verbalizado, do azeite. Acho que o azeite é um buraco de minhoca, uma queda no tempo, que me leva directamente ao encontro do meu primeiro antepassado, que olha para

mim e sabe quem sou. Sabe que preciso de amor. Amor de alguém da minha estirpe.

Não sei porque é que tive de ser tão desdenhoso do envelhecimento dos seres humanos.

Quando for um velho decrépito, hei-de querer que gostem de mim, e alguém recordará então estas minhas palavras. Mas uma coisa são as palavras num livro, e outra as palavras da vida, direi.

São duas verdades distintas, mas as duas são verdades: a do livro e a da vida.

E juntas fundam uma mentira.

A minha mãe baptizou o mundo, aquilo que não foi nomeado pela minha mãe parece-me ameaçador.

O meu pai criou o mundo, aquilo que não foi sancionado pelo meu pai parece-me inseguro e vazio.

Como nunca mais ouvirei as suas vozes, recuso-me por vezes a entender o espanhol, como se, com as suas mortes, a língua espanhola tivesse sucumbido e agora fosse só uma língua morta, como o latim.

Não entendo o espanhol de ninguém, porque o espanhol dos meus pais já não se ouve no mundo.

É uma forma de luto.

Tomo um anti-inflamatório para a dor de cabeça. Naturalmente, penso que a minha dor de cabeça é um sintoma do tumor cerebral que vai abrindo caminho no meu corpo, um tumor assassino que jamais poderei conhecer, um tumor que é como uma rocha ou um meteorito, no qual todo o meu passado e toda a minha vida foram condensados, um tumor que, uma vez examinado, analisado e estudado, poderá desvelar cenas e actos concretos da minha vida, um tumor onde se vissem caras de seres humanos, caras da minha família, de amigos, de colegas de trabalho, de inimigos, de seres anónimos com os quais me cruzei, cidades, coisas vividas sem nenhum sentido, um tumor onde cabe este livro que estou a escrever, um tumor que fosse uma grande obra artística criada com a tua própria carnalidade e espiritualidade, que para além de acabar por te matar te desse a alegre surpresa de ser tudo o que andavas a procurar, a desejar e a escrever, um tumor que fosse a Península Ibérica constituída noutro país que não se chamasse Espanha, como se se tratasse da criação de um plano alternativo da História, um tumor que fosse digno de admiração e de amor, e assim estou eu, à espera de que o tumor se manifeste e gere todo um espaço de narrações novas sobre a minha vida, onde, como é óbvio, está incluído o momento em que bato a uma porta branca, que é a porta do chefe de neurologia de um hospital de Madrid, e se vê ao fundo um homem sentado, com as mãos em cima da mesa, e esse homem diz-me para entrar, e no tumor estão incluídas as palavras desse homem, que são palavras que falam precisamente dele, do próprio tumor, e são as palavras que dão vida exterior a essa massa bacteriana ou viral (vai dar ao mesmo) que me matará, e nesse tumor cabe a cena em que estou sentado num canto da cama, a pensar nas palavras que o neurologista disse acerca desta protuberância negra em que está incluída esta cena, e também cabe nesse tumor a cena em que o tumor continua agarrado ao interior da minha cabeça, mas já não lhe chega nada com que se alimentar, e é ele agora quem tem de experimentar o terror do seu próprio desaparecimento, pois acaba de abandonar a casa de que se nutria.

Há beleza na hipocondria, pois todo o ser humano, quando metade da sua

vida já passou, dedica o seu tempo (talvez antes de adormecer à noite, ou quando viaja de transportes públicos, ou quando se senta no consultório do médico) a efabular sobre que tipo de doença o arrancará deste mundo. Finge e urde histórias sobre a sua própria morte, que vão do cancro ao enfarte, que vão da morte súbita à velhice interminável.

Ninguém sabe como vai morrer, e a nossa apreensão é melancolia; e a tradição da melancolia devia regressar ao mundo. É uma palavra que já ninguém usa. E a melancolia agora chama-se transtorno obsessivo-compulsivo. A minha mãe foi melancólica, passou a vida inteira submersa nas águas rosadas do transtorno melancólico.

A minha mãe morreu sem saber que estava a morrer. Não sabe que está morta. Só eu sei.

Ela não sabe.

Quando conduzo, parece que está ao meu lado. Ouço o clique do cinto de segurança do co-piloto. Gosto de conduzir por Madrid. Nunca estivemos juntos em Madrid. Teria adorado estar comigo em Madrid, sei que sim. Oxalá o meu pai voltasse de entre os mortos e pudesse sentar-se ao meu lado: passaríamos o dia a conduzir por Madrid.

O meu pai gostava da cidade de Madrid. Falou muitas vezes dela, é por isso que amo Madrid. Por causa dele.

Não falaríamos um com o outro, se ele voltasse e fosse o meu co-piloto.

O meu pai, quando muito, diria apenas «cuidado, vem aí um tipo da esquerda», ou «aquela rua é de sentido proibido», ou «viste como esse chanfrado te ultrapassou pela direita sem pôr o pisca?», ou «conduzes muito bem, o tempo está bom», ou «eu tinha um amigo de Madrid, alfaiate, mas já terá morrido, chamava-se Rufino».

Rufino, sim, quem me dera saber onde vive. E poder ir ao seu apartamento madrileno e lá pedir asilo político contra a morte, contra o desamparo.

Estava a passar a roupa a ferro. Passei a ferro um par de camisas. O meu pai tinha muitos fatos, cujo destino ignoro. Guardava os seus fatos num armário vermelho, cujo destino terá sido o esgoto. Por que seria vermelho aquele armário? De certeza que foi ideia da minha mãe, um delírio decorativo. Enfim, o dia em que decidiu pintá-lo dessa cor terá sido um dia feliz.

Não sei aonde vão parar os móveis velhos. Também não sei que será feito dos fatos do meu pai. O meu pai adorava os seus fatos. Eram a obra da sua vida. Às vezes eu abria o armário vermelho e olhava lá para dentro: era uma sucessão de fatos que evocava uma sucessão de homens poderosos: todos no seu cabide: todos perfeitamente passados a ferro: daria um ano do que me resta de vida para voltar a ver aqueles fatos: eram destilação visual do meu pai: eram a forma de visibilidade social do meu pai: eram a forma em que o meu pai vinha ao mundo: eram o esplendor da vida do meu pai: a sua juventude, a sua maturidade, a sua indiferença: o seu reinado sobre todas as coisas: sobre todas as espécies: a sua distinção no meio da natureza.

O meu pai contemplava os seus fatos com parcimónia e com meticulosidade, estou a falar dos anos sessenta e setenta. Durante o franquismo, a classe média-baixa chegou à posse de um ou outro fato, ou seja, uma camisa branca com gravata, umas calças de *terylene* e um *blazer*.

Em finais dos anos sessenta, o meu pai levava-nos de férias para uma pensão numa povoação de montanha. A povoação era Jaca. Ele conhecia aquela pensão do seu trabalho como caixeiro-viajante. Dizia que se comia muito bem. Estava entusiasmado de nos levar lá. Estar lá com a família, estar com os seus no sítio em que habitualmente estava sozinho. Presentear-nos a sua descoberta.

Era isso que estava a fazer: a oferecer-nos uma descoberta, uma vitória.

Era verdade que se comia bem, faziam uma tortilha à francesa deliciosa e misteriosa, com um sabor que nunca mais voltei a provar em nenhuma tortilha. Eu tinha sete anos na altura, pelo que estávamos em 1970, mais ou menos. A imagem que guardo desses anos implica uma distorção incorpórea: vejo coisas que brilham, vejo pó amarelo, móveis grandes e antigos em estado líquido, corpos irreais, cheiros sadios, mas cheiros falecidos. Antigamente, os cheiros eram melhores, acho eu; melhores não, talvez mais naturais. A sala de refeições da pensão tinha um toque oitocentista, ou é assim que me lembro dela. As toalhas das mesas eram de bom tecido, muito brancas. As escadas que iam dar aos quartos eram de madeira. As portas dos quartos eram altas. As camas metiam-me medo. Ao jantar, ofereciam como sobremesa um pudim flã caseiro que era uma delícia. Deixavam-me entrar na cozinha. Nunca estivera numa cozinha de restaurante e deslumbrou-me que fosse tão grande e que tivesse tantas frigideiras e tantas panelas e tanta gente a trabalhar. Passeávamos por Jaca, que me parecia uma cidade muito bonita, embora não tivesse praia. Não conseguia entender porque é que não havia praia, se estávamos de férias. A minha mãe levava-me à piscina municipal. Foi lá que me ensinaram a nadar, e foi lá que engoli muita água. Nesses anos, deu-se o *boom* das piscinas municipais. Todas as terras com mais de dez mil habitantes se emanciparam dos rios.

Espanha transformou-se em câmaras que construía piscinas municipais. E esquecemo-nos dos rios, que acabaram os seus dias a servir de lixeiras.

Há muitos anos que essa pensão fechou. Não sei que será feito daquelas toalhas tão brancas, nem das frigideiras, nem das camas, nem dos móveis,

nem dos faqueiros, nem dos lençóis.

As coisas também morrem.

A morte dos objectos é importante. Porque é o desaparecimento da matéria, a humilde matéria que nos acompanhou e esteve ao nosso lado enquanto a vida se ia cumprindo.

Estrago coisas ao tentar abri-las. Penso que é o demónio, ele mesmo, quem cria essas embalagens tão difíceis de abrir.

De maneira que a seguir tento tirar da frente todas as coisas metendo-as no caixote do lixo. Assim, não as vejo. A minha luta baseia-se em tirar coisas da minha vista. E o caixote do lixo é o melhor lugar; o caixote do lixo é meu aliado; é por isso que gosto que seja grande; também os cestos de papéis me apaixonam; são lugares para tirar da frente tudo o que nos impeça de observar o ar e o espaço sem interferências.

Gosto que o caixote do lixo fique cheio até cima.

Gosto de me desfazer de coisas, de frascos, de latas, de plásticos, tudo lá para dentro.

Olho sempre para as promoções de caixotes do lixo nos supermercados. Gosto de dar o nó ao saco do lixo, que o nó fique apertado, para os restos, os despojos, não fugirem.

Os ferros de engomar são enigmáticos. Estou outra vez a olhar para o ferro. A minha mãe passava a ferro, porque queria que os seus fatos ficassem de determinada maneira. Não é habitual as pessoas, sobretudo os homens, saberem o valor de um ferro de engomar. Aprendi tarde a passar a ferro. Agora que já sei um bocadinho, gosto de quebrar as rugas das camisas e das calças. Não passo a roupa interior, porque ninguém a vê. Não se cuida das coisas que vivem na obscuridade. Não passo as minhas cuecas. Nem toda a gente passa a sua roupa. Agora dedico-me a perguntar às pessoas se passam a ferro. As pessoas não sabem a que se deve a pergunta. É muito difícil passar a ferro, especialmente camisas. As calças de ganga são, ao invés, bastante fáceis de passar a ferro.

E passar a ferro relaxa.

Modelamos a roupa, vemos ali a roupa inerte a receber o calor e a alcançar uma forma, uma visibilidade e uma ordem; do caos das ferozes rugas com que a roupa sai da máquina de lavar vai-se passando a planícies, a campinas, a uma verdade; e pensamos que o nosso corpo se meterá ali dentro e estará bem ali, e terá um sentido, e terá até amor.

Nunca vi o meu pai com uma camisa amarrotada. Nunca. Nunca na sua vida pôs umas calças de ganga. Tudo bem passado, sempre.

Tento chegar depressa. Conduzo de Madrid até Saragoça. Já conheço a estrada. Trata-se de atravessar um pedaço de Espanha, com uma paisagem avermelhada, desértica. Há grandes pontes, obras de engenharia anónimas. Quem fez tudo isto? Esta auto-estrada, estas pontes. Levo três horas a ir de Madrid a Saragoça. Vou directo comprar comida ao Hipercor, vou dar de comer aos meus filhos. Escolho comida de qualidade, mas estou nervoso, uns nervos largos e anónimos como aquelas pontes que atravessei de carro.

Faço fila na charcutaria, compro coisas caras. Uma velhota compra trezentos gramas de presunto de bolota, e fico a olhar para a sua cara inexpressiva.

A funcionária vai cortando o presunto e fico a olhar para o chispe negro do pernil.

Já são dois desconhecidos.

Cozinhei para eles. Tentei abraçá-los, mas tudo acaba num rito incómodo. Não sei onde pôr a cara, os braços. Tornaram-se adultos, tão simples quanto isso.

Os abraços não são necessários, o meu pai e eu nunca nos abraçamos. Mas insisto, insisto em criar o hábito de nos abraçarmos e de nos beijarmos. E hei-de conseguir. Já estou a conseguir. Quando nasceu, o meu primogénito teve de ser operado a uma estenose pilórica. Tinha quinze dias de mundo. Vomitava tudo o que comia. Estava a ficar pele e osso. Passei a noite inteira em sofrimento. A mãe dele, a minha ex-mulher, chorava, choro que produzia em mim uma ternura dolorosa, pois eu entendia o seu choro. Ela dizia «pobre filho», e parecia-me que não era ela a dizer essas duas palavras, antes um vendaval de antepassados a falarem pela sua boca. Pensei em Pergolesi, no *Stabat Mater*. Essas duas palavras, «pobre filho», surgiam da noite dos tempos, da noite da maternidade. Não sei o que me feria mais, se a ternura de uma mãe ou o perigo que o meu filho corria, ou somavam-se ambas as coisas, acrescentavam-se uma à outra, criando um rio profundo de amor e de ternura e de medo. Mas o meu pai não me ligou no dia seguinte. Não é uma recriminação, sei perfeitamente que gostava dele. Não é uma recriminação, é um mistério.

Não acerto com os abraços, parece que os nossos corpos não acabarão de se encontrar no espaço.

Talvez o meu pai soubesse isso. Conhecia a impossibilidade dos abraços. Daí que não tenha ligado a perguntar se o seu neto continuava vivo. Tudo correu bem, a operação foi um sucesso, e ao segundo dia teve alta.

Cozinho a carne na chapa, gastei uma fortuna neste acém, assusta-me o dinheiro que vale e assusta-me que não lhes agrade. A casa está suja e desarrumada. A impressora não funciona.

O Vivaldi, o mais novo, está muito magro, mas gosto da sua magreza. O Brahms, o mais velho, já fala de política e admite pouco a discordância. Como se eu fosse gastar energia a discutir política com ele, quando só quero cuidar dele e que ele seja feliz. Decidi usar estes nomes para tratar os meus filhos. Nomes nobres da história da música. Todos os entes queridos serão baptizados com nomes de grandes compositores.

Dado que mandei queimar o corpo do meu pai, não tenho sítio aonde ir para estar com ele, de maneira que criei um: este ecrã de computador.

Queimar os mortos é um erro. Não os queimar também é um erro.

O ecrã do computador é o lugar onde está agora o cadáver. O ecrã está a envelhecer, terei em breve de comprar outro computador. As coisas não resistem como antigamente, quando um frigorífico ou um televisor ou um ferro ou um forno duravam trinta anos, e este é um segredo da matéria; as pessoas não enterram electrodomésticos velhos, mas há gente neste mundo que passou mais tempo ao lado de um televisor ou de um frigorífico do que ao lado de um ser humano.

Em tudo havia beleza.

O Vivaldi quase não me conta nada da sua vida. Tento falar do liceu. O Valdi, abrevio, acabou o décimo primeiro ano. O Valdi suspeita que a educação pública em Espanha seja absurda ou irrelevante.

Torro o pão, comprei um azeite excelente que me faz lembrar a minha mãe, cujo sangue e cujo corpo e cuja alma foram azeite.

Em que pensará o Valdi? É, no fundo, tão enigmático; afloram à superfície tão poucas coisas da sua personalidade; está a tentar fabricar uma identidade, tem dezassete anos, e começa a viver. O Bra, o Valdi e eu falamos pouco. Na prática, a minha função é preparar refeições. A advogada que tratou do meu divórcio disse que aqueles rapazes iam ser grandes pessoas. Bons rapazes, e é verdade.

São bons rapazes. Não me ligam muito, ou ligam tanto quanto eu liguei aos meus pais. Bons rapazes, sim, ou melhor, bons músicos. São história da música. Grandes compositores das suas vidas. Que compositor fui eu para o meu pai? O meu pai não gostava muito de música. Já a minha mãe, sim. Gostava muito do Julio Iglesias. Quando o Julio cantava na televisão, a minha mãe ia a correr ouvi-lo. As suas canções tocavam-lhe o coração. Fiquei contente com o êxito internacional do Julio Iglesias, porque era o cantor preferido da minha mãe.

Acho que no fundo ela estava apaixonada pelo Julio Iglesias, que para ela era um símbolo de uma vida de sucesso e de luxo que jamais viveria.

Que nunca viveu.

Andei muito tempo narcotizado por um ordenado. Muito tempo: mais de duas décadas. Lembro-me de ter acordado às sete e meia da manhã de um 10 de Setembro do ano 2014. Tinha uma reunião às oito e meia com os chefes do meu trabalho. Ia solicitar a minha baixa, estava de saída. Acumulara vinte e três anos a dar aulas em estabelecimentos do ensino secundário, já não podia mais.

Não sabia quantos anos de vida poderiam restar-me, mas queria vivê-los sem essa escravidão. Achava que não me faltariam muitos anos, e queria dedicar os poucos que me faltassem à contemplação dos meus mortos, ao que fosse, incluindo a mendicidade.

Ia agora viver do vento. Viver do vento, gosto desta expressão, é muito espanhola. Recordo que os meus colegas me contemplavam como a um perturbado suicida. Lá se foi o ordenado. E a vida renasceu, e dei-me conta de que nunca tinha sido laboralmente livre. Fiquei eufórico. Senti-me orgulhoso de mim mesmo.

Regressei ao meu apartamento e fiquei um bom bocado a olhar pela janela: a vida estava a regressar, uma vida que não era dedicada, a cada hora, à sua transmutação num ordenado, num salário, numa ponderação da minha reforma. As minhas horas já não valiam nada. Eram só vida, vida sem direitos laborais.

Passear, olhar as nuvens, ler, estar sentado, estar consigo mesmo num grande silêncio, foi esse o proveito.

E no dia seguinte já não madruguei. Deixei de dar aulas no ensino médio. Penso agora que aquele não era um trabalho aceitável, como em tempos julguei, mas que era só outro trabalho alienante, de uma alienação talvez menos evidente. A alienação laboral camufla-se, mas continua a estar aí, como no século XIX. Escolas, liceus, hospitais, universidade, prisões, quartéis, gigantescos edifícios de escritórios, esquadras da polícia, o Congresso dos Deputados, centros de saúde, centros comerciais, igrejas, conventos, bancos, embaixadas, sedes de organismos internacionais, redacções de jornais, cinemas, praças de touros, estádios de futebol, todos esses lugares de celebração da vida nacional, o que são? São os lugares

onde se cria a realidade, o sentido da colectividade, o sentido da História, a celebração do mito de que somos uma civilização. Todos os rapazes e raparigas a quem dei aulas, que será feito deles? Alguns talvez tenham partido para sempre. E aqueles colegas de trabalho com que coincidi também irão morrendo. Os seus rostos desvanecem-se na minha memória. Vão todos para a treva. Lembro-me vagamente de um verso do poeta inglês T. S. Eliot em que os grandes homens ingressam na treva do vazio. Alguns colegas morreram assim que alcançaram a reforma. É um castigo do acaso. O acaso castiga os calculistas, quem calculou a sua reforma. Os liceus não guardam recordação daqueles corpos. Os estabelecimentos espanhóis do ensino médio eram edifícios sem graça, construções deficientes, com corredores anódinos, com salas frias no Inverno e tórridas logo na Primavera. Os gizes, os quadros, a sala de professores, as fotocópias, a campainha a tocar no fim da aula, o café com os colegas, as comidinhas defeituosas, mal cozinhadas, os bares sujos.

E tudo se decompõe. Não havia fotografias dos professores reformados nos corredores dos liceus. Não havia memória, porque não havia nada para recordar. E esses colegas enlouqueciam de mediania e vulgaridade e humilhavam e desprezavam os seus alunos. Aqueles miúdos eram humilhados e ofendidos pelos professores, esses medíocres com rancor pela vida. Nem todos eram assim. Havia professores que amavam a vida e tentavam transmitir esse amor aos seus alunos. É a única coisa que um professor deve fazer: ensinar os seus alunos a amar a vida e a entendê-la, a entender a vida a partir da inteligência, de uma festiva inteligência; deve ensinar-lhes o significado das palavras, mas não a história das palavras vazias, antes o que significam; para que aprendam a usar as palavras como se fossem balas, as balas de um pistoleiro lendário.

Balas apaixonadas.

Mas eu não via isso a ser feito.

Os professores estão muito mais alienados do que os seus alunos. Ouvia insultos aos alunos nas reuniões de avaliação, castigá-los pela sua forma de ser, suspendê-los em sádicos exercícios de poder. Ah, o sadismo do ensino. Os alunos são miúdos, estão novos. Os professores espanhóis rasgam as

vestes porque os seus alunos não sabem isto ou aquilo. Sei lá, não sabem quem foi Juan Ramón Jiménez ou como resolver integrais ou qual é a fórmula do dióxido de carbono e coisas assim. Não se dão conta de que o que lhes parece importante não é mais do que uma convenção, uma construção cultural, um acordo colectivo que aos seus alunos, simplesmente, não interessa. Os miúdos não estão alienados debaixo dessas pardas convenções. Vêem essas convenções como um extraterrestre as veria. Ninguém censuraria um extraterrestre por não conhecer os nossos tópicos e as nossas superstições sobre a história, a ciência e a arte. Eles são de outro mundo, os miúdos de quinze anos já são de outro sítio.

Aprendi com eles um sentido da liberdade.

E lembro-me de ter contemplado a destruição da adolescência por parte daqueles energúmenos professores. Acabavam com aquelas crianças. Gostavam de as suspender. Eu não suspendia ninguém. Não podia suspender ninguém. Talvez ao início tenha suspendido, sim, algumas dessas crianças, por não saberem analisar frases. No início, naturalmente, quando saímos da universidade e repetimos como um papagaio as parvoíces que lá nos ensinaram, como as orações subordinadas relativas, que eram as minhas preferidas: havia nelas uma flexibilidade, havia árvores e flores e céus naquelas subordinadas. Ficava a olhar com os meus alunos para as orações subordinadas relativas. Lembro-me desta:

Li o livro que me emprestaste ontem.

Mas quase preferia não as analisar. Ficávamos a olhar para a frase no quadro. Que livro seria? Quem seria a pessoa destinatária do empréstimo? Teria valido a pena ler aquele livro? Não teria sido melhor se nos emprestassem qualquer outra coisa, em vez de um livro?

Morriámos a rir com o objecto directo em frases como esta:

O Juan queimou o carro.

Quem raio era o Juan? O carro era bom? Porquê queimar um carro? O cúmulo era quando se passava a oração para a passiva, pois essa era a forma de comprovar que «carro» era o maldito complemento directo:

O carro foi queimado pelo Juan.

Se a frase tivesse sentido, a porra do «carro» era o complemento directo.

Ficávamos a pensar, eu e os meus alunos, de quem seria o carro que o Juan queimara. Eu pensava no meu carro, que mataria o Juan se ele me queimasse o carro.

O complemento directo representava o proletariado da sintaxe, tinha de levar com tudo, tinha de levar com a acção do verbo.

Eu próprio fui muitas vezes um complemento directo, sempre a levar com o verbo, com a tirania do verbo, que é a violência da História.

Dava uma explicação marxista da sintaxe. Um marxismo cómico, mas ao menos morríamos a rir. Estou a ser injusto: o único aliado fiel da redenção social dos espanhóis desfavorecidos é o professorado. Tive lá amigos insuperáveis. Vi professores excelentes, mas o sistema educativo está a agonizar; era isso, na realidade, o que queria dizer, que o sistema educativo já não funciona porque ficou encalhado no tempo.

Recordo tudo isto neste instante, e é de noite, uma noite que se precipita para a madrugada, e há em mim uma certa euforia e penso numa garrafa de uísque que está na cozinha.

Não posso voltar a beber.

A minha mãe levantava-se sempre cedo no Verão para comer fruta. É como se estivesse a vê-la.

«Agora é a melhor altura», dizia.

Comia peras de San Juan, alperces, cerejas e melancia.

Gostava da fruta do Verão.

Madrugava para sentir a frescura da manhã, naquele apartamento de Barbastro em que fazia muito calor no Verão e muito frio no Inverno, porque estava mal isolado, porque foi mal feito. Onde estarão os pedreiros que o fizeram? Estarão mortos. E, no entanto, consigo ainda ouvi-los, ouvir as suas vozes enquanto trabalham, enquanto levam-tam tabiques, enquanto deitam cimento, enquanto se penduram nos andaimes a fumar um cigarro escuro.

Passou quarenta Verões a levantar-se cedo, para desfrutar da frescura das manhãs. Mantinha uma cumplicidade com essas manhãs de Verão. Às sete e um quarto da manhã, era essa a hora cimeira. Ela representava a alegria do Verão, dessas manhãs em que eu só tinha onze ou doze anos e não conhecia as devastações da insónia e podia levantar-me com ela às sete da manhã e depois voltar à cama até às nove.

E volta a voz, e diz-me: «Faz um pacto comigo, queres continuar a vê-la? Queres vê-la no presente em que estás? Ah, camarada, essas grandes correntes do tempo, tudo isso que se vai embora, tornaste-te especialista nas coisas que se perdem, passas a vida a pensar na tua mãe morta e no teu pai morto, como se não quisesses passar para outro espaço da experiência humana, não queres passar porque justamente a verdade vive entre os mortos e fá-lo de uma forma luminosa, não de uma forma triste ou lamentável ou patética, mas com uma declarada alegria até, como uma conclusão repleta de júbilo que encerra cânticos, sóis, árvores, e fruta no Verão, muita fruta no Verão que a tua mãe morde neste momento, repara, lá está ela, é o dia 24 de Junho de 1971 e está a morder uma fatia de melancia e são sete e um quarto da manhã e tu estás convencido de que a morte não existe, de que só existem a imortalidade e a canção do Verão, estás a viver o escândalo da transitoriedade de tudo, porque tudo é transitório, e isso é algo

que não suportas.»

Sim, a canção do Verão, desde finais dos anos sessenta, colou-se-me à pele.

A minha mãe adorava a canção do Verão e as batatas fritas de pacote. Que felizes éramos então.

Já não existem os pacotes de batatas fritas da marca *Matutano*; julgo que agora se chamam de outra forma. O meu pai pedia sempre essa marca quando estávamos nos bares.

«Traga as batatas da *Matutano*», dizia ao empregado com um sorriso tranquilo.

Depara-se-me uma fotografia, de meados dos anos setenta.

Éramos crianças na neve, a ouvir as indicações de um monitor de esqui, a tentar aprender a deslizar pela ladeira, ao lado das montanhas inertes, com o frio na cara. Com os nossos equipamentos de esqui, que eram equipamentos económicos. Eu estava com um impermeável.

O impermeável era amarelo. As pessoas ricas tinham anoraques, os impermeáveis eram roupa de gente mais humilde. Quase morro de raiva por não ter um anoraque como os ricos.

Uma criança na neve com o impermeável amarelo.



De todos aqueles que presenciaram o nascimento de uma estância de esqui alpino chamada Cerler no ano de 1972, uns quantos envelheceram, e muitos outros já morreram.

A estância de esqui de Cerler foi construída na aldeia homónima, situada

nos montes Pirenéus da província de Huesca, que é uma província desconhecida em Espanha, e no mundo nem se fala. Estávamos espantados perante aquelas telecadeiras verdes que atravessavam as montanhas elevadas por cima dos pinheiros altos, por cima das falésias de pedra escura. E a neve forte, a descer sobre as torres eléctricas, a electricidade, os esquiadores com os seus equipamentos modernos, os novíssimos esquis de fibra, as fixações automáticas, os hotéis, o turismo nascente, os automóveis estacionados no sopé das montanhas, os recém-inventados porta-esquis nos tejadilhos dos automóveis. Os esquis de madeira tinham os dias contados.

Tudo era uma indústria incipiente.

Tudo estava a melhorar no mundo; a ideia de melhorar é um nervo da História, é alegria universal. A melhoria descia sobre o último quarto do século xx como uma via para a felicidade e para a plenitude. E era verdade, tudo estava a melhorar: melhoravam os automóveis, melhoravam as comunicações, melhorava a justiça social, melhorava o ensino, a medicina, a universidade, alargava-se o aquecimento central a todas as habitações, melhoravam as discotecas, os bares, o vinho espanhol, e melhorava a tecnologia dos esquis de montanha.

E não haveria mais fracturas de ossos, apregoavam os monitores de esqui, embora tivesse continuado a haver pernas partidas. O advento das fixações automáticas não é celebrado em nenhuma igreja, e todavia eu lembro-me desse facto espantoso, desse avanço.

Sim, e hoje ainda, com as fixações mais tecnologicamente avançadas da Terra, continua a haver fracturas, porque a neve e as montanhas cobram em ossos partidos. Esses nomes lendários da indústria incipiente das fixações de esqui dos anos setenta: Marker, Look, Tyrolia, Salomon. A fixação tem no esqui alpino uma incumbência transcendental: encarrega-se de manter o pé do esquiador unido ao esqui. Havia nas fixações uma combustão mística: não nos deixavam cair, mantinham-nos unidos às montanhas, mantinham-nos ao lado das montanhas, numa dança com as montanhas.

Seguravam-nos, era o que as fixações faziam. Davam-nos gravidade, raízes. Mantinham-nos de pé, impediam que caíssemos no abismo.

Continuei a subir para esquiar em Cerler, mas há algum tempo que não

vou lá. Não posso dar-me ao luxo. Esquiar ficou para os ricos.

Olho-me ao espelho dos lavabos das cafetarias da estância de esqui de Cerler, a mil e oitocentos metros de altitude, e vejo o meu pai.

«Olá, papá, continuo a esquiar, como quando era pequeno.»

O sol brilha na véspera de Natal sobre Cerler.

Subíamos para esquiar com o teu *Seat 1430*.

Instalaste-lhe um porta-esquis. Quanto te custou?

Pouco depois, vimos nascer um hotel de luxo ao pé das pistas. Chamava-se e chama-se Hotel Monte Alba, mas nunca ficámos lá alojados.

Depois as coisas correram-te mal, e já não voltámos a subir para esquiar em Cerler.

Apanho a neve na minha mão, e apanho as tuas cinzas. E assim haverá de ser sempre, até que tudo se dissipe e as montanhas elanguagesçam.

Continuei a subir para esquiar, mas já não era como na infância. Cada vez subia menos, cada vez era mais caro. Era preciso poupar seis meses para esquiar dois dias. Para além disso, o meu corpo já não aguenta tanto esforço físico.

Casaram-se a 1 de Janeiro de 1960.

Ficaram-me muito poucas coisas materiais deles, poucas gravitações da matéria, como as fotografias. Fotografias, pouquíssimas. Um dos dois tratou de apagar qualquer marca, qualquer alcance futuro das suas vidas, talvez não de forma premeditada. Nenhum dos dois pensou no meu futuro, no qual estou agora a recordá-los, onde estou sozinho.

Deparou-se-me esta fotografia:





Nunca a vira. A minha mãe tinha-a escondida. O engraçado é que eu julgava conhecer todos os recantos do apartamento da minha mãe, apartamento que foi também a minha casa. Julgava conhecer todas as gavetas, mas é óbvio que não era assim. De maneira que a minha mãe escondia fotografias que nem o meu pai sabia que existiam. O grau de inconsciência dos meus pais sobre as suas próprias vidas parece-me um enigma. É ainda mais enigmático que seja eu, tendo eles morrido, quem está a tentar saber quem foram. O grau de omissão das suas próprias vidas parece-me arte.

Foram dois Rimbauds, eles, os meus pais: não queriam a memória, não se pensaram a si mesmos. Foram despercebidos, mas engendraram-me a mim, e mandaram-me para a escola e aprendi a escrever, e agora escrevo as suas vidas; descuidaram-se nessa parte, deveriam ter-me abandonado no meio do mais revolucionário e radical e inapelável analfabetismo.

O facto de jamais poder voltar a falar com eles parece-me o acontecimento mais espectacular do universo, um facto incompreensível, do mesmo tamanho do mistério da origem da vida inteligente. O terem partido mantém-me acordado. Tudo é irreal ou inexacto ou escorregadio ou vaporoso, desde que partiram.

As fotografias dão sempre a precisão da realidade; as fotografias são a arte do demónio. Toda a cristandade mataria para ter uma fotografia de Jesus Cristo. Se tivéssemos uma fotografia de Jesus Cristo, voltaríamos a acreditar na ressurreição dos mortos.

Ocultaram o seu casamento, não sei porquê e nunca virei a saber. Sei que se casaram a 1 de Janeiro de 1960 pelo livro de família, que também estava

escondido. Não sei como eram as pessoas nessa altura, em 1960. Poderia ver documentários ou filmes da época. Não vejo nenhuma relação entre a minha pessoa actual e esta fotografia dos meus pais a dançar.

Deve ter sido uma noite excelente.

Do casamento dos meus pais a 1 de Janeiro de 1960 não existe nenhuma fotografia sobre o planeta Terra. Tiraram alguma fotografia? Toda a gente guarda uma fotografia do seu casamento. Os meus pais, não. Se alguma fotografia houve, a minha mãe rasgou-a. Porquê? Por estilo, porque os dois tinham estilo.

Ninguém que tenha estado nesse casamento continua de pé sobre a terra; estão todos debaixo da terra.

Foram em viagem de núpcias para a povoação francesa de Lourdes. Nunca me deram muitos pormenores dessa viagem. O meu pai já tinha o seu *Seat 600*. Imagino muitas vezes essa viagem. Tiveram de atravessar a fronteira; tê-lo-ão feito pelo Portalet, embora, sendo Inverno — o Inverno de 1960 —, o porto estivesse nevado. Não sei como fez o meu pai para atravessar esse porto com um *Seat 600*. Quando sigo com o meu carro pelas estradas francesas de montanha que vão dar a Lourdes, lembro-me sempre.

«Andaram por aqui», digo.

Digo-o a ninguém.

Nunca deixo de tocar essas sombras. Esses fantasmas. Onde terão ficado alojados? Ia para perguntar ao meu pai e não posso fazê-lo. Parece uma parvoíce, dizes: «Ah, tenho de perguntar isto ao meu pai, ele há-de saber.» E acontece que o teu pai está morto há nove anos. De maneira que nunca hei-de saber onde ficaram alojados nessa insólita cidade de Lourdes. É uma cidade de aleijados, de milagres, de virgens e santas, e é ao mesmo tempo uma cidade de fértil vegetação, tudo muito verde e frondoso.

Por que terão ido lá na viagem de núpcias?

Poderiam ter ido a Barcelona. Ou a Madrid. Ou a San Sebastián. A Paris, impossível, não havia dinheiro. Que estranha escolha, que já ninguém poderá esclarecer-me. Quem quer que tenha estado nessa cidade reconhecerá que é um local inesquecível, messiânico, litúrgico, esotérico, louco. Como é que não perguntei, enquanto podia, porque é que escolheram

para viagem de núpcias essa cidade onde a Virgem Maria apareceu dezoito vezes à pastora Bernadette Soubirous? A resposta é óbvia: não perguntei enquanto podia porque pensei um dia destes hei-de perguntar, como se fossem estar lá para sempre. Talvez me desagradasse perguntar-lhes por essa viagem, parece algo deveras pessoal. Enfim, seja como for, a única coisa óbvia é que, se tiveres de perguntar algo a alguém, fá-lo logo.

Não esperes por amanhã, porque o amanhã é dos mortos.

Se voltasse a ter outra oportunidade, também não conseguiria perguntar-lhes o que quer que fosse sobre a sua viagem de núpcias. Não perguntei na altura porque sabia que não queriam falar disso.

Posso imaginar por que não quereriam falar disso. Não gostavam da palavra «casamento», era isso que lhes acontecia, na realidade. Uma coisa, simplesmente, instintiva.

O dia 1 de Janeiro transformou-se numa data importante em nossa casa, na minha infância, mas os meus pais nunca chegavam a dizer porquê. O meu pai disse: «É o nosso santo», e essa foi a única explicação. No dia 1 de Janeiro festejávamos o santo de Manuel, pois chamávamo-nos os dois assim. Com um efeito de saturação e de pensamento mágico, o Valdi, o meu segundo filho, viria a nascer num 1 de Janeiro. Há trezentos e sessenta e cinco dias no calendário, pois bem, o Valdi foi nascer no mesmo dia em que os seus avós se casaram. Terá sido por acaso? Se o acaso for amor, então foi.

Vinham lá a casa amigos dos meus pais todos os primeiros de Janeiro, ali por 1965, 1966, 1967, até meados e quase finais dos anos setenta. Depois houve mudanças. Mudaram de amigos. E nos anos oitenta vinha outro tipo de amigos. Eu intuí que essas mudanças não eram boas. No princípio dos noventa deixou de aparecer gente, a celebração reduziu-se ao âmbito familiar.

Eu ficava muito feliz nesse dia, não sabia muito bem o que se comemorava. O meu pai estava sempre feliz no dia 1 de Janeiro. Pergunto-me pelos amigos que vieram vê-lo durante trinta anos.

E que depois deixaram de vir.

E aquelas paredes abauladas daquele apartamento que com muita sorte estará remodelado são as únicas testemunhas.

Que é feito do Ramiro Cruz, que era o primeiro a te-lefonar ali por 1968. Que é feito do Esteban Santos. Que é feito do Armando Cancer. Que é feito do José María Gabás. Que é feito do Ernesto Gil. Foram morrendo.

Eu aprendia de cor os nomes dos amigos do meu pai porque no meu cérebro de criança todos eram heróis. Se eram amigos do meu pai, é porque eram como ele. Portanto, eram os melhores homens do mundo.

Marcavam este número: 310439. Porque na altura não era preciso colocar o prefixo, isso demoraria ainda a chegar.

Ele gostava muito que o Ernesto Gil lhe ligasse, porque foi presidente da Câmara de Barbastro. Gostava que o presidente lhe ligasse para o felicitar pelo Ano Novo e pelo santo.

Lembro-me de como o meu pai atendia o telefone, ainda de roupão. Ligavam cedo. Para mim eram telefonemas inquietantes, porque oscilavam entre a solenidade e o mistério.

O meu casamento unia-me de uma forma racional ou social ou dedutiva ou coerente aos meus pais, mas após o meu divórcio, que coincidiu com a morte da minha mãe, a última testemunha, desencadeou-se uma nova relação com a vida dos meus pais. O meu divórcio reorientou a minha relação com os meus pais mortos. Veio para ficar uma relação fantasmal, plena de enigmas e de clarividência.

Vieram os espíritos. O meu pai é o que mais vem, dei-ta-se ao meu lado e toca-me na mão.

E fica ali, carbonizado.

«Porque é que mandaste queimar-me, filho?»

Também eu, dentro de pouco tempo, serei um pai morto e mandarão queimar-me. E o Valdi e o Bra ver-me-ão como a um morto.

É um erro pensar que os mortos são algo triste ou desanimador ou depressivo; não, os mortos são a intempérie do passado a chegar ao presente através de um uivo apaixonado.

Creio nos mortos porque eles me amaram muito mais do que os vivos de hoje.

Nunca disseram o que acontecera no dia 1 de Janeiro. Nunca disseram: «Casámo-nos neste dia.» Quando o descobri por acaso, pelo livro de família, fiquei fascinado. Compreendi tudo então.

O nome do meu pai ainda figura na Internet, num antigo *site* de vendedores. Poderá existir algum ser humano que consulte esse *site*? É impossível a extinção total a curto prazo, há que esperar décadas, séculos até. Alguma empresa ou particular poderá ainda ligar a contratar os seus serviços. Após dez anos morto, ainda se oferecem os seus serviços na Internet como vendedor no activo. A Internet aposta na imortalidade, é a aposta mais firme na imortalidade a que podem aceder os seres humanos.

De vez em quando, entro nesse *site* e fico a olhar para o nome do meu pai e para o número de telefone que o acompanha.

Alguém devia apagá-lo. Ou melhor ainda: alguém de-via pôr o número do meu telemóvel ao lado, para que, se não atenderem no fixo, me liguem a mim, e a chamada não se perca.

Que não se perca a chamada que espera encontrar um vivo onde há um morto. Que não se desvaneça essa fé.

Marco muitas vezes o número: 974310439. Este número é uma liturgia.

Pensei muitas vezes em tatuar este número no braço, e acabarei por fazê-lo.

Não quero morrer sem este número tatuado no meu braço, para que a morte o coma.

Este número: 974310439.

Não me importa expor a vida do meu pai. Embora em Espanha ninguém queira expor nada. Ficar-nos-ia muito bem escrever sobre as nossas famílias, sem ficção alguma, sem romances. Contando apenas o que aconteceu, ou o que achamos que aconteceu. As pessoas escondem a vida dos seus progenitores. Quando conheço uma pessoa, pergunto-lhe sempre pelos pais, isto é, pela vontade que trouxe aquela pessoa ao mundo.

Gosto muito que os amigos me contem a vida dos seus pais. De repente, sou todo ouvidos. Consigo vê-los. Consigo ver esses pais, a lutarem pelos filhos.

Essa luta é a coisa mais bonita do mundo. Meu Deus, como é bonita.

Um dia no Verão do ano 2003 os médicos quiseram falar com a minha mãe e comigo.

Não queriam que o meu pai estivesse presente.

O médico indicou-nos duas cadeiras para que nos sentássemos. Disse-nos à queima-roupa que o meu pai tinha cancro do cólon com muito mau aspecto, e que nos fôssemos habituando à ideia. Era um oncologista no qual se notava bastante que trazia aqueles momentos ensaiados, os momentos da transmissão da ideia da morte que se aproxima, os momentos da devastação. Impressionou-me aquela atitude, porque de certa forma aquele homem estava a gostar daquilo, não de maneira imoral, e não porque lhe desse prazer a transmissão da contundência da morte ou a divulgação da catástrofe, mas porque achava que estava a fazer bem o seu trabalho. Era como se trouxesse na cabeça um laboratório de palavras sobre a propagação de notícias decisivas. E teria realizado todo o género de provas, teria ensaiado com toda a espécie de palavras. Trazia na sua cabeça a articulação verbal do decisivo, mas não era um poeta, era mais um alienado neste mundo de inesgotáveis seres que se vão gastando em vão.

O meu pai morreu dois anos e uns meses após o médico ter decretado essa estúpida sentença. Embora ache que o meu pai morreu por o vaticínio daquele oncologista lhe ter parecido uma ideia interessante e para não o expor ao ridículo, por cortesia laboral com aquele tipo.

A estupidez do oncologista pareceu ao meu pai um poleiro fortuito com que sair deste mundo a convite de alguém.

Não acredito nos médicos, mas nas palavras. Não acredito que os médicos saibam muito acerca do que somos, porque desconhecem o mundo das palavras. Acredito, sim, nas drogas. A ciência moderna delegou nos médicos a autoridade sobre a catalogação e prescrição das drogas. A medicina vale se administrar drogas. Ou seja, se administrar aquilo que mata. As drogas são a natureza, estavam lá desde sempre. Não nos deixam tomá-las a nosso bel-prazer.

Houve um silêncio, e voltei a olhar para o oncologista. Enquanto a minha mãe lhe perguntava qualquer coisa, senti de repente mais pena da vida do

oncologista do que da do meu pai.

Pareceu-me mais deprimente a vida daquele homem do que a notícia da doença do meu pai.

Nunca dissemos nada ao meu pai, nem ele perguntou. O meu pai decidiu desprezar a sua doença. Julgo que foi uma atitude mística. Limitou-se a guardar silêncio.

Foi operado várias vezes, e guardou silêncio. Era como se não lhe importasse que entrassem no seu corpo para levarem a cabo tarefas imprecisas, protocolares, apáticas. Não lhe importava que os cirurgiões visitassem os seus órgãos internos e dessem assim cumprimento à sua jornada laboral, tão escrupulosamente acordada e delimitada pelos sindicatos e pela administração.

Enquanto os médicos cobravam o seu ordenado mensal, o meu pai ia morrendo. Havia menos alienação na morte do meu pai do que no ordenado desses seres insignificantes.

Ele gostava de ver televisão. Julgo que terá papado milhões de horas diante do televisor. Assisti à evolução da tecnologia dos aparelhos de televisão. Comprar um televisor nos anos sessenta e setenta do século passado era um acto transcendental e proporcionava alegria e medo.

Lembro-me do primeiro televisor que entrou em minha casa. Quando era pequeno, lembro-me do meu pai a ver com fervor aquele concurso da década de setenta que se chamava *Um, Dois, Três*. O meu pai era viciado nesse programa, onde os concorrentes tinham de responder a perguntas inesperadas, sob o mantra «um, dois, três... diga lá outra vez».

O meu pai respondia com os concorrentes, e costumava ser ele a ganhar.

Poderia ter ido a esse concurso.

Nunca o fez.

Deve ter pensado que teria de apanhar um autocarro; não gostava de autocarros, nem de comboios. Só gostava do seu carro, porque o seu carro era uma emanção de si mesmo. O seu carro era ele. Por isso o deixava à sombra nos Verões tórridos, porque o meu pai não gostava de estar ao sol.

Eu abominava aquele concurso, mas dava à sexta-feira, e estávamos todos relaxados. No dia seguinte não era preciso ir à escola.

Não sei como poderias gostar desse programa, era horrível, hás-de saber que eu não gostava nada, aquelas perguntas parvas, só me resta o consolo de todos os concorrentes e todos os apresentadores e os produtores e as assistentes daquela imensa bosta de programa irem morrendo, não podes sequer imaginar o que eu sofria perante aquela foleirada na televisão, e tu ali, a responder com aqueles seres humanos reduzidos a um sorriso amarelo. Acho que mostravam uma Espanha subdesenvolvida. Enfim, o teu filho já estava noutra ordem da história de Espanha. Ainda bem que tudo não passa agora de um fantasma. Morreram os apresentadores, foram morrendo quase todos. O alívio e a purificação da morte para aqueles cujos rostos a televisão capturou: humoristas, cantores, apresentadores, todos esses rostos teimosamente espanhóis. Porque a única maneira de vencer a vulgaridade em Espanha é através da morte. Consigo imaginar fotografias, envoltas em molduras de luxo aparente, desses concorrentes nas paredes das suas casas;

fotografias a passarem de pais para filhos, são a mamã e o papá no *Um, Dois, Três*, a mamã e o papá foram concorrentes em 1977 com o Kiko Ledgard. Lembram-se do Kiko Ledgard?

Onde estará enterrado o Kiko Ledgard, esse apresentador lendário da televisão espanhola de meados da década de setenta? Teve filhos? Os seus filhos lembram-se dele? Eu e o meu pai víamo-lo todas as sextas-feiras. Bom, na realidade eu olhava para a forma como o meu pai olhava para ele. Recordo que o Kiko Ledgard tinha vários relógios em ambos os pulsos, por superstição.

Hão-de estar algures esses relógios, eram bons.

No entanto, papá, agora vou a uma coisa que se chama YouTube e procuro esses programas da televisão espanhola dos anos setenta e vejo-os com uma nostalgia e um amor indizíveis, pois eram os teus programas. Não é verdade que tenha odiado esses programas, apenas gostaria que me tivesses dado a mão e tivéssemos ido passear para a rua, que tivesses estado comigo em vez de estares com eles, com os apresentadores da televisão espanhola, com os quais eu estou agora, num ecrã de computador, viciado na tecnologia, viciado em ti, viciado no YouTube. Viciado no passado.

Sonho que tu, a mamã e eu vamos vestidos de gala, com roupa de marca, com sapatos brilhantes, e que estão à nossa espera no melhor restaurante de Paris, com vista para o Sena.

Sonho que rimos e bebemos champanhe e comemos caviar e *escargots* e que a mamã acende um cigarro com um isqueiro *Dupont* de ouro que tu acabaste de lhe oferecer.

Sonho que somos ricos.

Sonho que contas piadas em francês, sonho que estamos em 1974, e que o mundo é nosso.

Sonho que nunca vimos televisão.

Sonho que andávamos sempre a viajar, uma noite em Paris, outra em Nova Iorque, uns dias em Moscovo, outros em Buenos Aires, ou em Roma, ou em Lisboa.

Sonho com o domínio do mundo.

Sonho com jantares a três nos melhores restaurantes do mundo. E

contamos piadas em todas as línguas: em russo, em inglês, em italiano, em português.

Sonho que compres uma mansão perto de Lisboa. Sonho que estamos os três juntos a olhar para o Atlântico.

Porque sei o quanto amavas a vida.

Os anos foram passando, e o meu pai, já em finais dos anos noventa, tornou-se viciado em programas de culinária. Passava horas a ver como os cozinheiros faziam pastéis ou bacalhau ou paelhas na televisão. Punha um roupão verde muito fino que tinha, um roupão de seda, colocava os óculos e sentava-se à frente do televisor para ver programas de culinária.

Parecia um anjo, o meu pai; um anjo risonho, a contemplar a organização gastronómica da realidade.

Parecia um enviado cuja missão era santificar a comida com o sentido da visão.

Não havia nenhum enredo naqueles programas, ou o enredo era simplesmente como cozinhar uma pescada à maiorquina. Acho que o que na realidade o fascinava era a atribuição geográfica das receitas da cozinha espanhola. O facto de cada prato ser cozinhado segundo se fazia em determinado local. Talvez no fundo se imaginasse a viver em Maiorca, ou em Bilbao, ou em Madrid e a comer uma pescada, um bacalhau ou um cozido. Ele sabia cozinhar e sabia como se faziam todos aqueles pratos, o que gostava era de ver como os outros cozinham.

Gostava de ver a alegria criada por alguém que está a cozinhar. Porque existe uma proposta de futuro em alguém que está a cozinhar. Tudo irá ser, tudo se prepara para a posteridade, embora seja uma posteridade de daí a quinze minutos.

Um dia deixou de se preocupar com o seu carro, um *Seat Málaga* antigo. Sempre se angustiara obsessivamente com o seu carro, com cuidar dele, com tê-lo sempre em perfeito estado. Abandonou-o numa garagem e deixou de conduzir. Fui eu próprio ver o carro, e estava cheio de pó.

Disse-lhe: «Papá, o carro está cheio de pó.»

Olhou para mim, e parecia que isto sim lhe causava moossa.

«Era um bom carro, faz o que quiseres com ele», disse.

Ao desligar-se do seu carro, percebi que o meu pai ia morrer em breve; percebi que aquilo era o fim.

Foi um dos momentos mais tristes da minha vida, o meu pai estava a dizer-me adeus por interposta máquina.

Em vez de me dizer «temos de falar, isto está para acabar», disse-me «era um bom carro». Meu Deus, que maravilha. Viesse de onde viesse o espírito do meu pai, estava tocado pelo dom da elegância, pelo dom do inesperado, pela ingénua originalidade.

Pelo estilo.

Sentei-me numa cadeira da cozinha, e fiquei a olhar para ele. Fiquei muito nervoso. Muito angustiado. Só eu em todo o universo sabia o que significavam aquelas palavras, «faz o que quiseres com ele».

Estava a dizer-me algo devastador: «Faz o que quiseres comigo, não percebo o teu amor.»

Não percebo o teu amor.

Não te amei o suficiente, nem tu a mim.

Fomos malditamente iguais.

Fui ver o carro dele. Respirava-se em todo o carro o vento espiritual do meu pai. As suas mãos grandes no volante, os seus óculos, a bagageira vazia, a manta dentro da bagageira para proteger a bagageira sabe-se lá do quê (e obviamente o meu carro também tem uma manta na bagageira para proteger a bagageira sabe-se lá do quê), o porta-luvas com os documentos em ordem. O meu pai soube ver a ligação mística da classe média-baixa espanhola com os automóveis que essa classe média-baixa logrou possuir.

Era uma mística industrial e política: uma irmandade ancestral de chapa e pintura com carne e sangue.

A sua forma de partir deste mundo parece-me de uma arte superior. Partiu com uma descrição admirável.

Tanto lhe fazia a morte, não a considerava. Deu-lhe pena o carro. Deve tê-lo assustado que aquilo que tinha sido motivo de preocupação constante ao longo da sua vida — e, portanto, cimento e sentido dessa vida — já não importasse. Era uma mudança radical.

Iam morrer ao mesmo tempo, o seu carro e ele.

No dia em que abandonou o seu carro, senti um aperto no coração.

Eu sabia o significado que o carro tinha para ele. Era um pouco de raízes materiais no mundo, uma propriedade. A alma do meu pai vinha de muito longe no tempo, da velha noite planetária, alma de homens sem raízes — homens vivos ou mortos, ia dar ao mesmo —, era daí que vinha a alma do meu pai; almas que não se enraizavam, que eram de uma beleza extrema e de uma volatilidade extrema.

Tornámo-nos invisíveis perante o meu pai.

A minha mãe teve ataques de pânico.

Tinha medo das fases finais da doença.

Éramos uma família catastrófica e, ao mesmo tempo, possuíamos a nossa originalidade.

Íamos e vínhamos dos hospitais.

Não falávamos.

Não entendo o que aconteceu. Julgo que tive uma grande responsabilidade. Havia uma insatisfação em mim que me impedia de tratar

de tudo aquilo. Tinha ataques depressivos nos hospitais. Não suportava aquilo.

A minha vida corria mal e a vida do meu pai corria para o fim.

Deitávamos as culpas para cima uns dos outros. O meu pai para cima da minha mãe. A minha mãe para cima de mim. Eu para cima do meu pai. O meu pai para cima de mim. A minha mãe para cima de mim, etecetera. Era uma espécie de embrulhada de insatisfação e culpas.

Não tivemos um minuto de descanso sequer.

Na realidade, aconteceu algo de sobrenatural na minha família: nunca ninguém disse: «Somos uma família.» Não sabíamos o que éramos. Por isso, gostaria de recordar agora uma véspera de Natal terrífica de há quase meio século, terá sido em 67 ou em 68. O meu pai irritou-se imenso com algo relacionado com a preparação do jantar, algo que não estava do seu agrado.

Partiu os pratos.

Teve um ataque de ira, espatifou os pratos contra a parede, contra o chão, como nos filmes.

Fomos dormir.

Não houve consoada nem nada. Tudo isso se foi gravando na mente da minha família, até nos envolver numa atmosfera de tristeza inconfessável.

Escolheu a consoada para escaqueirar os pratos.

Eu não sabia o que estava a acontecer. Só vi os pratos a voar. De repente, os pratos deixaram de estar em cima da mesa.

Supunha-se que fosse a consoada, porra, e que isso fosse a coisa mais respeitável numa família. Nunca perguntei por essa cena, e deveria tê-lo feito, talvez assim tivesse entendido algo relacionado com a minha família e, portanto, relacionado com o meu futuro.

Como haveria de perguntar por essa cena, se ela se precipitou para o inominável, para o fantasmagórico, se quis apagá-la, destituí-la, se quase o consegui, ao acrescentar-lhe milhares de gotas de inverosimilhança, as gotas das minhas lágrimas, do meu abalo, como esse outro abalo rígido e sórdido que me causou o sacerdote G. ao entrar numa sala repleta de luz.

Como é bem sabido, aquilo que testemunhámos em crianças determina a nossa vida posterior. No entanto, e a minha contribuição é esta, isso não acontece sob nenhuma ordem sociológica ou política, mas por uma atávica decantação do sangue; e, no meu caso, a partir da ciência pesada da bênção do nosso destino, porque ter um destino é uma bênção.

A maioria dos homens não tem destino.

E é fascinante que o passado cultive um destino nos vazios mecânicos da minha respiração. Porque a maioria dos homens e das mulheres não têm

história. Possuíram vidas sem história. E isso é encantador também. E, ao fim e ao cabo, o planeta Terra é um cemitério geral de milhões de seres humanos que estiveram cá e carecem de história, e, se carecemos de história, há que perguntar então se alguma vez estivemos vivos.

Arrumam-se as estações e as décadas, arrumam-se a mão e o dente corrompido, desarrumam-se os restos ósseos dos enforcados e no final só resta pensar na *detestabilidade* de Deus.

Um Deus detestável e de cujo aborrecimento brotou a odisseia dos homens.

Um filho não deve assistir ao momento em que a sua mãe se transforma numa criança pequena.

Acho que a minha mãe desatou a chorar naquela fatídica consoada. A minha mãe, que, quando vinham tempestades, se fechava na despensa da cozinha. A minha mãe, horrorizada com as tempestades. Abria-se a despensa da cozinha, que parecia um caixão, e lá estava a minha mãe. Se há uma tempestade, onde é que está a minha mãe? A minha mãe desaparecia. A minha mãe fugia do mundo quando ao mundo chegavam os trovões e os raios e a chuva descomunal.

Escondia-se na despensa da cozinha, e foi essa a sua juventude: fugir das tempestades.

E eu achava que era um jogo, abria a porta da despensa e lá estava ela, rígida, jovem, como uma estátua, paralisada. Mas o seu rosto jovem desvaneceu-se da minha memória, e só consigo recordar a velha decrepita em que se transformou, para seu horror mais do que para meu. Foi uma testemunha responsável do seu próprio horror. Por isso tinha a constituição de um anjo; só os anjos são capazes de não se perdoarem o horror da decrepitude.

A decrepitude não pode ser perdoada. É *detestabilidade* e fracasso. A consciência da decrepitude, é disso que falo. Quanto maior a consciência que temos da nossa decrepitude, mais nos aproximamos da *detestabilidade* de Deus.

A minha mãe era um anjo. Viu a sua decrepitude e rejeitou-a, e tornou-se então uma mártir, mas em tudo isso apenas palpitava o seu serviço à vida. Não suportava os espelhos, e eu também não. Os espelhos são para os jovens. Se respeitarmos a beleza, não podemos respeitar o nosso envelhecimento.

Já não há despensas nas cozinhas dos actuais apartamentos espanhóis. Mas estava a esquecer-me de uma divisão essencial da casa dos meus pais; era uma divisão cega a que chamavam «o roupeiro». Ficava ao fundo do corredor. Custava sempre a entrar, porque a porta empenava. Lá dentro estavam guardadas as malas de trabalho do meu pai, as malas onde estavam os mostruários dos fabricantes dos têxteis que ele vendia ao pequeno comércio das povoações de Huesca, Teruel e Lérida. E mais coisas, também

lá estavam guardadas roupas e objectos misteriosos. A entrada estava vedada a mim e ao meu irmão. Eu sei que a minha mãe escondia lá coisas relacionadas com o passado, coisas que não se atrevia a deitar fora, ainda que com o tempo as tivesse deitado todas fora. Nunca soube o que havia no roupeiro. Surgia por vezes nas conversas, em frases como «isto vai para o roupeiro» ou «vamos guardar isto se couber no roupeiro», mas era uma divisão estranha, esquinada, triangular, forrada a estrelas sobre um fundo de firmamento azul-escuro. Julgo que o papel de parede era o que mais me inquietava. Estava forrada porque em tempos toda a casa o esteve. A minha mãe foi mudando o desenho das paredes, optou pela pintura, pelo estuque, mas deixou o roupeiro tal como sempre estivera, desde 1960. De maneira que o roupeiro era uma viagem no tempo. As paredes forradas passaram de moda. O roupeiro conservou a sua parede forrada: estrelas no firmamento, e malas e roupa, e coisas invisíveis. E a minha mãe escondida quando vinham as tempestades, ou escondida no roupeiro ou escondida na despensa; julgo que apreciava muito mais a despensa, porque o roupeiro era um sítio perigoso; havia nele uma força obscura; eu adorava o roupeiro, condensava-se ali a gravitação dos meus pais. O *boom* das paredes forradas passou. Não ficavam mal aquelas paredes com papéis de todas as cores.

A minha mãe transformava-se numa menina e escondia-se, quando vinham as tempestades. Não apenas no roupeiro e na despensa, também debaixo da cama. Eu era uma criança que via a magia a dissolver a sua mãe do espaço e do tempo. De repente, a minha mãe não existia. E punha-me à procura dela pela casa enquanto as tempestades de Verão ampliavam o céu, transformavam o firmamento em mil pedaços de luz sólida. E éramos então um menino e uma menina com um parentesco indecifrável e quase maldito. Anda, anda esconder-te aqui com a mamã, dá a mão à mamã, o mundo é mau.

A nossa desventura era justificada.

Sempre pensei isso.

A nossa desventura foi arte de vanguarda.

É possível que fosse uma desventura genética, uma espécie de não saber viver. O meu pai teve bons momentos.

Quando foi eleito vereador nas primeiras autárquicas democráticas que houve em Espanha, esse foi um bom momento. O meu pai divertia-se com aquilo. Andava de bom humor. Foi no início dos anos oitenta. Eu vivia e estudava em Saragoça. Às vezes vinha ver-me a Saragoça, mas continuávamos a ser pobres. O meu pai não se deu bem com o dinheiro. Estávamos sempre mal de dinheiro. Tinha eu vinte anos quando me deram um prémio literário. E o dinheiro desse prémio ficou para a minha mãe, que o esbanjou por inteiro. Eram vinte mil pesetas de 1982. Gastou-as, e nunca me disse em quê. Foi ela quem as levantou, pois os responsáveis do prémio enviaram-me o dinheiro por vale postal para a morada familiar e não para Saragoça.

Julgo que as terá gastado no bingo. A minha mãe jogava bingo. Lembro-me de, com dezoito anos acabados de fazer, a minha mãe me levar ao bingo.

Os dois, o meu pai e a minha mãe, jogavam bingo. Algumas vezes saía-lhes. Iam todos os sábados. Em finais dos anos setenta, o jogo foi legalizado em Espanha. A minha mãe ficava maluca com o bingo. Lembro-me dela quando lhe faltava um número apenas para gritar bingo, a agitar o cartão de forma supersticiosa, a encomendar-se a não sei quem, a cacarejar palavras estranhas, invocações da sorte, a dar nomes aos números, como o da «menina bonita», e às vezes ganhava, sim. Mas, na maior parte das vezes, perdia. Dizia «jogamos cinco cartões e vamos embora», e os cinco cartões transformavam-se em cinquenta.

Não havia maneira de fazer dinheiro. E acho que isso é hereditário. Também eu sou pobre. Não tenho onde cair morto, o lado bom é que agora ninguém tem onde cair morto. E isso pode ser uma libertação. Oxalá os jovens procurem a vida errante, o caos, a instabilidade laboral e a liberdade. E a pobreza desenrascada, a pobreza moralmente desactivada, ou seja, a

pobreza em sociedade. É uma boa solução: a pobreza como fundamento colectivo; o não-ter conjunto.

O problema da pobreza é que acaba por se transformar em miséria, e a miséria é um estado moral.

A minha mãe não suportava o tédio da vida. Era por isso que ia às piscinas e aos rios, era por isso que ia ao bingo, era por isso que apanhava sol, era por isso que fumava.

O sol e ela, quase a mesma coisa.

Falei com a oncologista que tratou o meu pai nos seus últimos dias de vida. Foi uma conversa irritante e cruel. Era uma médica jovem, estava estressada. Achei que estaria a ser vítima de alguma situação laboral precária. De certeza que ganhava pouco. Os oncologistas têm uma série de moribundos a seu cargo e devem ganhar o mesmo que os obstetras, que têm uma incumbência profissional mais alegre, pois trazem bebés ao mundo. Partir do mundo e vir ao mundo, e o mesmo ordenado em ambos os casos.

Disse a essa mulher que tentasse que o meu pai não sofresse nos seus últimos momentos. Ela não entendeu bem o que eu estava a dizer-lhe. Achou que estava a propor-lhe a eutanásia ou algo assim, uma espécie de assassinio. Foi tudo um mar de confusões. Ficou chateada comigo; pouco me importou esse chateamento, parecia-me que estava a viver uma ficção, um delírio, uma peça de teatro não deste mundo. Mas certifiquei-me de que o meu pai não sofreria. Espero que alguém faça o mesmo por mim: certificar-se de que me drogam, de que me drogam até às orelhas. Passou um dia inteiro a agonizar. Eu via-o a agonizar. Ouvia-se uma respiração que parecia uma tempestade, um oceano de queixumes misteriosos e longos. O corpo estava consumido. Mas soava, o seu corpo produzia música. Os dedos dos pés tinham um aspecto religioso, como se de Cristo martirizado, como se de pintura espanhola do século XVII, pés deformados, mas em atitude de espera. Tudo era uma tentativa de respirar. E era uma tentativa inteligente. O meu pai fazia ruídos retumbantes, aziagos, catastróficos. A sua garganta parecia um ninho de milhões de pássaros amarelos, a fenderem as paredes do ar. O meu pai transformou-se no Barroco espanhol. Compreendi então o Barroco espanhol, que é uma arte severa de adoração da morte na medida em que a morte é a expressão mais conseguida do mistério da vida.

Depois de atingir a adolescência, com os seus rigores lamentáveis, recusei qualquer contacto físico tanto com o meu pai como com a minha mãe. Não gostava de tocar neles. Não é que não gostasse, não era isso. O que acontecia era que não criáramos essa tradição. Não forjámos esse rito. Dava-lhes a custo dois beijos protocolares. Menos ainda iria tocar no meu pai quando estava a morrer. Já disse que fomos uma família estranha; «disfuncional», dir-se-ia agora. Não acho que fosse nem bom nem mau.

O meu pai nem sequer foi ao enterro da sua mãe, minha avó, nem sequer fez um telefonema. E a minha mãe tratou de dinamitar a relação do meu pai com os seus irmãos, mas tanto faz. O meu pai dizia que a minha mãe lhe escondia os papéis. A forma de a minha mãe arrumar a casa era atirar para o lixo todos os papéis que via.

Recordo o meu pai a dar cabeçadas contra uma estante, por não encontrar o duplicado de uma venda que fizera. Gritavam frequentemente um com o outro, mas nunca se insultaram. O meu pai jamais insultou a minha mãe, jamais. Chateava-se simplesmente e ficava desesperado e batia em coisas, objectos, era a sua ira. A partir daí, sempre que eu passava ao lado da estante, olhava para ela com intensidade: o lugar onde o meu pai deu cabeçadas. E, naturalmente, no dia em que desmontei o apartamento, quando a minha mãe morreu, fiquei a olhar para a travessa da estante e acariciei-a pela última vez. Nem sequer era uma travessa de madeira nobre. Devia ser de chapa ou de melamina. Sempre achei que era de madeira, mas não, não era.

Esquecera esses gritos. Eu era pequeno, muito pequeno, eu era quase mínimo, mas a minha frágil inteligência entrava em acção e fabricava uma minúscula pergunta: porque é que a minha mãe não deixava em paz os papéis do meu pai?

A minha mãe estava cega, é essa a única razão. Mas era uma cegueira ferida. A minha mãe não entendia a importância dos papéis. Deitava tudo fora. Não guardava nada. Deitava-me fora as bandas desenhadas. Ao meu pai, os papéis. Comprava-me uma revista de banda desenhada e, passada uma semana, já a fizera desaparecer. Mas se já a leste para que é que a

queres, dizia. Também queria deitar fora os livros, mas descobriu que não tinha suficientes figuras e adornos baratos para pôr nas estantes e decidiu dar-lhes uma oportunidade. Foi assim que os livros se salvaram.

Mas não é uma recriminação. As pessoas são como são, e pronto. E, depois de mortas, vai dar tudo ao mesmo, porque todos os mortos foram grandes homens e mulheres; a morte conferiu-lhes um significado final digno e afortunado.

Porque a vida social e a familiar e a vida laboral e a vida sentimental vão dar ao mesmo, são uma invenção que se descobre com a morte. É por isso que escrevo assim. Porque em qualquer vida há um milhão de erros que constituíram essa mesma vida. Os erros são repetidos uma e outra vez. A infidelidade repete-se. Repete-se a traição. Repete-se a mentira. E não consta em parte alguma um registo das repetições. Contar o que aconteceu está bem, é um bom trabalho. Tentar contar o que aconteceu, claro. Talvez por isso me queime tanto por dentro a contemplação das fotografias familiares; porque a fotografia representa o que vimos sob a luz do Sol; o que estive sob o Sol e modelou, tal como a luz, as vidas dos homens e das mulheres; daí que a fotografia seja tão perturbadora, seja o mais perturbador que existe: fomos capazes de meter a luz dentro de um papel; os meus pais estiveram iluminados pela luz do Sol e essa luz continua naquelas folhas acartonadas, naqueles retratos gastos.

A luz, que foi condenada a descer do Sol e acabou a combater contra os corpos humanos, aqui na vida.

As fotografias dos meus pais, obstinadamente, afirmam que eles estiveram vivos num dado momento. Essa remota lembrança deles é mais importante do que o capitalismo presente, do que a geração de riqueza universal.

A minha mãe nunca gostou de dar dois beijos, nem de apertar a mão a ninguém. Não gostava de tocar nas pessoas. Acho que herdei isso. O que, bem vistas as coisas, pode ser um mandato genético para nos proteger das infecções que os outros transportam.

Quando o meu pai morreu, alguns parentes e amigos — não muitos — deram-lhe um beijo na testa.

Eu não o fiz.

Nem a minha mãe.

Percebi nesse instante que os meus filhos também não o fariam comigo. Essa cadeia da frieza no momento de tocar o corpo dos nossos progenitores, de onde virá? Há nessa frieza, nessa assepsia, um elevado grau de desumanidade, ou de medo, ou de cobardia, ou de egoísmo. É uma disposição genética. Os meus pais estiveram-se olímpicamente nas tintas para a morte dos seus pais — meus avós —, tal como os meus filhos se estarão olímpicamente nas tintas para a minha morte. E parece-me original.

Há nisso algo que nos envaidece.

Uma espécie de aristocracia do afastamento.

Eu não toquei no corpo do meu pai morto.

Nunca vi o seu tumor, nunca mo mostraram, nunca me deram a ver esse pedaço de carne que o mataria.

Teria gostado de o ter na mão, ter esse tumor na mão.

O que é um tumor cancerígeno?

É vento cansado, história geral do ar contaminado, porcária na alimentação, ou seja, outros tumores mais descomunais, de vacas e de porcos e de frangos e de pescadas e de borregos e de peixes-espada e de coelhos e de bois processados.

Já crescido, não me aproximava, não tocava no corpo dos meus pais, excepto os beijos protocolares que nos deixavam tão nervosos. Eram beijos onde chapinhava a baleia do diabo, uma espécie de incómodo mais antigo do que os mares.

Com que idade deixamos de andar de mão dada com a nossa mãe ou o nosso pai?

Lembro com ternura o esmero da minha mãe, pouco antes da sua morte, por continuar a andar com as unhas pintadas de vermelho; era algo que me comovia.

Ficava a olhar para a sua mão anciã, a arvorar ainda um sentido da beleza e da memória, com aquelas unhas de cabeleireiro. A coqueteria da minha mãe velha parecia-me delicada, amável. Queria mostrar-se diante dos outros com elegância, o que me parecia maravilhoso. Andar de unhas pintadas era um dom. Ainda assim, nunca lhe peguei na mão por vontade própria, excepto quando tinha de a ajudar a andar, nessa altura pegava-lhe de facto na mão.

Agradei tal obrigação, porque me permitia pegar-lhe na mão sem perder o pudor, a distância, o afastamento. Pegava-lhe na mão por obrigação facultativa, não por vontade.

E não peguei na mão do meu pai moribundo. Ninguém me ensinou a fazer isso. Dava-me pânico fazer isso, dava-me medo, um medo que ia agigantando a minha solidão. O medo de uma mão, que acabou por consentir a grande solidão em que vivo.

O cancro devorou-o, mas ele nunca pronunciou o nome da sua doença. Nunca falou do cancro nem da morte. Nunca ouvimos dos seus lábios a palavra «cancro». Parece-me fantástico que nunca tenha dito tal palavra.

Nem perguntou nem falou.

Era um anarquista profundo.

Nunca nos disse a quê ou a quem dedicava os seus pensamentos enquanto estava a morrer.

Foi um mistério que levou consigo.

Nem boa noite disse.

Foi-se desvanecendo, desvanecia-se a sua vida e a sua conversa desvanecia-se, era já silêncio. É possível um homem transformar-se em silêncio. O meu pai, que é agora silêncio, já antes era silêncio; como se soubesse que seria silêncio, decidiu ser silêncio antes da chegada do silêncio, dando assim uma lição ao silêncio, da qual o silêncio saiu tocado de música.

Fizera um pacto secreto e lânguido com o seu corpo, do qual nascia música.

A música de Johann Sebastian Bach, eis o que foi o meu pai.

Sei que a medicina do futuro permitirá aos moribundos dilatadas e complexas conversas com os tumores que os irão matar, assim que a medicina der um passo fundamental que hoje é quase inimaginável: assim que a medicina reparar que o corpo é um templo, uma construção espiritual da origem do cosmos, assim que a medicina for enfim inteligente. A medicina ainda não é inteligente, é ainda uma simples prática, simples constatação de factos. Tem de descobrir a beleza e a salgalhada imaterial de um tumor cancerígeno, porque num tumor cancerígeno também está a vontade de vida do corpo do homem que o traz dentro de si.

É essa a razão de o meu pai ter escolhido o silêncio. Não havia nada a dizer. A medicina estava vazia, a religião nunca existiu, e ele já abandonara o seu carro. Os seres humanos já estavam na invisibilidade, não tinha nada para nos dizer.

Não me disse nada.

Não me disse «adeus».

Não me disse «gosto muito de ti».

Não me disse «gostei muito de ti».

Como tal, calou-se.

E nesse silêncio estavam todas as palavras. Como num bumerangue metafísico, ardiam no seu silêncio as estrelas pintadas das paredes da divisão do roupeiro. Era eu então quem procurava a partir do quarto do hospital em que o meu pai estava prostrado um lugar onde me esconder, e esse lugar era o roupeiro com a sua breve parede forrada a estrelas.

O roupeiro foi o nosso *aleph*, o *aleph* da classe média-baixa espanhola surgida no pós-guerra. Os roupeiros foram a nossa toca especulativa.

O meu pai nunca me disse que gostava de mim, a minha mãe também não. E vejo nisso beleza. Sempre a vi, na medida em que tive de inventar que os meus pais gostavam de mim.

Talvez não tenham gostado de mim e este livro seja a ficção de um homem dorido. Mais do que dorido, assustado. Não dói que não gostem de nós, assusta ou aterroriza.

Acabamos por pensar que, se não gostam de nós, é porque existe alguma razão poderosa que justifique que não gostem de nós.

Se não gostam de nós, o fracasso é nosso.

A partir do momento em que me casei e formei outra família, deixaram de gostar de mim como gostavam de mim. E foram gostando cada vez menos de mim. Já não lutávamos pela vida na mesma facção.

O meu pai nunca me telefonava e a minha mãe a toda a hora, embora me telefonasse para ficar tranquila. Via o número dela, 974310439, no ecrã do meu telemóvel. Era perseguida por paranóias, as mesmas paranóias que fazem com que eu ligue ao Bra e ao Valdi, e eles se estejam nas tintas para atender o telefone. A minha santa mãe tinha tendência para a paranóia: em finais dos anos sessenta, recordo-a atemorizada sempre que o meu pai tinha de trabalhar, porque trabalhar, no caso do meu pai, era viajar. Ela receava que ele tivesse um acidente na estrada. Como tal, o telefone transformou-se num instrumento com poderes oraculares. Assustava-a um telefonema. A minha mãe odiava as viagens longas, em especial quando o meu pai tinha de ir fazer vendas a Teruel, a viagem mais longa era essa. Passava a semana inteira fora, a dormir em estalagens, a vender têxtil catalão aos alfaiates daquelas terras de Teruel. Talvez o meu pai se transformasse noutro homem nessas viagens de cinco dias. Oxalá tivesse sido assim. Nunca hei-de saber, porque nunca me contou nada, e porque nunca me disse «gosto de ti».

Nunca me contou nada que durasse mais de um minuto.

Oxalá eu soubesse fazer o mesmo.

No dia seguinte à morte do meu pai, ou seja, a 18 de Dezembro de 2005, a oncologista mandou chamar-me. Entrei no seu gabinete. Estava sentada numa cadeira a olhar para o computador. Era uma manhã com enfeites, com o Natal já a bater à porta. Pediu-me desculpa. Disse que sentia que tinha sido desagradável comigo no dia anterior ao falecimento do meu pai. Empregou a palavra «falecimento», palavra que detesto. Era para dizer: «Palavra que eu e a morte detestamos.» Ouvi as suas desculpas. Ia falando, mas para mim falava de longe, como se também ela estivesse morta, ou falecida. A força da morte do meu pai estava a matá-la, a abalroá-la também a ela, como se o meu pai fosse um assassino.

Julgo que me limitei a dizer adeus àquela oncologista, que ainda estará viva e certamente a exercer nalgum hospital de província espanhola, amarrada e vinculada já a umas quantas dezenas de mortos, que estarão sempre a seu lado.

E, nesse Natal do ano 2005, não sei que espectrais prendas nos lembrámos de comprar. Os anúncios da televisão, a oncologista a dizer-me palavras sem som, o meu pai morto, a minha mãe a querer comprar um presunto de bolota, porque a minha mãe estava a perder o juízo, não entendia nada, não sabia o que acontecera, queria fazer compras de Natal como se tudo estivesse igual, e no fundo tudo estava igual, a minha mãe não entendia que de repente tivesse de renunciar às quatro parvoíces que a faziam um pouco feliz, como as quatro coisas que comprava pelo Natal.

Quanto mais pobre se é em Espanha, mais se ama o Natal.

«Mas que raio de ideia é essa de ir comprar um presunto de bolota quando o meu pai morreu e temos de estar de luto.»

«O teu pai gostava de presunto de bolota», disse a minha mãe; e era verdade. O meu pai adorava-o, e sempre que como presunto de bolota lembro-me dele, de como lhe agradava.

«Coitado do homem, já não vai voltar a provar», dizia a minha mãe.

A minha mãe evocaria assim muitas vezes o meu pai morto: «o homem» ou «coitado do homem». Via-o reduzido à sua essência antropológica: um homem. Não o seu marido, mas «o homem». Nunca disse «o meu marido». Eu estava fascinado.

Havia uma insignificância em tudo tão difícil de explicar: aquela mulher a pedir-me desculpa, o meu pai fugido do mundo, os enfeites baratos de Natal pelos corredores do hospital, a máquina do café, os cuidadores a deslocarem velhos de um lado para o outro num baile de camas, a cara de susto desses velhos, aquelas caras de pena profunda, de medo lento, de desamparo e de perda da vontade. Talvez seja melhor não chegar a esse estado. A cara dos velhos é a cara de quem pede misericórdia aos homens jovens. E eu a beber café: custava cinquenta cêntimos, aquele café. Embebedava-me de café de máquina de hospital. Gostava de atirar os copinhos de plástico barato para um cesto de papéis gigantesco. Gostava de contaminar o mundo com lixo, é o luxo dos pobres. É isso que fazem os pobres: atirar lixo.

Os nossos corpos são lixo.

O final do meu pai está completamente impregnado pela fantasmagoria e pela verdade.

Ligaram-me para o telemóvel às três da madrugada. Era o médico-legista. Disse-me que eu não declarara o *pacemaker* do meu pai. Como se eu tivesse de declarar tal coisa. O grande filho da puta estava a ligar-me, parecia o conservador dos mortos. Não sabia que haveria um conservador dos mortos, achava que só existiam os conservadores do registo predial.

Com *pacemaker* não podia haver cremação, disse ele, irritado.

Tinha de assinar um papel a autorizar a extracção do *pacemaker* do corpo do meu pai. Em suma, tinham de lhe fazer a autópsia, ou seja, mais trezentos euros.

No capitalismo, quando em qualquer negócio nos dizem duas palavras a mais é porque há algum problema, ou seja, a factura aumenta. O negócio com os mortos embaraça, mas os mortos exigem trabalho, e o trabalho tem de se fazer cobrar. O problema é o preço. É espantosa a capacidade do capitalismo de transformar qualquer facto numa quantia de dinheiro, num preço. A transformação num preço de tudo o que existe é presença da poesia, porque a poesia é precisão, tal como o capitalismo. A poesia e o capitalismo são a mesma coisa.

No dia seguinte assinei a autorização. Pedi para ficar com o *pacemaker*, mas ninguém me deu ouvidos. Pensaram que estava transtornado pela dor. Mas teria gostado de ficar com algo que esteve dentro do corpo do meu pai, dentro da sua carne. Imagino que lavariam ou purificariam ou desinfectariam o *pacemaker* e que o poriam a outra pessoa. Ou talvez não o lavassem e o pusessem tal qual, com restos orgânicos do meu pai colados ao plástico. De certeza que aquele *pacemaker* continua a marcar os passos de algum outro desgraçado, que andarás pelo mundo feliz e contente, com a pilha lá dentro.

A pilha que passa de corpo para corpo na noite do mundo.

Senti posteriormente a presença do meu pai em todos os sítios, como se a electricidade daquele *pacemaker* reactivasse o sangue desaparecido. Estou a senti-la neste preciso momento.

O meu pai transformou-se em electricidade, e em nuvem, e em pássaro, e em canção, e em laranja, e em tangerina, e em melancia, e em árvore, e em

auto-estrada, e em terra, e em água.

E vejo-o sempre que quero ver-me.

A sua alta gargalhada a cair sobre o mundo.

A sua vontade de transformar o mundo em fumo e cinza. Assim são os fantasmas: são forças e formas da vida anterior à nossa, que está ali, coroada, acrisolada.

O meu pai é como uma torre cheia de cadáveres. Sin-to-o muitas vezes atrás de mim quando me olho ao espelho.

Isto és tu agora, diz o meu pai, e depois há um grande silêncio.

Só diz quatro palavras.

Agora tu és «o homem», ou melhor dizendo, o «coitado do homem».

É o que tu és agora.

Da sua morte passo à minha, à espera da minha. A morte do meu pai chama a minha. E, quando a minha morte chegar, não saberei vê-la. Quando contemplei a agonia do meu pai, senti terror. Aquela agonia sugava-me. Estava a levar-me. Seria o meu pai quem estava a agonizar naquele hospital?

O seu corpo estava a estragar-se.

Parecia outro homem.

Parecia um herói, parecia uma lenda.

Parecia um deus.

Segui em frente como pude, papá. Já sei que estás sempre ao meu lado, contempla esta imensa ruína de casa em que vivo, contempla o meu apartamento na Avenida de Ranillas: os papéis amontoam-se, o pó invade as mesas, há um cheiro estranho na roupa, os soalhos estão sujos, a mesa da cozinha por levantar, a cama por fazer e portanto por desfazer; e a outra cama, a destinada aos meus filhos, que nunca vêm dormir (eu também não viria), está cheia de roupa desarrumada e de papéis. A roupa desarrumada e o seu cheiro acre, o pó a entrar na roupa, a roupa sempre suja apesar de limpa. Eu também não encontro nenhum papel e lembro-me dos teus ataques de desespero, a bateres com a testa nas paredes, a acusares a minha mãe de deitar fora os duplicados e as facturas, e é aqui que queria ir dar, porque se eu não encontro os meus papéis é porque não sei arrumar nada, e pensei que te aconteceu o mesmo, que na realidade ninguém deitava fora nenhum dos teus papéis. Eras tu quem os sepultava uns debaixo dos outros por causa da tua incapacidade para despachar o correio e os assuntos. Nunca o saberemos.

Nunca.

Fiquei, após o divórcio, com o armário que estava no quarto de arrumos da casa que foi minha e a minha roupa cheira agora a humidade azeda. Não sabes a angústia que é a roupa recém-lavada acabar a cheirar a ranço. É o armário, que passou doze anos num quarto de arrumos.

Sabes o que é andar por aí a cheirar ao armário fermentado todo o santo dia? Não ter dinheiro para comprar um armário novo, depois de ter estado vinte e três anos amarrado a um trabalho repleto de gritos, repleto de «calem-se».

Vinte e três anos a dar aulas a adolescentes. E não tenho armário. Não tenho sequer um triste armário onde meter a roupa para que ela tenha um cheiro decente.

E o meu pai diz-me: «Eu disse-te para não te casares, para esperares, que eras demasiado jovem, que te faltava viver coisas, já te disse isso há muitos anos, mas não me quiseste ouvir.»

Hoje usaste muitas palavras, digo ao meu pai.

Tenho à minha frente o fantasma da pobreza.

Nunca foi fácil cheirar a limpo.

Historicamente nunca o foi.

Se cheiras a limpo, é porque outros estão sujos, não te esqueças.

Comprei, após várias indecisões, uma cadeira de escritório no Hipercor, e o Bra montou-a. Sou incapaz de montar o que quer que seja. Nunca percebo as instruções. Irrito-me, perco a paciência e acabo por deitar tudo pela janela. Tentei ter uma conversa com o grande Vivaldi. Falei-lhe do futuro, de que terá de tomar decisões. Ele tem um futuro, e eu não.

Lembrei-me de quando o tinha, quando tinha um futuro.

É a sensação mais valiosa da vida, quando ainda nada começou. Quando o pano ainda não subiu, esse momento.

Sei que há pessoas que nunca mais verei, pessoas que foram importantes na minha vida, e que já não voltarei a ver, não por terem morrido, mas porque a vida tem leis sociais, culturais, sei lá, na realidade são leis políticas, são leis atávicas, leis que ajudaram a montar isto a que chamamos civilização.

Funcionam assim os seres humanos: há pessoas com as quais, embora estando vivas, nunca mais voltaremos a relacionar-nos, e que alcançam assim o mesmo estatuto que os mortos.

Existe ainda um grau superior de dor: saber que já estamos a pensar num vivo como se estivesse morto. Aconteceu-me com a minha tia Reme: nunca ia visitá-la. Não conseguia ir vê-la; sentia-me culpado. Se fosse vê-la, sentir-me-ia culpado; se não fosse vê-la, também; mas era mais cómodo não ir vê-la. Quando ela morreu, eu estava no início de uma aventura em Madrid com uma mulher. Poderia ter ido ao enterro, tinha tempo. Poderia ter apanhado um comboio. Mas combinara nesse dia com aquela mulher, e gostava muito daquela mulher, estava desenfreado, e essa noite ia ser definitiva. Disse-o mentalmente à minha tia Reme. Fui dizer-lhe que não ia ao seu enterro por erotismo, e que um morto tinha de respeitar o erotismo. Julgo que ela terá compreendido. Não me aparece à noite nem me recrimina por não ter ido ao seu enterro. Julgo que terá entendido o que estava a acontecer-me. Julgo que terá entendido que estava metido num buraco e que demoraria a sair, e demorei a sair.

Hoje teria ido ao seu enterro.

Os seres humanos evoluem; o que era importante ontem já não o é hoje.

Não fui a esse enterro, e quando estava com aquela mulher pensava no enterro da minha tia Reme, de maneira que forcei a relação e a noite para que fôssemos para a cama; pois, se fôssemos para a cama, teria sentido o facto de não ter ido ao enterro da minha tia. Todos estes pensamentos ocorriam na minha cabeça com realismo, como raciocínios impecáveis, com uma lógica irrefutável. Eram um erro, sei-o agora, e uma falta de caridade. Na altura não me pareceu.

Sim, estava bastante louco, embora, bem vistas as coisas, talvez não estivesse assim tão louco. Nessa altura bebia, claro. Bebia muito e passava horas a andar pelas dunas brilhantes do paraíso dos que bebem. Para um beberrolas, o sexo é só um aditamento, é um adorno do álcool, porventura o seu melhor adorno, mas só um adorno. Viajar, olhar o mar, rir, comer, entrar em corpos nus de mulheres, são artigos complementares. O tema principal é o álcool, a dimensão perfeita, a mão de ouro a pegar num copo.

E agora, simplesmente, não me serve o que fiz na altura.

Quando estava com aquela mulher, pensava no cadáver da minha tia; era horroroso, porque tinha de dissimular, de maneira que me sentia culpado, sangrava-se-me o cérebro. Se aquela mulher tivesse conhecido a minha tia, não me teria sentido tão culpado. A culpabilidade nascia da estranheza. A minha amante era uma desconhecida para a minha família, nisso residia o problema. Este tipo de pesares acompanhou-me muitas vezes durante a vida. Precisei da aprovação da minha mãe para tudo. Depois, transferi essa responsabilidade para a minha ex-mulher. Teria sido o cúmulo ligar à minha mãe ou à minha ex-mulher para lhes pedir permissão. Mas, se me tivessem concedido a permissão, teria ficado tranquilo.

Estava à procura da presença da minha mãe em todo o lado; não saíra da infância; tinha muito medo. A presença de quem? Chamo mãe ao mistério geral da vida. Mãe é a morte viva. Chamo mãe ao Ser. Sou uma alma primitiva. Se a minha mãe não estivesse lá, o mundo era hostil. Era por isso que bebia tanto e acabei por ter uma conduta sexual errante e promíscua. Ainda hoje não sei o que procurava. Precisaria de um concílio de psicoterapeutas para saber o que queria.

A verdade é que não fui ao enterro da minha tia, mais uma falta na lista

de ausências ou deserções dos enterros da minha família. Se não formos ao enterro de alguém que foi importante na nossa infância, a criança que fomos rasga as veias cerebrais do adulto que somos e espeta-se à nossa frente com a cara desfigurada e pede-nos uma explicação; diz-nos que não consegue dormir, que não consegue fechar o maldito círculo da experiência humana.

Oxalá que todos estejam bem.

Quando me pus à procura de apartamento, a meio do meu divórcio, não encontrava nada. Cruzei-me com autênticos chanfrados que vendiam apartamentos impraticáveis, para lá de toda a lógica arquitectónica, eram inabitáveis. Tinha uma grande urgência de encontrar alguma coisa. Nesse tempo, estive umas semanas a viver num hotel. Passava o dia inteiro a beber e não dava por nada. Era um hotel bastante bom, custava trinta e cinco euros por noite. Deram-me um quarto com varanda, no centro histórico de Saragoça. Levava uma garrafa de gim para o quarto e um par de cervejas, e à medida que as garrafas iam descendo dava-me para telefonar. Ligava para amigos, para amigas, para pessoas. No dia seguinte não me lembrava de nada. Sentia-me completamente envergonhado. Estava a perder tudo. E a minha mãe já estava morta: não coincidimos na vontade de falar ao telefone; quando ela a teve, eu não a tinha; quando me deu a vontade, ela já não estava neste mundo. É uma treta a minha mãe não me ter visto tão telefonador, com tanta vontade de falar ao telefone.

É engraçado: a minha mãe e eu tivemos um grande desencontro. Esse desencontro foi o telefone. Agora poderíamos ficar horas e horas a falar. O nosso desencontro teve a ver com a vontade de falar ao telefone, e digo-o quase sem ironia.

Quando ela queria falar, eu estava ausente. Quando eu quis falar, ela estava morta.

Como o tal hotel se situava numa zona de bares manhosos e de casas de alterne, eu costumava descer à rua e dar uma volta ali pela uma da madrugada, nas ruas de San Pablo, Predicadores, Casta Álvarez, e enfiava-me numa espelunca quase sempre gerida por estrangeiros. Costumava haver por lá prostitutas e gente da noite. Eu só queria beber as minhas cervejas. Estávamos todos ali completamente sozinhos, havia uma grande sensação de irreabilidade. Numa dessas noites cruzei-me com o ex-campeão do mundo de pesos ligeiros de boxe Perico Fernández, que ia peregrinando de bar em bar, por aquelas ruas estreitas, escuras e sujas, ali onde Saragoça se transforma numa cidade do passado, como se estivesse mumificada. Ficámos um bocadinho à conversa e convidei-o para uma cerveja. Eu estava

bêbedo, como é natural. Mas vê-lo a ele, tão encovado, tão acabado, com o cérebro esfrangalhado pelos murros e pelo Alzheimer, provocou-me uma forte sensação de pena, e de ternura também. Pena e ternura ao mesmo tempo. O Perico era mais um homem abandonado, sem família, derrotado, de bar em bar, a consolidar um silêncio de chumbo à sua volta. Estava ali ao balcão, o bar era sujo, a cerveja era servida em copos antigos. Tirámos uma fotografia. Guardo a fotografia. Parecemos dois anjos nessa fotografia. Estava sem a família, embora o Perico Fernández tenha tido três mulheres e cinco filhos. Onde estariam os seus cinco filhos e as suas três mulheres nessa noite? Tinham-no abandonado, claro. Pendia ainda um sorriso do seu rosto destruído, um sorriso doce, sereno, indolente. O Perico cresceu num orfanato. Ficou famosa uma frase sua: «Se a minha mãe não me queria, para que é que me teve?» Nunca conheceu a mãe. Nasceu em 1952 de ventre desconhecido. O que é um grande mistério.

Noutra noite, voltei a vê-lo noutro bar manhoso, de fritura de *kebabs* e batatas, com o balcão repleto de restos. Estava mais animado. Nos seus olhos lia-se a história da sua vida. Estava tão indefeso, tão desamparado que parecia uma criança perdida. Estava nessa região onde o extravió é já ardente plenitude. Disse-me que tinha sido campeão do mundo, e eu disse-lhe, num acesso de ebriedade, que também eu era campeão do mundo. Riuse, achou graça àquilo. Um sorriso bom, porque no seu coração havia bondade, essa rara bondade das pessoas simples, das pessoas que caíram no mundo e fizeram o que puderam. Era um filho do povo, com aquele sotaque aragonês que no Perico atingia a filigrana sonora e mostrava uma inteligência milenar, essencial, e cheia de sentido de humor. Um autêntico filho do povo aragonês, como nenhum outro. Era uma comédia ouvi-lo contar a sua vida. Recordei quando em 1974 ele levantou o título de campeão do mundo, lem-bro-me porque ouvi o meu pai a dizê-lo com alegria. Nessa altura, o Perico era um rei. Espanha inteira era a sua namorada. No início dos anos setenta, o Perico era adorado em todo o lado. E nesses mesmos anos eu tinha o meu pai, que me adorava. Triunfámos nessa época os dois.

E ali estávamos os dois agora, no ano 2014, campeões do mundo os dois.

Eu iria salvar-me, embora naquelas noites não o soubesse, mas ele não. Ele não iria salvar-se. Morreu pouco tempo depois, vi na imprensa.

Os homens com família morrem tal como os homens sem família, foi o que pensei.

Talvez o Perico soubesse isso.

Via apartamentos que eram uma autêntica merda. Mas encontrei um situado numa avenida cujo nome me pareceu um sinal. O meu pai chamava-se Arnillas de segundo apelido. E o apartamento que encontrei localizava-se na Avenida de Ranillas, junto do Ebro.

Achei que o meu pai estava a falar comigo, a enviar-me uma mensagem. Lá fui como Jesus Cristo, ao qual também o pai mandava sinais. Não sei o que há de extraordinário na vida de Jesus, no facto natural de falar abundantemente com o seu pai. Em geral, todos os pais falam com os filhos. Se calhar o pai de Jesus de Nazaré parecia mais interessante, mais devastador, mais poético, ou Jesus soube torná-lo mais cativante, graças à literatura.

De maneira que fiquei com o tal apartamento que soava ao segundo apelido do meu pai. Neste apartamento, as avarias aparecem quando escurece. Caiu um parafuso das lâminas da persiana e desprendeu-se uma espécie de isolante (sei que tem um nome específico, teria de ir ver ao dicionário, porque tudo tem um nome, mas às vezes não o conhecemos) da janela. Ninguém fez bem as coisas neste apartamento. Este apartamento lembra-me a minha vida.

Estou à espera de que apareça o Valdi. Saiu um bocadinho com os amigos.

O meu pai sentia muito calor em Agosto. Nos últimos anos da sua vida comprou um ar-condicionado portátil. Não era lá grande coisa, embora arrefecesse uma divisão, talvez metade de uma divisão, nem sequer a divisão inteira. Era barulhento. Era preciso enfiar um tubo pela janela. Como tal, chamaram alguém para lhes fazer um buraco no vidro da janela da sala de estar. Nunca perguntei quem lhes fez aquele buraco tão perfeito, pelo qual saía o tubo do ar- -condicionado. O vidro era o original da casa, um vidro de 1959.

Quando a minha mãe morreu, alguém terá levado esse aparelho obsoleto. O meu irmão chamou uns tipos que se encarregam de esvaziar apartamentos. Lembro-me do frigorífico e da máquina de lavar roupa.

Não posso lembrar-me da máquina de lavar louça porque a minha mãe nunca teve máquina de lavar louça. Eu levei a placa que estava na porta da casa com o nome do meu pai; era uma daquelas placas que as pessoas punham nas portas dos seus apartamentos, um hábito do pós-guerra que chegou até finais dos anos sessenta e princípios dos setenta, herdado das profissões liberais, de médicos e advogados, e que agora passava a profissionais de muito menor importância, quiçá um aviso para a democracia que aí vinha, ou talvez mera impostura. Foi fácil desaparafusar a placa, achei que seria mais difícil. Talvez essa facilidade quisesse dizer algo, era estranho que nada se estragasse e que eu soubesse levar a cabo aquela tarefa manual, porque estrago quase sempre tudo com as mãos.

Essa placa deve ter cerca de cinquenta anos. Pu-la agora na porta do meu apartamento em Ranillas, para que aguente os anos que me restam de vida, pois tenho o mesmo nome do meu pai. Talvez o porteiro equatoriano tenha pensado que a placa era recente, que eu acabara de a encomendar, que era nova. A ideia de que o porteiro pudesse pensar tal coisa surpreendeu-me. Assustou-me até.

A placa com o nome do meu pai tem um toque mortuário, pois o fundo é preto, e é feita de vidro resistente, materiais revolucionários da década de sessenta. Aguentou muitos anos. Não anunciou nenhuma prosperidade, ficou ali encalhada, como uma baleia preta, a meio de uma porta; aquelas placas anunciavam êxito, auge; declaravam que a família que vivia atrás da porta conseguira, alcançara a prosperidade. A do meu pai, e minha agora, não anunciou nada. Foi um exercício de caligrafia sobre a madeira da porta. Daí o meu espanto, daí me desconcertar tanto a vida do meu pai.

Fico a olhar para ela quando chego a casa. Sinto medo e pena ao vê-la. E muita nostalgia, e muita bondade. É a coisa mais solitária do mundo. Parece-me que a viagem que aquela placa fez através do tempo é uma viagem homérica. Não somos capazes de imaginar o que acabará por acontecer nem às pessoas nem aos objectos. O meu pai jamais imaginaria que aquela placa que encomendou não sei a quem (não faço sequer ideia de quem poderia fabricá-las) haveria de acabar num apartamento do seu filho divorciado numa rua que se chama como o seu segundo apelido. Não faz sentido que aquela placa esteja agora onde está, mas essa falta de sentido é prodigiosa.

Rodeio-me de prodígios baratos. São baratos e, no entanto, têm uma força sobrenatural. Como se o sobrenatural escolhesse a humildade para se manifestar. Ou como se o sobrenatural e a humildade fossem a mesma coisa.

Nenhum prodígio aristocrático, nenhum prodígio VIP, só os prodígios que emergem da classe média-baixa espanhola dos anos sessenta, que são lindíssimos, e são o espelho da minha alma.

O Natal chegará em breve. Nos tempos da minha infância, o meu pai adorava o Natal. O meu pai comprava a árvore e os torrões e muita lotaria. Comprava uma árvore a sério, vendia-as um lenhador na Plaza del Mercado de Barbastro, havia de diferentes tamanhos. Comprava um abeto que ia até ao tecto. Era um autêntico fã do Natal. Nas manhãs de 22 de Dezembro, verificava se os décimos ou as cautelas tinham sido premiados. A partir das dez da manhã, o meu pai ligava o televisor todos os 22 de Dezembro e anotava os números premiados, que os meninos de San Ildefonso iam cantando, com a sua caligrafia estilizada e inclinada.

Nunca lhe saiu nada, tirando um ou outro prémio do mesmo valor apostado. Mas eu ficava feliz ao vê-lo anotar os números num caderno, aqueles números desenhados com tanto esmero. Esculpia um 5 cheio de primor, em que o risco de cima se transformava num boné inclinado para o céu. Os 4 e os 7 também lhe saíam barrocos e estilizados. Gostava de ver o meu pai muito concentrado, muito festivo. E depois assobiava por causa da boa comida que havia. Julgo que era profundamente feliz. Sentia-se afortunado, alegre, pleno de propósitos.

A caligrafia do nosso pai é sempre importante. Não há outra caligrafia no mundo que importe. Assino quase igual ao meu pai. Até a minha assinatura é sua. Vi-o a assinar tantas vezes, e assinava com letras altas e cheias de nuvens, bordava o seu nome com traços arredondados e o conjunto era o desenho da identidade de um anjo.

Porque é que assinava assim, se não era rico?

Parecia a assinatura de uma grande figura de Espanha. Parecia a assinatura de um duque, de um marquês.

Era uma assinatura gótica, barroca. A minha é muito parecida, mas tem menos adornos, é mais austera, mais pobre.

Apaixonei-me pela assinatura do meu pai. Era um espectáculo, o amor pelo seu próprio nome. Via-se a si mesmo cheio de pompa, de coroas, de orgulho. O orgulho do meu pai era cósmico.

Também eu sou fã do Natal, foi algo que herdei dele. Mas então porque é que ele armou um escarcéu naquela noite em que ficou tão irritado e teve um ataque de ira e partiu os pratos? Exactamente, teve um ataque de ira. Se calhar era a nossa cara que lhe apetecia partir e trocou-nos pelos pratos. Se calhar estava farto de ter família e o que queria era voltar a ser o homem bonito de vinte e sete anos com o seu fato cruzado, livre e sem compromissos, esse homem que foi fotografado ao balcão de um bar, a um histórico e marmóreo balcão de bar enquanto olhava ensimesmado para as próprias mãos.

O meu pai comprou um presépio quando eu tinha cinco ou seis anos, ou menos. Não sei que idade. Com-prou-o numa papelaria de Barbastro cujas donas já morreram e de cujo negócio eu sou a única testemunha que se lembra. Estava orgulhoso do seu presépio. Gastou dinheiro. Terá sido em 1966. Recordo o mimo com que colocava as figuras. Tinham um toque de Barroco de Valladolid. Não eram figuras pequenas. Mediriam um palmo no mínimo, ou talvez pouco mais de um palmo. Fascinavam-me o boi e a mula.

As figuras foram-se partindo.

A minha mãe guardava-as no roupeiro, mas mal guardadas, porque a minha mãe acabava por partir tudo. Acho que foi a minha mãe quem foi dando cabo delas; primeiro deu cabo da mula. Decapitou a mula. As coisas caíam das mãos da minha mãe, ela não sabia segurar nada numa mão, tudo estava prestes a cair, a partir-se. Era fraca de pulso. O meu pai colou a cabeça à mula com cola *Imedio*. Mas já era uma mula tocada. Depois deu cabo do boi. Depois do São José. Ao São José cortou uma mão. A cada Natal, aquele presépio encontrava-se em imparável deterioração. Caíram os pajens. Os camelos também. Iam resistindo a Virgem e o Menino Jesus. Mas não fazia sentido um presépio com dois sobreviventes, quase parecia uma heresia satânica. Uma confraria de aleijados.

No final, ficámos sem presépio e o meu pai esteve-se nas tintas para comprar outro, porque o sonho ruiu e porque os tempos já eram maus e eu e o meu irmão estávamos a crescer. A minha mãe poderia ter guardado

melhor aquele presépio. Acontecia que a minha mãe não entendia o significado daquelas figuras. Era isso o mais deslumbrante e, ao mesmo tempo, o mais irritante na minha mãe: tudo para ela estava a mais, tudo lhe parecia insignificante, tudo lhe parecia susceptível de ser atirado para o lixo. Fosse pelo que fosse, não lhe calharia bem guardar aquele presépio. Não entendia quem era o Menino Jesus, nem o que faziam ali os Reis Magos. Para ela, tudo aquilo carecia de sentido. Era de um ateísmo natural. O seu ateísmo era portentoso, por ser inato. Assassinou aquele presépio. Assassinou outras coisas, a mim assassinou-me todas as bandas desenhadas, deitou-as todas fora. Não me deixou nem uma.

Era um furacão exterminador.

Ofereceram-me um gira-discos quando fiz doze anos; era um gira-discos de mala; foi lá que ouvi os meus primeiros discos; foi lá que suspeitei que a música me curaria, que senti o poder curativo da música; foi por isso que chamei Vivaldi e Brahms aos meus filhos. Que todos os nomes se transformem em músicos. Bolas, estou a dar-me conta de uma coisa: a eles, aos meus pais, não lhes pus nome, prestigiosos nomes da história da música. Talvez o meu pai devesse chamar-se Gregoriano e a minha mãe, Euterpe. Devia encontrar um nome de um compositor célebre para cada pessoa que amei, e encher assim de música a história da minha vida.

Vi-os comprar o gira-discos. Eu pedira-o como prenda de Natal; vi-os entrar na loja, foi um acaso eu passar por lá, pela rua onde ficava a loja de electrodomésticos. Calculo que tenha sido em 1974. É possível que essa imagem de eles a entrar naquela loja seja um limite da memória. O meu pai ia de gabardina. Porque é que estavam a entrar naquela loja? O meu coração alegrou-se. Sabia porque é que estavam a entrar naquela loja: iam buscar a minha prenda. Porque é que pôs uma gabardina para ir comprar um gira-discos? Eu pedira-o como prenda de Natal ou por tirar boas notas na avaliação? Não sei. Apenas vejo uma imagem: eles os dois a entrar naquela loja. Mas duvido da gabardina agora.

O meu pai morreu com setenta e cinco anos, viverei eu mais anos do que o meu pai? Estou convencido de que viverei menos, ou talvez precisamente os mesmos anos: setenta e cinco. Mas acho que não, acho que partirei antes.

Parece-me uma descortesia vivermos mais anos do que o nosso pai viveu. Uma deslealdade. Uma blasfémia. Um erro cósmico. Se vivermos mais anos do que os que viveu o nosso pai, deixamos de ser filhos, é a isso que me refiro.

E, se deixarmos de ser filhos, não somos nada.

O meu pai reparava que andava a exagerar na comida, que andava a comer demasiado e que estava a engordar. A sua relação com a comida tornou-se nociva. Gostava de comer e gostava de viver. Porque quem come muito, embora não pareça, escolheu morrer; acaba por escolher a devastação dos órgãos, a exploração do intestino, a sobreexploração do pâncreas, do fígado, do estômago, do recto, do cólon. Toda a gente tem peso a mais. Habituíamo-nos a ver como normais pessoas com sete quilos a mais, e só reparamos em pessoas que têm vinte ou vinte e cinco, ou quarenta, ou sessenta quilos a mais. Quase toda a gente engordou. Até dois quilos apenas a mais são nefastos. Esquecemo-nos dos dons da fome.

Hoje não faz sequer um pinga de calor. Está um dia perfeito para uma pergunta singela. Para contemplar o quanto o meu pai e a minha mãe chegaram a amar-me.

Esse amor não se vai embora do mundo.

Porque é que gostaram tanto de mim?

É verdade que gostaram de mim ou estou a inventar?

Se invento o vosso amor, é bonito. Se foi real, é bonito também. Porque, para retirar esse amor de entre as sombras, tenho de ir de viagem. A viagem mais lenta do mundo, e a mais prodigiosa.

Há dias suicidou-se o célebre actor e cómico norte-americano Robin Williams, aos sessenta e três anos. Ou seja, o meu pai viveu mais doze anos do que ele. O Robin pendurou-se com um cinto. Não era necessário, camarada, não era preciso matares-te. O meu pai, que não tinha nada, viveu mais doze anos do que tu. Doze anos é uma eternidade. Tu eras rico, Robin, e escolheste morrer. O meu pai era pobre, e foi a morte quem o veio buscar.

Não é justo.

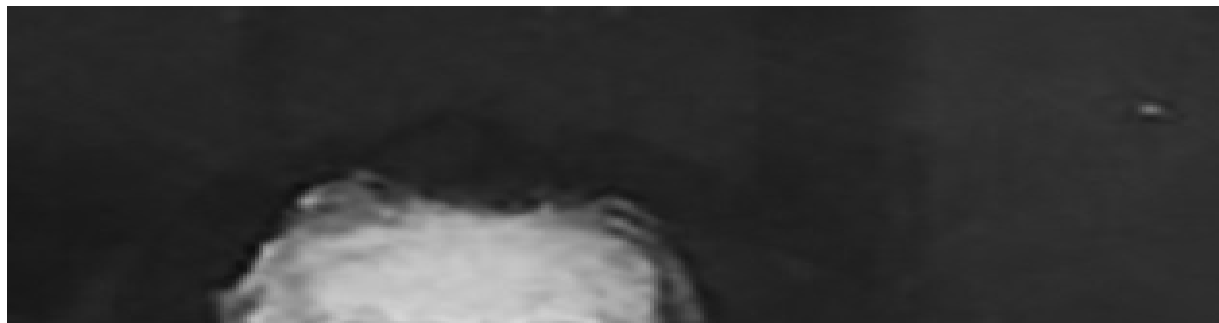
Podias ter-nos deixado o teu dinheiro, o meu pai podia ter encontrado oncologistas na vanguarda da investigação que lhe teriam salvado a vida, essa que tu não quiseste. E o meu pai estaria agora comigo. Teria oitenta e quatro anos. Há pessoas com oitenta e quatro anos que estão óptimas. Se o meu pai tivesse tido o teu dinheiro, ter-se-ia salvado.

A morte nunca é necessária.

Pois a morte é-nos sempre dada por acréscimo ou por defeito. Não é preciso ir à procura dela. É um serviço ao domicílio. Não temos de nos deslocar a lado nenhum para tratar dessa formalidade. Vêm a nossa casa. É confortável. É um belo serviço que nos é oferecido. Não há ironia, é assim mesmo.

Passamos pelo mundo, e depois vamo-nos embora. Deixamos o mundo a outros, que vêm e fazem o que podem. As cidades duram muito mais do que nós, embora naturalmente se refundem, se transformem ou desapareçam até. O meu avô materno também se suicidou, como o Robin Williams acaba de fazer. Talvez o desespero e o vazio e a náusea moral que levam ao suicídio constituam a pior doença da Terra.

É este o rosto da minha avó, acompanhada de um dos seus filhos, que está com um bolo na mão:





É um olhar de grande sofrimento, de uma doença interna que tem a ver com o terror. Seja como for, nos olhos desta mulher prefiguram-se os meus e os da minha mãe. Quando esta fotografia foi tirada, o seu marido já se suicidara e o seu filho primogénito morrera. É por isso que está aterrorizada: não tem marido, não tem primogénito. Acha que a culpa é sua.

Esta mulher viu um dos filhos morrer num acidente rodoviário fatal, que

fez com que o marido enlouquecesse e se suicidasse com um tiro de caçadeira, em 1957. Não sei ao certo a data, calculo-a. Poderá ter sido em 1955, ou em 1951, não sei. Nos anos cinquenta, os acidentes rodoviários eram numerosos. São dados que fui reconstruindo conforme pude, porque ninguém falava e agora todos estão mortos. Não há maneira de corroborar dados e datas, todos partiram. É como se me tivessem dito: «Inventa tudo, nós vamo-nos embora, faz o que quiseses com o teu passado, tanto faz, já não estamos vivos.»

Nesses olhos da minha avó estão séculos de campesinato espanhol, de mãos fatigadas, de cheiro a suor, de barba mal feita, de calor maldito no Verão, de animais a respirarem ao lado da nossa boca, de padres a dizerem a missa, de outros padres a dizerem mais missas, de outra vez setecentos milhões de padres a dizerem a missa. O grande inimigo de Deus em Espanha não foi o Partido Comunista, mas a Igreja Católica.

Setecentos milhões de padres a dizerem a missa.

O seu marido matou-se.

O seu filho também, antes até, e os seus olhos impugnam o sentido da vida, que não é senão o sentido da terra, uma terra sem nome, porque só têm nome e fama e prestígio e riqueza e êxito e honra e força militar e força económica e universalidade duas cidades em Espanha: Madrid e Barcelona.

As restantes cidades e povoações foram apenas províncias abandonadas, lugares vazios.

Ela, a minha avó inominada (chamar-lhe-ei Cecilia, em homenagem a Santa Cecília, que foi nomeada padroeira da música pelo papa Gregório XIII, em 1594), é filha de uma terra esquecida, as terras do Somontano, e nomeio agora essas terras e essas aldeias graças a ter ido à universidade, ou seja, graças ao ditador Francisco Franco Bahamonde, que lançou as bases para que nós, os netos da Cecilia, soubéssemos ler e escrever, que lançou as bases da classe média espanhola, que atrasou a modernidade política de Espanha umas quantas décadas e o fez por ignorância e por tolice.

Escrevo porque os padres me ensinaram a escrever.

Setecentos milhões de padres.

Eis uma grande ironia da vida dos pobres em Espanha: devo mais aos padres do que ao Partido Socialista Obrero Español. A ironia em Espanha é sempre uma obra de arte.

Descobriram um cancro à Cecilia. A minha mãe evitava-a porque achava que o cancro poderia ser contagioso. De maneira que foi uma verdadeira desconhecida para mim. Não me lembro muito dela, excepto pela fotografia, mas os seus olhos são os meus olhos hoje. «Não lhe toques», disse-me a minha mãe. E, se lhe dissermos isso, uma criança acredita que a sua avó é uma massa corporal infecciosa, um roedor fedorento, uma escharpa com pedras negras no seu abismo. Mas não havia de todo má-fé na minha mãe, apenas desespero. Foi o que sempre houve no coração da minha mãe e no meu; queria-me a salvo do cancro, porque eu era desesperadamente aquilo que ela mais amava neste mundo. A mera ideia de que pudesse acontecer-me algo parecia-lhe horrível. Era um amor pré-histórico, enlutado, claustrofóbico, absorvente e exasperado.

A minha mãe falava com a sua irmã Reme e com o meu pai acerca da morte inevitável da Cecilia; eu ouvia essas conversas; estavam a fazer os preparativos; estavam a estudar a situação, e tudo aquilo criava uma atmosfera que eu vivia de uma forma especial, porque era o rei de todas as coisas e era a alegria que compensava o desaparecimento iminente da Cecilia. Eu era a esperança e o futuro e a Cecilia era o adeus. Compensávamo-nos, estávamos em relação, para que o seu adeus tivesse sentido era necessário o meu futuro, e vice-versa.

E, passados quarenta e cinco anos de tudo isto, essa lembrança das conversas nas costas da Cecilia desperta em mim visões que não sabia que estavam no meu cérebro: os limites da memória são líquidos. Vejo coisas novas, vendo sempre cenas antigas como se fossem novas. As torneiras de metal dourado com a canalização de cobre à vista da velha casa da minha tia Reme, e a Cecilia, muito doente, a beber um copo de água.

Tento pensar em momentos alegres da vida da Cecilia. Talvez o dia do nascimento dos seus filhos. Como seria a sua voz? Essa voz não está gravada em parte nenhuma. Como seria em jovem? Nas estações de comboio, ou de autocarros, ou nos terminais dos aeroportos poderíamos cruzar-nos com os nossos avós, que não haveria reconhecimento. Com os nossos mortos não há lugar à verificação, pois os nossos mortos são seres anónimos, sem iconografia, sem fama. Se se erguessem dos túmulos, os nossos mortos seriam uns desconhecidos. Só com os mortos célebres, tipo Elvis Presley, Adolf Hitler, Marilyn Monroe, Che Guevara, haveria identificação se ressuscitassem.

Não reconheceria os meus avós se voltassem à vida porque nunca os vi enquanto viveram e porque não tenho sequer uma triste fotografia nem me falaram deles. Procuro-os agora entre os mortos, e a minha mão enche-se de cinza e excrementos, esses emblemas e heráldica da classe trabalhadora universal: cinza e excrementos. E esquecimento.

Não existe tal parentesco.

Não existe a família.

Não há aí nada, a vaidade de dizer «os meus avós». Não sei quem foram. Não sei que vida levaram, se eram altos ou baixos, se tinham o cabelo moreno ou louro, não sei nada. Não sei sequer o nome. O meu avô paterno, não sei quem foi. O meu avô materno ainda menos. Nem a data da sua morte. E já nunca o saberei, porque não posso perguntar a ninguém.

Que faço eu na noite do mundo, se não posso possuir a primeira noite do meu mundo?

A minha mãe dizia-me: «Não lhe toques, não lhe toques.» A Cecília tinha um cancro debaixo das suas roupas pretas, no flanco. Eu imaginava o cancro como uma coisa branca escondida na roupa preta da Cecília, o cancro como uma ratazana branca que comia os braços das pessoas. Nunca falámos do cancro da Cecília. Ela está morta, mas talvez a sua peregrinação rumo à purificação não termine até à minha morte. Também posso pensar na minha morte.

Quanto poderá faltar-me?

As pessoas não pensam nisso, porque isso não pode ser pensado, não há aí conteúdo, não há nada, não há sobretudo cortesia social.

No entanto, há um número à espera: cinco anos, três dias, seis meses, trinta anos, três horas.

Há aí um número, à espera de se cumprir.

E esse número cumprir-se-á. Porque todos trazemos esse número connosco. Parece uma sangrenta ironia de Deus. O gosto pelos números. O meu pai viveu setenta e cinco anos. Os números simbolizam bem as vidas. As pessoas fazem os seus cálculos quando perguntam os anos de um morto acabado de morrer.

Morrer com menos de vinte anos quase não é morrer, porque não houve vida.

Morrer com menos de cinquenta anos é triste.

O meu pai escolheu um número misterioso: 75.

Não são muitos, mas também não são escassos. Parece uma fronteira. Parece um bom número. Parece um número esotérico. É como um limite. Um partir antes da decrepitude, imediatamente antes. Mas não demasiado antes.

Na noite em que ele morreu, fiquei a pensar nesse número, a tentar apurar se o meu pai queria transmi-tir-me algo através desse número.

Todas as minhas senhas cibernéticas incluem o 75.

Há uma perfeição nesse número. Poderia perfeitamente ter vivido mais dez anos, quinze até.

Mas poderia ter morrido aos sessenta e cinco, aos sessenta e oito, ou aos

sessenta e três.

Escolheu um número hermético e pleno de mensagens, uma catadupa de mensagens, uma sinfonia de símbolos.

Eu e a Cecilia vamos andando pela rua. Ela vai completamente tapada, cheia de véus. Dirigimo-nos a uma igreja. Entramos na igreja. Há velas acesas e a Cecilia diz-me: «Eu sou a tua avó.» Quero recordar que me disse isto, mas na realidade não disse nada. Não disse sequer uma sílaba. A confissão do amor é um sonho do meu presente. E eu olho para ela, e só vejo véus de ferro, cárceres onde estão os mortos dos quais os seus filhos vivos não falam, muros, caixões.

Quando a enterraram, no dia do seu enterro, os seus filhos juntaram-se, terá sido em 1967 ou 1968. Se calhar foi em 1969, ou em 1970, ou em 1966, não sei. Só posso fazer conjecturas, ninguém me comunicou as datas, pois ninguém voltou a dizer em voz alta a data da sua morte anos depois. Juntaram-se para falar da repartição do pouco que restava. Imagino que ela teria gostado de os ver todos juntos no dia em que a enterraram. Vejo os seus filhos sentados a uma mesa comprida, houve alvoroço, terão sido ditas palavras elevadas. E depois, passado o dia do enterro, esqueceram-na.

A minha mãe quase não falava dela. Embora imagine que a levasse no coração. Não sei. Se a levava no coração, fazia-o em silêncio.

Oh, fantasmal Cecilia, não que os teus filhos não gostassem de ti, mas é que te transformaste numa lembrança iracunda ou incómoda. Não estavam preparados para pensar nos defuntos com racionalidade. Ninguém estava preparado, porque viveste numa Espanha tão pobre que não dava sequer para manter a memória quente. Era um país atrasado, embora nenhum historiador saiba porque é que o era tanto.

Nenhum historiador faz a mais pequena ideia disto. O enigma espanhol, chamam-lhe.

Não aparecias nas conversas. Não sei nada de ti, porque nada me contaram. Esqueceram-te miseravelmente. Tiveste sem dúvida de estar viva e tiveram de te acontecer coisas. Quando aparecias nalguma conversa, em poucas ocasiões, surgias como uma sombra distante, sem concretude, embora um dos teus filhos te amasse muito.

Era o Alberto, o mais novo.

Ele nomeava-te, com a voz do desamparado.

Chamarei Monteverdi ao Alberto, porque merece e esse pode ser o seu bom nome, o que está ainda sem florescer no monte, o que se perdeu num monte esquecido e nunca amadureceu, nunca terminou de florescer.

Quem te recordava era o Monteverdi. Foi ele que ficou sozinho na vida, o que não formou família, o que não fixou raízes e se encomendava a ti e te interpelava em busca de amor.

Invocava-te a meio de uma conversa com os teus filhos, os seus irmãos, e ficava sozinho, abandonado, ninguém dava seguimento à tua evocação; eu olhava com a incompreensão de uma criança de sete anos que só reparava na veemência com que o Monteverdi dizia «mama», porque ainda por cima não tornava a palavra aguda, mas desconsoladoramente grave, e o meu ouvido registava essa estranheza, que vinha de um desamparo primordial e que acentuava a tua distância, porque o teu nome não era «mamã», como era o da minha mãe.

O Monteverdi continuava a procurar-te entre os ausentes, era o único dos irmãos que o fazia.

Os restantes tinham-se transformado em pais e mães, e deixaram-te em paz entre os que tinham partido.

Mas o Monteverdi dizia: «Já não se lembram do que a mama nos dizia sempre?» E vejo-te agora, Cecilia, a cuidar dos teus filhos, e do que mais precisou de ti, o Monteverdi.

Não vi a vossa família, nunca a vi.

Vejo-a agora, entre os mortos. Saber que um dia existiu essa família basta-me. Saber que não estou a inventá-la basta-me. Um dia terá existido essa família, e terá sido uma família plena, nobre, unida, forte, alegre.

Porque a diferença entre vivos e mortos diz respeito a líquidos e rápidos movimentos do nascer e do pôr-do-sol, tem a ver com a luz e o seu trânsito sobre as cabeças dos homens.

O Monteverdi sabia que eras a única pessoa que gostou dele. E recorria a ti como uma criança perseguida pelos homens, que nunca gostaram dele. Mas partiste do mundo, e deixaste o Monteverdi sozinho. Não sei sequer quantos anos tinhas quando partiste, não sei se tinhas noventa anos ou sessenta. Também não sei quantos anos tinha o teu marido, o meu avô, quando se suicidou.

Cecilia, de ti não soube nada, nem sequer sei como te chamavas, daí que

tenha inventado este nome da padroeira da música. Porque ninguém dizia o teu nome de baptismo.

Foste biologicamente a minha avó, e talvez sejas agora o meu melhor fantasma.

Ninguém te nomeava, excepto o meu tio Monteverdi.

Mas há ainda alguém que te superou no nível de inexistência, alguém que nunca foi nomeado. Foi quase o Espírito Santo. É como se a Cecilia tivesse gerado os seus sete filhos por intervenção divina e não pela do seu marido. Tu, Cecilia, foste mencionada e vi-te em vida. Ele foi um buraco negro. A minha mãe era filha do Espírito Santo e de ti, Cecilia. Os cinco irmãos vivos da minha mãe também tiveram Ninguém por pai.

O inominável, mas porquê?

Quem foi esse homem? Porque existir, existiu, e esteve sob a luz do Sol, tal como eu estou agora.

Se gerou filhos, teve de existir.

Não acredito no Espírito Santo como dador de sêmen.

O meu avô foi o que não tem rosto vivo, nem rosto de morto. O que nunca foi visto em vida, e logo não tem sequer morte. É impossível pensar como mortos aqueles que não vimos vivos.

Perdemos a memória, porque escolheram a vergonha, o sentimento da vergonha. Envergonhava-vos o suicídio do teu marido e do pai dos teus filhos. E, em vez da compreensão e da tolerância, optaram pelo esquecimento radical. Adeus à memória, de tão barata que é. A memória, que só se mantém com as brasas do sangue. A memória, que é grátis. Não existem impostos sobre a memória. O Estado não cobra aos seus cidadãos por se lembrarem; ou talvez o faça, sim.

Porque a memória pode ser letal. Passados muitos, muitos anos, vi as pessoas a escolherem o silenciamento de gente incómoda. Só recordamos o que nos convém, excepto eu, que quero recordar tudo. Ou recordamos o que convencionalmente se instituiu para ser recordado, excepto eu. Não penso renunciar ao «excepto eu», mesmo que soe a vaidade e a pompa. A minha memória ergue uma visão do mundo catastrófica, bem sei, mas é a que sinto como verdade. Não podemos renunciar à catástrofe, é a grande ordem da literatura, o vento da maldade e o vento de todas as coisas que foram.

Nessa única fotografia da Cecilia que chegou até mim há um adolescente, uma criança quase, e está com um bolo, vê-se pouco o bolo na fotografia, só um canto, quem comeria esse bolo que mal se vê? Que sabor teria um bolo na altura?

A criança era o Alberto, o meu Monteverdi.

A vida ainda não o atacara. Atacá-lo-ia mais tarde. Anos depois, o Monteverdi foi diagnosticado com tuberculose, foi em finais da década de cinquenta, em 57, ou em 58, calculo que por aí.

Agora, quando escrevo, o Monteverdi também está morto.

Não fui ao enterro do Monteverdi, como sempre faço.

É difícil descrever o nível de degradação a que chegou o Monteverdi nos últimos anos da sua vida. O Monteverdi morreu em 2015. Julgo que teria nascido em 1940. Ninguém sabe. Ninguém se importou com isso.

Por exemplo, o Monteverdi não tomava duche. Não se lavava. Era um ser errático que atravessava a cidade de Barbastro, percorria-a inteira, sem nenhum dever. Era visto nos bares, nas lojas, nas praças. O Monteverdi estava sempre pletórico, envolto num júbilo ilusório. Há uma cena da minha infância em que o Monteverdi me persegue com uma faca. Foi real e estive prestes a assassinar-me. O Monteverdi perseguiu-me com uma faca. Tinha ataques de fúria, ou de loucura. Também a vida sexual do Monteverdi é um mistério. Éramos todos loucos, uma família de perturbados. Eu não sei se o Monteverdi sofria, imagino que sim. A sua vida era simples. Não teve trabalho. A tuberculose atirou-o para fora do mercado laboral da altura, em meados da década de sessenta.

A nossa loucura familiar também foi um Natal. Uma liturgia de geminação.

Fomos felicíssimos nas caves do mundo. Porque o Monteverdi andava sempre com um sorriso carnívoro no rosto. Da sua simplicidade nasceu uma lança, uma ponta afiada; é o que acontece nos seres em que o elementar acaba por não se transformar em inocência, mas o elementar e o simples se precipitam para a deformação, a anomalia ou o espasmo moral. O Monteverdi era anómalo, básico, mas não havia bondade no seu coração. Só

havia trevas, simples trevas, trevas básicas.

Não fez nada na vida, o grande Monteverdi. Amanhou-se, no final, com uma pensão de uns duzentos euros actuais. O meu pai, nos anos setenta, oferecia-lhe os fatos que iam ficando velhos. De maneira que esses fatos passeavam por Barbastro em dois corpos distintos. O meu pai andava de fato porque era caixeiro-viajante. Põe-se um fato a quem quer que seja e parece logo alguma coisa, é o mistério igualador dos fatos, especialmente nos anos setenta do século xx.

Agora esse mistério está a desaparecer.

O Monteverdi andava com gravatas muito vistosas, cheias de cores. Para cúmulo, o Monteverdi deixou crescer o cabelo.

Parecia um Jesus Cristo Superstar de gravata e óculos. Porque o Monte andava de óculos, óculos como os do Paul Newman no filme *A Cor do Dinheiro*. Uns óculos de ocasião comprados no fim do mundo.

A sua maneira de falar era atabalhoada, repleta de coloquialismos que procuravam a amizade ou a aprovação do interlocutor; era uma maneira de falar que ia do delírio à ternura, e da ternura ao abismo.

O Monte estava no abismo.

Estou há muito tempo sem beber.

Em Espanha, a ajuda recebida por um ex-alcoólico é facilitar-lhe que volte a beber. Eu acho que em Espanha não existe o perdão dos pecados.

Daí que no final ninguém consiga largar o álcool em Espanha, daí a expectativa provocada por um ex-alcoólico espanhol: ver quando cai, ver quando volta a beber.

Dará gosto vê-lo cair outra vez.

Desta última já não se levantará.

E aplaudiremos. E diremos: «Estava-se mesmo a ver.»

É esse o mistério de Espanha acerca do qual se interrogam os historiadores e se interrogam os homens de boa vontade e se interrogam os escritores inteligentes e se interrogam os intelectuais honestos: ver as pessoas cair, isso deixa-nos aos pulos.

Não somos boas pessoas entre nós. Quando vamos para fora, parecemos boas pessoas, mas entre nós esfaqueamo-nos. É como que um atavismo: o espanhol quer que todos os espanhóis morram para ficar sozinho na Península Ibérica, para poder ir a Madrid e não haver lá ninguém, para poder ir a Sevilha e não haver lá ninguém, para poder ir a Barcelona e não haver lá ninguém.

E eu compreendo, porque sou de cá.

O último espanhol, quando todos os restantes espanhóis já estiverem mortos, será por fim feliz.

Em pequeno, fantasiava com a ideia de os meus pais não serem meus pais, de ser uma criança adoptada. É uma ideia triste, quebra o vínculo, leva-nos ao limbo maquinal das estrelas que se vêem no firmamento à noite, a uma espécie de estatismo da vontade; ser adoptado era uma perversão, era uma organização criminosa da tua origem, era um castelo cheio de cadáveres que vão apodrecendo à vista de toda a gente; na minha infância, ser adoptado era um estigma; a minha mãe fornecia-me informação sobre crianças adoptadas de Barbastro; revelava-me a doença moral que pulsava em frases como «esse miúdo da tua turma é adoptado», e esse miúdo transformava-se em carne involuntária com alma fortuita, embora fosse bonito, porque havia nisso um segredo.

Se formos filhos adoptados, é porque os nossos verdadeiros pais não nos quiseram sequer cinco minutos nesta vida. Quiseram-nos outros, os pais inventados pela sociedade, mas não pela natureza, que é a única verdade.

Quanto estaria disposto a pagar neste preciso momento para voltar a sentir aquela inocência. Sentia uma enorme compaixão pelas crianças adoptadas, destruíam-me a alma. Gostaria de as ter acolhido. Dá-las aos meus pais. Eram a imagem mais feroz do desamparo. Tudo acontecia na minha cabeça, porque na realidade aquelas crianças eram felizes.

A minha mãe arranjava sempre frangos de capoeira, por alturas dos anos sessenta e setenta. Trazia-os uma mulher de uma qualquer aldeia próxima. Vinham vivos. A minha mãe assassinava-os, ajudada pela sua irmã Reme, que tinha muita experiência e muito jeito. A Reme vinha lá a casa matar os frangos. Sacava da faca e cortava-lhes o pescoço, eu assistia com uma certa sensação de nojo, mas sem medo. Depois ferviam o cadáver, recordo cenas na cozinha com muito vapor, com penas, sangue e facas. Recordo o pescoço do frango, aberto de alto a baixo, e o fumo.

Nojo, sim, incómodo, porque cheirava a sangue e a penas e a cozinha estava cheia de fumo. E em que momento nasce o outro nojo, o nojo a entrar na casa de banho com o meu pai, em que momento começam os tabus, porque a criança pequena quer estar sempre com o pai, até quando o pai está sentado numa sanita. Não sente nojo. Não sente repugnância. Não sente nenhum incómodo nem físico nem psíquico. Porque o nojo é um tabu da civilização. O nojo ao excremento do pai nasce socialmente no momento da independência, da emancipação social do filho. Para ser possível que os filhos se vão embora, há que nascer a repugnância dos cheiros do pai. Lembro-me de ter visto o meu pai a urinar e de me ter sentido fascinado e assustado perante o seu sexo. São cenas do passado, e o passado tem cada vez menos prestígio.

Recordo que alguém me contou em pequeno a história de um pai, na guerra civil espanhola, que se entregou para salvar a vida do filho. O filho foi posto em liberdade e o pai foi fuzilado. Daí ser tão importante a paternidade, porque anula a dúvida, nunca duvidamos. Daremos sempre a nossa vida pelo nosso filho. Tudo o mais que há no mundo é confusão, vacilação, perplexidade, egoísmo, indecisão, incerteza, nenhuma grandeza. Aquele pai foi fuzilado, mas o filho ficou livre.

Receber a bala em vez de outro sem que isso nos importe, eis a maior grandeza que a vida pode reservar-nos.

Receber a bala em vez do nosso filho é o bom mistério, não há outro mistério maior do que esse sobre a Terra. A luz do Sol apaga-se perante esse mistério. Não sentirá a bala a entrar-lhe na carne, não sentirá a perda

do seu futuro, a perda das coisas que lhe faltava fazer, não pensará nele, porque já não será ele, mas será apenas fervor bem-aventurado pelo filho, que estará vivo, que continuará vivo.

Dar a vida por alguém não está previsto em nenhum código da natureza. É uma renúncia voluntária que desorganiza o universo.

A paternidade e a maternidade são as únicas certezas.

Tudo o mais quase não existe.

Julgo que 1970 foi o ano em que abriram as Piscinas da Cooperativa e deixámos de ir ao rio Vero, o pequeno rio que passa por Barbastro.

Lembro-me dos banhos no rio Vero e no rio Cinca.

As pessoas tomavam então banho nos rios, que estavam cheios de lodo e libélulas e pedras e ramos na água. E pouca água.

Quando as piscinas públicas apareceram em Espanha, no início da década de setenta, a minha mãe ficou contentíssima. Passava o dia inteiro na piscina, uma piscina que tinha balneário, que era uma grande novidade, e que ainda por cima possuía máquinas de bebidas, onde podíamos contemplar, nós próprios, o automatismo da introdução de uma moeda de cinco pesetas e a extracção de refrigerantes da altura, como a *Mirinda*, que desapareceu ninguém sabe porquê; e que dispunha também de um porteiro, que vigiava severamente que quem entrava na piscina tivesse o seu cartão, e recordo a cara desse homem, cujo cadáver raspa em mim neste instante, um homem feio, careca, inclinado para o nada, com os olhos negros, a cara doente, um homem velho por alturas de 1970, que olhava três vezes para a nossa fotografia no cartão da piscina para ter a certeza de que ninguém estaria a enganá-lo e para fazer bem o seu trabalho, que não conseguia acreditar que as pessoas tomassem banhos, que não conseguia acreditar que as mulheres se pusessem de biquíni e que quisessem apanhar sol, e beber uma *Mirinda*, nem que existisse uma coisa chamada «a canção do Verão»; um homem que não acreditava no sol.

Já não existem essas piscinas, desapareceram em meados da década de oitenta. Agora há apartamentos por cima, onde vivem os filhos dos que lá tomavam banho, os filhos dos banhistas mortos, ao serviço da prosperidade de Espanha, se é que a província de Huesca fica em Espanha.

O meu pai serviu a prosperidade de Espanha fazendo com que alguns espanhóis da década de sessenta tivessem um fato à medida. Para mim isso é heroísmo.

Não lhe deram a medalha de valor, numa cerimónia presidida pelo rei de Espanha e pelo presidente do Governo e pelo presidente do Governo de Aragão e pelo capitão-geral da IV Região Militar e pelo arcebispo de

Saragoça.

Não, não lha deram.

A ele, por umas santas razões, não lha deram.

A mim também não ma dão, mas por outras razões, diferentes razões, muito diferentes razões; no entanto, santas também.

O meu pai e eu vingámo-nos de tudo isso; ele através da sua esposa; eu através da minha mãe.

A minha mãe nunca soube que Barbastro era uma povoação de uma comunidade autónoma chamada Aragão nem que Aragão era um território que pertencia a Espanha nem que Espanha era um país do Sul da Europa. E não foi por ignorância que não soube.

Mas por divina indiferença.

Não me lembro de o meu pai gostar de bandeiras. E a minha mãe não sabia sequer que Espanha tinha uma bandeira. A minha mãe não concebia a vida política sobre a terra. Não queria saber. Não servia para a realização dos seus desejos. A minha mãe era tão atávica como um rio, uma montanha ou uma árvore. Acho que o meu pai nunca usou a palavra «bandeira» para nada. Há palavras espanholas que os meus pais nunca empregaram. No entanto, a minha vida não é concebível sem Espanha, porque, de certa forma, amo Espanha. Na realidade, amo-a por causa do meu pai, porque foi lá que viveu, só por isso. Porque amo tudo quanto tenha tido a ver com o meu pai. Se o meu pai tivesse sido português, amaria Portugal. Não acredito que alguma vez lhe tivesse calhado em sorte ser francês ou britânico ou norte-americano.

O meu pai viveu sempre em Espanha. Foi lá que sempre esteve, tirando o serviço militar, que fez em África, na cidade de Melilla. Quando visitei Melilla, há uns anos, saltou a voz: «Esteve aqui quando tinha vinte anos, aqui, esteve aqui, com a vida inteira pela frente; quando esteve aqui não sabia o que era a morte, nem sabia que sessenta anos depois virias a esta cidade à procura dele; sessenta anos depois e ainda restam vestígios no ar de Melilla; ainda podes vê-lo, a sorrir, com esse sorriso bondoso que tinha e que o Bra herdou sem saber; nem sabe o Bra nem ele próprio, só sabes tu e talvez esse seja o conhecimento mais importante que alcançaste, e agora sorri, sorri porque ele esteve aqui.»

Há mortos que morrem com a aprovação dos vivos e outros que não: mortos classificados como grandes homens e mortos classificados como homens perversos, mas assim que entram na morte toda a descrição ou juízo ou discernimento moral fica do lado de fora, e só persiste a igualdade na putrefacção da carne; a putrefacção da carne não se interessa pela bondade ou pela maldade moral que habitou o corpo morto. Mas, se os vivos gostarem de nós, quem está para morrer morrerá mais tranquilo, e isso conta.

Depois, não há nada.

O perverso apodrece da mesma forma que o bondoso.

Não sei se os insectos necrófagos notam a diferença entre a bondade e a maldade; apavora pensar que não notam, apavora pensar que a espuma amarelecida e a gordura transformada em sabão de um cadáver bondoso sejam as mesmas das de um cadáver maligno; que o bem e o mal não se diferenciem através de putrefacções diferentes; que o bem e o mal acabem na mesma pestilência, no mesmo tipo de larvas e fungos.

Talvez por isso tenha feito bem em queimá-los, embora ache que não.

Vamos andando de mão dada, eu e o meu pai, pelo cemitério de Barbastro. É 1 de Novembro talvez de 1968, ou 1969, ou 1970. O meu pai pára diante de uma parede de gavetas. Olha para as gavetas de cima, que estão deterioradas e sem nome.

Fala comigo, diz-me: «Numa daquelas ali em cima está o teu avô.» Eu olho, mas só vejo duas ou três gavetas sem nome, descascadas, gretadas, decompostas, rachadas, como parede de arenito, cinzentas, distantes, sem identificação possível, só vejo areia suja e húmida. Olho para o meu pai e peço-lhe uma precisão com o olhar, que esclareça que gaveta é. Não sabe. Não o inquieta saber.

É como se o meu pai não tivesse tido pai.

É estranho.

Julgo que nunca mais voltou a falar do seu pai. Era uma zona mística. Uma zona secreta. O meu pai parecia um agente da CIA.

Gostaria de saber em que ano morreu o meu avô paterno. Julgo que aquela confissão que o meu pai me fez ao mostrar-me aproximadamente a gaveta onde foi en-terrado o meu avô foi um gesto de debilidade, uma indiscrição. Porque é que o meu pai me negou qualquer conhecimento sobre a vida do meu avô? Não houve tempo para tais revelações; não pensámos que tudo chegasse ao fim tão depressa. O meu pai esqueceu-se do seu pai. Não sei o que aconteceu nisso, mas algo aconteceu. Acho que a memória é uma arte burguesa, e nisso o meu pai foi profundamente antiburguês. É esse o ponto de fuga da vida do meu pai. Vestia-se como um burguês, mas transportava a subversão e uma forma bondosa de anarquia moral que levava ao esquecimento dos seus progenitores. Talvez tivesse pensado no pai todos os dias, só que não me disse. Achou que seria melhor eu não saber, porque não compreenderia. Na realidade, eu nunca soube quem era o meu pai. Foi o ser mais tímido, enigmático, silencioso e elegante que conheci na minha vida. Quem foi? Não me dizendo quem era, o meu pai estava a forjar este livro.

Não é uma estada estática, a do cadáver no túmulo. Há uma actividade frenética, há uma reconversão industrial da matéria dentro da caixa. O

caixão é uma fábrica. Um armazém industrial onde a matéria se enfurece para baixo, para o fundo, porque tudo acontece abaixo da superfície com vontade de ir mais para dentro, como se buscasse o coração do planeta. Não está à vista, mas percebo toda essa actividade: a alegria do cadáver do qual saem chispas de vida através de seres nauseabundos. Mas a vida nunca é nauseabunda, mesmo que nasça na pocilga, pois o presépio também era uma pocilga.

Há uma fundição e uma fundação no mundo do caixão, há consciência e essência; e eu impedi tudo isso ao mandar queimar os cadáveres dos meus progenitores, mandando-me dessa forma queimar a mim mesmo, porque a forma suprema da vida é o cadáver da vida, e eu não soube ver isso.

Não soube ver nada.

Os restos ósseos são molde, suporte e coroa daqueles que ficam em cima da terra, à superfície.

Porque no esqueleto há ambição e manifestação e sedição. E eu não soube ver isso. E há comunidade, porque nos cemitérios os esqueletos são vizinhos uns dos outros, e respira ainda nessa vizinhança uma forma de esperança.

A esperança de voltar a ver-vos, papá, mamã.

Sou apenas isso: esperança de voltar a ver-vos.

Também acontecia ao meu pai, davam-lhe quebras de vontade. Tal como a mim. Houve um momento em que já não lhe compensava sair para vender, tinha de pagar a gasolina, pagar as estalagens e as refeições, e vendia pouco. Não lhe valia a pena. Ele vendia pouco têxtil e eu vendo poucos livros, somos o mesmo homem. Padeço da obsessão de sermos o mesmo homem desde antes da sua morte.

O meu pai era independente, tinha de pagar as suas despesas. E a comissão com que ficava pelas vendas era inferior ao que tinha de desembolsar. O seu «para quê ir de viagem» chega até mim num «para quê escrever».

São quebras da vontade de fazer.

Foi por isso que optou por envergar o roupão verde e ver os cozinheiros da televisão. Tudo o que aconteceu ao meu pai se repercute na minha vida com uma precisão milimétrica. Estamos a viver a mesma vida, com contextos diferentes, mas é a mesma vida. E nessa comunhão de vidas podem pulsar uma mensagem ou uma ironia ocultas. Quem manda a mensagem? Transformam-se as envolventes sociais e culturais, mas somos o mesmo. Por vezes esse grau de coincidência massacra o tempo, funde o tempo tornando-o líquido e inseguro, e as duas vidas tornam-se equivalentes. Também não quero vir a ser alguém diferente do meu pai, dá-me terror vir a ter uma identidade própria.

Prefiro ser o meu pai.

Quando descubro as elevadas e enérgicas coincidências entre a vida do meu pai e a minha, não só me espanto como também me assusto, embora ao mesmo tempo me sinta seguro, acreditando que há nessa repetição uma ordem e um código maiores.

A vida inteira a escrever, tal como o meu pai. Eu, poemas e romances; ele, duplicados de encomendas dos alfaiates espanhóis.

O meu pai era um viajante, um caixeiro-viajante. Eu, mais ou menos, também. Eu escrevo, ele escrevia. Tanto faz o que escrevamos. Estamos a fazer o mesmo. Ele chamava às suas obras literárias «encomendas e duplicados». Estou a vê-lo: sentava-se à mesa da sala de jantar e sacava da

sua esferográfica *Parker* (que a empresa lhe ofereceu) e punha-se a anotar tudo com um cuidado quase infantil, com a sua excelente e barroca caligrafia. Foi o meu pai quem me deu a descobrir a palavra «caligrafista». Disse-me o que significava. Ficou-me gravada na memória: caligrafista. A mesa estava coxa e ele tinha de colocar um apoio numa das pernas, para que a sua caligrafia não sofresse estragos. Acho que o meu pai nunca teve uma mesa em condições na qual escrever.

A caligrafia era importante. Os duplicados eram amarelos. A vida faz-se amarela. Até o amanhecer é amarelo.

O meu pai não me ensinou a gostar dele. Agarrava-me pela mão quando era pequeno e saíamos à rua. Também ninguém lhe perguntou se queria ser pai, se tomara verdadeiramente a decisão de ser pai de uma forma livre e sem coacções.

O meu pai escrevia os seus duplicados, ia anotando o que vendia aos alfaiates das províncias de Huesca, Lérida e Teruel; alfaiates que fizeram fatos à medida a homens que já morreram e talvez tenham sido enterrados com esses fatos; também os alfaiates morreram e nenhum dos filhos herdou o negócio porque já não havia negócio para herdar.

Não soube ensinar-me a gostar dele, mas como é que isso se faz?

Recebeu várias vezes diplomas por ser o caixeiro-viajante que mais vendia. A mim, deram-me matrículas de honra naquele curso paupérrimo que fiz em Saragoça, curso cuja finalidade era aprender quatro frases sobre Lope de Vega e umas quantas destrezas para analisar as orações subordinadas relativas: mas que tiro certo de curso. Foi o mesmo, o mesmo, aquilo que o meu pai fez e aquilo que eu fiz. O subdesenvolvimento persistia, camuflara-se um pouco, mas continuava a existir.

Os ricos continuavam a ser os outros.

Nunca nós.

Não houve como fazer dinheiro fácil, eis o que é Espanha para todos nós, para quarenta e quatro milhões de espanhóis: ver como um milhão de espanhóis conseguem dinheiro fácil e nós não o conseguimos.

O amarelo é um estado visual da alma. O amarelo é a cor que fala do passado, do desvanecimento de duas famílias, da penúria, que é o espaço moral a que te leva a pobreza, da dor de não ver os teus filhos, da queda de Espanha nos miasmas espanhóis, dos carros, das auto-estradas, das lembranças, das cidades em que vivi, dos hotéis onde dormi, o amarelo fala de tudo isso.

Amarelo é uma palavra sonora em espanhol.

«Penúria» é outra palavra importante.

«Penúria» e «amarelo» são duas palavras que vivem juntas, geminadas.

Tive um sonho: deslocava-me a casa dos meus pais, e fazia-o num tempo futuro. Era o porvir. E os meus pais tinham uma idade imprecisa, embora relacionada com a velhice. No meu sonho, estavam os dois vivos, mas num tempo do futuro, talvez em 2030, ou em 2050, num ano longínquo.

A última vez que os vi estavam mortos, não mortos ao mesmo tempo, mas mortos separados pelo tempo, nove anos esteve o meu pai morto enquanto a minha mãe continuava viva.

Pensei muitas vezes nesse crescimento, nessa progressão vital enquanto morto que o meu pai ia levando a cabo na solidão, a sua experiência enquanto ser fugido da vida, a sua casa entre os mortos, o seu trabalho entre os mortos, estando a minha mãe entre os vivos. É como se tivesse emigrado para a América, e estivesse lá a acumular uma fortuna ou a desencantar um porvir.

Eu sei as coisas que a minha mãe fez enquanto o meu pai esteve morto, mas não sei as coisas que o meu pai fez enquanto a minha mãe estava viva.

Foram nove anos em que cada um andou por sua conta.

Não telefonavam um ao outro.

Nove anos é bastante tempo.

Terão tido de dar muitas explicações um ao outro agora.

A maioria dos seres humanos entra só uma vez em contacto com algo verdadeiramente enriquecedor, com um bem material que lhes é outorgado de forma gratuita, e esse é o dia da sua morte, mesmo que seja representada na morte de um ser amado.

A morte é no fundo quase um lucro económico, pois a natureza deixa-nos por fim livres, já não há acção nem trabalho, nem esforço, nem salário, nem êxito nem fracasso; já não há que fazer a declaração de rendimentos, nem olhar para os extractos bancários nem consultar a factura da luz. A morte representa, nesse sentido, a utopia do anarquismo.

Entrava numa casa com grandes salões. Lembro-me de não entender bem a disposição da casa no sonho, confundia as divisões. Vi que o meu pai estava na cozinha, a preparar uma sopa de peixe. Quando o conheci na vida real e no passado dessa vida real, o meu pai sabia, de facto, fazer uma saborosa sopa de peixe. Era uma sopa *bouillabaisse*; tinha muito jeito para a preparar. Ficou a olhar para mim da mesma forma que se olha para alguém que nos parece familiar. Olhou-me uns segundos, e depois continuou a preparar a sopa. Uma luz imensa penetrava pelos janelões dessa surpreendente casa onde viviam agora os meus pais. Duvidei de que me tivesse visto. Era como se eu fosse uma sombra; eu, que estou vivo. E ele fosse de verdade; ele, que está morto. Aproximei-me e vi como punha uma grande dedicação na preparação da sopa. Fiquei fascinado com a meticulosidade com que ele preparava e cozinhava aquela sopa, como se finalmente se tivesse transformado num daqueles cozinheiros da televisão cujos programas tanto lhe agradavam.

Apercebi-me de que o meu pai, no futuro, era um ser laborioso, como também o foi no passado, mas no futuro a sua laboriosidade estava isenta de desespero e de angústia, era essa a diferença, que me deslumbrava e fazia feliz.

Descobri outra divisão, que era um quarto de dormir. Esperava deparar com o quarto dos meus pais, com uma cama de casal; no entanto, havia várias camas individuais. A minha mãe apareceu em cena e a minha mãe tinha outros filhos, embora isso não me tivesse doído. Não conseguia ver o rosto desses outros filhos, desses seres, desses irmãos que habitavam nesse deliquescente porvir. Também não conseguia ver a minha mãe com nitidez, embora a sua presença fosse segura, como se estivesse esfumada por todo o quarto, o seu espírito espalhado ou semeado no ar. Não era capaz de entender as dimensões do quarto, embora visualizasse com clareza as

camas. Vivia ali muita gente. Porque é que vivia tanta gente na casa dos meus pais no porvir, se na casa dos meus pais no passado só vivíamos eu e o meu irmão?

Era um sonho, claro, mas não era de todo um sonho. Era um bálsamo, uma consolação, porque a nossa mente é sábia, como se dentro da nossa mente habitasse alguém que é mais do que nós; tive por vezes a sensação de haver um outro ser atrás de mim, um outro ser que há-de sair de mim no dia da minha morte. Pensei muitas vezes nesse ser e acabei por lhe conferir um nome: «o maquinista».

São sonhos que procuram a absolvição, e que o nosso corpo possa continuar vivo sentindo-se desculpado. O maquinista sabe que me sinto culpado, pensa que o meu inconsciente me condena por não ter estado perto deles quando ficaram velhos, por ter ido viver para fora de Barbastro, é por isso que me oferece sonhos clementes em que os meus pais continuam vivos e eu não existo. A minha inexistência naquele sonho simbolizava a minha condenação, mas gosto de não existir, daí que, quando vier a ser julgado, esse meu apreço pela inexistência enlouquecerá os juízes que tiverem de me condenar, porque a condenação é o resultado de qualquer julgamento que se preze. A absolvição é insubstancial e esquecível.

Só recordamos as condenações.

A absolvição não tem memória, os seres humanos são assim.

No entanto, a minha culpabilidade é problemática. É esse o grande buraco de todas as vidas dos seres humanos fronteiriços, daqueles que estiveram entre o bem e o mal.

Acordei com certa euforia. Estava grato por ter voltado a ver os meus pais, embora os tivesse visto num tempo vindouro, no futuro, um futuro sem mim. Vira o eixo ilusório do tempo, um plano alternativo, onde os meus pais formavam outra família à qual eu não pertencia, onde eu não existia.

Não me senti excluído, não me senti mal.

Tudo me pareceu de uma ternura indizível, como se estivesse a contemplar uma segunda oportunidade de todas as coisas; os meus pais pareciam felizes com outros filhos, e eu não estava lá, a minha ausência

melhorava a vida dos meus pais e isso deixava-me feliz, não tinha medo de desaparecer.

Não tinha medo de desaparecer, nem sequer da raiz.

Se fui um mau filho, essa mácula ficava apagada para sempre.

Terei sido um mau filho?

Se fui, fui-o por incompetência, não por vontade.

Pode-se ser um filho incompetente.

Ninguém está preparado para ser pai, nem para ser filho.

Poderia ter feito mais nos últimos tempos, claro que sim. Os meus filhos pagar-me-ão na mesma moeda, pelo que as contas estão saldadas. Não se deve nada aqui. Livre de dívidas. Ficam pagas as dívidas com o meu próprio esquecimento.

Conforme o sonho se ia desvanecendo, comecei a recordar como era o quarto dos meus pais no passado, ou seja, o quarto onde na realidade estive.

Nunca voltarei a ver esse quarto. Preciso de dizer, uma por uma, todas as coisas dos meus pais que não voltarei a ver.

Lembro-me de me causar uma enorme alegria a contemplação do quarto real que se deu no passado.

Enfim, vira os meus pais a viverem no futuro através de um sonho.

Como será a minha morte dentro de três mil anos? Os mortos continuam, transformam-se, perduram.

A morte de um ser humano vai e vem no tempo. Todos os mortos vão e vêm. Fazem coisas diferentes das que fizeram quando estavam vivos.

Dentro da morte continua a haver uma actividade frenética.

Eu tinha seis anos e ia ao quarto dos meus pais. Julgava que era uma nave espacial. Volto a repetir a mim mesmo, como numa salmodia, que é de todo impossível que alguma vez volte a ver aquele quarto: as paredes pintadas de uma cor clara, as cortinas, a cama e os lençóis, a mesinha-de-cabeceira, uma poltrona, um candeeiro, um armário. Vejo a minha lembrança enquanto a minha lembrança está a ver o passado.

O presente em que todo o ser humano vive transforma o passado num enigma; no entanto, o presente não é um mistério, mas o enigma invadi-lo-á assim que se transformar em passado, é por isso que olho para o presente com lupa, ao microscópio, tentando ver como se dá a sua transformação: uma refeição de domingo, terminada com o Bra e o Valdi, por exemplo, leva-me ao desejo de saber como os meus filhos recordarão essa refeição dentro de trinta anos. E essa refeição deixa-me então ver os seus mistérios, a sua apoplexia espiritual, o seu pâncreas amarelo. Como recordarão estas refeições de domingo, quando eu estiver morto e me tiver transformado em distância?

O passado são móveis, corredores, casas, apartamentos, cozinhas, camas, tapetes, camisas. Camisas que os mortos vestiram. E tardes, são as tardes, especialmente as tardes de domingo, em que se produz uma suspensão da actividade humana; e a natureza, que é elementar, regressa aos nossos olhos, e vemos o ar, a brisa, as horas vazias.

A morte impede a continuação do envelhecimento e, apesar de poder parecer uma opinião disparatada na medida em que a fantasia de que um morto possa continuar a festejar os seus anos é desprezável, os vivos contabilizam os aniversários dos mortos como se fossem vivos ausentes; assim, os laços estreitam-se e as contabilidades entre vivos e mortos encontram intersecções excêntricas, fruto de a morte não ter conteúdo e de a vida sem a morte não ter finalidade.

Mas estava a falar dos mortos sem vaidade, dos mortos que em vida não foram pessoas renomadas ou eminentes.

A morte confere um significado inesperado à vida de qualquer ser humano. Impede-se de forma inapelável qualquer notícia. Sela-se a

possibilidade de movimento. A morte premeia os que fracassaram em vida, os que não foram motivo de capas de jornal, de notícias na televisão, de fotografias, de fama e celebridade iconográfica.

A morte castiga em vida os célebres e famosos com as fotografias e as imagens em movimento que passaram de moda, das quais já não podem evadir-se, ficam encerrados nelas.

Estão encerrados na vida que levaram.

Os mortos anónimos estão livres do ridículo da passagem do tempo. Não foram motivo de fotografias recordadas. São ninguém, são vento, e o vento não faz figuras ridículas.

Nunca te deixes fotografar.

A luz entra pelos janelões do meu apartamento na Avenida de Ranillas, número 16, escada 1, quinto piso, B de Barcelona, traz dentro de si a alma dos meus pais, que se chamaram Bach, o meu pai, e Wagner, a minha mãe, pois dei finalmente com dois nomes da história da música para eles. Já os transformei em música, pois os nossos mortos têm de se transformar em música e em beleza.

Consegui finalmente comprar uma máquina de lavar louça, é de marca branca, ou seja, não tem marca, mas funciona. Já não esfrego os pratos. Custou-me duzentos e cinquenta euros.

Mãe Wagner, nunca tiveste máquina de lavar louça. Foi o que disse a voz enquanto desmontávamos a tua casa: «Mas a tua mãe nunca teve máquina de lavar louça, como é que não lhe compraste uma?» Toda a gente tem máquina de lavar louça hoje em dia. Poderias tê-la tido desde o princípio ou meados dos anos noventa, que é a data — calculo mentalmente — em que as máquinas de lavar louça se generalizaram em Espanha. Claro que já existiriam antes, imagino que desde os finais dos anos setenta e princípios dos oitenta, sobretudo em bares e restaurantes, mas não nas casas particulares. Nas casas particulares, nos anos noventa. Mas tu passaste cerca de vinte e cinco anos a esfregar pratos sem necessidade.

Lembro-me das pilhas de pratos nas refeições de Natal, que lavavas sozinha; estou a ver agora esses pratos, quando é já demasiado tarde, ou os tabuleiros com restos de canelones agarrados, que havia que esfregar vigorosamente com palha-d'ajo para que desaparecessem; e esses canelones de que o Johann Sebastian tanto gostava; e havia muitos pratos e receitas que desapareceram contigo; e a alegria daquelas refeições também se esfumou; lembro-me de não te ajudarmos a esfregar, quando muito a secar os pratos, não te ajudávamos em nada.

Permanecíamos sentados à mesa, como se fôssemos marqueses. E sei agora o que isso é.

Desde que estou sozinho, sei o que é ter uma cozinha limpa como a porra: é um trabalho esgotante, é uma obra de arte, é algo que nunca termina, porque uma cozinha nunca está completamente limpa.

Podemos dedicar uma vida inteira a ter a cozinha limpa, assim foi para muitas mulheres. Viveram dentro de uma cozinha, é por isso que olho para a minha cozinha em Ranillas e a utilizo para comunicar com a Wagner, a minha mãe.

Se acaricio a minha cozinha, acaricio a alma da minha mãe. Se acaricio todas as cozinhas da terra, acaricio a escravidão de milhões de mulheres, cujos nomes se apagaram e são agora música. A música do meu coração atordado.

Vou fazer as compras à cadeia de distribuição Dia. Há um Dia ao lado da Avenida de Ranillas.

Entro e está cheio de gente, gente que vive na catástrofe, herdeiros da crise e do desemprego e do nada. Olá, camaradas, comprem iogurtes de marca branca, não sabem ao mesmo que os *Danone*, mas são infinitamente mais baratos. Gosto de ir às compras ao Dia: é tudo barato e simples e óbvio e comestível, como a minha passagem por este mundo. É tudo barato porque está quase tudo caducado. Se repararmos no prazo de validade do que compramos, apanhamos a surpresa de boa parte dos produtos estarem tão baratos porque estão prestes a caducar. As bolachas estão quase caducadas, o peixe está quase caducado, é por isso que baixam os preços, porque os produtos são quase cadavéricos. Umas bolachas caducadas são como um cadáver. Mete medo comer coisas caducadas, é como lançarmos ao forno da indústria da alimentação. Os técnicos que tinham de vigiar o prazo de validade dos produtos também caducaram. As pessoas caducam. Morrer é caducar, quero dizer que estendemos o conceito de término a tudo quanto nos rodeia. E, no final, a medida ou transcendência da nossa morte não está distante da medida e transcendência de um iogurte caducado.

O prazo de validade é uma data fúnebre.

No entanto, os mortos não caducam; mas os vivos, sim. A morte é o lugar onde a caducidade já não conta.

Uma garrafa de *Coca-Cola Zero* de um litro vale um euro: uma equidade simbólica, que unifica a medição de seres líquidos com a de seres monetários. As pessoas que compram no Dia do meu bairro às onze ou ao meio-dia são desempregados, velhos e domésticas, e loucos ou doentes. Velhas que levam na mão o dinheiro à conta, e compram uma lata de sumo de laranja e um saco de guloseimas, e atiram as moedas para o balcão, e a operadora de caixa tem de contar as moedas sujas, cheias de suor da velha demente, que vai com uma fralda e cheira que tresanda. Se essa velha falasse em inglês, estaríamos perante uma cena de realismo americano, repleta de incisiva poesia, mas em Espanha, e falando espanhol, e falando-o ainda por cima com sotaque de Saragoça, ficamos simplesmente sem

incisiva poesia, sem transcendência, sem epopeia, sem nada; em todo o caso, ficamos com o exotismo das raças inferiores. Mas tanto faz, o mais inquietante é a minha propensão para me irmanar com a desgraça; não para a remediar, mas para a tornar minha, para a meter no meu coração. Meto a velha no meu coração, e amo-a. E penso que aquela octogenária foi em tempos uma criança ao lado de uma jovem mãe. Penso nisso, com força.

Passei a semana inteira sozinho, no meu apartamento.

Pequenas viagens até à cozinha, até ao quarto, até à casa de banho, passeios pela divisão em que escrevo, acender o televisor. Contemplar a cozinha, os pratos, os talheres, a cafeteira. Contemplar a cama desfeita do quarto. Olhar para a agenda. Deitar-me no sofá. Irmano-me com a minha tristeza como se ela proviesse de uma terceira pessoa, é outra das coisas que me inquietam, e que me esmagam, porque acho que estou a ficar louco.

É a irmandade com tudo o que correu mal; é com isso que eu me irmano, com toda a desventura, com todo o sofrimento; mas sou ainda capaz de me irmanar com algo infinitamente superior à desventura: irmano-me com o vazio dos homens, das mulheres, das árvores, das ruas, dos cães, dos pássaros, dos carros, dos lampiões.

Quando chega a madrugada, observo a avenida e já não passam carros. Está toda a gente a dormir. Eu não tenho horário, posso ir-me deitar quando me apetecer, posso tresnoitar, posso observar a avenida às três da madrugada; posso, se quiser, ir passear junto do Ebro com três graus abaixo de zero às quatro da madrugada, embora nunca o faça, porque acho que alguém poderia ver-me, e isso assusta-me. Poderia passar às cinco da madrugada junto do rio, mas receio que isso me alterasse, me desse cabo dos nervos. Poderia olhar para as águas do Ebro às seis da manhã, quando já se pressente o amanhecer.

Não passam carros pela Avenida de Ranillas, bairro do Actur, cidade de Saragoça, norte de Espanha.

As pessoas estão a dormir, mas eu não.

Tenho vontade de me ir embora.

Comprei uma esfregona nova.

Gosto muito de passar a esfregona, esse momento em que de repente o chão reluz, e conseguimos uma vitória, um triunfo sobre a sujidade e o pó. Conseguimos uma purificação. Esfrego o chão como quem purifica almas. Oxalá pudesse lavar os órgãos internos: tirar o meu estômago e lavá-lo, tirar o meu intestino e lavá-lo.

Sim, tenho vontade de me pirar.

Estarei uns dias em Madrid, também isso me apetece muito.

Gosto de Madrid, está cheia de milhões de ruas e circunvalações e vias rápidas e bairros que não conheço. Tenho de ir deitar-me agora. Adio demasiado a hora de me enfiar na cama. Há uns anos tive um amigo na minha terra natal, em Barbastro, que só se deitava às cinco ou seis da madrugada.

Poderia chamar-lhe Giuseppe Verdi.

Tinha o dobro da minha idade, ou melhor, tinha quase o triplo. Passava a noite a ver filmes, imerso numa felicidade indescritível, imerso numa exaltação dos seus prazeres privados que me fascinava; lembro-me dele neste instante, das suas longas noites de Inverno no Barbastro dos anos setenta e oitenta; noites que o Verdi passava a ler e, após o surgimento do

vídeo, a ver filmes até amanhecer. Como gostaria de voltar a vê-lo e dizer-lhe que sempre o admirei e que está no meu coração, que o levo no meu coração. Na realidade, era amigo do meu pai, como que um amigo cedido, um instrutor adjudicado. Um amigo do meu pai que acabou por ser meu amigo também.

Era um homem livre, vivia para os seus prazeres tranquilos. O meu pai apreciava-o e gostava dele, embora fossem homens diferentes. Surpreendia-me que o meu pai e eu tivéssemos um amigo em comum. Certa vez, sendo eu pequeno, ele deu-me um envelope que continha cento e cinquenta pesetas. Nunca falámos sobre isso anos depois, quando eu já era crescido e a nossa amizade se consolidara. Nunca disse ao Verdi que me dera essa prenda em criança, essa abstracta prenda, que foi inquietante para mim porque julgo que foi a primeira vez que me ofereceram dinheiro. O Verdi estava solteiro, e morreu muito sozinho e demasiado cedo. Morreu mal, ou pelo menos eu não gostei da forma como ele morreu. Acabou por perder as razões para viver. O tempo dos solteiros é um tempo breve. Quando o corpo perde a juventude e perde as faculdades, os solteiros abandonam-se. Especialmente os homens. E especialmente aquela geração de homens que não foram instruídos na vida doméstica: homens que não sabiam sequer fazer uma cama. E, no final, foram vítimas dessa educação que, em teoria, os preparava para uma vida de privilégios.

A minha amizade com o Verdi foi especial porque se cimentava na do Verdi com o meu pai, era como se a nossa amizade tivesse uma garantia, um apoio, um aval incontestável, e eu sentia-me tranquilo.

Passei centenas de horas a falar com o Verdi, quando tinha dezasseis ou dezassete anos. Eu não tinha amigos da minha idade, só tinha o Verdi. Depois, com o tempo, e coincidindo com a minha partida para Saragoça, distanciámo-nos, e o Verdi acabou por morrer. E, como sempre, não fui ao seu enterro. Não fui a nenhum enterro das pessoas que foram importantes para mim, embora talvez ninguém tenha sido importante para mim nesta vida. Não descarto tal ideia.

O Verdi já se vai extinguindo na minha memória. É já um morto anónimo. Não há fotos dele na Internet. Fiz umas buscas no Google, e nem

sinal. Nada. Do meu pai ainda há algumas entradas.

Bach, duas entradas na Internet.

Verdi, nenhuma.

A morte do Verdi afectou-me muito, não entendi a sua morte. Não entendi a morte de ninguém. O Verdi parecia tão seguro da vida, estava tão arrebatadoramente vivo que a sua morte o transformou aos meus olhos num falsário, num traidor. Não estou a censurá-lo, mas a exaltá-lo. Oxalá eu pudesse massacrar o desajuste entre estar vivo e estar morto, a sua falta de solidez e de proporcionalidade; a questão é essa: o trânsito despropositado e culpado que vai do movimento vital ao *rigor mortis*. Estou a lacerar a própria alma, por não entender esse matreiro movimento que vai do que se mexe e fala ao imóvel e mudo.

Se tivessem conhecido o Verdi, entendê-lo-iam. A sua morte acaba enfim por revelar o punho vazio de Deus a bater nas coisas. Já ninguém se lembra dele em Barbastro. O Johann Sebastian convidava-o por vezes para vir comer a nossa casa.

E a Wagner fazia canelones.

Havia paz e carinho nessas refeições. Barbastro foi uma terra radiante por causa dos seres humanos que lá viveram, sobretudo nas décadas de sessenta e setenta. Foram homens e mulheres extraordinariamente luminosos.

Passei centenas de horas à conversa com o Verdi. Víamos filmes juntos. Quando isso acontecia, nenhum dos dois desconfiava deste futuro a partir do qual estou a escrever.

Se tivéssemos desconfiado, teríamos dado um tiro na cabeça ou teríamos derrubado um governo; um não, todos os governos do mundo.

O Verdi era um grande homem e foi feliz. E os bocados que passámos juntos nunca mais voltarão, o meu problema é esse. Eram os anos setenta, quando a vida andava mais devagar e era possível vê-la. Os Verões eram eternos, as tardes eram infinitas, e os rios não estavam poluídos.

O mês de Junho aparecia por Barbastro como um deus a iluminar a vida das pessoas.

Era o paraíso. Foi o meu paraíso. Foram eles o meu paraíso, o meu pai e a minha mãe, como gostei deles, como fomos felizes e como nos

desmoronámos. Que bela foi a nossa vida em conjunto, e tudo está perdido agora. E parece impossível.

Não vejo ninguém, não combino com ninguém jantar ou almoçar, nem sequer tomar um café, quando aqui estou, nesta cidade, na minha casa de Ranillas. Como se quisesse consagrar-me a mim mesmo, dentro de uma urgência, a urgência de mim, que é a deles, a dos meus entes queridos. Quem são os meus entes queridos? Não existe a complexidade da vida, trata-se de um engano, vaidade e nada mais. Só existem os entes queridos. Só o amor.

Não me apetece combinar nada com ninguém, porque estou comigo mesmo, porque combinei comigo mesmo, porque me ocupa imenso estar comigo. É um vício estar comigo mesmo.



Só vejo os meus filhos, e eles não me vêem. Vejo quem não me vê. Vejo a fotografia de um menino com a metade do corpo do seu pai. Sou eu e o Johann Sebastian Bach. A boca aberta e o porta-chaves do Johann Sebastian, e os seus sapatos. Lembro-me de gostar daquele pólo, pois a coqueteria visitou-me muito cedo. Continuo neste mundo, mas o Bach partiu. Já estava de partida quando alguém tirou esta estranha e ao mesmo

tempo alegre fotografia. E alegorizou essa partida com a supressão visual de meio corpo.

Milhões de pais e filhos desfilam pelas ruas de milhares de cidades da terra, é o grande desfile.

As nuvens emudecem à nossa passagem rumo ao esquecimento absoluto.

O meu apartamento de Ranillas é solar, celebra o assombro perante a existência do Sol. Nunca na minha vida contemplei o Sol em toda a sua grandeza como nestas manhãs de Ranillas. Meditei acerca disso, porque o que vejo é mais do que o Sol.

É a luz em estado comunicativo, a luz como se fossem palavras.

Pressinto que terá havido um culto ao Sol nestas terras, antes da romanização; pessoas a quem aconteceu o mesmo do que a mim: o Sol ter aparecido por sua causa.

O Sol vem ver-me.

E o Sol é generoso.

Oferece-nos o que lhe pedirmos.

A visita do Sol, o Sol decide visitar alguns seres humanos, e mostra-se diante deles nu, mostra o que é a luz. A luz e o Sol são uma família, e o seu filho é o calor.

A amizade do Sol.

Rogo ao Sol pelos meus mortos, que volte a iluminar os seus corpos, e ele assim faz. O Sol é Deus. O culto ao Sol é o meu culto. A adoração do Sol é a adoração do visível. E o visível é a vida. Se estamos vivos, é porque o Sol inunda de luz os nossos corpos, e só sob a luz somos reais e somos materiais.

Entra a vertiginosa luz no meu quarto, que tem uma casa de banho humilde. É aí que tomo duche. Tenho champô e amaciador de cabelo.

O esforço de tomar duche, penso nisso; conforme vão passando os anos, o esforço do corpo para continuar a receber a água, a consciência de tudo sob a água do duche, o consumo de água ao lavar um corpo que já não merece nada, embora nenhum corpo mereça nada.

Há uma divisão pequena, destinada ao Brahms e ao Vivaldi, só que eles nunca lá dormem. É bonito esse pe-queno quarto, no qual eles nunca dormem, no qual nunca dorme nenhum génio da música. Entro nele e está vazio, e essa vacuidade parece uma criatura, um irmão.

O irmão vazio. O músico invisível. A luz é forte, é vontade. Confere visibilidade ao vazio humano deste quarto e faz com que esse vazio se

transforme numa lágrima negra pelos meus filhos que não estão cá.

O Bra e o Valdi estão a ir-se embora da minha vida, porque estão crescidos, porque os vejo pouco, porque os seres humanos se despistam. Despistamo-nos.

É virginal, tudo isto. Acabamos por nos apaixonar pela simples luz, por existir a luz ainda que ela já não se derrame sobre um ente querido. Essa é a luz que há no meu apartamento de Ranillas.

Nunca pensei que me fosse concedida a contemplação da luz.

A morte de todos os homens vai dentro dessa luz.

O meu frigorífico é muito pequeno, mas antes assim. Não deito nada fora. Não deito comida fora. O Bach ensinou-me a não deitar comida fora. Insistia sempre em não deitar a comida fora. Era a sua mais fervorosa convicção política: não deites comida fora. E herdei esse cuidado. O Bach falava de uma guerra, daí que não se devesse deitar comida fora. O Bach esteve nessa guerra, foi criança nessa guerra, tinha seis anos acabados de fazer quando ela começou. Às vezes contava coisas, muito poucas, talvez essa guerra não lhe tivesse interessado enquanto acontecimento histórico, mas como algo que pura e simplesmente aconteceu.

Estendo a roupa lavada e depois não a apanho, não a guardo nos armários. Deixo-a no estendal semanas a fio, dentro de casa. Gosto de a ver ali pendurada, como os réus executados, enforcados, que eram deixados ao relento na Idade Média.

Arrumo e limpo o meu apartamento, com uma emoção adolescente que abduco de entender, sobretudo tendo mais de cinquenta anos. Esfrego a cozinha e ligo a máquina de lavar louça, que se chama OK. É essa a marca.

É um belo nome: OK.

Ontem estive a ver mais electrodomésticos dessa marca desconhecida num centro comercial. São os mais baratos do mercado, e fazem o mesmo que os mais caros do mercado, o que deveria intrigar as pessoas. Um OK de duzentos euros faz o mesmo que um AEG de mil e duzentos. Peso-me quase todos os dias, tenho uma boa balança, muito precisa. Por vinte euros pode-se comprar uma balança excelente.

Uma balança mede a acumulação da gordura na barriga, no abdómen, na cara, nas mãos, nas veias.

O cancro do cólon transformou o meu pai num homem magérrimo, foi assim que vimos a sua essência.

Ele próprio ficou assustado com a sua essência.

O Bach acabou a pesar setenta quilos. E media um metro e oitenta centímetros. Nos seus bons tempos, chegou a pesar noventa quilos.

Nas últimas semanas, pesava menos de setenta quilos.

Baixou aos sessenta e quatro.

Eu queria pesá-lo, mas não tinha a quem o pedir. Estava disposto a levar a minha balança para o hospital para o pesar.

O cancro fez com que voltasse a pesar o mesmo que pesava quando tinha dezasseis anos. Estava a recuar no tempo.

Regressava ao ano 1946. Eu olhava para a sua magreza e rogava ao destino que os seus pensamentos e a sua esperança e o seu desejo também fossem os de 1946.

A devastação da doença leva-nos à origem, faz-nos viajar à adolescência.

Viajarei hoje com o meu carro até Madrid.

Gosto de viajar com o meu carro. Ir para as auto-estradas. Parar nos bares e restaurantes das auto-estradas, onde toda a gente é ninguém. Há lá empregados com vidas difusas, repara neles.

Sim, repara neles.

Costumo parar num restaurante de estrada que tem um menu muito aceitável por oito euros. Atende-me um empregado obeso. Penso sempre no que fará para aguentar oito horas de trabalho com tamanha carga.

Outro ser a precisar de uma balança.

São quatro torres as que vejo muito antes de chegar a Madrid. Faltam quase setenta quilómetros para chegar à capital de Espanha, mas as torres já estão visíveis. São apenas quatro os arranha-céus de Madrid. São poucos. Os principais beneficiários da abundância de arranha-céus nas cidades não são os ricos, como inocentemente julga boa parte da esquerda espanhola tradicionalista, mas a classe operária: a complexidade do capitalismo é idêntica à complexidade do universo.

Julgamos que sabemos muita coisa acerca do capitalismo, mas não sabemos nada. O capitalismo baseia-se na diversidade da nossa cobiça. A cobiça humana é inenarrável. Andamos há séculos a narrar a cobiça, e nunca a alcançamos. O capitalismo atávico acaba por ser uma forma de comunismo.

Os nossos corações cobiçam. As pessoas querem ter grandes apartamentos nas melhores cidades, e querem segundas casas à beira-mar, e querem vidas plenas, e o capitalismo beija-nos. Beija homens de esquerda e homens de direita, que assim ficam irmanados pela cobiça, a qual faz avançar o mundo e faz avançar este livro.

A R-2 é uma auto-estrada-fantasma porque quase nunca tem carros, e não há trânsito, porque é a pagar. Foi feita para aliviar a entrada em Madrid pelas vias rápidas.

A R-2 é lindíssima, porque a sua solidão é imponente; está rodeada de deserto e de terras sem nome e sem esperança. A R-2 tem muito poucos carros porque as pessoas preferem não pagar, preferem a via rápida, que é

lenta e cheia de saídas e entradas de estradas secundárias e cheia de malditas indicações com limitação de velocidade. Odeio esses sinais que dizem 80. Um círculo e lá dentro o número 80. Ou pior ainda: o número 60, porque o monopólio da velocidade é do Estado, isto é, do rei de Espanha, ou seja, do Beethoven.

Neste livro, Felipe VI poderia muito bem ser o Beethoven, o rei da história da música. A monarquia espanhola e antes o franquismo vigiaram a vida dos meus pais e eles responderam com frugal indiferença, com a indiferença que advém da natureza: a natureza diante da História.

Não deu nada aos meus pais, Espanha. Nem a franquista nem a monárquica.

Nada.

Pelo menos, durante o franquismo, foram jovens, ao menos isso. Não gosto do que Espanha fez aos meus pais. A direita espanhola, sempre lá, impávida.

Mais eterna do que a catedral de Burgos, a direita espanhola.

Não gosto do que Espanha fez aos meus pais, nem do que está a fazer-me a mim. Contra a alienação dos meus pais já não posso fazer nada, pois é irredimível. Só posso fazer com que não se cumpra em mim, mas já quase se cumpriu. Que não se cumpra no Bra e no Valdi, mas cumprir-se-á também. Essa alienação que por ter sido sofrida pelos meus pais se irmana comigo e que acabo por beijar, e quero ir-me embora com ela, apaixonado por ela.

Apaixona-te por quem te humilha.

Se toco essa alienação, toco-os a eles. Às suas vidas. Às suas doces vidas.

As pessoas que trabalham nas cabines de portagem da R-2, quem são? Músicos de alguma orquestra de alguma pequena cidade da extinta União Soviética. Gosto de tocar nas suas mãos ao pagar, para tocar em carne humana. É algo barata a R-2, custa seis euros, também não são muitos quilómetros. Gostaria de trabalhar naquelas pequenas cabines. E levar uma vida honrada como as pessoas que envelhecem lá dentro. Os trabalhadores da R-2 constroem um mundo naquelas pequenas cabines: têm a sua *Coca-Cola*, o seu aquecedor, o seu telemóvel, a sua sandes, a sua roupa

confortável. São boa gente. Gente sem pretensões. Têm maridos ou mulheres e filhos à espera quando terminam o trabalho.

Ter alguém à nossa espera algures é o único sentido da vida, e o único êxito.

Desde que deixei de beber, toda a gente me parece boa gente.

Desde que deixei de beber, não tenho pretensões.

Um dia destes, o Beethoven perderá o controlo político e a República regressará a Espanha, porque Espanha é um país de contrastes, é imprevisível. E a cada quarenta ou cinquenta anos Espanha divorcia-se de si mesma.

Um dia destes abre um telejornal com a cabeça do Beethoven num pelourinho.

Cuidado, caro amigo, pois, apesar de teres composto a *Nona Sinfonia*, tudo em Espanha corre perigo.

Vejo-me obrigado a sobreviver num mundo que exige que se saiba fazer algo, quando eu não sei fazer nada. Imagino que também tu não soubesses fazer nada, papá. Mas acho que temos as nossas razões. Quando o Bra e o Valdi me nomeiam com a mesma palavra com que eu te nomeava, vejo resolvida a origem da vida, esse problema que sempre desafia a ciência. Se se observar de outra forma o cristianismo, de um modo mais simples e elementar e não religioso nem solene, ele acaba por nos sugerir a inocente relação de um pai e um filho.

A nossa inutilidade para alcançarmos um lugar neste mundo, papá, para ganharmos dinheiro, para sermos olhados com atenção algures, é uma forma de bondade.

Não quiseste nada, e eu também não.

Quando quase ficas sem trabalho, ali por meados dos anos setenta, lembro-me de um amigo, director de um banco, ter dito que merecias um bom posto como o seu. E propôs a tua entrada no banco.

Embora na altura eu fosse uma criança, quando ouvi a história de que ias entrar pela porta grande para trabalhar num banco, percebi de imediato que isso jamais aconteceria.

Teria sido a solução para os nossos problemas.

As pessoas achavam-te tão elegante, com o teu fato, com a tua gravata, com o teu protocolo, com o teu estilo, que queriam logo fazer algo por ti.

Eras o Johann Sebastian Bach, um nome grande da música.

Mas tu não servias para aquilo.

A mamã fantasiou que fosses efectivamente nomeado director de um banco. «Sabes como tratar as pessoas, o que é fundamental para se ser director, tens boa pinta, vou falar de imediato com o director provincial», disse o teu amigo enquanto bebia mais um anis.

É possível que tivesse falado com alguém, sim. Mas eu sabia que aquilo jamais resultaria. Eu era uma criança, mas tinha visões do mundo dos adultos.

A história de te nomearem director de um banco durou uns meses, meses de infundada euforia familiar. Não te nomearam director de nada. A mim

também não me nomearam director de nada. Foi algo que aconteceu em 1974 ou 1975. Essa expectativa da nomeação iluminou a nossa casa, e a Wagner já queria comprar móveis novos, carro novo. Como teria sido feliz a Wagner, se tivéssemos tido mais dinheiro. Que Deus dê uma boa dose de miséria a todos esses pirosos que dizem que o dinheiro não traz a felicidade.

Até há quatro dias, achei que a Espanha que me calhou era melhor do que a tua, mas agora já não acho que a História avance muito. Bom, temos computadores e telemóveis, mas o Bra e o Valdi quase nunca atendem, e quando o fazem falamos trinta segundos ou quinze.

Envelheceste num labirinto espanhol idêntico ao labirinto espanhol em que eu vou envelhecendo. Os valores são os mesmos. Ao que devemos acrescentar algo que havia no teu carácter e passou para o meu, algo parecido com uma timidez desalentadora na hora de conseguir um lugar no mundo, na hora de dizer: «Eis-me aqui.»

O ano 1980 é idêntico ao ano 2015.

Toda a gente quer triunfar, é o mesmo. O êxito e o dinheiro, é o mesmo. Tu, no final, dedicaste-te a ver televisão. Eu dedico-me a navegar pela Internet, que é o mesmo.

Evolui tecnologicamente a nossa forma de adormecer ou de morrer.

Nem tu nem eu tivemos acesso à felicidade, havia e há algo que faz com que tudo dê para o torto; ora bem, essa inacessibilidade proveio e provém de uma forma de simpatia com o mundo, com todos os pobres e desventurados da terra. Daí que não tenhamos podido, não possa ser feliz. Faltaríamos à cortesia geral com todas as desgraças acontecidas neste planeta e no universo.

Já reparaste, papá, na imensa ruína do universo, nessa solidão do tamanho dos mortos humanos e nessa luz em que te transformaste?

Não foi por acaso que a minha fantasia te pôs a alcunha lendária de Johann Sebastian Bach, porque é essa a música que te desenha lá entre os corpos celestes. Porque eras espírito fundaste uma família, e a família é presença do inamovível. Eras Deus, música de Deus. Eras a música do que permanece. Todos os homens ou todas as mulheres querem fundar uma família.

Os seres humanos são fundadores de famílias.

É Verão, e estou em Ranillas, e os insectos sentem-se atraídos pela luz do computador. Por muitos insectos que mate, não dou conta deles. Vêm atrás da luz do meu candeeiro, sob a qual escrevo. São criaturas abomináveis. Cómicas também. Quando os esborracho contra a mesa, deixam um rasto pegajoso, embora de pouca monta. São só sujidade com asas minúsculas. Têm a sorte de a sua existência não ser nem vida nem morte, parece apenas um automatismo vegetal. Esvoaçam como partículas de pó com asas. Nenhum é igual ao outro. Olho para os restos de vários insectos. Uns são verdes, outros castanhos, outros quase pretos. Tamanhos desiguais.

Não têm família.

Não são uma família. A família é uma forma de prosperidade. Espanha é um conjunto finito de famílias, e França também.

Nenhum desses insectos que assassino é irmão de outro.

Não são maridos nem mulheres, nem filhos nem pais.

Não têm estrutura social.

São só excrementos voadores.

A casa de Ranillas está cheia de pó. A sujidade é incessante. O Valdi queixa-se de não ter um candeeiro no tecto. O Valdi aparece quando lhe dá na veneta. Não sorri. Os grandes compositores da história da música não sorriem. Isto é uma catástrofe. Mas a catástrofe só acontece em mim. O Valdi não a vê, porque os adolescentes não vêem ninguém, nem sequer se vêem a si mesmos. Têm, na realidade, um bom pacto com a vida. Nem sequer sabem que estão vivos; simplesmente, deixam-se ir.

Apercebi-me há um par de dias de que a Câmara mudou o nome da minha rua, já não se chama Avenida de Ranillas.

Serás tu, Johann Sebastian, quem me está a enviar uma mensagem de entre os mortos? A mudança do nome da rua significará que tenho de me ir embora de Saragoça para sempre? O teu segundo apelido era Arnillas. Foi por isso que vim viver para esta rua, porque era o teu nome com duas letras trocadas. Julgo que estás a querer dizer-me algo.

Quando soube que a autoridade municipal mudara o nome da minha rua, senti-me impotente. Maldisse quem tomou tal decisão. Tê-lo-ia morto à pancada, pois era um insulto ao meu pai. Deitei-me na cama de Ranillas e apeteceu-me chorar de raiva, mas não me saiu nem uma triste lágrima; essa impossibilidade de chorar que assola os homens que fizeram cinquenta anos; já não nos é permitido chorar, carecemos de potássio e de magnésio, o poço la-criminal está seco. Em vez de chorarmos, afogamo-nos em angústia. Tinham mudado o nome da minha rua, e o teu apelido e a tua pessoa desvaneciam-se uma vez mais.

Não me estavas a enviar mensagem nenhuma. Simplesmente, estavam a mudar o nome de uma rua, como mudam passeios, lampiões, autocarros, bancos, estátuas, terrenos.

Nunca houve mensagem nenhuma.

Tudo acontecia na minha cabeça.

Só na minha cabeça.

Tenho de pôr a língua no meio dos dentes, para que não choquem entre si. A língua entre o maxilar superior e o maxilar inferior. Fui ao dentista, porque me doía um dente.

«Não há cárie» disse ele, «há um trauma. Tem de tentar não fechar os dentes. São nervos, é um problema psicológico, é *stress*, angústia; provavelmente, acontece enquanto dorme. Os dois maxilares chocam, colidem.»

Fez um gesto. Cerrou os seus dentes.

De maneira que ponho a língua entre os dois maxilares. Paguei duzentos euros ao dentista.

Duzentos euros de nervos, porque não havia cárie. Dou demasiada importância ao dinheiro pelo simples facto de ter pouco. Gostaria de saber se, tendo muito dinheiro, lhe daria tanta importância. Seja como for, as pessoas interiorizam o valor do dinheiro sem se darem conta de que isso acaba por destruir ou acaba por nos transformar num ser alienado. Todos caímos na armadilha do dinheiro. E todos acabamos por ver o dinheiro como a forma final, e justa, de medir as coisas. É como o passo definitivo rumo à objectividade. O dinheiro vem de uma ânsia de objectividade. Ânsia de inapelável. O dinheiro é a firmeza; perdê-lo enlouquece-nos; não o ganhar transforma-nos em deficientes mentais, em tarados; o dinheiro é a veracidade suprema, e isso é um espectáculo, é onde a nossa espécie consegue a sua maior densidade, a sua gravidade.

«Não sei, talvez a cárie esteja escondida», disse eu.

«Não, impossível, tê-la-ia detectado. Não há cárie», disse ele.

Regresso ao meu apartamento de Ranillas, que já não se chama assim, e vejo na televisão notícias de corrupção política. Um desfile de imputações a políticos: prevaricação, fraude, suborno, branqueamento, tráfico de influências, desvio de fundos públicos, participação em organização criminosa, etecetera.

Os políticos espanhóis ficam abatidos, transformam-se em vítimas absurdas, só pensam em comprar casas e carros e em viagens de luxo e em hotéis de seis estrelas. Estão cheios de vazio.

Estão fascinados com a riqueza, com a acumulação de riquezas. Não podem gastar tudo o que acumulam. Mas tanto lhes faz, é a acumulação que perseguem. É como sentarmo-nos numa cadeira e assistirmos à ascensão imparável das nossas contas bancárias, principalmente na Suíça, novo nome de El Dorado.

É um deleite aritmético, o gozo de realizar operações matemáticas. E nisso é quase parecido com um jogo infantil de somas e subtracções. É uma luta contra o tédio: há que fazer algo na vida, algo que seja objectivável. Não se dão conta de que estão a roubar. Depois são descobertos e acabam enredados em longos julgamentos dos quais costumam safar-se, ainda que a sua reputação acabe na lama. Não têm consciência do seu crime, e talvez o mais interessante seja isso, essa anulação do discernimento, onde o facto de se ter chegado a um lugar elevado da hierarquia social devia ser acompanhado da isenção do julgamento dos outros, da dispensa de todos os espelhos, do dom da impunidade e do silêncio.

E de repente quebra-se o silêncio e aparece o espelho, e são acusados de corrupção, e nessa acusação só vêem injustiça e ingratidão.

Ouvimos as suas carnes a corromperem-se. Pressentimos a sua transformação em seres esquinados, estragados, enfurecidos, assim que vão parar à prisão; embora nunca fiquem muito tempo na prisão, talvez três dias, ou três meses. Nunca demasiado tempo, e tudo se esquece. O esquecimento joga a favor de todas as acções humanas, tanto das boas como das más.

A corrupção política espanhola faz com que eu esqueça a corrupção da carne dos meus pais e da minha própria.

Há uma função social na corrupção política, uma função catártica, que deveria ser uma circunstância ilibatória. As pessoas esquecem-se das suas próprias misérias ao verem um político processado na televisão. A corrupção dos políticos distrai das nossas próprias corrupções morais.

Vejo no telejornal a saída da prisão de um desses políticos e que as suas filhas o foram buscar.

As filhas foram buscá-lo com esperança. Apesar de tudo, as filhas estavam lá. Amam-no da mesma forma, para elas é o pai. Nada nem

ninguém poderá destruir isso. Tem alguém à sua espera. Não o recriminarão. Não lhe farão cara feia. Não lhe dirão: «Viemos porque não tínhamos outro remédio.» Não se queixarão. Dar-lhe-ão dois beijos e sorrirão. Invejo aquele homem. Eu não teria ninguém à minha espera.

A minha mãe levava-me ao dentista quando era pequeno: o meu canino estava a pôr-se em cima do primeiro pré-molar; o meu canino não tinha sítio; estava a encavalitar-se no pré-molar. O dentista pôs-me um aparelho; disse que em crescido, se não usasse o aparelho, ficaria parecido com o conde Drácula. O meu pai não ia ao dentista. O meu pai tinha um dente de ouro. Puseram-lho na sua juventude.

Esquecera-me do dente de ouro do meu pai. Na minha infância, a boca do meu pai era de luz por causa daquele dente, que me parecia misterioso e me dava um bocadinho de medo.

Para a criança que fui, o meu pai era o homem do sorriso de ouro. Para mim, a sua boca iluminada era um enigma que acentuava a origem heróica e sobrenatural do meu pai.

Ao queimar o cadáver do meu pai, ter-se-á fundido o dente de ouro? A que temperatura funde o ouro? Teria de procurar esse dado na Wikipédia, e o que alcançaria ao verificar? Terá ficado com o dente de ouro o médico-legista que fez a autópsia ao meu pai para lhe extrair o *pacemaker*? Tê-lo-á revendido depois, quanto terá sacado? Terá feito um *pack*, de dente de ouro e *pacemaker*? O ouro e o coração?

O meu pai teve um coração de ouro.

Vou num comboio e acabo de abrir o meu saco de viagem e vi o que estava lá dentro. Estavam lá o *nécessaire*, um pente e umas chaves. Recordo o envelhecimento do *nécessaire* do meu pai. Nunca me passou pela cabeça oferecer-lhe um, nos últimos anos. Andava com um *nécessaire* gasto, que quase se desfazia em pedaços, com as suas coisas lá dentro, com o seu mistério. Era um *nécessaire* antigo, daqueles que tinham um compartimento para um sabonete para as mãos e outro para o pincel da barba. Sabe-se lá havia quantos anos tinha aquele *nécessaire*, uma vida inteira, quase de certeza. O meu pai era fiel aos objectos, era a sua maneira de demonstrar cortesia também aos seres inanimados. Também não lhe teria dado grande gozo que lhe tivesse oferecido um. Cheirei o que estava dentro do meu saco de viagem: era o cheiro a solidão. Cheiro os meus pertences, para saber algo mais acerca de mim mesmo e de quem me pôs no mundo.

Não há nada que melhor defina a solidão de um ser humano do que o seu *nécessaire*. Recordo as carteiras da minha mãe. Como se terá sentido sozinha nos últimos anos. Edificámos entre todos um escabroso caminho até à solidão. O meu pai dizia que eu era muito parecido com a minha mãe. Nunca lhe perguntei porquê. O que eu queria era ser parecido com ele. Julgo que não sou parecido com nenhum dos dois, é aí que reside o abismo da procriação, no aparecimento de seres diferentes.

Nenhum filho é parecido com ninguém, nem com o seu pai nem com a sua mãe, nem com os seus tios nem com os seus avós, com ninguém; é algo que nunca compreendemos.

Um filho é um ser novo.

E está sozinho.

Costumamos dizer que é parecido com o pai, ou com a tia, ou com uma avó, para evitar o inevitável: que aquela criança acabará por ser um homem solitário ou uma mulher igualmente solitária.

Que acabará por morrer sozinho.

É a nossa maneira de esconjurar o futuro.

É o Verão de 1970. Estamos na praia, em Cambrils. Finais do mês de Julho. Mais não sou do que um menino fascinado com o turismo europeu. Estamos hospedados num hotel chamado Don Juan. Seduzido pelos carros dos alemães, dos suíços, dos franceses. Pergunto ao meu pai o que significam as letras CH que aparecem nas matrículas de alguns desses carros de 1970. O meu pai diz-me: «Confederação Helvética». Viria a compreender anos mais tarde, quando traduzi Júlio César no final do secundário e nas suas páginas apareciam os helvéticos.

Cambrils é uma aldeia piscatória na província de Tarragona. É um taxista de Barbastro que morreu há muito tempo quem fala ao meu pai da hospedaria Don Juan. Mete-me medo esse taxista, anda sempre de charuto na boca. É um homem grande, de barriga proeminente, muito moreno, de lábios grossos e como que saídos do rosto, como uns lábios pendurados. De cada vez que o vejo pelas ruas de Barbastro penso nisso: «Aquele é o homem que revelou ao meu pai a existência da hospedaria Don Juan.»

Achei que existiria uma confederação entre os homens que viajavam, uma espécie de sociedade em que iam passando informação relevante uns aos outros. O meu pai era caixeiro-viajante e aquele homem era taxista, faziam mais ou menos a mesma coisa.

Os homens que viajavam pelas estradas espanholas da década de sessenta do século passado fundaram a Confederação.

«Aqui come-se muito bem por cinquenta pesetas», diziam uns aos outros.

«Aqui dorme-se muito bem, lençóis limpos e quartos aquecidos, por sessenta pesetas, e oferecem um bom pequeno-almoço», diziam uns aos outros.

Foi o que eu pensei.

Era uma espécie de booking ponto com (uma associação de socorros mútuos) de pessoas que se desenrascavam naquele mundo.

O Johann Sebastian está feliz na praia. Fez amizade com o dono de um quiosque, o qual lhe prepara uma tortilha de batata a meio da manhã. Estou a vê-lo comer essa tortilha, vejo neste momento, quarenta e cinco anos depois, a cor amarela do ovo misturado com a batata. Há um sol bondoso a

resplandecer sobre Espanha inteira.

O meu pai tem um *Seat 1430*. Está à sombra, estacionado sob um eucalipto abençoado.

Vão passando as canções do Dúo Dinámico, canções que exaltavam o Verão espanhol e que o meu pai está a ouvir num mês de Julho de 1970, numa praia de Cambrils.

A Wagner passou-me esse dom. Ela também o tinha, embora não o cultivasse. Ela via os mortos. A Wagner via os mortos, mas não lhes fazia o menor caso. Assim era ela. A sua divina indiferença, que excluía a contemplação de tudo aquilo que não servisse para realizar os seus desejos, por muito admirável que fosse.

Estou no meu apartamento de Ranillas absorto nas quatro coisas que tenho: um quadro, uns livros, o televisor, as cortinas, o cadeirão. Andei de barrete em barrete, porque foi nisso que viver se transformou, em ir de uma vigarice a outra vigarice, vigarices que levam o tempo da nossa vida.

Se somos vigarizados, é porque estamos vivos: no dia em que deixarem de nos vigarizar não será porque o mundo tenha melhorado, mas porque teremos morrido.

Nem a Wagner nem o Johann Sebastian se deixavam vigarizar. Zangavam-se. No final, os dois célebres músicos transformaram-se em velhos anti-sistema, ou seja, em dodecafonistas, em músicos de vanguarda que contemplavam com angústia os preços das coisas nos supermercados, dois reformados sigilosos que compravam promoções.

Atrás dessas injúrias contra a vida não há ninguém: nem empresas nem corporações, nem sequer o diabo.

Não há ninguém.

Um enorme vazio, o qual servimos.

Não me espera ninguém em sítio nenhum, e o que aconteceu na minha vida foi isso, ter de aprender a andar pelas ruas, pelas cidades, por onde calhar, sabendo que ninguém está à minha espera no final da viagem.

Ninguém se preocupará se chego ou não chego.

Anda-se então de outra forma.

Pode-se saber pela forma de andar se temos alguém à nossa espera ou não temos ninguém à nossa espera.

Todas as famílias partem da terra.

Pais, filhos, avós, as famílias dizem adeus.

Milhões de cenas familiares desvanecem-se neste instante. Os pais jovens e responsáveis emocionam-se com a sua paternidade: adoram os filhos, mas

os filhos esquecer-se-ão deles. Crianças adoradas pelos pais, que não conseguirão recordar quando forem crescidas.

O meu coração parece uma árvore negra cheia de pássaros amarelos que guincham e perfuram a minha carne como num martírio. Entendo o martírio: o martírio é arrancarmos a carne para estarmos mais nus; o martírio é um desejo de nudez catastrófica.

O meu pai era um jogador de cartas empedernido. Acho que terá passado uns vinte anos a ir jogar diariamente, sempre que não estivesse de viagem. Sorria ao ir-se embora para a partida. As suas partidas começavam às três da tarde, e cumpria os horários à risca. Como tal, era necessário almoçar às duas em ponto, para que ele pudesse chegar à partida das três, que se celebrava num sítio muito popular de Barbastro chamado a Peña Taurina, um lugar onde se exibia uma cabeça de touro empalhada na parede principal. Quando era criança, ficava a olhar para aquela cabeça com um misto de pavor e de ternura. O meu pai era especialista em dois jogos de cartas, aquele de que mais gostava era o pumba^[1], a seguir a bisca. Jogava das três às sete da tarde. Às vezes, quando eu era muito pequeno, ia vê-lo jogar. Discutia com os companheiros de mesa. Era rigoroso e inflexível e tinha sempre razão. Apostavam o café e um copo de conhaque. Um *Torres 5*, era esse o conhaque.

As cartas eram o seu paraíso. Jogava pelo prazer do acaso. Nunca por dinheiro.

Acho que jogar ao pumba o deixava infinitamente feliz. Seriam os dias de Verão de 1969, ou 1970, ou 1971. E às sete ia a casa buscar a minha mãe e saíam para passear, e iam aos bares beber qualquer coisa e falar com as pessoas.

Houve nesse tempo uma intensa felicidade na vida do meu pai. Lembro-me das suas camisas. Lembro-me do porta-chaves com que andava e do seu relógio. Era um *Citizen*, comprado numa relojoaria que se chamava La Isla de Cuba, gerida por uma mãe e um filho. Os meus pais eram amigos dessa mãe e desse filho. Mãe e filho eram misteriosos, tão misteriosos como o nome da sua relojoaria; e acho que não venderiam muitos relógios, embora não possa jurar. Um dia desapareceram de Barbastro como que por magia. E a sua relojoaria evaporou-se com eles, concluiu o seu tempo entre os vivos. Agora existe lá outro negócio, e houve muitos outros antes desse e depois do fecho de La Isla de Cuba, que terá acontecido por volta de 1980, diria. Os negócios vão e vêm, uns duram um ano, outros cem, outros três meses, outros seis anos, ninguém sabe, e onde houve uma relojoaria há

agora um bar ou uma sapataria ou uma pastelaria ou simplesmente um local vazio. Eu adorava e respeitava o relógio do meu pai. Parecia-me o relógio de um deus; foi a partir daí que nasceu a minha devoção por relógios, do amor que sentia pelo *Citizen* do meu pai. Via a sua correia de couro, o mostrador, os ponteiros, o fecho e tudo me parecia prodigioso, inalcançável. O meu pai era inalcançável, sempre o foi para mim.

Quando era pequeno, nunca consegui entender porque é que ele gostava tanto de jogar ao pumba, porque é que dedicava tanto tempo às cartas, achava que esse tempo me seria devido. Era um jogador famoso na aldeia. Muito temido, porque ganhava sempre e, se não ganhava, a culpa era dos outros.

A culpa era dos outros, esse facto foi crucial na minha infância. Perante qualquer contrariedade, ou adversidade até, o meu pai atirava as culpas para cima dos outros, especialmente para cima da minha mãe. Não sei onde raio terá ido buscar essa disposição. O meu pai atirava para cima da minha mãe as culpas por qualquer desgraça e a minha mãe foi aprendendo a manipular os factos segundo a sua conveniência, de maneira que acabávamos todos no meio de um labirinto emocional que tanto ia dar ao desespero como à tristeza.

O meu pai zangou-se muito enquanto teve quarenta anos; dos quarenta aos cinquenta foi o tempo da sua ira. Depois, acalmou. A altura em que ficou mais calmo foi quando se tornou septuagenário. Algo aconteceu no casino a que ia, a Peña Taurina. Deve-se ter zangado com alguém, e deixou de lá ir. Trocou esse casino por um bar pequeno, o bar do Cinema Argensola. Pareceu-me um mau sinal. Foi o princípio da sua decadência como jogador de pumba. Em meados dos anos oitenta, deixou de jogar às cartas e dedicou-se a ver televisão. Nunca verbalizou porque é que deixara de jogar às cartas. Outro enigma que jamais resolverei. Ferem-me o coração os enigmas do passado que jamais poderei decifrar. Penso que há neles coisas maravilhosas que permanecerão escondidas para sempre.

Reinou como jogador de pumba entre 1968 e 1974. Depois tudo mudou, findou a idade de ouro.

Ficava concentrado a olhar para as suas cartas, placidamente sentado,

realizando investigações matemáticas quanto à possibilidade de ganhar a partida, e sentava-se perto da varanda aberta da Peña Taurina, e pelo seu rosto corria a brisa da tarde de Junho, as brisas de 1970, quando o mundo ainda era bom e havia paz no seu coração e alegria no meu. E perscrutava o rosto dos seus adversários e explorava as suas fraquezas e controlava os possíveis erros do seu aliado. Procurava a perfeição, sempre a procurou naquilo para que tinha jeito, e fê-lo à sua maneira.

Já não acredito que reste um jogador vivo dos que se sentaram e enfrentaram o meu pai na Peña Taurina, casino onde também se organizavam bailes. Havia um pequeno palco para a orquestra. O meu pai pedia-me uma *Coca-Cola* e eu sentava-me a ver como ele dançava com a minha mãe e depois davam-me um croquete, mas eu não gostava.

Um dia trouxeram para a Peña Taurina uma máquina de *flippers*, uma *pinball*. E o meu pai tomou-lhe o gosto de uma forma fanática. E eu também, teria uns meros oito anos.

Era uma verdadeira cerimónia.

Chegávamos ao sábado de manhã, por volta das doze, à Peña Taurina. O meu pai pedia-me uma *Coca-Cola* e púnhamo-nos os dois a jogar *flippers*.

Éramos felicíssimos. O meu pai tendia a deslocar a máquina com força de cada vez que carregava nos manípulos, o que dava lugar a uma falta, e a máquina desligava-se automaticamente e perdia-se a bola.

Aquelas bolas prateadas, que o meu pai lançava com os manípulos para o ponto mais alto da máquina, para o ponto mais alto do mundo e da vida, e via a bola a subir e eu estava de pé em cima de uma cadeira porque era ainda muito pequeno.

Gravaram-se-me na memória essas cadeiras, é como se estivesse a vê-las neste preciso momento, cadeiras de 1970.

Meu Deus, o que o meu pai gostava de jogar *flippers*. Fascinava-nos a ambos a descida da bola prateada, as cores, as luzes, os sons; aguardar a sua chegada com o dedo no botão. O meu pai adorava conseguir uma bola extra.

Eu também.

Adorávamos jogar os dois. Sempre que víamos nalgum bar uma máquina

de *flippers*, era aí que eu e o meu pai íamos. Jogávamos em silêncio. Comunicávamos por gestos. Era um rito. Um homem de quarenta anos a chegar a um acordo com o seu filho de oito anos.

Julgo que terão sido os momentos de maior comunhão que houve entre nós, quando jogávamos à máquina de *flippers*.

Éramos então pai e filho, de uma forma que nunca mais voltaríamos a ser.

Jogávamos muito bem.

Formávamos um único ser, fundíamo-nos.

Éramos amor.

Mas nunca falámos disso, nunca o dissemos.

Nunca.

Estivera a beber na noite anterior, acordei com o telefone a tocar na mesa-de-cabeceira, estava numa cama do Gran Hotel de Barbastro. Ligaram-me da recepção do hotel, porque tinha o telemóvel desligado. Era o meu irmão. Eram dez da manhã do dia 24 de Maio de 2014, sábado.

— A tua mãe morreu.

Não disse «a mamã morreu». E acho que teve uma grande precisão ao dizer «a tua mãe morreu» e não «a mamã morreu».

Que estranha família fomos. Levantei-me da cama, aturdido, assustado, com os estragos do álcool a aterrorizarem a circulação errática do meu sangue. Fiquei a olhar vagamente o quarto. Vesti-me e não tomei o pequeno-almoço. Fui para casa da minha mãe, onde estava o meu irmão.

Entrei no quarto e lá estava ela, morta. Estava metida na cama, morreu enquanto dormia, ou foi o que disseram.

Estava diante da dissolução de uma época histórica. Com ela tudo se ia embora, e ia-me eu embora. Vi-me a mim mesmo a dizer adeus a mim mesmo.

Exacto: o fim de um período histórico: adeus ao Renascimento ou adeus ao Barroco ou adeus ao Século das Luzes ou à Revolução Russa ou à guerra civil ou ao Românico ou a qualquer civilização digna de memória.

Terminava uma época. Morria uma rainha.

Ali estava a rainha, com a cabeça na almofada. Já não falava. Parecia um milagre aquela sua recém-estreada mudez.

Vivia muito sozinha a rainha, e nem eu nem o meu irmão íamos vê-la muitas vezes. Sobretudo eu, que ia pouquíssimo. O meu irmão muito mais. Ele soube cuidar dela. Por isso, em justa correspondência, sei bem que os meus filhos também não virão ver-me quando me transformar num velho, num monarca agónico cuja morte também porá termo a todo um período histórico.

A minha mãe dormia havia alguns anos no quarto que foi meu e do meu irmão. Nunca lhe perguntei porque é que mudou de quarto. Decidiu não dormir no quarto que partilhara com o meu pai. Não sei porque é que o fez. E hei-de ir para o túmulo sem saber. Mas alguma razão haveria, e de certeza

que era uma razão selvagem.

Porque a minha mãe era selvagem.

É possível que o meu pai lhe aparecesse à noite, e a minha mãe tivesse intuído que no quarto que tinha sido nosso, dos seus filhos, essa aparição não teria lugar porque o fantasma do meu pai respeitaria aquele espaço.

De certeza que foi essa a razão.

Eu ouvia os meus pais do meu quarto quando chegavam tarde e se iam deitar, porque ficavam a falar antes de dormir. Ouvia-os a falar através do tabique, porque já em criança sofria de insónia, uma insónia infantil, cheia de terrores e de medo do escuro. Ouvia o barulho do elevador, as chaves na porta, ouvia-os à conversa antes de adormecerem. Falavam relaxadamente. Ouvir as suas vozes proporcionava-me uma paz imensa. Falavam das pessoas com as quais tinham estado. Estavam a comunicar entre si, estavam a tentar ser um só, eis o que faziam. Estavam a esforçar-se por superar as dificuldades, como fazem todos os casais que existiram sobre a terra. O casamento é uma em-presa social de socorros mútuos. É a criação de uma fortaleza familiar e económica. Era disso que falavam, estavam a unir-se, era uma fusão patrimonial. Falavam com doçura, eu ouvia tudo. Descreviam e avaliavam o que tinham visto. Falavam de como os seus amigos estavam vestidos, de como corria a vida aos seus amigos e de como estava o jantar, se tinha sido um bom jantar, quanto ficara por casal na hora de pagar, da oportunidade ou inoportunidade do comentário de alguém, do carro novo que Fulano ia comprar, e do que fariam no fim-de-semana seguinte.

Falavam.

Estavam a tentar compreender-se e aceitar-se, e que dessa compreensão e dessa aceitação surgisse o casamento, o caminhar em conjunto pela vida fora.

Em Barbastro, a minha mãe foi pioneira no momento de apanhar sol. Apanhava sol em todo o lado. Fez escola. E converteu algumas das suas amigas a essa religião cuja liturgia se baseava numa coisa bem simples: apanhar sol. Com a chegada de Junho, ia apanhar sol com as amigas ao rio. Passava o Verão inteiro a apanhar sol. Depois ficava preta, como se mudasse de raça. E gostava que as pessoas lhe dissessem isso: «estás preta». Não diziam «estás bronzeada»; na altura, em Espanha, dizia-me «estás tão preta»; porque o passado é também um rito de palavras e uma forma de as pronunciar. A chegada do medo faz com que as pessoas falem com outro sotaque, com outra pronúncia.

A minha nostalgia é nostalgia de uma maneira de falar espanhol. A minha nostalgia é nostalgia de um mundo sem medo.

As amigas da minha mãe também estão mortas ou prestes a morrer. Há muito tempo que ninguém me pergunta pela minha mãe. Não ouço o seu nome em voz alta. Não ouço a sua voz. Não me lembro da sua voz. Se voltasse a ouvir a sua voz, talvez então acreditasse na beleza do mundo.

Sinto agora o calor antigo de 1969, e a minha mãe a apanhar sol num jardim de casa de uma amiga, mais nova do que a minha mãe, e solteira. Chamava-se Almudena, e vivia com os pais. Tinha um jardim com árvores bonitas. Havia plantas e flores. E era aí que a minha mãe e a Almudena apanhavam sol, e eu ficava com elas. A Almudena era professora e ia corrigindo exames enquanto apanhava o seu banho de sol. Essa casa com jardim já não existe: tinha uma cozinha grande, e saía-se da cozinha para o jardim, e era um jardim repleto de luz, extenso e tranquilo, e protegido por um muro, ninguém conseguia ver-nos a apanhar sol. Aquilo parecia-me o paraíso. O meu pai comprou uma bicicleta da marca *Orbea* e foi nesse jardim que aprendi o equilíbrio sobre duas rodas. Caía e arranhava as pernas. A Almudena e a minha mãe observavam os meus progressos com a *Orbea*. Certa vez, fui contra uma árvore e parti um vaso. Porque é que me lembro tão bem daquela casa? Era de um piso, tinha um salão antigo, e a cozinha era grande e emanava beleza e paz.

Gostava da Almudena porque era giríssima, sentia uma enorme atracção

por ela e tinha fantasias. Era lindíssima. Incomodava-me que me tratasse como se eu fosse uma criança ou me ignorasse. A minha pequena vaidade sentia-se maltratada. E ela devia ser novíssima na altura; diria que teria vinte e dois ou vinte e três anos, no máximo. A minha mãe tinha amigas jovens, o que me conferia um privilégio. A Almudena ensinava-me matemática, ensinava-me a dividir, eu não fazia sequer ideia do que seria isso de dividir, só gostava de olhar para ela. Olhava para ela quando me dava aulas no colégio dos escolápios e olhava para ela quando apanhava sol de biquíni, com a minha mãe. Toda a gente dizia que era lindíssima. Os miúdos da minha turma comentavam: «Que gira que é a professora.» E eu escondia o meu segredo, o meu privilégio, a dádiva de poder vê-la quase nua a apanhar sol. Atormentavam-me aquelas estranhas operações matemáticas. As divisões pareciam-me de uma complicação infinita. Eram leis, era necessário aprender as leis que regiam o mundo: as leis da divisão, da multiplicação, da adição e da subtracção.

O rosto da Almudena está fixado na minha memória. Não envelhece, não mudou, permanece inalterável, parado no tempo, iluminado pelo sol e pelo meu sangue.

A mãe da Almudena cultivava uma série de flores. Punham-se as três a falar de flores, eu não compreendia que fosse possível falar de flores. Mas o que mais faziam era besuntar os corpos com cremes solares, que eram recentes e modernos, e beber cerveja com gasosa e fumar. E bebiam um jarro inteiro e riam e ficavam contentes. A marca *Nivea*, de boião redondo e de cor azul, com o creme frio e branco, reinava sobre os Verões. E eu ficava lá sentado a olhar o pôr-do-sol sobre as árvores e sobre as flores e sobre as bicicletas. É possível que o pôr-do-sol seja a única coisa importante. Foi então que aprendi a amar o mês de Junho. A minha mãe ensinou-me a amar esse mês, que é especial; aquele jardim era uma celebração do mês de Junho, porque Junho é a anunciação do Verão, é já sol, embora não haja a corrupção do Verão. Quando chega o mês de Julho, começa a hemorragia, ainda invisível. Agosto é o mês da visibilidade da septicemia do Verão, da sua ferida, do seu alastrar pela atmosfera, pela cara dos homens, pelos ramos das árvores impassivas, enquanto morre.

A morte do Verão era horrível. A minha mãe encarava o fim do Verão como um facto trágico, sacrílego. Quem se atrevia a matar o Verão? Odiava a chegada do mau tempo. Ela acreditava no Sol. Era herética, viveu segundo os ritos do Sol. Tinha uma obsessão com a luz e com apanhar sol. O Sol e estar viva foram a mesma coisa para ela. Adorava o Verão. Adorava que anoitecesse tarde, muito tarde. Só aceitava como algo digno de ser tido em conta a presença do Sol; ela não tinha consciência, mas no seu amor pelo Sol e pelo Verão havia uma herança milenar, uma herança da cultura mediterrânica. Não conheci nenhum ser tão mediterrânico como a minha mãe. De facto, ela adorava esse mar, e não gostava nada nem do Cantábrico nem do Atlântico. Eu soube que o Mediterrâneo era um mar especial pelo amor que a minha mãe professava por ele.

Estar perto do Mediterrâneo foi o seu paraíso.

O Mediterrâneo foi a sua única pátria.

Regresso de novo a essa manhã, a manhã do dia 24 de Maio de 2014. Fiquei a olhar para o quarto onde eu e o meu irmão dormimos em crianças. Ia com os olhos das paredes e do armário até ao rosto morto da minha mãe. A cabeceira da cama era azul. A minha mãe mandou pintar as cabeceiras de azul. O armário também era azul.

Abri o armário e não fui capaz de recordar o seu interior: tinha sido o meu armário durante a infância e primeira juventude. Mas não me lembrava de lá ter guardado a minha roupa. Do armário dirigi o olhar outra vez para a cama. Estava agora presente a mulher que cuidava da minha mãe. Era uma mulher dos seus quarenta e cinco anos. Uma boa mulher, com um grande coração, de nacionalidade búlgara. Estava a chorar pela minha mãe. Nunca soubemos muito bem como se chamava. O seu nome era búlgaro, chamávamos-lhe Ani. Mas acho que não se chamaria exactamente assim. Castelhanizáramos de forma aproximada o seu nome em búlgaro e ela achou muito bem. Era loura, alta e corpulenta, com um rosto sereno e alegre. Tinha ainda algumas dificuldades com o espanhol. A minha mãe gostava muito dela. Deixou-me pasmado vê-la a chorar. A Ani estava emocionada, e o seu pranto era real. Porque é que estava a chorar, se não era a sua mãe? Porque é que estava a chorar, se era eu quem tinha de chorar e não chorava? Estaria a minha mãe a enviar-me uma mensagem através do pranto da Ani, estaria a lembrar-me de não ter gostado dela como ela teria desejado que eu gostasse? Foi o que pensei. Pensei que a minha mãe continuaria a falar comigo a partir da morte. Pensei que iríamos falar de outra maneira agora.

Invejei que a Ani soubesse chorar por alguém que não era a sua mãe. Eu não sei chorar, nem sequer uma lágrima, mas, se a minha capacidade de sofrimento fosse mensurável em lágrimas, Espanha inteira ficaria submersa e os espanhóis afogar-se-iam sem remissão. Inundaria a Península Ibérica, e os quatro arranha-céus que Madrid possui ficariam sepultados debaixo das águas.

Portanto, existia a bondade. Estava ali, a revelar-me quão afastado vivo dela.

E a Ani estava a segurar a mão da minha mãe. Eu fiquei a olhar para as duas mãos, uma viva e a outra morta. E a mão morta parecia estar já em paz, e a mão viva, ao tocar a mão morta com bondade, feria a morte. Como se a morte não existisse.

Voltei a olhar para o quarto. De maneira que a minha mãe morrera no quarto onde os seus dois filhos cresceram, onde os dois cimentos que compuseram a sua existência já não dormiam havia muito tempo. Olhava para o espaço daquele quarto, tentando procurar uma porta no ar. Mandou pintá-lo de azul, porque pensou que os seus dois filhos eram azuis. Morreu no nosso quarto, e nisso havia outra mensagem plena de força. Abrigou-se ali, no nosso quarto, que diante dos meus olhos estava a transformar-se num espaço sagrado, num túmulo.

Fomos azuis muitos anos. Até aos dezoito anos, os filhos são azuis. Com o passar do tempo, tudo, no entanto, se torna amarelo.

Os filhos azuis tornam-se filhos amarelos.

Ainda estava lá o azul. Voltava o azul por uns segundos, e derrotava a cor amarela. As duas velhas camas onde tinham dormido os seus rebentos pareciam dois barcos que iam da vida para a morte, camas que em criança me pareciam indestrutíveis; e aquela cor azul dos pés da cama, das pernas e da cabeceira adquiria uma pureza que me queimava os olhos.

Fiquei a observar como estavam bem pintadas. Como aquela pintura aguentara cinquenta anos. Era rara tal perduração. Não havia sequer um risco, nem uma falha minúscula. Porque é que tudo parecia acabado de pintar, se aquelas camas estavam a cumprir meio século?

Voltei a abrir o armário azul, sabendo que era a última vez que o abriria, sabendo que nunca mais voltaria a ver aquele armário. E surgiram num tropel a maquinaria de guerra e a artilharia e a cavalaria e a luz dos dias antigos, e vi-me a escolher uma camisa quando tinha treze anos, olhando-me ao espelho, pensando se conseguiria impressionar uma rapariga de quem gostava. E olhei para onde estava a minha mãe morta, e havia ali uma tempestade de tempo e aniquilação, era uma ordem lógica para a qual não estava preparado.

Quase morrer é o menos.

Foi a última vez que te vi, mamã, e soube que a partir daquele instante iria ficar completamente sozinho na vida, como tu ficaste e eu não me dei conta ou não quis dar-me conta.

Estavas a deixar-me tal como eu te deixei.

Estava a transformar-me em ti, e dessa forma perdurarias e vencerias a morte.

Deveria ter tirado dezenas de fotografias àquele quarto. Deveria ter fotografado a casa inteira, para que nada se perdesse. Um dia deixarei de recordar com exactidão aquela casa em que nos amámos tanto e, quando deixar de a recordar, ficarei louco. Acredito nas tuas paixões. As tuas paixões são agora as minhas. E as tuas paixões valeram a pena. Faltam-me as fotografias, sem dúvida. As tuas paixões, mamã, a tua obsessão pela vida, passaste-as para mim. Tenho-as aqui, no meu coração, aos suspiros.

Irmão da minha mãe morta, o meu tio Alberto Vidal falece no dia 11 de Março de 2015, com setenta e três anos de idade.

Tenho estado a chamar Monteverdi ao meu tio Alberto neste livro.

O Monteverdi tinha a sua pequena fama em Barbastro, a nossa terra, a sua e a minha, embora tivesse nascido numa muito mais pequena, chamada Ponzano, onde também nasceu a minha mãe, quase uma aldeia.

É aí que vai a enterrar, em Ponzano. Não consigo ir ao enterro, claro. Não vou a nenhum enterro; tem sido isso a minha vida: evitar enterros. Portanto, não sei como é o túmulo, ou a gaveta. Não sei se haverá flores. Não sei nada.

Quando era jovem, por alturas dos anos cinquenta, diagnosticaram uma tuberculose ao Monteverdi. Foi internado num hospital de Logroño, um antro do pós-guerra. Foi lá que lhe serraram um pulmão e o devolveram a Barbastro. O que ouvi em criança foi isso, «serraram-lhe um pulmão». Foi a palavra «serrar» que ouvi. É uma palavra de carpinteiro.

Tinha um pulmão a menos.

Era o mais novo de sete irmãos.

A minha tia Reme acolheu-o em sua casa. Ele viveu com ela e com o seu marido mais de cinquenta anos. É uma história de sacrifício pessoal, do amor da minha tia pelo irmão. É uma história de bondade. E tudo vivido com um pulmão a menos, com menos ar na boca, com essa decrepitude do ar escasso dentro do corpo.

A minha tia Reme morreu, e ele continuou vivo mais um par de anos.

Viver com um pulmão a menos é algo lendário e é revolucionário.

A minha mãe, quando eu era criança, deixava-me ao fim-de-semana em casa da minha tia Reme, e foi lá que conheci o endiabrado e peculiar carácter do meu tio Alberto, o grande Monteverdi. Teria eu sete ou oito anos quando ele ameaçou cravar-me uma faca. Era uma bela faca. Estou a vê-la agora, quarenta e cinco anos depois, com uma clareza diabólica e no entanto não isenta de doçura. Estou a vê-la agora à altura dos meus olhos como Miguel Strogoff viu a sua. Consigo recordar todas as facas importantes da minha vida. Aquela foi-o. Tinha sido afiada tantas vezes que

perdera a forma recta do fio, estava muito oxidada, e a madeira do cabo estava rachada. Era uma faca objecto de elogios. Era exaltada por cortar bem. Tinha sido herdada da família do meu tio, era uma faca patrimonial, forjada em finais do século XIX. Não era inoxidável. Estava completamente enegrecida, embora não fosse um enegrecimento sujo, mas digno, nobre. Fazia-se um sinal da cruz no pão e aquela faca cortava-o então em fatias, um pão espumoso, cheio de miolo, uma festa do pão, o pão de finais dos anos sessenta.

Perseguiu-me com a faca por aquele apartamento da minha tia; um apartamento com um corredor muito comprido, com um janelão a dar para um saguão a meio do corredor. Um apartamento cuja recordação me dá vontade de chorar, porque me dou agora conta de que fui feliz naquele apartamento. Conseguiria reconstruí-lo centímetro a centímetro. Conseguiria fazer uma planta rigorosa. Tinha encanto. Era algo lóbrego, e a sua antiguidade in-trigava-me. Foi construído durante a guerra civil espanhola, em 1937, com materiais provenientes de escombros dos bombardeamentos. Mas houve lá antes uma casa de agricultores. Pareciam ascender os espíritos do irredento campesinato espanhol, havia espíritos por todo o lado, e esses espíritos apoderaram-se do coração do meu tio.

«Vou cortar-lhe o pescoço», gritava ele.

Foi o marido da minha tia Reme quem parou o meu tio Alberto. Agarrou-o pelo braço, torceu-o e fez com que a faca caísse ao chão. Sei que aconteceram mais coisas. Floresceu a loucura por onde estive, por onde eu estive.

O meu tio Monteverdi estava bastante louco. E eu também estou bastante louco. Sei que me perseguiu com a faca, e que ia blasfemando. Maldito seja Deus. O Johann Sebastian nunca blasfemou. O Monteverdi, sim, e muito e com força. O Johann Sebastian nunca o fez. É possível distinguir dois tipos de homens: os que blasfemam e os que não. Os que blasfemam costumam estar desesperados, e sofrem como condenados. E os que não blasfemam também.

E é possível distinguir dois tipos de música: a que canta e a que condena.

Acontece-me como com o G., o padre que me apalpou: há um curto-

circuito na minha memória. Há uma lacuna criada pela minha vontade de sobrevivência. Sei que ele queria cravar-me aquela faca. Não me lembro ao certo de qual terá sido o detonador, devo ter reproduzido algumas palavras de outros acerca dele, algo relacionado com a sua incapacidade ou com a sua inutilidade. Disse em voz alta palavras feias que ouvira sobre ele. Porque as palavras são importantes nas famílias, não assim na sociedade. E ele enlouqueceu, e queria matar-me a mim, quando na realidade deveria ter matado um dos irmãos. O meu tio Mauricio, o mais velho da prole (chamar-lhe-ei Händel), dizia que o Monteverdi não servia para nada. Não tinha grande piedade dele. Não o comovia que tivesse um pulmão a menos. Havia ressentimento pré-histórico e catástrofe naquelas terras de Huesca.

Terras, essas, pelas quais me apaixonei.

O Händel também partiu, e julgo que com menos de setenta e três anos, parece-me que com sessenta e nove, pelo que a vida continua a procurar a comédia como forma de se expressar. Julgo que terei repetido em voz alta algumas palavras que o Händel sussurrara acerca do Monteverdi. Ouvira o Händel dizer que o Monteverdi era um desastre, algo assim, e foi isso mesmo que divulguei. Eu não sabia o que estava a acontecer. Não entendia nada. Era a típica criança que faz asneira ao nomear em público uma vergonha ou um segredo familiar. Um homem desesperado queria cravar-me uma faca.

O Monteverdi não falava com o Händel.

Davam-se pessimamente.

O Monte achava que o Händel lhe devia ter dado uma mão na vida, que era seu irmão mais velho para isso. O Händel também sofreu muito nesta vida, acho que ele carregava uma solidão terrível. Lembro-me do seu bigode e da sua cabeça enorme, sustida por um corpo extremamente magro. Recordo que fumava muito, fumava três maços por dia. Tabaco escuro. Não sei de onde terá vindo. Acho que éramos e somos uma raça próxima do elo perdido, embora nisso haja também um triunfo da vida.

O Händel parecia um demónio, com o cabelo muito curto, como um soldado, e tornou-se um homem extravagante. Aquilo de que o Händel mais gostava era de matar javalis. Era um caçador consumado. Uma vez, fui caçar com ele. Fomos para «a espera». Era necessário esperar que o javali aparecesse. Apareceu um e ele rebentou-lhe os olhos com um cartucho de chumbos. Acertou-lhe na cabeça. Ia fumando enquanto o via a agonizar. Deixou-o lá morto, para que as ratazanas o comessem, para que as ratazanas tivessem um festim, porque era velho, era um javali velho e doente, de carne dura e sarnenta, e fomo-nos embora de carro, por caminhos cheios de vento e securo e frio, na noite de Novembro.

E a Lua lá no alto iluminava o cadáver do javali e o Händel caiu num mutismo árido, e pôs-se a fumar e a olhar a distância, essa distância da terra do Somontano, um misto de vazio e de aviso do negrume e da fealdade da noite que todos seremos.

Quis ligar o rádio do carro, mas era impossível captar qualquer estação.
Só se ouviam barulhos.

O Monteverdi parecia outro demónio, só que deixou crescer o cabelo, e também se tornou um homem extravagante.

Os dois eram irmãos de sangue, mas sobretudo irmãos na extravagância: um com o cabelo à escovinha, o outro de guedelha.

Lembro-me agora de que ambos usavam bigode. O Händel um bigode minúsculo, o Monteverdi um bigode farfalhudo.

O velho Barbastro conhecia bem o Monteverdi. As novas gerações, não.

Mas o velho Barbastro respeitava-o e entendia-o e amava-o. Entendia-o porque, no fundo, o Monteverdi era uma emanção natural daquela terra, daquelas ruas, daquelas praças, daquela forma de estar no mundo.

O Monteverdi falava muito, atabalhoadamente. Cumprimentava com uma fórmula sempre repetida: «Que tal, rapaz?» A forma como pronunciava esta pergunta era excêntrica, pitoresca, como se na pronúncia se entresse um culto secreto à loucura, à dispersão. Sim, a dispersão foi a coroa do Monte. E depois punha-se a falar sem parar, frases não contíguas, antes frases umas em cima das outras, sobrepostas: era um espectáculo verbal no qual respirava algo que não pertence ao reino dos vivos. Eu, de há pouco tempo a esta parte, também falo muito: os dois a falarmos muito, para não darmos tempo ao nosso interlocutor de nos julgar, para mantermos ocupado o pensamento do interlocutor e impedir que nos veja a partir do silêncio e se dê conta de que estamos chanfrados e arrumados. De que sofremos tanto que só nos resta o automatismo das sílabas.

A camuflagem do espancado, sim, mas também a camuflagem do apaixonado.

Encontrei-o há uns anos na rua e mostrou-me o telemóvel que comprara. Trocámos os números dos nossos telemóveis.

Olhámos para os telemóveis com tristeza.

Nunca lhe liguei, por que haveria de ligar?

O seu aspecto era pura catástrofe: vestia fatos velhos, com gravatas floreadas, e cheirava mal. No final da sua vida, tresandava. Se bem que fosse uma catástrofe original, havia uma intenção artística.

Não se conseguia estar sequer a três metros dele.

Nunca tomava banho.

O seu cheiro era repulsivo. Pura arte de vanguarda. O seu fedor era célebre. Barbastro inteiro conhecia o rasto do seu cheiro nauseabundo.

Ele convivia tranquilamente com o seu prematuro cheiro a morto.

O cheiro dantesco do seu corpo foi a sua Beatriz. Era uma forma de se distinguir dos restantes. E era uma forma de erigir uma fortificação em torno do seu corpo, um muro intransponível no qual a solidão ficava hermeticamente protegida, como uma mãe protegeria o seu bebé.

A sua solidão foi o seu bebé, o seu filho único e amado.

Protegeu o seu bebé com a fetidez, como fazem os animais, como faz a doninha, cujo cheiro alcança os dois metros de distância. Tal qual os que alcançava o fedor do Alberto Vidal, dois metros de distância. Aquele fedor também possuía o seu descaramento político, era uma força política, a apoteose da negação de qualquer decoro social. Era uma exaltação da esterilidade.

Viveu com a sua irmã Reme e com o seu cunhado Herminio, um homem bom. Qualquer outro se teria queixado.

Não teria consentido tal coisa.

Viver a vida inteira com o irmão da mulher, eis o que fez o Herminio.

Um quarto para o Monteverdi, sempre.

Puseram-se a viver os três numa casa antiga, na Calle de San Hipólito. E gostavam uns dos outros. Tinham de vez em quando as suas brigas, mas gostavam muito uns dos outros. A bondade do Herminio era bíblica. Talvez tenha sido o melhor homem que conheci na minha vida. O Herminio amava a minha tia Reme. Tinha-a num pedestal. Estavam apaixonados, e sempre o estiveram. Não me dei conta desse milagre. Não me dou conta das coisas maravilhosas que vi na minha família. Deveria ter reparado nesse amor. O Herminio adorava a mulher.

Depois nasceu a minha prima. De maneira que eram quatro, um marido e uma mulher e uma filha e um cunhado, vivendo décadas em conjunto. Um mistério. Porque havia beleza nessa reunião imprevista de quatro seres humanos. Se pensar nisso agora, não consigo entender. Não me cabe na cabeça que dois homens tenham vivido cinquenta anos juntos tendo por

parentesco um motivo civil. Quem seria o Herminio na história da música? Pergolesi talvez, nada mais nada menos do que o autor de *Stabat Mater*.

O quarto do meu tio Alberto era frio e húmido e era sempre preciso ventilá-lo bastante, mas tinha encanto. Eu nunca lá entrava, era proibido. Via-o por vezes quando era arejado. Havia um armário e uma cama elementar. Havia uma mesa. Julgo que o melhor era a janela. A forma quadrada do quarto conferia-lhe um significado religioso. O que eu não daria agora para voltar a ver esse quarto proibido. Terá sido uma divisão de desamparo, nesse transe em que o desamparo se torna líquido e invade as paredes, o chão, os móveis, o ar. Ainda lá estará essa solidão, rebuçada naquelas quatro paredes, se é que ainda existem.

Não arranjou trabalho. Não contraiu matrimónio. Nunca teve namorada. Ninguém lhe conheceu amigas, mas tê-las-á tido. Ter-se-á apaixonado alguma vez. Se soubesse o nome de alguma mulher pela qual ele tivesse estado apaixonado e se soubesse que ainda estava viva, ligar-lhe-ia para falar dele. Isso seria um milagre. Como tivera tuberculose, usava sempre o seu prato e o seu copo e os seus talheres.

Eu era uma criança, e ficava a olhar para o seu prato e para o seu copo e para os seus talheres como se fossem algo proibido, sujo, maligno, perigoso.

O prato dele metia medo.

O copo dele gerava pânico.

Eram o desconhecido, o abismo.

Também o guardanapo, sempre com um laço mortuário.

O meu pai oferecia-lhe os seus fatos velhos.

E lá ia o meu tio Monteverdi, com os fatos velhos do Johann Sebastian, a passear por Barbastro. Ficavam-lhe grandes, porque o Johann Sebastian era alto, mas não importava. Parecia o Cantinflas. Os pobres espanhóis de fato, uma lenda imensa. O Monteverdi gostava de imitar a fala do Cantinflas.

Morto o meu pai, o Monteverdi continuava a passear os fatos grandes do meu pai por Barbastro.

Quando o encontrava na rua, lembrava-me do meu pai nos anos setenta, porque aqueles fatos eram dessa altura, já fora de moda, fatos cruzados que

se usavam nos anos setenta e que agora ninguém usa de todo.

O Alberto Vidal percorria Barbastro de uma ponta a outra, enfiado num fato cruzado como se fosse o Al Capone. Estava sempre em todo o lado. Sempre a passear, numa terra na qual ninguém passeava. Parecia ubíquo.

Inventou o passeio.

O meu tio Alberto Vidal tinha amigos estranhos, que morreram ou se desvaneceram ou se extinguiram ou nunca existiram. Eu conheci alguns desses amigos; e gostaria de saber em que consistiram aquelas amizades, julgo que eram tão inconsistentes que teriam forçosamente de ser puras e boas, simples, elementares. Amizades elementares, é assim que penso nelas. Nunca soube onde viviam aqueles amigos. Recordo o rosto de um deles, o seu rosto fazia-me lembrar a cabine de um camião *Pegaso*. Não se pode narrar tal inexistência.

No início da década de oitenta, o meu tio Herminio comprou com grande esforço um pequeno apartamento, numa cooperativa, nos arredores da povoação. E os três foram para lá de novo, porque a minha prima tinha ido à sua vida. O Monteverdi tinha o seu quarto na nova casa. Deram-lhe um pequeno trabalho como administrador dos apartamentos da cooperativa, e contava sempre como fazia bem o seu trabalho e como os vizinhos estavam contentes.

Continuava a envergar fatos antigos, com gravatas extravagantes, como se de *gangster*. É possível ser-se muito pobre e usar fato. Um pobre com estilo, vi muitos assim na minha família. O Monteverdi prolongou a vida dos fatos do meu pai até os levar ao limiar da eternidade. O meu pai estava morto, mas os seus fatos dos anos setenta continuavam no activo pelas ruas de Barbastro. Algo que me parecia bonito. Parecia-me lendário.

A minha tia morreu e lá ficaram a viver sozinhos, naquele apartamento, dois homens velhos que não tinham nenhum parentesco real. Lá ficaram o Pergolesi e o Monteverdi, a falarem da música das suas vidas, a sentirem falta do vínculo que os unira durante cinquenta anos: a minha tia Reme, à qual gostaria de chamar Maria Callas, pois infelizmente não há mulheres famosas na história da música. Julgo que terão sido mais de cinquenta anos. Talvez sessenta. O Pergolesi e o Monteverdi tinham um parentesco político,

chamado Maria Callas, mas a razão de tal parentesco desaparecera. Alguém deveria escrever um tratado antropológico que explicasse o que é um parentesco político, de onde vem, em que casa obscura da História foi forjado.

E agora morreu o Alberto Vidal.

Morreu o grande Monteverdi.

Volto a lembrar-me da vez em que ele me perseguiu por aquele apartamento na Calle de San Hipólito com a faca na mão para me cortar o pescoço, o pescoço de uma criança de oito anos, aquela faca velha, com o cabo de madeira comido pelos fantasmas da guerra e da fome.

Não te preocupes, Alberto Vidal, marcaste a tendência nas décadas de setenta e oitenta em Barbastro. Uma tendência que só eu notei, mas não faz mal.

E levantar-te-ás de entre os mortos.

Oxalá me tivesses cravado aquela faca no pescoço. Teríamos acabado eu debaixo de terra e tu no garrote.

E, embora as leis dos homens castiguem e denigram esses finais, não são assim tão maus: o túmulo e o pescoço partido.

Vimos daí, e esta nova oportunidade histórica que os tempos nos oferecem, esta oportunidade de chegar a ser algo ou alguém, esta oportunidade de ter um trabalho e uma reforma e segurança social, desaproveitá-la-emos sempre.

Vimos das árvores, dos rios, dos campos, dos barrancos.

O nosso mundo sempre foi o estábulo, a pobreza, o fedor, a alienação, a doença e a catástrofe.

Somos compositores da música do esquecimento.

Tanto nos faz que Deus exista como não exista.

Se Deus ou quem quer que fosse nos oferecesse o paraíso, em quatro dias, contigo e comigo lá dentro, transformá-lo-íamos numa chafurda.

E, se Deus se irritar connosco por transformarmos o seu paraíso num esgoto, que fará? Voltar a matar-nos? Devolver-nos ao inferno?

Ah, acredita em mim, Alberto Vidal, somos o castigo de Deus. Porque Deus regressou, porque a humanidade nunca mais encontra nada melhor.

Como tal, ri-te no teu túmulo, agora que chega a Primavera, porque morreste nas vésperas da Primavera, que é o grande tempo dos que sempre cá estiveram, antes, muito antes de existir a História.

Ri, Alberto Vidal, e lava o cabelo e põe perfume.

Repara que eras sujo, hã, repara que tinhas estilo.

Repara que estiveste sozinho, foste o homem mais só do universo.

Em adulto, ninguém te amou. Nem sequer eu, o teu sobrinho. Em criança, amou-te a Cecília, a tua mãe, a qual invocavas sem que ninguém te ouvisse. E essa, sim, parece-me uma experiência sobrenatural, a experiência dos seres que passam por este mundo sem que ninguém os ame. Há aí uma forma dura e venenosa da liberdade. Há uma invocação da força da matéria caótica, anterior à ordem humana, porque a matéria está sozinha. Ter vivido sem ter sido amado não é um fracasso.

É um dom.

O dom sangrento.

Podemos ver mais, podemos ver o sentido da matéria em liberdade. O ser humano necessita da busca de uma culminação, de que as coisas não aconteçam por acaso. Procuramos uma vontade. Que estejamos aqui por algo. Que as nossas vidas alcancem no mínimo uma meta. Mas é mentira tanto a existência de Deus como a existência da bondade entre os seres humanos.

Muitos homens de hoje pensam que, tendo sido úteis e tendo sido honestos para os seus semelhantes, já estão a encontrar um sentido. Serve para morrer com uma certa tranquilidade. Mas também aí há um vazio. A honestidade também é uma fraude ontológica.

Tanto faz que não se saiba o que significa a palavra «ontológico», porque é nada.

Essa densa vacuidade é maravilhosa. Vê-la, como eu a vejo. Como tu a viste, Monte.

E acredita em mim, Monteverdi, o teu caminho é o caminho dos heróis.

«Que tal, rapaz?»

Estou outra vez no meu apartamento de Ranillas. Bom, a rua chama-se agora José Atarés, já não se chama Ranillas, mas chamar-lhe-ei sempre assim, por causa do meu pai.

Quando estou fora, quando vou viajar, o Bra e o Valdi vêm a este apartamento e utilizam-no como se fosse a casa de um desaparecido. Também não é assim tão mau, o estatuto de desaparecido.

Quando estou, pouco vêm para me ver.

Vivem ainda no fracasso de um divórcio, cuja iconografia moral precisa de vítimas e carrascos. Não se lembram dos meus pais, dos seus avós. Não entendem que eles, os avós, estão neste apartamento. Não os vêem, e estão cá. Não sabem o que é estar sozinho e desesperado. Muita gente partirá deste mundo sem saber o que é estar desesperado. A maioria das pessoas que conheci nesta vida não o sabe nem nunca saberá.

Numa espécie de exaltação do meu desespero, deu-me para comprar molduras baratas na Fotoprix e pendurá-las nas paredes de casa com fotografias dos meus pais e minhas e do Bra e do Valdi. Ficou muito manhoso, mas era do meu agrado. A minha mãe fazia o mesmo. Também comprava molduras baratas e punha lá as fotografias do Bra e do Valdi, nunca as suas.

Dado que tinha mais fotografias do que molduras, limitei-me a fixar as fotografias na parede com fita adesiva de cores: não ficou mal. Estava em plena construção do meu novo lar. Ao divorciar-me, perdi o meu lar. Ao morrerem os meus pais, perdi o meu lar. Agora reconstruo lares através da fotografia caótica, através do esforço de forrar Ranillas a fotografias, e às vezes fotografias reproduzidas na impressora a preto e branco.

Vou trocar o canhão da fechadura, digo a mim mesmo num surto de ira que me passa daí a dez minutos. Seria uma forma de lhes lembrar que a casa importa, que a casa está viva. Mas não o faço, gosto no fundo que venham, mesmo que o façam quando eu não estou.

Cada dia mais sozinho, também sem filhos, e não faz mal. Deve ser a lei da vida. Quero que não tenha tanta importância. Se estiverem bem, se eles estiverem bem, tanto faz. A vida é esta divisão escura. Tanto faz. Mas fico

fodido que deixem a luz acesa, como aconteceu da última vez, porque quem paga a factura da luz sou eu. Eu: o pai que ao abandonar foi abandonado. O pai desvanecido. O pai sob as águas. Eu não deixava a luz acesa em casa dos meus pais.

Não, não deixava a luz acesa.

Esqueço tudo daí a dez minutos.

E assim vamos indo, comemos juntos de vez em quando, neste apartamento elementar. A vida está à espera deles, e dentro de quarenta anos virão à minha procura. Oxalá encontrem o meu amor. Oxalá pudesse protegê-los até ao último minuto da eternidade. E acho que posso fazê-lo. Estarei sempre ao seu lado. Amá-los-ei sempre. Como sempre fui amado pelo meu pai. Procurarão essas refeições de vinte minutos, e procurarão este apartamento, e procura-rão o meu rosto.

E não o encontrarão, porque estarei morto. Mas velarei por eles, apesar de morto.

Trouxe prendas da minha última viagem para o Bra e para o Valdi, eles viram-nas, disseram que gostavam muito, e esqueceram-se delas em minha casa.

Tenho-as agora à minha frente: inertes, desprezadas, condecoradas com méritos tristes. Simbolizam o desaparecimento de um lar. E, portanto, o desaparecimento do amor. Nunca dizemos a verdade toda, porque se a disséssemos daríamos cabo do universo, que funciona através do razoável, do suportável.

Que fazem essas prendas em cima da cama do quartinho no qual nunca ninguém dorme?

Deito-me na cama do quarto grande. Levanto-me da cama e volto ao quartinho, e ponho-me a olhar para as prendas que trouxe para os meus filhos, que ali estão, em cima da cama pequena, abandonadas, fundindo o abandono das prendas com o abandono da cama pequena, fundindo até as suas solidões numa única solidão que, se a vês, te parte o coração e a vida.

Entristece-me por completo que se tenham esquecido das prendas, ou melhor, espanta-me, talvez por ter superado o estágio da tristeza, ou ter trocado a tristeza pelo espanto, e por amar os meus filhos, e por me ser indiferente o que façam comigo e com as minhas prendas. Mas um pai também tem espírito de sobrevivência, pois é um homem. O pouco apreço pelas minhas prendas poderá até causar-me pânico: na minha vida houve mais pânico do que tristeza. Porque o pânico provém da culpa e a tristeza provém de si mesma. Isto é, se abandonaram as prendas é porque sou culpado. Penso às vezes que a minha culpa é mais vasta do que o universo. Poderia competir em vastidão com os abismos siderais. A culpa é um dos enigmas dourados; como é óbvio, não me refiro à culpa que tem origem nas religiões, ou concretamente no catolicismo, mas à culpa pré-histórica, à culpa como sintoma de gravidade e de aliança com a terra e a existência, a culpa de Kafka, essa mesmo.

A culpa é um poderoso mecanismo de activação do progresso material e da civilização, porque a culpa cria «tecido moral», e a moral e a ética são os bastiões que movem a realidade. Sem a culpa, não existiriam os

computadores nem os voos espaciais. Sem a culpa, não teria existido o marxismo. Sem a culpa, teríamos o cérebro oco. Sem a culpa, seríamos apenas formigas.

A minha mãe oferecia-me perfumes. Eu não os deixava esquecidos em sua casa. Mas no fundo também não queria que me oferecesse nada. Vivia obcecada com oferecer-me perfumes caros, luxo ao qual não podia dar-se. Vivia obcecada com o meu aniversário. É possível que os meus filhos ao deixarem as prendas esquecidas se deva no fundo a eu não querer que a minha mãe me oferecesse nada. Quantos mais paralelismos encontrar, mais sagradas serão a vida e a memória.

Fico a olhar para as fotografias dos meus pais que estão penduradas nas molduras que comprei na Fotoprix. São as molduras mais humildes do mundo. A Fotoprix compete bem com os preços das lojas dos chineses. As lojas dos chineses não têm aquecimento nem ar-condicionado, ao contrário da Fotoprix. Todos os emigrantes e os pobres vão lá ou às lojas dos chineses para comprar molduras onde pôr os rostos dos seus familiares e dos seus entes queridos.

O negócio das molduras baratas para as fotografias de família é um negócio florescente. Quando emolduramos as nossas lembranças e os nossos entes queridos em molduras de dois euros, transformamos o nosso passado em mínima ternura.

Na terça-feira, 24 de Março de 2015, um *Airbus* da companhia aérea Germanwings despenhou-se nos Alpes franceses. Morreram cento e cinquenta pessoas. Todas as televisões do planeta tentaram ser piedosas. Ninguém sabia como ser piedoso a partir de uma televisão. As tragédias duram um par de semanas. Vão-se desvanecendo aos poucos. Daqui a uns anos, estas linhas que aqui escrevo serão história remota. Talvez por isso as escreva, ciente desse sabor inexpressivo de todas as coisas que nos acontecem. Que percepção do final, da destruição dos seus corpos, terão tido os passageiros do voo do *Airbus* da Germanwings?

Como terão morrido, com o embate ou queimados?

A compreensão da morte é tão necessária como a exibição de todos os pormenores técnicos que os meios de comunicação estão a transmitir. Ninguém fala de como se desfaz o corpo de um miúdo de catorze anos arremessado contra a chapa e o fogo e o plástico e o ferro de um *Airbus* a novecentos quilómetros por hora. Como será? Arderão os órgãos internos, que percepção terá o sistema nervoso central da pele devastada pelo calor? Como será a avaliação que a inteligência emocional fará da destruição do corpo?

O que é o sofrimento, quantos graus atinge?

Estavam a viajar miúdos de catorze anos.

E o que se sentirá? Hum, o que se sentirá? De certeza que pensam nas mães três segundos antes do final e de certeza que conseguem vê-las e que as vêem na sua essência, no que são: são amor. Pensarão nas suas mães e as suas mães não pensarão neles porque nada saberão do acidente até umas horas depois e no momento da morte dos seus filhos estarão a trabalhar ou a fazer compras ou a falar ao telefone ou a conduzir um automóvel. Porque é mentira a comunicação telepática, porque não passa de literatura toda essa lenda de se poder dizer um adeus sobrenatural aos seres amados quando a morte surge de maneira accidental, fatal, trágica.

O amor não existe na natureza.

Existirá a morte instantânea? Ah, a grande metáfora da morte instantânea e indolor, essa que os partidários da pena de morte procuram. Fiquem

sabendo: não existe a morte instantânea. Por uma razão muito simples: porque a vida é forte, é sempre forte e robusta, a vida. A vida nunca se vai embora assim tão tranquilamente. Morre-se sempre com uma dor indizível, insuperável, desumana, indecente. Porque a vida é um sucesso da resistência ancestral contra os inimigos da vida.

Quando somos pais, como eu sou, somo-lo de todos os filhos do mundo, não apenas dos nossos. É assim que funciona este negócio da paternidade.

Tudo o mais é política.

É assim que amo o Bra e o Valdi.

Compro coisas nos supermercados, coisas de que acho que preciso, mas depois devolvo-as. Uma vez devolvidas, volto a comprá-las. Aconteceu-me com dois pequenos electrodomésticos: uma balança e uma torradeira. O engraçado é que usei a torradeira. Estou sozinho no meu apartamento de Ranillas e estou a pensar na minha mãe. Também ela era caótica em relação ao que comprava: o desespero transferido para os electrodomésticos.

Lembro-me de ela ter comprado certa vez uma faca eléctrica. Fê-lo quando apareceram no mercado, em meados dos anos setenta. As facas eléctricas não tiveram êxito e deixaram de ser fabricadas. A minha mãe era possessiva. Na altura, não quis que eu me casasse. E, a poucos meses da sua morte, fez um telefonema fatídico para aquela que era então a minha casa. E eu não estava nessa casa. E a minha mãe disse àquela que é hoje a minha ex-mulher, mas que então ainda não o era: «É impossível que ainda não tenha chegado, se saiu às cinco da tarde.» No máximo, teria de ter estado em casa às sete da tarde.

E eram dez da noite quando entrei pela porta.

Mas o mais ominoso foi esse telefonema da minha mãe acontecer enquanto eu estava a subir de elevador, a tal ponto que, ao entrar em minha casa, ainda ouço as últimas palavras de despedida da conversa entre a minha mãe e a que era então a minha mulher. Ou seja, se tivesse chegado três minutos antes, a minha mãe não teria desencadeado o que provavelmente se desencadearia na mesma, mas não nessa altura e por sua causa.

Sobretudo, por sua causa. Está aí o busílis, está aí tudo.

Quis ver nisso uma manobra complexa do destino, como se os factos não fossem regidos pelo acaso. Imagino que precisemos de acreditar no pensamento mágico, porque é consubstancial ao ser humano supor que existe vontade e razão nos factos, e que há uma arte do destino. Não nos conformamos com a causalidade. Queremos que os acontecimentos terríveis que sucedem nas nossas vidas tenham uma dimensão sobrenatural. Embora agora, passado um certo tempo já, apenas note uma ironia do destino.

Por outro lado, os factos terríveis são decisivos no momento em que a

nossa vida possa ser contada, narrada.

Sem factos terríveis, ou simplesmente factos, acções, algo que aconteça, a nossa vida não tem história nem trama, e não existe.

A minha mãe nunca soube. Eu não lhe contei. Não lhe contei que esse seu telefonema me virou a vida de pantanas. O seu telefonema descobriu uma infidelidade. Evidentemente, era só uma questão de tempo, porque eu insistia naquela confusão de intermináveis infidelidades matrimoniais, que me destroçavam e me afundavam no álcool. E o meu casamento estava a agonizar, embora eu não quisesse aceitá-lo, porque tinha medo e porque a intempérie me assustava.

Após esse telefonema da minha mãe, desci ao bar, destroçado, decapitado, e pedi um gim tónico, e com a chegada do segundo gim tónico comecei a acalmar. É o que o álcool faz quando chega ao sangue: tudo começa a brilhar de novo. Vi os dedos da minha mãe nas mãos da empregada do bar por baixo da minha antiga casa que me servia os gins tónicos. E o terceiro gim tónico trouxe-me uma alegria envenenada, improdutiva.

Estava a entrar no labirinto do destino, que usa os rostos dos seres humanos como transfiguração da sua própria força, que troca rostos e se diverte com isso, que arma uma pequena briga da realidade. Pensei que nunca mais voltaria a ser jovem. Tinha de me ir embora daquela que até então tinha sido a minha casa por culpa de um telefonema da minha mãe. Uma encolerizada comédia, e o Bra desceu ao bar e disse-me «papá, eu vou viver contigo», mas depois mudou de opinião. Comoveram-me as palavras do Bra. Aquele «papá, eu vou viver contigo» é a coisa mais bonita que ouvi na vida. Lembro-me sempre disso. Havia ali uma ternura infinita. Julgo que morrerei a ouvir essas palavras breves, que não foram acompanhadas de factos e antes assim. Os factos também já não são claros.

Porque o passado não existe, embora recorde com olhos erguidos aquela energia que o terceiro gim tónico depositou no meu sangue. Agora já vejo beleza em todo o lado. Também não foi nada de mais. Foi uma história comum. Uma história como a de milhares de espanhóis, ou de milhares de seres humanos. Embora haja espanhóis (muito mais homens do que

mulheres) que não se divorciam para não perderem a sua biblioteca, ou o apartamento na praia, ou o televisor, ou a muda limpa numa gaveta da mesa-de-cabeceira, coisas assim. Porque a angústia tem as caras mais estranhas do mundo. De facto, fiquei sem a minha biblioteca, e sinto muita falta dela. Mas não eram senão livros. E os livros não são vida, quando muito um adorno da vida, e pouco mais do que isso.

Gostaria que a minha mãe tivesse sabido que foi ela a precipitar o divórcio com o seu telefonema. É um estranho enigma que tenha morrido sem saber. De maneira que só me conheceu em vida em dois estados mentais: solteiro, sob o seu domínio; casado, sob o domínio de outra mulher, que era ela própria também. E perdeu o terceiro: divorciado, sem domínio. Ou seja, sem ela. Se fui o centro de toda a sua vida, e ao mesmo tempo ela foi quem conferiu gravidade à minha existência, este terceiro estado assemelha-se ao estado da verdade final da minha existência, um estado de ruidosa liberdade, de trémulo desamparo, porque não posso estar sem a presença tutorial dessa mulher, que foi uma deusa, que gerou a minha carne no seu ventre; e só ela pode aceder ao conhecimento desse estado sob a forma do fantasma, coisa que está a fazer.

Uma deusa da Idade da Pedra reencarnada uma e outra vez, era essa a minha mãe.

E por fim já cá não está. Nem as suas transfigurações vivem. Talvez estivesse a fazer isso mesmo, a mostrar-me a sua morte completa, não apenas a do seu corpo, mas também a morte de todas as suas ramificações, deixando-me sob a intempérie da liberdade, dizendo-me assim: «Finalmente estás sozinho, porque só a minha morte poderia devolver-te a liberdade que tanto desejavas e tanto temias; vamos lá ver quantos anos consegues viver ou sobreviver neste mundo sem mim e sem as minhas metáforas, sem mim e sem as minhas intrincadas bifurcações, as minhas dilatações, os meus prolongamentos na tua mulher, no teu trabalho, nos teus filhos, na tua casa, na tua biblioteca, e no ar que respiras.»

Porque a minha vida inteira tinha sido uma imagem expandida da minha mãe. Ela reinara sobre mim. A minha vida inteira foi feudalismo freudiano e matriarcado. Se em pequeno algo me corria mal, a culpa era da minha mãe. Se aos quarenta anos algo me corria mal, a culpa era da minha ex-mulher, que era uma delegada da minha mãe. Talvez por isso os meus adultérios e as minhas infidelidades não se repercutissem na minha ex-mulher, mas na minha mãe.

A minha mãe governou a minha vida, e governou-a bem. Tanto faz tudo.

A responsabilidade do governo da minha mãe não era a minha felicidade, mas a minha sobrevivência. Porque a responsabilidade do matriarcado é a perduração do rebento. Foi esse o seu bom governo. Poderia ter sido feliz graças ao seu governo, mas ter morrido aos quarenta anos. Não, ela escolheu que a minha vida durasse, escolheu a minha conservação como ser vivo: sei-o agora, na altura não sabia; quando se deu o telefonema, não sabia isso. Fiquei a saber algum tempo depois.

Antiquíssima bruxa que meditava à noite na conservação do filho, que conspirava contra a oxidação, a entropia, o desgaste da carne do filho, e que corrompia o espírito do filho sob a doce luz do matriarcado, anterior à Grécia, anterior à História, formado na Pré-História, que era de onde vinha o espírito da minha mãe.

Foi irónico, terrivelmente irónico: estava a ligar para saber se eu estava bem, e foi o seu telefonema a transformar a minha vida num inferno.

Estava a ligar pelo meu bem e o seu telefonema trouxe-me o mal.

Se pudéssemos voltar a ver-nos, que diríamos um ao outro? Teria de lhe contar tudo o que aconteceu desde que partiu, e não saberia por onde começar. Se ela voltasse, teria de lhe explicar que a sua casa já não existe e que o seu filho também não.

Os últimos anos da minha mãe foram nefastos, embora também tivessem contido uma iluminação inesperada das nossas vidas. Os seus últimos anos mostraram-me muitas coisas. E às vezes quase conseguimos estar juntos. Tivemos um ou outro momento de tranquilidade, nos quais pudemos ser mãe e filho, sem outro fito. Talvez tenhamos conseguido ser mãe e filho sem na realidade ela ser uma viúva e eu um homem sem pai. É possível que nunca tenhamos vencido a gravitação da morte do meu pai, a escuridão em que a sua partida nos afundou. É possível que a sua partida tenha debilitado o vínculo da mãe e do filho. É possível que ele fosse a energia maior das nossas vidas.

Não sabia estar sozinha e telefonava mil vezes, tal como agora eu ligo para o Valdi e para o Bra, e eles dão-me a mesma atenção que eu lhe dava a ela, ou assim penso, porventura movido pela culpa ou pela ânsia de receber mensagens dos mortos.

Ela disse-me certa vez: «Oxalá os teus filhos te dêem a mesma atenção que tu me dás.» Sabia o que estava a dizer-me, já acredito que soubesse. Tinha o dom das certezas mais escondidas.

Pois bem, acertou. Adivinhava coisas. Assim era ela. Tinha o dom da adivinhação, embora tanto lhe fizesse. A minha mãe sabia que estava a acertar, porque acabou por saber tudo, embora não me pareça que chegasse a ter consciência de forma racional de que sabia tudo. As pessoas esforçam-se a vida inteira por conseguir saber algo, com sacrifício e trabalho, e a minha mãe sabia tudo por sopro divino.

Mas não faz mal. Acho que melhorei um pouco a espécie. Ao invés, o meu pai nunca me ligava. O meu pai nunca telefonava porque estava muito entretido a ver televisão, a ver os seus cozinheiros moribundos com receitas para reformados cadavéricos, aquele tipo de pessoas que se põem a ver televisão às dez da manhã, algo que eu próprio comecei a fazer nos últimos meses.

No final da sua vida, a minha mãe não aguentava ninguém. Nem ela própria. Era uma espécie de trituradora de tudo o que se pusesse à sua frente.

A grande trituradora, assim era ela. Uma mulher especial. Cheia de um amor louco pela vida, demasiado amor.

Confundia-se.

Decepcionava-se.

Voltava a iludir-se.

E depois fez o telefonema definitivo. Achava que os seus telefonemas eram benignos. É de morrer a rir.

Querida mãe, com a tua perversa e maldita obsessão em telefonar-me a todas as horas destruíste ou transformaste a minha vida: ainda não sei se foi destruição ou transformação, e o engraçado é que cada vez me interessa menos o que tenha sido. Que terias achado se tivesses sabido? Se calhar sabias. Se calhar a tua mão, ao pegar no telefone, foi alentada por uma força desconhecida. Se calhar desejavas fazer isso mesmo. Se calhar era a tua última acção memorável neste mundo.

A minha existência encaminha-se para os factos intrigantes, e parece haver gravidade na intriga. As pessoas deviam dar-se conta de que na sua vida há intrigas, maquinações, conventículos. Há acções cujo significado se desconhece. A minha mãe morreu com o meu casamento, de maneira que as mortes da minha mãe e do meu casamento se fundem numa única morte. Há aí uma intriga. Posso pensar nela, nessa intriga. Nessas confabulações há uma intencionalidade cega, há manipulação e decisão.

Mas quem está por trás desse complô?

Sem dúvida, o próprio Deus.

Quem senão ele?

O acaso?

Não.

Nem Deus nem o acaso.

Quem está é o tempo.

A minha mãe era uma *punk*. Confundia os médicos. Mudava a sua data de nascimento conforme lhe dava na veneta. E fez o mesmo no Registo Civil. Tenho actualmente documentos da minha mãe com datas trocadas. No Documento Nacional de Identificação da minha mãe surge o ano 1933 como data do seu nascimento. Mas no livro de família surge 1932, e numa certidão de nascimento aparece 1934. Os dias também mudam: num documento nasce a 7 de Abril, noutro a 2 de Dezembro, noutro a 22 de Outubro. Algo de semelhante acontece com o seu segundo apelido. Ela mesma o mudava. Construía variações vocálicas. Nunca soube qual era o segundo apelido da minha mãe. Às vezes era Rin, outras Ris, outras Ríu, ou Ríun.

A minha mãe não gostava de se chamar de maneira nenhuma. Não acreditava em ter nome. Não queria estar sujeita a um nome. Não por pensamento, mas por instinto.

Sempre o instinto, que é um dom atávico. E é o que eu herdei dela: o instinto, uma espécie de patada que nos permite ver a origem das coisas.

Aceitava, porque não lhe restava outro remédio, a oficialidade do primeiro apelido, mas com o segundo fez o que lhe deu na veneta. Estraçalhou o seu segundo apelido. A sua inteligência recusava o nome das coisas. Tinha dificuldade no momento de pronunciar certas palavras, mas não por carecer de formação básica, que teve, pelo menos até aos catorze anos. Para ela as palavras não eram importantes em si mesmas; o importante eram as coisas que se disfarçavam de palavras. As coisas reais é que lhe interessavam. Os disfarces fónicos das coisas reais eram quebradiços e demasiado complicados.

Quando foi aprovada em Espanha a Lei da Dependência, lei que beneficiava a minha mãe e as pessoas mais velhas com incapacidade para se valerem a si mesmas — pois a minha mãe precisava de cuidados alheios devido aos seus graves problemas de mobilidade —, mudou-lhe o nome e viria a chamar-lhe Lei da Independência. E tinha graça essa mistura irónica, a remeter para o século XIX, quando Espanha conseguiu expulsar Napoleão na célebre Guerra da Independência. Essa confusão de nomes encerrava uma ironia sobre a totalidade do nosso conhecimento; fazia-me lembrar

quando os meus alunos confundiam Quevedo com Gôngora, ou Lope de Vega com Galdós, e eu ficava maravilhado e, longe de rasgar as vestes, via nisso um lugar novo do qual contemplar as coisas, a inesperada vacuidade da cultura e das palavras e da realidade humana.

Não, nunca hei-de censurar esses erros, porque não são erros, antes indiferença, desmotivação, outra forma de inteligência. De maneira que, quando me perguntavam, nalguma papelada oficial, o nome completo da minha mãe, eu fazia o mesmo que ela, dizia Ríu ou Rin, e confiava naquilo que quem me perguntava entendesse, tal como ela fazia.

De certeza que os mortos estão fartos da minha mãe. De certeza que esperam que seja ela a primeira a ressuscitar.

As pessoas não sabem o gozo que dá trocar a nossa data de nascimento, ou os nossos apelidos. Não é uma brincadeira nem uma frivolidade, é um desafio contra as leis humanas. É também um desejo de intempérie. É, enfim, o desagrado pelas leis da realidade social que governou o olhar da minha mãe.

Herdei dela esse desagrado. As meticulosas leis humanas — tal como à minha mãe — são-me indiferentes. Tudo o que a civilização construiu me é indiferente. Não é arrogância, muito pelo contrário; também não é uma inapetência depreciativa; é antes dor. Chega-se à indiferença por via da dor, da vacuidade, da falta de gravidade.

Tal como a minha mãe, fiquei a sós com a veneração do Sol, esse que todas as manhãs entra no apartamento de Ranillas e me rasga os olhos.

O Sol faz-nos cegos a tudo o que não seja o Sol. Haveremos de olhar novamente juntos para o Sol.

A verdade está sempre em constante transformação, daí que seja difícil dizê-la, apontá-la. Ao invés, está sempre em fuga. Ao invés, o importante é reflectir o seu contínuo movimento, a sua irregular e descomplexada metamorfose.

Não, mamã, nunca mais voltaremos a olhar juntos para o Sol. Passarão milhões de anos e continuaremos sem nos vermos.

Esse Sol de Junho que tanto amaste.

Finalmente, alguém vem ver-me. É o Bra. Preparo-lhe o jantar com expectativa: salsicha, batatas e ovos. Comprei-lhe uma bela salsicha, com cogumelos lá dentro, uma salsicha cara, sofisticada. Descasco batatas. Frito batatas, em azeite limpo. Odeio reutilizar o azeite, a minha mãe nunca o fazia. O Bra passou quatro dias com os seus amigos de férias na montanha; há dois meses que não me vê. Mas, enfim, tanto faz.

Janta enquanto vê televisão.

Olhamos para o televisor.

O que faríamos sem a televisão?

Pergunto-lhe se quer ir ao cinema, depois de ter jantado. Digo-lhe que há um filme que é bom. Ele diz que não lhe apetece, que combinou com os amigos. Quando se vai embora de minha casa, pergunto-lhe se posso acompanhá-lo um bocado pela rua. Passo o dia inteiro em casa, apetece-me esticar as pernas.

Fica incomodado com a proposta.

Diz que não, que vai sozinho.

E arranca.

Levanto o jantar, ligo a máquina de lavar louça. Ale-gra-me saber que já consegui comprar uma máquina de lavar louça e que funciona, passo a esfregona na cozinha, e sento-me a ver televisão. Descubro migalhas de pão no chão da sala. Regresso à cozinha e fico a olhar para a máquina de lavar louça da marca OK. E penso que ainda bem que existe a máquina de lavar louça, parece uma solução para tudo. Parece uma forma de revelação humilde do próprio Deus.

O seu barulho faz-me companhia.

A Wagner, nos seus últimos anos, teria a companhia do barulho do frigorífico, pois não tinha máquina de lavar louça.

O Johann Sebastian, nos seus últimos anos, tinha a companhia do barulho do televisor, porque nunca ia ao cinema. Como haveria de ir ao cinema, se ele era a história do cinema? Ele era o ecrã e os rostos dos actores, comidos pelo tempo, no ecrã amarelecido.

A minha mãe sabia perfeitamente que tudo se haveria de repetir. Ela fazia

jantares e almoços. Eu faço jantares e almoços. Os meus são piores, claro, porque ela sabia cozinhar. Nesse retorno, nesse regresso dos actos gémeos há um êxtase que me enlouquece. A minha mãe está a vir assim, através do seu vaticínio. Não vem para me dizer «os teus filhos tratam-te como tu me trataste», não, não vem para me dizer isso, mas que encontrou um caminho de volta até mim. Vem para me dizer isto: «Gostarei sempre de ti, continuo aqui.»

E esse é o portento.

O portento é que já sabia, em vida, da existência desse caminho, já o conhecia.

É o caminho da bruxaria, um caminho primitivo.

Quando há uns anos me dizia «olha que, se não vieres ver-me, os teus filhos farão o mesmo contigo», o que na realidade estava a dizer-me era: «Quando estiver morta, voltarei a ti por esse caminho, esse caminho ladeado de árvores frondosas e da luz do mês de Junho, com o rumor dos rios próximos, quando estiver morta continuarei a estar contigo através das nossas solidões, a tua e a minha; o caminho, repara, é um caminho, um soalheiro caminho, o cami-nho dos mortos.» Sempre que o Bra e o Valdi não vêm jantar comigo, a Wagner regressa através do caminho, toda defunta, toda deteriorada, toda cadáver, com a amarelecida orquestra do eterno retorno do mesmo.

A minha mãe era uma mulher nietzschiana. Daí chamar-se Wagner.

A Wagner diz-me: também tu usarás este caminho, fala ao Bra e ao Valdi do caminho, já é tempo de lhes mencionares o caminho. É o grande caminho da nossa família, o que permite aos mortos estarem com os vivos.

Não vou fazer tal coisa, ainda não é tempo de lhes mostrar o caminho pelo qual voltarei a eles quando estiver morto, digo à minha mãe.

A Wagner diz-me: já é tempo, pois não te sobra tempo.

Mas, no dia seguinte, o Bra decide dormir em minha casa, o que me provoca uma alegria enorme, que depressa acaba. Pois acorda mal-humorado. Dou-lhe um beijo, que o incomoda ou lhe parece absurdo.

O Bra vai-se embora para a outra casa, para a casa da sua mãe, que também é minha, embora não tenha agora nenhum direito sobre essa casa,

porque lá a sua cama é maior. Ofereço-lhe café e bolachas, recusa-as com cara amarga e desdenhosa. É um «cala-te, cala-te de vez, já foi bastante ficar a dormir nesta cama horrorosa que tens».

A Wagner diz: está a construir o caminho, é um largo e florido caminho pelo qual tu voltarás a estar sempre com ele, tal como tu o frequentavas de cada vez que não me davas um beijo nem a mão nem vinhas ver-me, é o mesmo caminho, o mesmo regresso.

O eterno regresso da maternidade e da paternidade desmoronadas, o regresso do mesmo sempre.

Fico a olhar para as bolachas recusadas. Fico a olhar para as bolachas como um idiota. Comprara-as com esperança. São as bolachas mais desamparadas do planeta. A minha mãe também terá comprado muitas vezes coisas para mim com esperança, coisas que eu não soube ver, que naquele tempo me pareceram insignificantes, e essa insignificância voa pelo tempo e esteve quarenta anos adormecida e reaparece agora e senta-se ao meu lado. A minha mãe fala-me assim, é a forma que o fantasma da minha mãe escolheu para falar comigo: o caminho wagneriano abre-se outra vez.

Foi ela quem o concebeu.

Os meus pais passaram a vida a planear e a desenhar e a inventar perturbados caminhos até mim, para nunca me deixarem sozinho, caminhos da sua morte até à vida do seu filho.

Ranillas e Arnillas foi outro caminho.

O meu divórcio, outro caminho.

O meu desespero, o caminho com mais sol.

É como se se fechasse um círculo amarelo, sempre amarelo. E o filho do meu filho não saberá apreciar as coisas que o meu filho lhe oferecer com amor. É um labirinto onde comunicamos uns com os outros para lá do desaparecimento, através do mal-entendido. Como se o mal-entendido fosse uma equação matemática que destrói a física da morte.

E o Bra vai-se embora.

Nem sequer fez a cama.

Deixou-a toda revolta.

Ponho-me a fazer a cama dele.

Também a cama está desamparada.

Vivo ao lado do rio, pois Ranillas fica ao lado do Ebro. As pessoas que vivem ao lado de um rio vivem mais anos. Ponho-me no elevador e desço à garagem. O elevador tem um cheiro característico, não é que seja um mau cheiro, é um cheiro higiénico, um cheiro a limpeza industrial, mas é um cheiro estrangeiro, um cheiro a ninguém, cheira a ninguém, ao grau zero do ser humano. A garagem fica abaixo do nível do Ebro. Dá-me a sensação de que estou a mergulhar. A minha garagem está submersa; é um submarino.

Quando vim viver para Ranillas, era o único ser humano a habitar o bloco de apartamentos, um bloco com dezasseis habitações; foi um dos grandes luxos imobiliários que houve na minha vida. Era fascinante o elevador estar sempre no meu patamar, e era fascinante saber que não havia ninguém nos três pisos por cima e nos quatros pisos por baixo. Tinha também o seu toque aterrador.

Nunca tinha de esperar pelo elevador. Quanta vida perdem as pessoas à espera de elevadores? Muita vida. Perfaz meses.

Senti-me um príncipe, senti-me um ministro de algum Governo de Espanha. Ao adormecer, tinha noção de que estava a adormecer no meio de um edifício vazio, como se fosse um astronauta a descansar no espaço profundo, como se fosse Cristóvão Colombo no Novo Mundo. Julgo que tudo isto terá sido preparado pelo meu pai; foi organizado por ele; queria que a minha vida se fundisse com os edifícios perdidos. Foi organizado pelo meu pai porque só pode ter sido ele, através da coincidência dos nomes, quem me disse para escolher aquela rua, porque aquela rua era ele.

Só pode ter sido ele, digo a mim mesmo. Só pode ter sido ele, saído de entre os mortos com um beijo lançado ao meu rosto.

Julgo que muito poucas pessoas neste mundo alguma vez gozarão de não ter de esperar pelo elevador: não saberão o que se sente; já eu soube-o durante uns meses.

Estava sempre lá, no patamar.

Essa imediatez na subida e na descida abria-me uma via mística na percepção da minha nova casa. Porque, saindo à rua, o elevador estava no rés-do-chão quando regressava. Só eu o usava. E ele sabia disso. Também

não existiam barulhos. Podia pôr a música no máximo às três da madrugada. E era o que fazia. Rodava o controlo do volume do meu amplificador *Pioneer* até onde os meus ouvidos permitissem.

A beleza do edifício residia na sua abstracta solidão, que era um símbolo material da partida dos meus pais. Como se foram bem embora, como disseram adeus sem dizerem adeus. Como consigo vê-los bem a partir da morte, e a partir de Ranillas; como a indústria eléctrica convoca as suas vidas: o elevador *Siemens*, o amplificador *Pioneer*.

Depois, aos poucos, foram aparecendo vizinhos, porque os apartamentos começaram a ser vendidos, pois a construtora e proprietária do imóvel viu-se obrigada a ajustar os preços ao mercado. Baixaram os preços em mais de quarenta por cento, daí que eu tenha conseguido comprá-lo, fui o primeiro a comprar um. E foi por acaso. Essa descida de preços coincidiu com a urgência de arranjar casa após o meu divórcio. Era necessário recuperar os apartamentos, porque, por dentro, estavam a meio. Sozinho, assentei o soalho e fiz uma casa de banho. Coloquei um soalho que alguém me recomendou; pus-me a par das diferentes categorias de parquê. E uns pedreiros romenos fizeram-me uma casa de banho. Achei o resguardo muito baixo, e que a água saíria, mas no final tudo correu bem. Durante uns dias, dediquei-me a investigar as alturas dos resguardos dos duches. Reflecti com os pedreiros romenos sobre a altura ideal de um resguardo. Ficávamos a olhar para o resguardo como quem olha para um enigma. Para mim, os pedreiros romenos eram um enigma também, embora houvesse entre eles uma camaradagem que eu admirava, pois sentia-me muito sozinho. Um deles fumava e atirava as beatas para a retrete; tive de lhe dizer. Deixou de o fazer, mas levou a mal. Comiam sandes gigantes.

E pus-me a viver lá, no meu apartamento de Ranillas, em quatro dias. Os restantes vizinhos fizeram remodelações de longo fôlego e instalaram cozinhas novas e elegantes. Mas, seja como for, foi maravilhoso viver sozinho num bloco durante mais de três meses. Parecia que ninguém queria ir para lá viver. Tinha a sensação de me ter mudado para uma nave espacial que orbitasse no espaço profundo. Mas, se vivermos sozinhos três meses num edifício de oito pisos, aprendemos a língua desse edifício, e damos-nos conta de que as casas estão vivas. A história do edifício também era uma história de solidão. Foi acabado de construir em 2008, exactamente quando rebentou a bolha imobiliária em Espanha, pelo que os apartamentos ficaram por vender, até que em 2014 decidiram baixar os preços. Os apartamentos, as escadas, as paredes, o elevador, passaram seis anos sem ninguém. Estava triste, o elevador. Acho que aquele elevador agradeceu a minha presença. Fantasiei imenso com tudo aquilo. Lembro-me de nada funcionar, excepto a

máquina de lavar roupa. Tratava-se de uma máquina de lavar nova, uma *Corberó* intacta, embora tivesse estado seis anos numa galeria, ao relento, sem ter sido ligada uma vez sequer. Aquela máquina de lavar virgem não lavara nada na sua vida, o que me parecia um mistério. Na primeira vez que a liguei à tomada achei que não funcionaria. A pessoa que me vendeu o apartamento disse que não achava que funcionasse. Mas funcionou. A máquina de lavar roupa funcionou, era como se tivesse ressuscitado. Quantos anos poderá resistir a maquinaria de um electrodoméstico sem ser utilizada?

As últimas máquinas de lavar roupa que a minha mãe teve eram de marcas baratas. A minha mãe tinha fé nessas máquinas de lavar anónimas, eu também. Se fosse viva, poderíamos ter falado ao telefone de máquinas de lavar, mas já era tarde. Poderíamos até ter vivido juntos. Se Deus lhe tivesse dado mais um ano de vida, teríamos vivido juntos.

Reformular o passado é impossível, ou talvez não.

Tento melhorar este apartamento, onde tudo é duvidoso. As coisas estragam-se. A torneira da cozinha está mal instalada, e o lava-louça também está mal instalado, o que faz com que salpique, que tenha de ir secando com o pano a água que salpicou por todo o lado. Comprei um atomizador para a torneira, mas foi uma melhoria patética.

O que outros vizinhos fizeram foi mudar a cozinha por completo e a casa de banho e as portas e comprar electrodomésticos de qualidade. Foi por isso que demoraram tanto a vir para cá viver. O que os vizinhos fizeram transformou-se num mantra, para me recordar que me engano sempre.

Eles é que fizeram melhorias de uma forma objectiva e segura, e eu não. E nesse meu erro, resplandecente e ignominioso quando comparado com o acerto dos meus vizinhos, parecia haver uma verdade, uma confirmação da minha raça e do meu destino. Má qualidade moral no meu cérebro, foi o que pensei.

Instalar uma cozinha nova e deitar fora a que vinha com o apartamento, era isso que convinha fazer. Lamentavelmente, não o fiz, porque não tinha dinheiro.

Foi por isso que recorri ao atomizador, que custou quatro euros e noventa.

Vejo agora, através da minha cozinha, a cozinha da minha mãe no apartamento de Barbastro, dou-me conta de que ela estava sempre a esfregar, e sei que naquela cozinha tiveram lugar acontecimentos muito importantes, que não me atrevo a ver de todo, não quero vê-los, mas a memória acaba por me trazer uma cena em que a minha mãe está estendida no chão da cozinha e está a chorar, não consigo ver mais nada. Só quero que acabe. Que o choro acabe e ela volte a pôr-se de pé. E a minha mãe retorcesse no chão. E o meu pai não está lá. Aconteceu na cozinha, talvez em 1967. Tinham discutido. O meu pai bateu a porta com força e foi-se embora. Não sei porque é que discutiram. Pressinto que terão pensado que eu era demasiado pequeno para gravar a cena na memória, mas enganaram-se ambos a esse respeito.

Recordo que a minha mãe enxaguava pouco os pratos, já eu deixo-os

debaixo da torneira imenso tempo, tentando que o sabão saia para sempre.

Fui com o meu filho Valdi fazer compras ao Carrefour. Tendo havido dois dias de feriado, o Carrefour estava cheio de gente, ou melhor, cheio de mortos-vivos. Estava a tentar fazer algo com o meu filho Valdi, ou seja, fazer algo em conjunto, e não me lembrei de mais nada senão ir às compras. Quando vou fazer algum recado com o Valdi ou com o Bra, dá-me a sensação de regresso de um tempo anterior ao desmoronamento da família que fomos, e eles também têm essa sensação, mas sabemos que não passa de uma ilusão, a ilusão de que o passado regressa. O regresso do tempo anterior ao divórcio é impossível. O Valdi, o Bra e eu conhecemos essa impossibilidade, mas dentro dela há um cenário tão aterrador como revelador. Estamos repletos de revelações; eu noto-as mais do que eles.

Em cada coisa que fazemos os três em conjunto, ressoam as coisas que fizemos quando éramos quatro.

Não é nostalgia nem remorso nem culpa. É algo que não sei como chamar. É inspiração. É melancolia. A boa melancolia.

Pensei que seria agradável irmos juntos às compras, mas aquela multidão de mortos-vivos provocou-me um ataque de ira. Gostaria de ter dado a mão ao Valdi. Lembro-me de quando, há uns oito anos, ele ia às aulas de guitarra. E a guitarra era maior do que ele. Lembro-me de quando, há seis anos, ia às aulas de pingue-pongue. Chegou a jogar em campeonatos nacionais de pingue-pongue. O Valdi era a ingenuidade absoluta a segurar uma raqueta de pingue-pongue. O Valdi não sabe, mas carrega dentro de si uma bondade ancestral, um dom que é anterior à História, e nesse dom brilham os melhores mistérios das coisas. A bondade do Valdi é como o monólito do filme *2001* de Stanley Kubrick.

O Valdi comove-me. Sempre o fez, desde o nascimento. O Johann Sebastian também ficava intrigado com o Valdi, embora não achasse grande graça à ideia de ser avô. O Johann Sebastian assistiu sem grande ênfase ao aparecimento do Bra e do Valdi. Não fez de avô. Não gostava desse título. No fundo, também não gostava do título de pai.

Não encontrou nenhuma categoria familiar em que se sentisse à vontade. O Johann Sebastian ficava a olhar para o Valdi bebé com céptico espanto:

Quem é este? De onde veio? O Valdi, quando era bebé, fazia barulhos muito criativos com a língua, muito festejados pelo Johann Sebastian. Achava graça a essas metáforas sonoras.

Parecem navios afundados da Segunda Guerra Mundial: o Valdi bebé e o Johann Sebastian avô.

Tremem-me as mãos ao pegar nas coisas: uma lata de leite, uma bandeja com um naco de frango, um pão-de-ló industrial. É possível conhecer completamente uma pessoa pela comida que compra no supermercado. Havia lentilhas a granel. Estrago as coisas quando tento tirá-las das embalagens. Acontecia o mesmo à minha mãe. Não tinha paciência. Eu também não tenho. Ela estragava coisas. Eu estrago coisas. Tentamos abrir a embalagem e não conseguimos e vemos nesse facto uma injustiça que nos assusta e nos exaspera e nos enche de ira. A minha mãe falava do demónio que estava por trás dos actos falhados, eu falo da impaciência e da caverna primitiva da qual nunca deveríamos ter saído.

«É impossível o demónio não andar nesta casa», gritava a minha mãe.

Teria eu uns doze ou treze anos quando arremessei violentamente contra o chão um dicionário que era do meu pai. Estava à procura do significado de uma palavra e não a encontrava. Fiquei furioso. Não entendia o funcionamento daquele dicionário. Estando no chão, dei-lhe um pontapé que desconjuntou a lombada do volume. Daí a pouco, quando a fúria chegou ao fim, voltei a abrir o livro e reparei que era um dicionário de espanhol-francês/francês-espanhol. Senti nesse instante uma enorme ternura pelo livro. Para mais, era um livro do meu pai. Tentei sarar a ferida na lombada do pobre dicionário.

Herdei essa cegueira da minha mãe.

O pulso tremia-nos aos dois.

Ela não sabia nem eu sei abrir um saco. Estragamos tudo. Tudo se nos cai das mãos. A minha mãe abria os pacotes de leite à catanada. Não entendemos as leis mecânicas que regem as coisas.

Não sei abrir os sacos de plástico do supermercado. A funcionária da caixa tem de me ajudar.

Estava a arrepender-me do que ia pondo no carro do Carrefour. Ia tirando

o que lá metia, e o Valdi assistia ao caos terrível que governava a vontade do pai. Abandonava uma tablete de chocolate com sabor a laranja ao lado das couves-flores, porque me arrependia de repente de ter escolhido aquela desnecessária tablete de chocolate. Havia tanta gente, que chocávamos com os carros. Chocávamos com os carros de compras. Pressinto o fim desta civilização, eis o que quero dizer. Pressinto que este mundo irá acabar. Estava a entrar num processo de ira incontrollável, e isso favorecia o choque com outros carros. Estava a enlouquecer.

Eu estava nervoso.

E já estava a deitar coisas fora.

Peguei num pedaço de queijo e atirei-o contra uma pescada congelada. E abri uma caixa de pães congelados, e fiquei a olhar para eles com ira. Bom, a minha contribuição para a revolução iria ser essa: introduzir um caos privado num supermercado; ou seja, lixar a vida ao pobre desgraçado de vinte anos com um contrato de seiscentos euros que está encarregado de arrumar os produtos.

A minha mãe ofereceu-me a impaciência e a superstição.

Enlouquece-me o ruído de fundo da vida dos meus pais que se ouve em todo o lado.

A minha mãe rasgava embalagens. As coisas caíam-lhe das mãos. A nossa falta de jeito era filha das mãos acabadas de estrear e dos dedos inábeis dos primeiros hominídeos. A minha mãe não tinha paciência nos supermercados. Não entendia uma fila. Não entendia a ordem dos corredores de um supermercado. A rebelião, a cólera, o nada venciam-na. A mim também.

Voltámos para Ranillas. O Valdi esteve um bocado comigo e depois foi-se embora. Tomei um duche. Saí do duche e sequei-me à toalha vermelha. E lembrei-me da casa de banho da minha mãe. Tínhamos uma pequena banheira naquele velho apartamento, a minha mãe nunca quis ou não conseguiu reformá-la. Era uma banheira construída de carácter testemunhal, revelava-se impossível uma pessoa limpar-se lá dentro. A minha mãe dava-nos banho uma vez por semana. O esquentador nunca funcionou bem, não aquecia água suficiente, de maneira que a minha mãe aquecia a água com panelas postas ao lume na cozinha.

O esquentador tinha marca, chamava-se *Orbegozo*.

Eram banhos elementares, com muito pouca água. Era quase ridículo, a água não dava sequer pelos tornozelos. A minha mãe secava-nos a uma enorme toalha vermelha. Quando ela morreu, encontrei essa toalha num armário, sobrevivera quase cinquenta anos. Fiquei maravilhado ao ver que ainda existia, eu não sabia que uma toalha pudesse viver tanto tempo. Levei-a comigo. Estava tão bem conservada... Seria de alta qualidade? Seria um milagre?

Parecia o Santo Sudário da minha família.

Com o passar dos anos, a cal obstruiu por completo a saída da água quente. Nessa altura, eu já não vivia com os meus pais.

Não sei como tiveram de se amanhara. Nem sequer lhes perguntei. Não sei como conseguiam tomar duche. Talvez não o fizessem. Talvez fosse o próprio Deus quem derramava sobre os seus corpos cansados o dom dos odores lavados, os odores daqueles que já entraram no espaço onde nada se corrompe.

Essa toalha está agora nas minhas mãos molhadas. Fico muitas vezes a olhar para essa toalha, tento perguntar-lhe coisas, sim, perguntar coisas à toalha. E ela responde-me, a toalha fala comigo: «Era a eles que deverias ter perguntado, a eles, e tiveste tempo para o fazer, mas já sei que não sabias como o fazer, não sabias, não sabias que palavras eram.»

Seco-me a essa toalha.

Continua a ser suave, o tecido conserva toda a delicadeza que tinha no

primeiro dia em que a minha mãe a estreou no meu corpo, no corpo de um menino de seis anos. Nunca pudemos tomar duche por culpa daquela banheira diminuta e da misturadora obstruída pela cal do duche, da qual só emanava um fio de água, umas gotas cansadas de serem água.

Ninguém sabe até que ponto isso nos pode marcar.

À minha mãe, tanto fazia. Mas que raio lhe passou pela cabeça quando decidiu não fazer nada a esse respeito?

A minha mãe destruiu o desenho original da sua casa, que era moderno e agradável e tinha sentido. Fez mudanças disparatadas. Desenhou uma sala de jantar enorme, na qual não deixava ninguém entrar para que tudo estivesse em perfeito estado de inspecção.

Era o seu sonho.

E, enquanto isso, não podíamos tomar duche.

A minha mãe vigiava uma sala de jantar e o meu pai vigiava um carro. Queria impressionar as amigas com aquela sala de jantar. As suas amigas, que fugiram todas. Porque, no final de vida, a minha mãe já não tinha muitas amigas. Passou o tempo todo a mudar de amigas.

Nos últimos anos de vida, dava-se com umas amigas insólitas.

Não sei onde raio as ia buscar. Vendeu coisas. Vendeu móveis bons ou ofereceu-os. Era um mau governo titânico, solidamente conservado ao longo de cinquenta anos. A minha mãe foi um mau governo de cinquenta anos; um mau governo que durou mais do que o de Francisco Franco.

Francisco Franco e a minha mãe poderiam dançar uma valsa.

A minha mãe nunca soube quem raio era Francisco Franco. É algo que me tira do sério, é algo que me faz adorar a minha mãe.

Não se pode ser mais *punk*.

À minha mãe só interessavam o Julio Iglesias, as mulheres e os filhos e as filhas e o pai do Julio Iglesias, e as canções do Julio Iglesias. Quando ouço a voz do Julio Iglesias, penso nela.

Às vezes apresentava-me a essas últimas amigas. Eram pessoas à beira da marginalização. As amigas burguesas e abastadas que teve na década de setenta abandonaram-na quando o meu pai começou a passar mal. Podia ter desmontado então aquela inquietante sala de jantar, porque aquela sala de jantar só existia para ser mostrada àquelas amigas ricas, que se foram embora, desapareceram quando o meu pai deixou de ter sorte no trabalho de caixeiro-viajante e empobreceu. A verdade é que houve seis ou sete anos que correram economicamente bem ao meu pai, acho que não terá chegado à década. Nesses anos, os meus pais tornaram-se amigos de casais ricos, imagino que tivessem o sonho de estarem a prosperar, mas nunca conseguiram estar à altura dessa gente, porque essa gente sempre teve muito dinheiro, e os meus pais não.

Porra, podia ter desmontado a sala de jantar e ter instalado um duche para que nos pudéssemos lavar. Vivia confundida, transtornada, e não tinha noção disso e era uma gandula histórica. Era uma mulher movida por impulsos, e que não tinha a mais pequena presciência. De maneira que andávamos feitos porcos, mas tínhamos uma sala de jantar esplêndida na qual não podíamos sentar-nos. Porque estávamos à espera das suas amigas pequeno-burguesas que já não apareciam, que nunca mais apareceriam. Até aos dezoito anos, quando me fui embora daquela casa, não soube o que era tomar um duche em condições.

Deixaram de aparecer em finais dos anos setenta, essas amigas embonecadas. O património social da minha mãe desintegrou-se. Durante os poucos anos em que a vida correu bem ao meu pai, a minha mãe conseguiu camu-flar-se com uma classe social que acabaria mais tarde por correr com ela do seu seio. E a casa de banho ficou por remodelar. A minha mãe perseguia a estima social, que se evaporou, e eu persigo a estima literária, que também se está a evaporar. Por isso, julgo que não haverá nenhuma diferença entre as quimeras da minha mãe e as minhas.

Somos os dois vítimas de Espanha, e do anseio de prosperidade; prosperidade material ou prosperidade intelectual são a mesma prosperidade. Ela fez algo mal, e eu estou a fazer algo mal.

Mas é bonito sermos tão iguais. E, se fracassámos os dois, é mais bonito ainda. É amor. Estamos juntos outra vez. É possível que ela o tenha planeado assim. Valeu então a pena o meu fracasso, porque me leva até ela, e é com ela que eu quero estar para sempre.

Eu via desde os meus dez ou doze anos aquelas amigas muito arranjadas e muito enjoiadas da minha mãe. Eram mulheres dos seus quarenta anos. Havia uma loura, esplêndida, que ficou viúva, e depois desapareceu. Era muito voluptuosa e despertava em mim pensamentos eróticos. Tinha um corpo fabuloso e era um pouco mais nova do que a minha mãe, talvez menos quatro ou cinco anos. Era alta, e uma vez tive de ir a sua casa por indicação da minha mãe e ela veio receber-me com uma toalha, acabada de sair do duche. Depois lembro-me de os meus pais terem ido ao enterro do seu marido, que morreu de forma repentina. Estou a vê-lo neste preciso momento. Era mais baixo do que a mulher e isso parecia-me enigmático.

A história dos amigos dos meus pais é confusa e labiríntica. Todos parecem agora fantasmas. Foram morrendo, foram caindo aos poucos.

Um dia um, no ano seguinte outro.

Estão todos mortos.

Estão mortos os meus pais e mortos os seus amigos.

Não sei se foram amigos.

Acho que nenhum amigo foi ver o meu pai agonizante. Acho que isso foi uma heterodoxa forma de liberdade. E, tal como disse anteriormente, a minha mãe teve amigas singulares no final da sua vida, não sei que será feito delas. Eram mulheres empobrecidas, viúvas ou solteiras, vindas não sei de onde, vindas de uma história fantástica de Espanha. Mal vestidas e mal penteadas. *Punks* de setenta anos, eis o que eram. A minha mãe tinha pactos estranhos com as coisas. A minha mãe sempre teve regiões obscuras, caves aonde só ela descia. E o meu pai atingiu no final da sua vida um nível de indolência que o aproximava da santidade; não a santidade religiosa, mas a santidade relacionada com a mobilidade que a brisa da manhã introduzia na sua cara acabada de barbear, a gratuidade do silêncio e os ecos do Sol a soarem nos seus olhos enrugados; a santidade ou a bem-aventurança daquele que renuncia à memória, à mãe, ao filho e a qualquer forma de permanência; a exemplaridade da sua recôndita indiferença; uma indiferença semelhante à do universo, que existe, mas existe em silêncio, existe em segredo; ou à do mar, que tem milénios de existência, e é um

existir que sempre se consumiu na escuridão e na invisibilidade, até que os homens lhe deram consciência, lhe deram o «ser olhado», mas é um «ser olhado» para nada.

O meu pai sabia de instinto que os homens nos concedem a graça de «ser olhado», mas que é um «ser olhado» equívoco, ilusório, algo que propende para a vaidade. Exacto, foi para aí que o meu pai foi: para o sítio onde toda a forma de vaidade é falsa ou insolente ou improcedente.

Despojou-se da vaidade.

Isso é ser livre, e mendigo.

Lembro-me dos amigos do meu pai. Gostaria de telefonar aos que ainda estejam vivos. Não sei o que diriam. É alucinante que no fim da vida não haja nada a dizer. Que as pessoas não queiram realizar sequer a despesa da memória. Porque recordar é queimar neurónios em vão.

Porque recordar é maligno.

Não apareceu nenhum músico famoso e amigo quando o Johann Sebastian partiu deste mundo. Era como se nunca tivesse tido amigos. Quão imensamente sozinho partiu. Nenhum dos antigos amigos veio despedir-se. O Johann Sebastian quis que assim fosse. Não tinha vontade de pensar nisso. Estava a preparar-se para algo que não tinha som.

Não queria ver ninguém, a verdade é essa. Não queria perder tempo com a ilusão da amizade. Não queria dizer palavras cerimoniais, sociais, educadas, amistosas. Vencera a lenda da estima social quando esta é o único comprovativo da existência, de que se esteve vivo.

Não tinha vontade senão de si mesmo.

E em si mesmo só havia solidão.

E em si mesmo só estava eu, o seu filho, de quem tanto gostou e continua a gostar a partir da morte.

É uma manhã do mês de Julho de 1969. Vou fazer sete anos. A família inteira vai num *Seat 850* de quatro portas. São umas pequenas férias de Verão, e estamos na montanha. Acabámos de passar pela aldeia de Broto. Havia turistas e montanhistas na estrada; montanhistas com mochilas, a comerem sandes embrulhadas em papel de alumínio, que é uma novidade completa, esse invólucro acaba de se estreitar na Espanha inteira. Tudo é alegria e júbilo, porque ir para as montanhas quando faz calor no Verão é uma festa sadia. O meu pai vai a conduzir o *Seat 850* e a falar de um sítio maravilhoso. Tem vindo a falar desse sítio desde que saímos de Barbastro. E antes desta viagem também falava desse sítio. Esse sítio chama-se Ordesa e fica num vale de montanha.

Seria por aqui, digo ao Valdi e ao Bra. Aqui mesmo. Parei o carro e comecei a procurar o sítio exacto em que há quarenta e seis anos o meu pai teve um furo numa roda do *Seat 850* quando estávamos a entrar no vale de Ordesa. Penso que tenho de perguntar à minha mãe onde foi o sítio. Mas já não posso fazer essa pergunta. Ela tirar-me-á a dúvida. Só que está morta. Acabo de me aperceber outra vez. É sempre assim.

A verdade é que ela já não se recordava de quase nada. Não recordava sequer o marido. Focou a sua atenção naquilo que considerava estar profundamente vivo. Concentrou-se assim no Valdi e no Bra. E foi a eles que ofereceu o título de reis da vida e do tempo, o intocável trono em que outrora estivemos o meu irmão e eu. Passou de adorar o marido a adorar os filhos; e de adorar os filhos a adorar os netos, sempre suspensa daquilo que alongava e estendia a sua própria existência no reino indefinido da vida sobre a terra. Assim era ela, um instinto de uma ferocidade sem culpa. A minha mãe foi apenas natureza, daí que não tivesse memória, apenas tivesse presente, como a natureza. Esteja onde estiver, adorará de lá os filhos do Bra e do Valdi, e estará ao seu lado, como uma árvore tão gigantesca como invisível. Na permanência do seu sangue ela perseverará, porque eu conheci-a, e sei muito bem que não tinha fim. A minha mãe era infinita. A minha mãe era o presente. A força dos seus instintos trá-la à minha presença. A sua presença na minha presença transforma-se em presença nos

meus filhos presentes, e ao tornar-se presente nos meus filhos presentes avisa para a sua presença nos filhos dos meus filhos quando estes se transformarem em presente.

A quem deveria ter outrora perguntado onde foi o furo do *Seat 850*, em que troço exacto daquela recta, era ao meu pai, pois era ele quem ia a conduzir o carro.

Não disse ao Valdi e ao Bra que escolhera Ordesa para passar três dias de férias de Verão com a intenção de recordar o lugar onde quarenta e seis anos antes aconteceu o furo de uma roda, mas terão ficado surpreendidos quando parei o carro numa recta que sobe para Ordesa desde a pequena aldeia de Torla e me pus à procura. A recta permanece imperturbável. Aquela estrada não foi ampliada nem remodelada, está exactamente igual, terá porventura sido asfaltada nove ou dez vezes em cinquenta anos, mas não mais do que isso. É estreita e está ladeada de árvores altas. Num dos lados da estrada há um hotel histórico. Tentei arranjar lá um quarto, mas estava cheio. Não tem muitos quartos, calculo que uns vinte ou vinte e cinco no máximo, é normal que esteja lotado, porque é Verão, é a época alta e, embora o hotel esteja cheio, isso não estraga a paisagem, que permanece intacta.

O hotel fica num sítio privilegiado; é possível que a localização do hotel seja a chave para que a estrada esteja igual a cinquenta anos antes. Recordo que, após contemplar a roda furada, achatada contra o chão, perdido o seu vigor, olhei para a frente com os meus olhos de criança e vi aquele hotel como uma aparição, como se tivesse surgido do nada, e depois observei a cara de contrariedade do meu pai, que estava a olhar para a roda e a abrir o capô na disposição de a trocar.

Tive consciência da minha vida. A primeira vez que tive consciência de que começava o tempo.

Recordo de forma difusa a fatalidade do furo: não sei exactamente como tudo se resolveu. Lembro-me bem do *Seat 850* branco e lembro-me do sítio. O meu pai adorava Ordesa. Porque em Ordesa, de repente, todas as insânias da vida morrem diante do esplendor das montanhas, das árvores e do rio. Procuro o lugar, com a lanterna da memória. O Valdi e o Bra não sabem o

que estou a fazer. Vão passando carros. Farejo um caminho, como um cão de caça. Olho para as pedras.

É Ordesa.

Foi aqui que o carro teve um furo, por aqui. E sinto a sua presença. Tirou uma roda sobresselente da mala. Está ao meu lado. Era jovem, assobiava, sorria, apesar da fatalidade do furo. Era o seu reino, o seu vale e a sua montanha, a sua pátria. Eu saí do carro e fiquei a olhar para as montanhas e apareceu aquele hotel para o qual liguei há uns dias à procura de quarto e não havia.

Mas tudo se desvaneceu.

É por isso que sei que Deus não existe; se Deus existisse, ter-me-ia sido concedido um quarto triplo naquele hotel, para os meus dois filhos e para mim, e teria tido assim todo o tempo do mundo para procurar um furo. Mas não havia quarto, estava tudo cheio.

Tudo era futuro naquela altura, quando aconteceu o furo.

Tudo é passado agora, enquanto procuro o furo, a busca mais ilusória ou absurda da terra. Mas a vida é absurda, por isso é tão bela.

O vale de Ordesa lá continua, não muda, não mudou nestes últimos cinquenta milhões de anos. Continua igual, tal como foi criado na era terciária. Depois de estar sozinho cinquenta milhões de anos, no dia 16 de Agosto de 1918 foi declarado Parque Nacional e começaram a aparecer os montanhistas para escalar os 3355 metros de altitude do Monte Perdido.

Lá em cima não há ninguém.

Nem sempre gostaram de mim. Morriam de amores por mim quando era criança, mas depois de me ter ido embora de casa começaram a afastar-se de mim, e depois de me ter casado talvez tivessem deixado de gostar de mim, de gostar de mim dessa maneira que nunca mais voltaria a encontrar.

Telefonei ao Bra e ao Valdi, mas não me atenderam o telefone. Olho-me no espelho da casa de banho e vejo que tenho o cabelo comprido. Invade-me a urgência de cortar o cabelo. É a mesma urgência que a minha mãe tinha quando se confiava às cabeleireiras, pois a minha mãe desejava sempre ir ao cabeleireiro. Nunca ficava convencida da forma como lhe deixavam o cabelo. Quando era criança, acompanhava-a. Ia a um cabeleireiro que se situava num primeiro andar de uma rua estreita de Barbastro. Era algo que não parava de me espantar, porque no meu cérebro infantil não cabia tamanha metamorfose, pois não compreendia como é que um apartamento se podia transformar num cabeleireiro. Além do mais, havia nesse cabeleireiro uma cozinha com um lava-louça antigo, com utensílios de cozinha, com mesa e despensas. Enquanto ela cortava o cabelo, deixavam-me numa divisão com brinquedos usados, que me causavam desconcerto, um misto de atracção, na medida em que eram brinquedos novos para mim, e de repulsa, na medida em que outras crianças já tinham brincado com eles.

A minha mãe, quando estava deprimida e triste, implicava com o próprio cabelo. Olhava-se ao espelho e dizia que o seu cabelo metia nojo. Depois, ia ao cabeleireiro. Nunca ficava satisfeita. Procurava no cabeleireiro uma absolvição, um levantamento de si mesma, procurava a alegria perdida. Mudou mil vezes de cabeleireiro. Procurava um cabeleireiro utópico. Passou a vida à procura do cabeleireiro definitivo, da grande verdade dos seus cabelos. Os seus cabelos estavam a envelhecer, tão simples quanto isso.

Não havia cabeleireiro no mundo que pudesse ajudar a minha mãe.

Se ressuscitasse neste preciso instante, pediria para ir ao cabeleireiro. Mesmo que ressuscitasse em forma de cadáver, em forma de esqueleto sem carne e sem pele, pediria para ir ao cabeleireiro.

Mas agora já está no cabeleireiro do fim do mundo.

O meu pai gostava de andar sempre muito bem penteado, ao ponto de não sair de casa se houvesse vento, porque ficaria despenteado.

O meu pai começou a acumular uns quilos, e tinha consciência disso. Perguntava muitas vezes se estava gordo. Procurava a nossa opinião. Gostava de comer. Era uma relação particular com o mundo: colher do mundo a comida.

Ou fornícamos ou comemos, ou as duas coisas. As duas coisas visam a combustão de um corpo. Todo o ser humano procura a saciedade.

Penteava-se, demorava a pentear-se. Um trabalho complexo, no qual era necessário esmerar-se. Empregava todas as técnicas para que o cabelo ficasse a seu gosto. Eu contemplava-o como se fosse um deus ou um herói da antiguidade a pentear-se.

Lembro-me daquele pente, que se foi cobrindo de matéria escura, que foi acumulando camadas de gordura, que se foi tornando branco, que foi passando do branco ao amarelo, que foi contaminando de substâncias orgânicas o *nécessaire* onde vivia, que se transformou em símbolo da identidade masculina do meu pai, que foi avisando que o meu pai estava em casa, que voltara.

O meu pai era um erro das categorias sociais da Espanha em que viveu; tendia para um marquesado imaginário, porque entre os caracóis inertes da sua inteligência mantinha a sua própria contabilidade, que lhe dava para mandar vir o cabeleireiro lá a casa ao domingo com o intuito de lhe cortar o cabelo.

Não queria ir ao cabeleireiro.

Dei por adquirido que isso seria normal, embora na realidade fosse um acontecimento extraordinário. Acontecia ao domingo. Visitava-nos um cabeleireiro ao domicílio. Era o luxo do meu pai. Quanto pagaria a esse cabeleireiro errante?

Aquilo encantava-me: o meu pai recusava-se a ir ao cabeleireiro, ao passo que a minha mãe corria todos os cabeleireiros do mundo.

Parecia-me inquietante que mandasse vir o cabeleireiro a casa. Porque é que o fazia? Nunca entrou num cabeleireiro. O meu pai foi o homem que

não pôs o pé num cabeleireiro tal como não pôs o pé numa igreja, a não ser que fosse para o enterro de alguém. E nessa altura chegava atrasado, quase não entrava, e punha-se junto da porta da igreja, ao lado da pia baptismal, perto da água fria, não fosse o insano e incompetente Deus dos homens reparar nele.

Não estará no meu enterro. O meu pai não poderá vir ao meu enterro, essa falta de comparência simboliza para mim a evaporação do sentido da vida, a queda no final de tudo. Deveria vencer as sombras, vir de entre os mortos, como dizem que Jesus Cristo fez, e apresentar-se no meu funeral e dizer qualquer coisa. Dizer umas palavras, como se faz nos funerais americanos.

Dói-me tanto a cabeça neste momento. Abuso do ibuprofeno, que me tira a dor, embora já não tanto assim. As drogas vão perdendo força.

As dores de cabeça da minha mãe foram lendárias em minha casa, tal como as suas cólicas de fígado.

Guinchava de dor e pedia morfina.

Juntamente com essas cólicas hepáticas da minha mãe, vem-me agora uma lembrança quase maldita: vou de mão dada com o meu pai, estaríamos em 1968, ou 1969, ou 1970, vamos pela rua. Era o que eu mais gostava no mundo: ir pela rua com o meu pai. Eu era um menino de sete anos a exhibir o seu pai, porque sabia que era um homem alto, bonito e elegante. Íamos pela rua e passámos diante de uma mulher bonita. Parámos. Ficaram a olhar um para o outro. Houve um momento tenso. O nascimento de um sorriso em ambos os rostos, eu olhava-os cá de baixo como quem vê passar as nuvens. O meu pai não a cumprimentou nem ela a ele.

O meu pai olhou-me então. Sorriu-me ao de leve e disse-me: «Se não tivesse casado com a mamã, aquela mulher que acabaste de ver teria sido a tua mãe.»

Fazemos a ligação entre diferentes épocas. Conheci pessoas que viveram até 1975 ou 1976 ou 1977, pessoas que depois morreram; do mesmo modo que elas eram ligações a décadas passadas, e também não sabiam o que fazer com essas pessoas que conheceram e que viriam a morrer em 1945 ou 1946 ou 1947, e esses seres que chegaram a 1945 eram ligações a pessoas que partiram em 1912 ou 1913 ou 1914, e a cadeia prolonga-se, e haverá quem em 2051 ou 2052 ou 2053 me recorde como testemunha de uma época, testemunha de 2014 ou de 2015. A ligação traz consigo a melancolia e a incerteza; esta última provém da comprovação de não termos chegado a amealhar grande conhecimento acerca da natureza da vida. Só nos resta por isso a matéria, os objectos: casas, fotografias, pedras, estátuas, ruas, coisas assim. As ideias espirituais são melancolia venenosa, bolas de antimatéria em chamas. A matéria, por sua vez, ainda conserva um certo conhecimento.

Ligamos épocas, como se os nossos corpos fossem a mensagem.

O nosso corpo é a mensagem, e é também o fio condutor que passa de uma época para outra.

A matéria conserva ainda um espaço, mantém o tempo antigo metido num espaço. Daí, de novo, e pela enésima vez, o meu erro ao cremar os meus pais. Os túmulos são um lugar onde rememorar o que já não tem tempo, mas sim espaço, ainda que seja um espaço ósseo.

Os ossos são importantes porque são matéria que resiste.

É aquela frase espanhola que me vem agora à cabeça, essa frase tão castiça, que diz: «Não tem onde cair morto.» Esta frase é absolutamente genial e define uma época: a minha, a grande época da especulação imobiliária, porque será assim que nos estudarão os historiadores daqui por cem anos.

É importante encontrar um espaço, um lugar onde cair morto: o meu pai via televisão de um canto do envelhecido sofá da sua casa; era um canto complexo, construído com abundante desprendimento das coisas do mundo.

Não se sentava ao centro do sofá, mas a um canto, como se procurasse um refúgio, uma guarida. Quase uma deserção, e o televisor à frente. Sentava-se quase à beira do sofá, onde o sofá termina, na falésia do sofá, à

espera de cair, porque a queda conferir-lhe-ia a invisibilidade.

Porque é que não se sentava ao centro do sofá?

Nunca vi o meu pai completamente estendido no chão, como me viram a mim. Viram-me estendido no chão, sobre o capacho. Consegui chegar ao capacho e foi aí que caí. Um quase sucesso. Narcotizado, e urinara em cima de mim mesmo. Mais um bocadinho e a minha vergonha ficaria a salvo, mas caí fora de casa. Quase consegui: faltou um metro.

Também eu cheguei a esse lugar: o canto de um assento, de uma cadeira, de um sofá, apertado contra o braço, como se o braço fosse uma paliçada. Um sofá à frente de um televisor; e dava-se conta da vida dos outros no televisor, aqueles seres humanos que tinham apostado no movimento, na actividade. Eram seres humanos que estavam a mudar o mundo, ou talvez estivessem a tentar: apareciam na televisão. Acho que o meu pai não invejaria de todo os seres humanos que via na televisão; acho que não cobiçaria as suas vidas nem os seus trabalhos nem a sua popularidade. Ele desertara da cobiça, e também eu gostaria de desertar. Mas contemplava-os com curiosidade, como se todas as coisas que o televisor transmitia o distraíssem de assuntos terríveis.

Era um desertor, o meu pai era um desertor. Passou os seus últimos anos a contemplar a sua deserção e a tentar apurar do que é que desertara. É o que me está a acontecer agora: não sei do que é que desertei. Toda a obra de Kafka procura a mesma coisa: Do que é que desertei? De onde me fui embora? Para onde vou agora?

Tentava apurar do que é que desertara através da televisão. O meu pai achava que quem aparecia na televisão não era um desertor. Se conseguisse apurar a quem a pessoa servia, talvez então acabasse por conhecer a origem da sua deserção. Esquadrinhava, espiava, vislumbra na televisão alguma mensagem. Olhava para a televisão como um sacerdote para o altar. Via a diabólica complexidade da vida na televisão.

Viu o mundo a escurecer na televisão.

Às vezes pressinto, na solidão de Ranillas, a altas horas da madrugada, que o meu pai vai aparecer no ecrã do meu televisor, um *LG* de vinte polegadas, pequeno e barato, que vou ver a velhice do meu pai, que ele se

vai declarar no ecrã.

O roupão verde, os óculos, no canto daquele sofá, e a ocupar o mínimo espaço. E ausente. Não ouvia nada quando via televisão. Não nos ouvia a nós, mas também não ouvia o que se dizia na televisão. Não percebi quem ouvia.

Quem ouviria, se não nos ouvia a nós e também não ouvia os seres humanos que apareciam no televisor?

Não queria ir dormir. Não queria deixar de ver televisão. Se visse televisão, era porque a vida continuava.

Eu gostava de ver televisão a seu lado. Estivemos mais de quarenta anos a ver televisão juntos.

É a melhor coisa que se pode fazer com o ser amado: ver televisão juntos. É como ver o universo. A contem-plaçã do universo através da televisão é o que a vida nos ofereceu. Prenda de pouca monta, se quisermos. Pouca coisa, mas aproveitámo-la. Poderíamos ter dado a mão, mas teríamos perdido a concentração nas imagens.

Foram passando centenas de programas, de séries, de filmes, de telejornais, de documentários, de concursos, de debates, de boletins informativos, foram passando os anos, os lustros, as décadas.

Tudo estava ali, na televisão.

Parecia que estávamos a vigiar o mundo através do ecrã. Éramos dois vigilantes. O meu pai era o mestre, eu o discípulo. Vigiávamos a vida, o mar, as estrelas, as montanhas, as cataratas, as baleias, os elefantes, as serras, a neve, os ventos.

Ordesa.

Vigio neste instante o apartamento de Ranillas. Estou a contemplar a acumulação de pó em cima de um telefone fixo que trouxe da casa da minha mãe quando ela morreu. Desliguei-o e a minha mão encheu-se de pó. Todas as teclas estão cheias de pó. É um telefone que nunca uso. Uso um sem-fios que comprei no Media Markt e cujas instruções se encheram de pó e estão debaixo de uma estante, também ela cheia de pó. Guardo este telefone fixo como se fosse uma escultura, uma lembrança da minha mãe. É o telefone do qual me ligava. Sabia de cor uma série de números de telefone. Brincávamos com isso. O meu pai punha-a à prova, pedia-lhe números de telefone e ela sabia-os todos. Aprendia os números de telefone e marcava-os no aparelho que tenho aqui à minha frente, cheio de pó. Herdar um telefone é estranho. Dou-me conta de que estou a construir uma capela. A voz está a dizer-me isso agora: «Ranillas é uma capela, penduraste fotografias e papéis nas paredes, os quadros que o teu tio pintou, não falaste desse tio, era o irmão do teu pai, mas do Monteverdi falaste, que era irmão da tua mãe, fala agora do irmão do teu pai, chama-lhe Rachmaninov, chama-lhe Rachma.»

O Rachma foi o irmão mais novo do Johann Sebastian, o meu pai. Era pintor, e na capela de Ranillas tenho dois quadros seus, pintados em finais dos anos cinquenta. O Rachma pintou uma bailarina em 1958.

A data está na base do quadro. Fico sempre a contemplar essa data, pintada a vermelho por baixo da assinatura do Rachma. Uma data em que eu não estava no mundo, nem era esperado, nem o meu pai conhecera ainda aquela que seria a minha mãe. Imagino o meu pai e o seu irmão em 1958. O meu pai tinha vinte e oito anos e o Rachma vinte e quatro. Não havia nenhum sinal do futuro que viria aí quando o Rachma pintou este quadro. Viviam juntos em casa da mãe, a minha avó. Nunca ninguém me falou dessa casa nem desse tempo. Mas deve ter sido um belo tempo. Sei qual era a casa, alguém mo disse. Não eles. Não o meu pai. Mas consigo vê-la. Consigo ver as camas dos dois irmãos.





Salvei a bailarina de 1958, quando desmontei o apartamento da minha mãe morta. Quando eu morrer, a bailarina do Rachma iniciará outra viagem.

Acabará nalgum antiquário, e talvez alguém a compre. A bailarina do Rachma começou agora a mexer-se. Esteve quase sessenta anos sem movimento, sempre na mesma parede. Quando eu partir deste mundo, não terá valor para o Valdi nem para o Bra.

A bailarina do Rachmaninov só tem valor para mim. Quão pouco vi o Rachmaninov nesta vida. Viveu na Galiza. Foi colocado na Galiza. Trabalhou na mesma coisa que o meu pai, trabalhou como caixeiro-viajante. Trabalharam os dois para a mesma empresa catalã.

Tiveram os mesmos trabalhos e representaram essa empresa catalã em diferentes regiões: Bach, caixeiro-viajante em Aragão; Rachma, caixeiro-viajante na Galiza. A burguesia catalã enriquecia enquanto eles os dois viajavam de povoação em povoação (povoações aragonesas o meu pai, povoações galegas o meu tio) a venderem aos alfaiates tecidos de Sabadell e de Barcelona, onde viviam os ricos, os privilegiados para os quais o Bach e o Rachma trabalhavam à comissão, à ridícula comissão. Não havia indústria em Aragão, nem na Galiza. A indústria estava em Barcelona. Já terão morrido os seus chefes, e os chefes dos seus chefes. Os nomes do Bach e do Rachma já não figurarão em nenhum arquivo, tudo terá sido guilhotinado. Às vezes ligava uma secretária da empresa têxtil para a qual o meu pai trabalhava. Também essa secretária estará morta. E os seus netos já não saberão a que se dedicava a sua avó nem a quem telefonava da empresa.

Não sabemos que mortos conheceram os nossos mortos.

Os dois irmãos deixaram de se ver. E a Wagner não fez grande coisa para que voltassem a encontrar-se. Fiz uma viagem à Galiza, por volta de 2002, e telefonei-lhe. Ele disse o meu nome de baptismo em diminutivo, como se eu fosse uma criança. Eu tinha quarenta anos. Não entendi bem essa conversa com o Rachma, porque a forma atabalhoada que ele tinha de falar fazia-me lembrar o Monteverdi.

Quase não disse nada nessa confusa conversa. O Rachma não me deixou falar. Mas também não disse nada de relevante. Falava de coisas que não tinham importância. Não me via havia trinta anos. Mas quem é que estava a ligar-lhe? Estava a ligar-lhe o filho primogénito do seu irmão mais velho,

que também foi primogénito.

A primogenitura fundou as coisas deste mundo, num alarde de luz.

Fui descobrindo que a minha família inteira era de ar. Não havia lá ninguém. Vai ver a tua prima, disse-me o Rachma. Eu estava a ligar para o Rachma de Pontevedra e ele estava em Lugo. A minha prima, por sua vez, estava em Combarro.

Houve uma altura em que o meu pai falava de Combarro, e na minha mente amontoam-se lembranças bonitas dessa pequena aldeia costeira, lembranças de quando tinha seis ou sete anos: as ruas estreitas, os espigueiros, o mar, a ria de Pontevedra, o cheiro, o cheiro intenso a mar das rias galegas.

O meu pai foi feliz ali, em Combarro, com o Rachma. Andavam os dois pelos bares de Combarro, iam beber umas imperiais. Finais dos anos sessenta, com o futuro ainda desimpedido. Porque o Rachma tinha a virtude da popularidade. Os amigos galegos do Rachma. Mas também os seus amigos de Barbastro, que ainda se lembram dele, ele, que se foi embora de Barbastro há mais de cinquenta anos, e morreu há três ou quatro anos.

A memória do Rachma em Barbastro foi-se diluindo, sim, mas ainda se lembram dele. Poucos, muito poucos se lembram dele. Porque todos partem.

Mas naquele Verão de 2002 falei com ele ao telefone.

«Não podia dizer-te grande coisa» diz a voz, «pois o conteúdo do teu telefonema era a tristeza em si mesma. Sim, o Rachma dissimulou bem, e não quero com isto dizer que o teu telefonema não tivesse sentido; querias saber coisas do teu tio, que não vias havia trinta anos, corria o ano 2002 quando lhe telefonaste. Não voltaras a falar com ele desde 1972. Não o viras em trinta anos, meu Deus. Ele lembrava-se de não te ver desde 1972? E o grave é que também não voltarias a vê-lo então. Mas, se não o vias, era porque o irmão do teu pai já não existia sobre a terra; daí que o Rachma soubesse que estavas a perguntar por um morto. O teu forte é perguntar pelos mortos. Estás sempre a fazer a mesma pergunta: porque é que estás morto? Em geral, fazes essa pergunta a tudo quanto existe e vai morrer ou já morreu. Gostas de falar espanhol, falar em espanhol, porque o espanhol te serve para falar com os mortos. Marcas as sílabas, gritas as sílabas espanholas para que agarrem os seres humanos que representam. Porque é que estás morto, porque é que já não estás entre nós, porque é que não posso ligar-te para nenhum lado? São essas as tuas perguntas. Pelo que o Rachma manifestou uma alegria difusa com o teu telefonema, o que te decepcionou; mas era a voz do Rachma, uma voz que foi ouvida na tua infância; e havia lá, na tua infância, um episódio obscuro, e um agradecimento nunca verbalizado, e era essa na realidade a razão profunda de queres falar com o Rachma.»

O Rachma veio de Lugo a Barbastro, por volta de 1972. Queria reencontrar-se com a sua terra. Partiu no início dos anos sessenta. Veio com um carro novo. Comprara um *Simca 1200*. Os dois irmãos estavam no auge.

O Johann Sebastian tinha um *Seat 124*, comprado em 1970. E o Rachma comprara um *Simca 1200*. Eram motores da mesma cilindrada. Os dois irmãos estavam com o pensamento ao rubro, a força da juventude. Deu-lhes para fazer uma corrida. Julgo que ganhou o Rachma. Sim, fizeram uma corrida de Barbastro até à pequena aldeia de Castejón. São quinze quilómetros. Essa estrada já não existe, construíram uma via rápida nova há muitos anos, e já não se passa por Castejón. O Rachma queria demonstrar ao seu irmão mais velho que o *Simca* andava mais do que o *Seat*. O meu pai carregou Espanha aos ombros através dos *Seats* que comprou ao longo da vida. Foi fiel a Espanha através da *Seat*. Comove-me essa fidelidade. Quando vi o filme *Gran Torino*, no qual o Clint Eastwood mostra a sua fidelidade à Ford como uma forma de fidelidade aos Estados Unidos, senti-me recompensado, senti que o meu pai não se enganara com a *Seat*. Nunca lhe passou pela cabeça comprar um *Renault* ou um *Simca*. De facto, julgo que *Seat* e automóvel eram a mesma coisa para ele. Como tal, não entendeu lá muito bem a corrida do Rachma, nem o carro do Rachma. Pareceu-lhe que, não tendo um *Seat*, era como se o Rachma estivesse a deixar de ser espanhol.

O meu avô, que não sei quem foi, nem que nome teve, nem quando nasceu nem quando morreu, teria gostado de ver os dois irmãos com o pensamento ao rubro. Mas estava morto, enterrado numa gaveta sem nome no cemitério de Barbastro.

O meu avô foi uma gaveta à deriva. Nem sequer sei onde está enterrada a minha avó. Não o cemitério, mas a cidade. O que pensaria o meu avô dos seus filhos? Estaria orgulhoso deles? Beijá-los-ia? Alargar-lhe-iam o coração tal como o Bra e o Valdi me alargam o coração? Perder-se-á o amor que tenho pelo Bra e pelo Valdi da mesma forma que se perdeu o amor que o meu avô tinha pelo Bach e pelo Rachma? Não posso resgatar o meu avô paterno de lado nenhum, não posso sequer inventá-lo. Não sei sequer em

que ano morreu. Quem era? Teria gostado de mim? Ter-me-ia dado a mão quando eu era pequeno? Nem me viu nascer nem lhe foi dado a imaginar o meu nascimento. Tudo o que, sendo da minha família, não tocou em mim nem me intuiu nem me adivinhou parece-me de uma pureza sobrenatural. Porque a memória que guardo do Bach e da Wagner e do Monte e do Rachma transformou-se em algo sobre-humano. Trago dentro de mim essa memória como uma palpitação de obscura alegria. Não ficou nada: nem um relógio, nem um anel, nem uma caneta, nem uma fotografia.

Também não sei onde o Rachma está enterrado. Um dia a minha prima ligou-me e disse-me. O Rachma partiu aos setenta e quatro anos, menos um do que o Johann Sebastian. Passaram mais de trinta anos sem se verem, mas gostavam um do outro. O Rachma achava que o Bach tinha um carácter muito rígido. E é verdade, o meu pai era dado à severidade moral, embora isso o tivesse ajudado a viver, essa severidade era como um piloto automático. Orienta-va-o na vida. O Rachma era diferente, e a sua voz depressa se impregnou de um sotaque galego.

Gostaram um do outro sem se verem. Eram irmãos. O meu pai trazia-o dentro de si, no seu coração. Trazia o Rachma dentro de si, o seu irmão mais novo, do qual nunca falava. Eu sei que gostava imenso dele, embora nunca o tivesse dito.

O Rachma transformou-se em galego. Era como se tivesse nascido na Galiza, só que nascera em Barbastro. O Rachma era muito diferente do Johann Sebastian. Desde logo, o Johann Sebastian era mais alto. O Rachma era magro e tinha uma grande simpatia pessoal. E, para cúmulo, o Rachma divorciou-se. Isso é que foi espantoso. O meu pai nunca disse nada acerca do divórcio do Rachma. Não fez nenhuma avaliação. Parecia que a vida do Rachma estava repleta de emoções. Também lhe saiu a lotaria. Julgo que foram três milhões de pesetas de meados dos anos setenta. Trocou de carro, abandonou o *Simca 1200* e comprou um *Chrysler 180*, carro que já implicava um salto considerável. Mas alguma coisa aconteceu entre eles. Também nunca hei-de saber o que foi, nem ninguém o saberá. Possivelmente, não aconteceu absolutamente nada, mas decidiram fazer anos cada um para seu lado. Ou algo assim. Depois surgiram notícias, por

intermédio de conhecidos, de que o Rachma andava a beber. Eu imaginava a sua vida de divorciado. Imaginava-o a viver sozinho num apartamento de Lugo, numa rua estreita, e a descer à noite ao bar por baixo de sua casa para tomar um conhaque e falar um bom bocado com o empregado. Não sei porque é que lhe inventei essa vida. Julgo que foi em meados dos anos oitenta que lhe inventei essa vida. O mais curioso é que lhe invejei essa vida. Julgo que o casamento de longa duração não é próprio da natureza humana. Fico contente que o Rachma tivesse sabido dar-se conta disso. Imagino que tenha sido isso. Os homens aceitam os casamentos de longa duração porque deixam de acreditar na juventude.

Penso que após o seu divórcio se terá transformado noutro homem. Bom, entendo assim que o Rachma disse não a essa ordenação simbólica da realidade que existe por trás do casamento de longa duração, que é um pesadelo, que é uma prisão; claro que quem vive nesses casamentos sorri, e parece tratar-se de um sorriso verdadeiro. Acho que os casamentos de longa duração não valem a pena, percebo que esta afirmação seja exagerada, mas a renúncia às paixões também é um exagero do sacrifício razoável. Certos antropólogos dizem que a monogamia não é natural. Essa feira interminável de infidelidades entre homens e mulheres, de mal-entendidos dolorosos, está por trás da imposição da monogamia.

Talvez tenha sido o capitalismo eclesiástico a inventar os casamentos de longa duração.

Não há certezas.

Acabo de acordar em Ranillas e a luz, meia-irmã da vida, está aí. A luz parece uma personagem, alguém que me diz: «Sou a luz, és filho da luz, repara como dou consistência às coisas, porque as coisas existem a partir da luz.»

Fico a olhar para o céu.

De maneira que o Rachma estava a abrir-me caminho. É como se o próprio Deus me enviasse mensagens através dos irmãos da minha mãe e do meu pai.

O Monteverdi disse: «Catástrofe e solidão e fracasso.»

O Rachmaninov disse: «Divórcio e *Chrysler 180* e Galiza.»

As duas mensagens são boas porque nelas arde a vida, a quem servimos. O único pecado que um homem pode cometer é deixar de servir a vida. E também não é um grande pecado, antes uma falta menor.

É possível que um homem acabe, no final, por se apaixonar pela sua própria vida. É o que me está a acontecer, tem estado a acontecer-me desde há uns meses. A minha alma volta às regiões da ebriedade do enamoramento. Trazemos a ebriedade de nascença. O que não podia imaginar é esta reconciliação comigo mesmo. Se calhar foi isso que o Rachma descobriu: que estava muito melhor sozinho do que com família. Porque é possível que no final quem acabe derrotado seja a solidão. E é possível que no final descubramos que o único ser humano que não é uma chatice absoluta somos nós mesmos.

Talvez seja isso a excelência da identidade: chegarmos a bastar-nos em tudo; se organizamos uma festa, aparece um convidado importantíssimo, e esse convidado somos nós mesmos; se contraímos matrimónio, estamos loucamente apaixonados pelo nosso par porque o nosso par somos nós mesmos; se morremos e ressuscitamos e vemos Deus, a nossa perplexidade é grande porque estamos a ver o nosso próprio rosto. E tem graça que seja eu a dizer estas fantasias; logo eu, que sou incapaz de estar sozinho quinze minutos sequer, os quinze minutos que dura a corrida de um táxi.

Acabei de ir de Ranillas a Madrid de carro. Viajei já de noite. É Sexta-Feira Santa. E pus-me a conduzir justamente às oito da noite, quando em Espanha arrancam todas as procissões. Nunca passara uma Sexta-Feira Santa a viajar de carro. Parece-me uma libertação. É como se tivesse desertado da história de Espanha. Enquanto Espanha inteira reza, eu viajo com o meu carro, de Saragoça a Madrid. E acelero. E não há ninguém na estrada.

Sempre tive uma fantasia que acabarei por concretizar um dia destes: lançar-me à estrada numa noite de Natal às nove horas, exactamente quando a televisão retransmite o discurso do rei. E conduzir pelas vias rápidas e pelas estradas nacionais espanholas até à meia-noite ou à uma. Essas três horas de esplêndido silêncio, de devolução do território espanhol à natureza.

Conduzi a pensar no Rachma. Quando o Bach morreu, a minha prima enviou flores para o funeral. Quando o Rachma morreu, eu não lhe enviei flores. Não vou ao enterro e nem sequer envio flores: sempre a desertar das minhas obrigações, sempre a falhar à minha família. Sempre culpado.

O Rachma falou comigo quando o Johann Sebastian morreu. Era o seu irmão mais velho. Foi uma conversa ligeira. Perguntava por um fantasma da sua juventude e eu falava-lhe de como o ser mais importante da minha vida se transformara num fantasma. Continuava a chamar-me Manolito.

O que era muito querido. Só que Manolito era outro morto.

Mas já não tínhamos nada a dizer um ao outro, porque chega uma altura em que todos pagamos. Pagamos por não termos sido fiéis à ideia da família, que deu gravidade ao homem sobre a terra.

Sem família, não somos senão um cão solitário. Os cães solitários são maltratados, são enforcados nos muros abandonados de qualquer caminho; são enforcados aí, em qualquer parede escavacada da qual emerja uma viga, porque a sua solidão dá mau exemplo.

Já não me satisfaz a companhia de nenhum ser humano. Amo os seres humanos, mas não me apetece estar com eles. É como se tivesse descoberto a constelação Rachma. É como ter compreendido que a solidão é uma lei da

física e da matéria, uma lei que apaixona. É a lei das montanhas. A lei de Ordesa. A névoa sobre os cumes. As montanhas.

É uma manhã do Verão de 1970: o Rachma e o Bach vão caminhando pela praia galega de La Lanzada, perto de Combarro. Há vento, há luz, um espaço descomunal de mar e areia. É o paraíso, mas é apenas a minha lembrança. O mar olha os irmãos. O mar é o meu avô, está a observá-los, envia-lhes ondas, envia-lhes vento, silêncio, solidão, gratidão, envia-lhes fervor.

São dois grandes irmãos, herança das terras do Norte de Espanha, são tão diferentes. E aquela praia de La Lanzada, com oito quilómetros de comprimento, desemboca agora no meu coração.

Tenho essa imagem na minha cabeça: os dois a passearem pela praia, ao lado do mar demasiado azul, ao lado do sol demasiado alto.

Até as classes menos favorecidas da História reclamam um destino lendário, querem palavras boas, um pouco de poesia.

Depois vão a um bar de pescadores e comem santolas e comem sapateiras e camarões-tigre e bebem vinho alvarinho. O Rachma encontrou uma bela mulher. Casou-se com uma mulher muito bonita. Foi trabalhar para a Galiza e casou-se por lá com uma galega. E é uma beleza exótica, de cabelos ruivos. Nunca soube nada do seu namoro, mas imagino que o meu pai soubesse, e o que soube já se perdeu. Também nada sei do que fizeram o Bach, o Rachma e as suas mulheres, quando eram novos: imagino jantares de amigos, risos, juventude, uma ou outra viagem, festas, bailes, e agora o nada.

Festas e bailes e jantares e os quatro juntos.

A minha devoção pelo Rachma é concreta e nasce quando ele se apresentou em Barbastro em 1972 com o seu *Simca 1200*. Estava transbordante e feliz de se reencontrar com a terra. Insistiu que queria oferecer uma prenda ao sobrinho. Não sei quantas vezes o Rachma me terá visto na vida: não terão sido muitas, sete ou oito, talvez dez, com sorte. Essa foi importante. Eu e o Rachma fomos a uns armazéns que havia, e continua a haver, no centro de Barbastro. Chamavam-se armazéns Roberto. O Rachma queria comprar-me um bom brinquedo. Eu sentia-me simultaneamente contente e confuso, porque não era Natal e iam dar-me

uma prenda como a dos Reis Magos.

Havia um empregado da secção de brinquedos, um tipo de uns vinte e poucos anos, que se ofereceu para me mostrar todos os brinquedos. O Rachma deixou-me ao cuidado do funcionário enquanto ia cumprimentar um velho amigo para lhe dizer que estava em Barbastro, tendo assim eu tempo de escolher a prenda que mais me agradasse.

O empregado era um tipo alto, sudoroso, calado, gordo, de pele branca. Levou-me pela mão até ao piso da cave, onde tinham armazenados uma boa quantidade de brinquedos. Mostrou-me uns quantos.

E aqui dá-se novamente o apagão, como da vez com o sacerdote G.

As suas mãos suadas tocam o meu corpo e pretendem acariciar-me. Toca em mim. Apalpa-me. Quer dar-me um beijo na boca. Eu senti vergonha, uma vergonha sem racionalidade. E culpa.

Mas desta vez é diferente. O que não soube dizer ao meu pai, disse ao Rachma. Ao Rachma foi fácil dizer, ou melhor, ele soube ver, soube adivinhar e só tive de lhe dar uma confirmação. E o Rachma encheu-se de cólera. O Rachma foi à procura do tal tipo, queria partir-lhe a cara.

O Rachma queria matar aquele tipo.

Nunca me senti tão protegido.

Invoco essa protecção agora mesmo diante do mistério da morte.

Aquele tipo era um filho da puta.

O Rachma defendeu-me e tirou-me a culpa de cima. Não era culpa minha. Essa certeza de não ter tido culpa valeu-me depois na vida, foi-me útil muitas vezes. O Rachma proclamava-o com a sua forma de agir. Estavam a defender-me, finalmente. Recordo-o com força nos seus actos, a falar com o dono do estabelecimento, sem medo de nenhum poder da terra, sem medo das consequências, sem medo porque estava a defender-me. Para defender alguém é preciso estar, antes, seguro de si mesmo. O Bach não teve aquela segurança do Rachma. Aquela segurança é o ouro maior dos corpos e das mentes. Oxalá o Bra e o Valdi a herdem, pois está no nosso sangue, porque o Rachma a teve.

Obrigado, Rachmaninov, a tua música ouve-se outra vez no meu coração cansado.

A defesa que fizeste da minha vida volta a mim nesta noite de Sexta-Feira Santa, quarenta e cinco anos depois.

Por fim, a culpa não era minha.

Estou em Barbastro, a levantar dinheiro numa caixa automática. A caixa dá-me notas novas, sem a mais pequena ruga, lisas, planas, finas, cortantes nas beiras, acabadas de sair da tipografia, acabadas de sair da Casa da Moeda. O meu pai adorava as notas novas. Oxalá o meu pai pudesse saber neste instante que me lembro disso, que me lembro desse pormenor. Quando ia levantar dinheiro ao banco — anos antes do surgimento das caixas automáticas —, pedia ao empregado notas novas. O empregado recebia o pedido com espanto. A voz diz-me: «Está a tentar comunicar contigo, está a falar-te através dessas notas, lembra-te do seu sorriso, eram notas de cem ou de quinhentas pesetas, novas, ele gostava que não estivessem enrugadas, tinham mais valor se fossem recentes, o sorriso, está a aparecer nas notas o seu sorriso.» Gosto, tal como ele, que as notas sejam novas. Parece que alguém as fez para nós, que alguém pensou em nós, que alguém cuidou que levássemos na carteira uns postais maravilhosos com desenhos e caras de gente ilustre e não um artefacto humilhante a que chamam dinheiro, era por isso que o meu pai queria as notas novas.

Não queria dinheiro.

Queria postais resplandecentes.

É por isso que também eu quero notas novas. Não as quero para as gastar, mas para experimentar a sensação de a própria Espanha nos ter escrito. Mandou-nos uma felicitação, um telegrama de amor.

Notas acabadas de sair de uma Casa da Moeda oitocentista.

Ainda não transportam a peste da miséria. Ninguém tocou nelas com dor. Não humilharam ninguém. Não foram exibidas como arma diante de ninguém. Ainda não compraram nada. Não lhes tocou a mão do miserável, do corrupto, do assassino, do humilde, do vencido, do acabado, do abominável.

São como crianças no paraíso, essas notas.

Era isso que o meu pai procurava.

Era por isso que as queria novas.

Como vês, até disso me lembro. Tudo o que fizeste é já sagrado para mim. Tudo o que te vi fazer é para mim o próprio sangue da vida. Lembro-

me de tudo. Guardo tudo no meu coração. Os quarenta e três anos que estivemos juntos terão de viver em algum lado. O que aconteceu durante esses quarenta e três anos?

A minha mãe pedia morfina quando sofria de cólicas hepáticas, por alturas da década de sessenta, mas de onde viriam essas cólicas jamais explicadas? A família é um murmurinho de doenças jamais esclarecidas.

Bebia? Não, de todo. Mas não sei. Não sei nada. Oriento-me pelo amor. Pela perda do amor.

Deixou de as ter depois de ter feito cinquenta anos, e deixou de pedir morfina.

Poderiam legalizar as drogas de uma vez por todas. Esta insistência do Estado em que os cidadãos experimentem a agonia da solidão, que vivam e morram sozinhos.

O meu pai morreu sozinho.

A minha mãe morreu sozinha.

É a maior desforra da natureza, que se apresenta nos quartos dos hospitais e destrói todos os pactos humanos, destrói o pacto do amor e o pacto da família e o pacto da medicina e o pacto da dignidade humana e convoca o riso dos outros mortos, dos mortos antigos, que se riem do cadáver recém-chegado.

Os meus pais nunca tiveram uma máquina fotográfica. O meu pai nunca tirou uma fotografia. E a minha mãe odiava ser fotografada. Ficava sempre mal nas fotografias. Odiava a fotografia. Eu também não gosto que me tirem fotografias. Nem a minha mãe nem eu queremos que fiquem provas de que estivemos sob a luz do Sol. Tentei algumas vezes tirar-lhe uma fotografia; não deixava ou rasgava-as se eu chegasse a tirá-las.

O punhado de fotografias que herdei estão descuradas, dobradas, algumas rasgadas. Não se atreveu a destruí-las por inteiro, só as escondia e as deteriorava, na esperança de que se volatilisassem sozinhas. Mas encontrei esta:





Imagino que não tenha conseguido rasgá-la. Alguém a terá tirado e oferecido como lembrança. A fotografia daquela criança permite a sua datação. Foi tirada num antigo cinema de Barbastro que já não existe. Chamava-se Cinema Argensola. O edifício foi demolido há já mais de dez anos, por culpa da aluminose. Mas isso não serve para a datação da

fotografia. Serve o cartaz que está atrás da figura do menino diabólico. É um anúncio a um filme espanhol intitulado *Los Palomos*, de 1964, interpretado pelos actores Gracita Morales e José Luis López Vázquez, os dois mortos, naturalmente.

A mão que não está a segurar na palma parece uma prótese de cobre.

A minha mãe odiava as lembranças; esse ódio era instintivo, e também refinado. Desprezava as lembranças, davam-lhe nojo e vergonha.

Maliciosamente, sabia que nada deve ser lembrado. Isso é ter competência sobre a morte.

O que veio fazer a este mundo o boneco diabólico da fotografia? Veio safar-se num país chamado Espanha.

Estou a comer uma bolacha enquanto olho para a fotografia do boneco diabólico. Penso na fome, nos ataques de fome. A minha mãe dizia que, em pequeno, era uma tortura dar-me de comer. Sim, parece que era verdade. A minha tia Maria Callas também o dizia. Recusava-me a comer. Tinham de lutar para que comesse. Estive prestes a morrer de inanição. Oxalá tivesse persistido nessa vocação de desnutrição, agora não estaria a colher mortos, a ouvir a música dos mortos. Tinha consciência do que estava a fazer, não queria que nada entrasse no meu corpo, que nada exterior irrompesse no meu íntimo, não queria que os meus órgãos ficassem contaminados, o meu sangue, a minha carne sem mácula. Não queria que o estômago, o fígado, os rins, fossem tocados pela vida. Queria regressar aonde estivera, queria regressar à minha mãe.

Tiveram de me internar numa clínica quando tinha apenas três anos, porque não comia. E agora, ironicamente, a ansiedade leva-me à comida. Passo o dia a contabilizar o que como, a medir as calorias. Quem come busca a regeneração da vida; na comida está a ordem da manutenção das máquinas da vida, mas as máquinas envelhecem, e o combustível gasta-se em corpos que já não servem. Os velhos esfomeados possuem corpos que já não funcionam, que só gastam comida, como os carros que queimam óleo; carros de elevado consumo e baixo rendimento.

Assim são os velhos, elevado consumo e baixo rendimento, envelhecer é isso.

A relação entre as duas irmãs, a Maria Callas e a Wagner, foi especial, muito tácita e profunda. A Maria Callas era pura bondade, embora essa bondade não seduzisse a Wagner. A Maria tinha mais oito anos do que a Wagner. Cresceram juntas e sabiam imenso uma da outra.

Agora já não sei sequer qual das duas morreu primeiro.

Foi a Maria Callas, sim, e a Wagner não foi ao seu enterro, tal como eu não fui.

Nem a Wagner nem eu fomos ao enterro da Maria.

Como sou parecido com a minha mãe, absolutamente igual.

Há uma frase que espero ouvir dos lábios dos fantasmas dos meus pais quando me dirigir a eles. Dir-me-ão: «Quase não nos lembramos de ti.»

É a mesma frase que o Valdi e o Bra trazem em sugestão no pensamento quando olham para mim, «quase não nos lembramos de ti».

Poucos anos antes da sua morte, a minha mãe andava inchada; e poucos anos antes da sua morte, o meu pai andava chupado: um balão e uma estaca.

Acabei de me levantar em Ranillas. Hoje não tenho nada para fazer em todo o santo dia. As pessoas que estão sozinhas descuram o asseio. Não herdei dos meus pais o hábito do asseio; como raio tomaríamos banho naquela minibanheira? Houve outra catástrofe que veio para ficar: cada vez saía menos água das canalizações, apenas um fiozinho de água. As canalizações estavam calcificadas. Era necessário trocá-las. Como a minha mãe estava em casa arrendada (a vida inteira esteve em casa arrendada), esse trabalho e o seu custo cabiam à proprietária da casa. A proprietária da casa recusou-se rotundamente; só queria que a minha mãe se pirasse, porque era uma renda antiga, estava a pagar pouquíssimo pelo arrendamento daquele apartamento.

Estava lá desde 1960.

Queria ganhar mais dinheiro. Era a filha do proprietário da casa, porque o proprietário morreu novo, com um ataque de coração. A minha mãe quase viu morrer toda aquela família de proprietários. Viu morrer o que fez a casa e se dedicou a arrendar os apartamentos, com o qual se dava bem e pelo qual tinha apreço. Viu morrer a sua viúva, que herdou o negócio. E foi pena que não tivesse visto morrer a filha. A filha viu a minha mãe morrer.

Ou vemos morrer ou vêm-nos morrer.

A minha mãe retinha líquidos e não comia nada. Não percebia porque é que engordava, se não comia nada.

O menino diabólico não comia. O homem em que o menino diabólico se transformou come e come para não ouvir o som do mundo, o barulho das coisas vivas. As coisas vivas fazem barulho ao apodrecer.

O meu pai comia depressa, muito depressa, era um desejo de comer atávico, herdado, patrimonial, em me-mória do tempo em que a fome

reinava no planeta, em memória da guerra civil espanhola, em memória de um princípio de ansiedade universal, de um princípio moral e existencial; comia depressa, e o menino diabólico não comia porque não queria chegar a ser outro homem que come depressa, outro homem com uma má relação com a comida, esse tipo de homem que extrai de outros organismos uma saciedade que não sacia.

A morte do meu pai foi também o desaparecimento de uma gestualidade, de uns certos movimentos corporais, da cor de uns olhos, que nunca mais voltarei a ver. Uma forma de expressividade com as mãos, os braços, o olhar, os lábios, as pernas. E, se me esqueço dele, esqueço-me desses gestos. É mais perfeita e eficaz a morte de quem não guardamos vídeos ou filmes.

É um desaparecimento enérgico. Se houvesse vídeos do meu pai, poderia recordar a sua gestualidade, mas não há, porque ele nunca quis que houvesse, porque sabia que este momento haveria de chegar, o grande momento de todos os momentos, o último dia da vida, o momento em que constatamos que não há prova de aquele ser humano alguma vez ter estado sobre a Terra.

É a grandeza do adeus, o crescimento do adeus. Nunca mais voltarei a vê-lo, repito como um mantra. E aparece aí a grandeza do adeus. A fé é então algo natural, porque te parece impossível aceitar a ideia de que nunca mais voltarás a vê-lo pela simples razão de ele estar aí. Se estendo a mão, toco a sua luz.

Não se mexe.

Está ali, e olha para mim.

Às vezes cruzava-me com o meu pai dentro do elevador. Ia muito bem vestido, sempre com o seu fato. Parecia completamente limpo, apesar de não ter tomado duche. Estou a falar de 1978, ou 1979, desses anos. Não sabia que ele estava dentro do elevador. Abria a porta do elevador e lá estava ele. Sorria ao ver o meu susto quando puxava a porta, como se estivesse a preparar a sua súbita aparição, como se fosse o pai de Hamlet.

O meu pai ficava muito bem dentro do elevador. Dentro daqueles elevadores antigos, de madeira, com vidros. Parecia um marquês num caixão com portas. Assisti à troca de elevadores naquela casa. Foi a primeira casa com elevador de Barbastro inteiro, pelo que era conhecida nos anos sessenta como a «casa do elevador». Até tinha porteira, chamava-se Manuela, não durou muito tempo. A minha mãe dava-se pessimamente com ela. Tinha um pequeno quarto, que desapareceu com a remodelação do elevador. Era nesse quarto que estava a Manuela, uma mulher algo inóspita, porventura. A minha mãe dizia que era bruxa. Eu tinha medo dela. Um belo dia diluiu-se no espaço, e o quarto onde se escondia foi engolido pela máquina do novo elevador. Mas tenho-a à minha frente neste momento: era uma senhora idosa com óculos, carrapito, pequena, encurvada, que se queixava do lixo, que aparecia como que por magia, que discutia com a minha mãe, embora me lembre simultaneamente dela com alegria, porque um porteiro alegre sempre uma casa, simboliza esperança de vida para um prédio, para o cimento, os pilares, os tabiques, as escadas, a fachada, o patamar, as lâmpadas, as placas com os nomes dos vizinhos. Era uma casa destinada ao arrendamento, de maneira que havia sempre gente de passagem, gente que estava uns anos em Barbastro, devido a trabalhos itinerantes, e que depois partia para outras cidades. Os meus pais tornavam-se amigos ou meio amigos dos seus vizinhos, mas depois estes desapareciam. Foram partindo todos. Arranjavam um trabalho melhor ou uma promoção nas suas empresas e mudavam-se, transferiam-se para cidades maiores. Só ficaram a Wagner e o Johann Sebastian em toda a escada, quais sobreviventes, a compor música antiga para ninguém. E quanto à Manuela, a porteira, não sei sequer de onde veio nem para onde

foi; se tinha família ou era um fantasma.

São os dois jovens e preparam-se para me chamar de entre a escuridão. Não sou. Nunca fui. No entanto, fui pressentido por todas as coisas há milhões de anos. Todos fomos pressentidos. Posso viajar no tempo e ver o Johann Sebastian a acariciar e a beijar a Wagner e estou ali, à espera de ser convocado.

No seu prazer está a minha origem, na sua melancolia após o amor está a criação da insaciabilidade do meu espírito.

Vejo o quarto, é o Outono do ano 1961, é meados de Novembro, o frio ainda não chegou, está-se bem na rua, abriram a varanda do quarto para que a luz da Lua entre, são tão novos, tão imensamente novos, que se julgam imortais, estão ali nus, com a varanda aberta.

Já está um bocadinho fresco, diz o Johann Sebastian. E fica a olhar para a nudez da Wagner e eu já estou naquele ventre. A Wagner acende um *L&M*. O candeeiro da mesa-de-cabeceira projecta uma luz ténue. Respira-se naquele quarto uma felicidade imensa. Cantam as paredes, as cortinas, os lençóis; a noite canta. No Ano Novo de 1962, ficarão a saber que a Wagner está grávida. Mas não intuem a criatura que se aproxima. Nem eu sei o género de criatura que se aproxima. O Johann Sebastian, na noite de Novembro, depois de me ter evocado dentro da Wagner, sai para a varanda diminuta da casa que haveria de ser a minha casa e olha a noite, é uma noite com feitiços no ar, olha as casas em frente, a rua por asfaltar, acabaram de se mudar para aquela casa nova, com elevador, a madeira do elevador cheira a verniz, a rua está por terminar, tudo é novo, as persianas de madeira, os ladrilhos, as paredes, as portas das divisões, que fecham na perfeição, nenhuma das quais dentro de cinquenta anos fechará, ficarão avariadas, desencaixadas dos caixilhos. Nunca vi esse apartamento novo. Só vi a sua deterioração, mas na noite da minha concepção a casa estava nova em folha, acabada de construir, a cheirar a novo.

Não podemos acordar os mortos, porque estão a descansar.

Mas essa noite de Novembro de 1961 existiu e continua a existir. Essa noite de amor, esse apartamento moderno, as paredes recém-pintadas, os móveis recém-estreados, as mãos jovens dos esposos, os beijos, o futuro

que é só uma ideia esperançosa, o poder dos corpos, tudo isso continua em mim.

Grande noite de 1961, mês de Novembro, tranquilo, benigno, doce. Continuas viva. Noite que continuas viva. Não te vais embora. Danças comigo uma dança de amor.

Epílogo:

A família e a História

O Crematório

Perguntei pelo forno àqueles dois tipos,
era a noite de 18 de Dezembro do ano 2005,
estrada de Monzón, *não sabes onde fica Monzón*,
é uma terra perdida no deserto.
Ares de tempestade no Alto, sobre o nada despido
como uma recém-casada, lua abaixo das estradas mortas.
Monzón, Barbastro, os meus lugares de sempre.
Deixaram-me ver pela vigia e lá estava já o caixão a arder,
a rachar-se, a madeira do caixão em brasa.
O termómetro marcava oitocentos graus.
Imaginei como estaria o meu pai ali dentro da caixa.
E a caixa dentro do fogo e o meu coração dentro do terror.
Até a vontade de odiar estava a abandonar-me.
Essa vontade que me mantivera vivo tantos anos.
E a minha vontade de amar, que é feito dela? Saberás tu,
Senhor dos grandes óbitos, que conduzes
os teus presos políticos à insaciabilidade, à perdurabilidade,
à eternidade sem saciedade, oh, bastardo,
arrancas-me,
amor de Deus, oh, bastardo?
Apanha esse homem no meio do deserto.
Ou não o apanhes, que importância poderá ter para mim
a tua presença gélida nesta noite do bêbedo
que fui e serei, contra ti, ou a teu favor,
tanto faz, que grandeza, tanto faz.
O princípio e o final, tanto faz, que grandeza.
O ódio e o amor, tanto faz; o beijo e a nádega,
tanto faz; o coito esplendoroso a meio da juventude
e a putrefacção e a decrepitude da carne,
tanto faz, que grandeza.
O forno funciona a gasóleo, disse o homem.
E olhamos para a chaminé,

e como era de noite,
as chamas embatiam
num céu frio de Dezembro,
descampados de Monzón,
perto de Barbastro, os campos a gelarem,
três graus abaixo de zero,
aqueles campos com bruxas e vampiros e seres como eu,
«lá vai tudo», voltou a dizer o homem,
um homem obeso e tranquilo,
mal agasalhado apesar do gelo que fazia,
a espessa barriga quase ao léu,
«dura duas ou três horas, dependendo do peso do defunto»,
disse defunto mas estava a pensar em presunto ou em saco de merda,
«antes queimámos um senhor de cento e vinte quilos,
e demorou um bom bocado», disse.
«Um enorme bocado, parece-me», acrescentou.
«O meu pai só pesava setenta quilos», disse eu.
«Bom, então levará muito menos tempo»,
disse o homem. O caixão já eram pepitas de ar ou fumo.
No dia seguinte voltámos com o meu irmão
e deram-nos a urna, escolhêramos uma urna barata,
que as há até seis mil euros,
segundo disse o homem.
«Somos só isto», sentenciou o homem de uma forma ritual,
com a intenção de se transformar num ser humano, sem que ele
ou nós soubéssemos o que é um ser humano,
e deu-me a urna guardada dentro de um saco azul.
E eu pensei nele, em como estava gordo, em quanto demoraria ele
a arder no seu próprio forno. E como se me tivesse ouvido,
ele disse: «Muito mais do que o seu pai», e sorriu asperamente.
Eu disse-lhe então: «O que demoraria uma eternidade
a arder sou eu, porque o meu coração
é uma pedra maciça e a minha carne aço selvagem

e a minha alma um vulcão
de sangue a três milhões de graus,
eu daria cabo do seu forno só de lhe tocar,
acredite, eu seria a sua ruína absoluta,
melhor será que não morra aqui por perto.»
Aqui por perto: descampados de Monzón,
caminhos de comarca,
Barbastro ao longe, pobres luzes,
já quatro graus abaixo de zero.
Pegue nas cinzas do seu pai, e vá-se embora.
Sim, já me vou embora, oxalá pudesse arder como ardeu
o meu pai, oxalá pudesse queimar
esta mão ou língua ou fígado de Deus
que está dentro de mim,
esta vida de consciência inextinguível
e irredimível;
a extinção do mal e do bem,
que n'Ele são o mesmo.
A extinção do que sou.
Oxalá o seu forno de oitocentos graus queimasse o que sou.
Queimasse uma carne de mil milhões de graus desumanos.
Oxalá existisse um fogo que extinguísse o que sou.
Porque tanto faz que seja bom ou mau o que sou.
Extinguir, extinguir, extinguir o que sou, é essa a Glória.
Pegue nas cinzas do seu pai, e vá-se embora.
Não volte cá mais, peço-lhe, vou rezar
pelo seu pai. O seu pai era um bom homem
e eu não sei o que você é, não volte cá mais,
peço-lhe. Por favor, não olhe para mim, por favor.
*Teve um Seat 124 branco, ia a Lérida,
visitava os alfaiates de Lérida e os de Teruel,
comia com os alfaiates de Saragoça,
mas agora já não há alfaiates em lado nenhum,*

disse uma voz.

Como fiquei sozinho, papá.

Que farei agora, papá?

Nunca mais te ver é já não ver.

Onde estás, estás com Ele?

Como estou sozinho eu, aqui, na terra.

Como fiquei sozinho, papá.

Não me faças rir, imbecil.

Ó filho da puta, estiveste comigo lá
onde eu estive, sem te afastares das chamas.

Viajei muito este ano, muito, muito.

Em todas as cidades da terra, nos seus hotéis memoráveis,
e também nos hotéis sujos e muito pouco memoráveis,
em todas as ruas, barcos e aviões,
em todas as minhas gargalhadas, estiveste lá, redondo
como a memória transcendental, ecuménica e luminosa,
redondo como a misericórdia, a compaixão e a alegria,
redondo como o Sol e a Lua,
redondo como a glória, o poder e a vida.

Retrato

E tão valente

J. MANRIQUE

De cabeça grande, irmanada com o Sol.
De mãos abertas, como o firmamento.
Elegante e antiquado,
coronel de artérias
e falanges decepcionadas.
Pele avermelhada e cabelo sempre branco.
Nunca foi ninguém e nada teve,
nem poder nem dinheiro.
Teve um carro velho, que já morreu.
Media um metro e oitenta.
Viveu como se não existisse Espanha,
a História e o Mundo.
Como se não existisse o Mal.
Gostava das aldeias tranquilas de Huesca
e das montanhas serenas.
Antes de se transformar
num ser humano chamado Vilas,
foi um silêncio cósmico.
Antes de se transformar
no homem mais alto da minha infância,
foi um desconhecido.
Dono da nossa verdade, levou-a para longíssimo.
Os mortos esperam a nossa morte, se é que esperam algo.
Brindo ao teu mistério.

História de Espanha

Pobre foi o meu pai,
muito pobre,
e o pai do meu pai
e pobre sou eu.

Nunca soubemos o que era ter,
nem porque é que éramos pobres,
se outros não o eram.

Não tivemos nada,
absolutamente nada,
nenhum dos três.

Passámos a vida
a ver como os outros enriqueciam.

Não ter nada mata o sangue aqui,
em Espanha, e nunca te livras do cheiro a pobre,
e acabam por transformar a tua pobreza
em culpa, uma consumada arte moral.

Pobres e culpados,
o pai do meu pai,
o meu pai
e eu.

A chuva

Madrid, 22 de Maio de 2004

Vimos o *Rolls* do ano 53 com as rodas brancas
(mil quilómetros em cinquenta anos)
nos televisores dos bares do bairro do Actur de Saragoça.
Segurava na mão um copo de vinho branco frio
e já fazia calor em Espanha,
os hotéis do Mediterrâneo estavam em limpeza geral,
quartos abertos com empregadas esmeradas, à espera
da chegada de setecentos mil ingleses,
um milhão de alemães, quatrocentos mil franceses,
cem mil suíços e cem mil belgas.
Estávamos com um vinho branco na mão e os pescoços
levantados para o televisor.
Não veio a Isabel II de Inglaterra; a Isabel II
só aceitaria ir ao casamento do rei de França
e, não havendo rei em França, a Isabel II
fica no palácio para sempre, reclinada sobre o mundo.
São os súbditos da Isabel II quem ama o sol de Espanha
e a cerveja barata,
quem exhibe a bandeira britânica
nas esplanadas diante do mar.
Crepusculares casas reais vindas
dos recantos mais oxidados da história
surgiram a 22 de Maio de 2004 nos televisores de Espanha,
países nórdicos, distantes e prósperos, frios, afastados
deste coração interminável.
Rouco Varela a cantar a missa.
Não veio o presidente da República Francesa.
Os arcebispos, bicolores, felizes.
O nome de Deus dito em voz alta várias vezes.
A teimosa obsessão de nomear Deus, nomeá-lo
como quem nomeia o poder, o dinheiro,

a ressurreição, a guilhotina, a prisão, a escravatura.
O imperador do mundo ficou na América,
alheio aos ritos menores das suas províncias.
Os enormes guarda-chuvas azuis.
Levantarmo-nos às seis da manhã
para que nos maquilhem, nos depilem, nos façam a manicura,
que felicidade tão grande.
Os fartos pequenos-almoços, os talheres de prata,
os melhores vinhos e os perfumes formidáveis.
Os duches gigantescos, as suítes, os bombons suíços,
os chinelos de ouro, as cuecas de platina,
o sumo de laranja com laranjas atrozés.
O luxo e o serviço, sempre gente a abrir-nos as portas.
O sorriso permanente.
Os profissionais do sorriso permanente,
esse sorriso representa o trabalho mais inóspito da história.
Sorrir? Porquê?
E Umbral, e Gala, e Bosé, e A., e J., e Ayala,
a entrarem na catedral da Almudena,
recompensados, escolhidos,
colocados à direita, os chefes da inteligência espanhola,
da subida espanhola, da grande cheia.
A grande subida, a grande ascensão.
E os cento e noventa queimados vivos tiveram a sua homenagem,
o absurdo povo mutilado, o goyesco povo
elementar e monárquico,
o *Rolls* passou diante deles.
E o ex-presidente do Governo bebeu um *Rioja Reserva* de 94,
todos os ex-presidentes de Espanha, com o seu fraque,
e as suas mulheres em segundo plano,
protectoras, devoradas, confundidas
para sempre, mas felizes de terem chegado ali,
ali longe, ali onde o ar é de ouro e a mão segura o mundo,

ali onde Espanha inteira quis que estivessem
e a legitimidade democrática é um fulgor definitivo.
As capelinas iridescentes, os jugos na cabeça,
os jugos sob o céu escuro.
E José María Aznar e Jordi Pujol
e Felipe González, juntos outra vez.
E sentiram-se os três satisfeitos ao verem a obra bem feita,
a sucessão de Franco, a mão europeia, paternal,
sobre as nossas cabeças,
a sucessão de Franco, as mantilhas do franquismo
metidas nos armários,
a gritarem de inveja e a respirarem naftalina muito branca.
E Juan Carlos I a deitar a mão a Espanha,
porque quem não deitaria a mão a Espanha,
à história de Espanha, ao selo papal no dedo mindinho.
E Zapatero com a sua Sonsoles, voluptuosa, sorridente,
o seu género teria sido do agrado de Baudelaire ou de Julio Romero.
A Sonsoles parecia um Delacroix:
a anatómica Liberdade a guiar o povo,
capelinas vistosas, o rito político,
a aborrecida história,
os peitos caídos.
E socialistas e liberais e ultramontanos juntos,
a esquerda e a direita emparelhadas,
os vencimentos aumentados à saciedade,
todos à procura do mesmo, parecia um Delacroix, a Sonsoles,
a nova rainha de Espanha,
da distribuição dos gabinetes, das glórias,
das longas viagens pelo mundo em aviões oficiais,
os ouros laicos.
Ateus convertidos sob o fulgor das capelinas,
crentes com a carteira ateia.
O poder sempre igual a si mesmo a todo o momento.

A história humana como já foi em tempos a todo o momento.
O mesmo tempo sempre.
A essência de Espanha a repetir-se, a essência do mundo grande.
E nós a bebermos no Actur, ao lado das gruas e do Hipercor,
felizes por nos deixarem beber este vinho
frio num copo meio limpo, felizes
por podermos pagar este vinho e outros dois.
E a palidez privada da rainha Rania da Jordânia.
E a chuva.

Huesca, 1969

O meu pai levava-me a Huesca,
era a capital da nossa província.
Gostava que eu fosse com ele.
Tinha lá clientes.
Era uma cidade pequena,
cheia de conhecidos.
Ele tinha os seus lugares predilectos,
um bar, uma loja, uma pastelaria,
nenhum sobrevive hoje.
As cidades também partem
com os que partem.
Lembro-me dele a sorrir pelos alpendres.
A cumprimentar este e aquele.
Trinta e nove anos
tinha ele então
e eu sete,
íamos de mão dada,
de vez em quando olhava para mim
e dizia o meu nome com doçura,
cruzávamo-nos com padres e militares
e mulheres assustadas pelo Coso Alto,
autocarros velhos,
uma ou outra mota,
as ruas com sol,
Setembro de mil novecentos
e sessenta e nove.

Cambrils

Verão de 1975

Os *Mercedes* descapotáveis, os *BMW* com olhos de tigre,
os *Peugeots*, os *Alfas Romeo*, os *Opels*, os *Volkswagens*.
É o Verão do ano 1975, na aldeia turística
de Cambrils, na costa de Tarragona
— faz muito sol e o Mediterrâneo é o nosso paraíso.
Pelo longo estacionamento junto do mar,
um menino de calções de banho vai bisbilhotando o conta-quilómetros
de um *Porsche*: 210, 230, 250, 270, 290.
O automóvel do seu pai termina em 160 km/h.
E é novo, e era o melhor e o mais veloz,
disse o pai.
É algo que o entristece.
Aqueles pessoas tão altas e tão bonitas, de onde vêm?
Parecem mais felizes do que nós.
Algo está a acontecer. Algo estava a rachar-se.
Aqueles carros, não consegue arredá-los do pensamento,
aquelas formas tão distintas, aquelas marcas estranhas,
impronunciáveis,
aquelas rodas tão grandes,
aqueles conta-quilómetros siderais.
Acabou de ver um *BMW* vermelho, e aproxima a cara
da janela: 200, 220, 240, 260, 280 km/h.
Imagina o mundo a 280 quilómetros por hora
e sorri como um deus adolescente.
Ao nadar no Mediterrâneo, no meio da água,
continuava a pensar naquela indústria misteriosa
do automóvel, naquelas formas quentes da matéria.
Percebeu então o menino que a matéria é espírito radiante.
A alegria dos motores a arder,
os cilindros, o volante de nobre madeira,
as rodas e o seu espírito militar.

Passava as férias a olhar
com estúpido fascínio
e com inesperada humilhação
para os carros dos turistas europeus.
Ali, naqueles carros, havia um mistério doloroso,
uma forma da pobreza também,
e um destino.

1980

Olho-me todas as manhãs, ainda é de noite,
à luz eléctrica,
no espelho da miserável casa de banho,
já com cinquenta e um anos mal feitos e muito sozinho,
e vejo-te a ti,
com a mesma idade,
no Inverno de 1980.

Vejo-te às sete da manhã a carregar as malas
e os mostruários no porta-bagagens do teu Seat 1430.

Talvez o meu carro seja melhor do que o teu.

A indústria automóvel ocidental oferece
à classe baixa um ou outro modelo com seis velocidades
e até com ar-condicionado.

O salário, no entanto, é o mesmo.

O país, no entanto, é o mesmo também.

Vejo o mesmo rosto no espelho, a esmagadora madrugada
e o sórdido emprego,
e o sórdido lucro de uma comissão,
a vida inteira atrás de uma comissão ao relento,
que não te deu para nada,
absolutamente para nada.

Eu tentei escrever e tu foste
um anónimo caixeiro-viajante,
somos o mesmo.

Onde estão as nossas capelas nas mais famosas
catedrais de Espanha,
na de Leão,
na de Sevilha,
na de Burgos,
na de Madrid,
na de Santiago de Compostela?

Onde os nossos rostos em bronze esculpidos

com as feridas no flanco?

Tu, a percorreres absurdas povoações de Aragão,
a lutares para vender o têxtil catalão,
o têxtil das florescentes empresas catalãs
— barcelonesas, prósperas
e já com relações internacionais —,
a surdos e obscuros e paupérrimos alfaiates
de povoações atrasadas
da Espanha rude, medieval e mutilada.
Eles, sim, os teus chefes catalães,
ganhavam muito dinheiro,
tu, nada.

Fazemos a barba os dois ao mesmo tempo, tu em 1980,
eu em 2013, um pouco evoluída se quiseres
a indústria do barbear, um pouco de perfume,
um pouco de água no cabelo.

Sáímos os dois ao mesmo tempo e entramos
cada um no seu automóvel,
o meu tem música e o teu só rádio,
o teu *Seat* 1430, e talvez seja essa a única diferença,
a mim ajudam-me o Lou Reed e o Johnny Cash com as suas canções,
a ti não te ajudou ninguém.

Foste-te embora com setenta e cinco anos.

Eu vou-me embora dentro de cinco minutos.

Não, não quero ver-te do outro lado do espelho.

Não suportaria o teu olhar de fogo,
o teu olhar de condenação suprema.

Coca-Cola

Acaba a *Coca-Cola*,
não deixes nada.
O gelo com o limão e a última gota.
O barulho do cubo
a bater contra o vidro do copo,
acaba-a,
porque ninguém virá,
até parto o gelo
com os dentes,
e sorvo a sombra da água.
Bebi-a com o meu pai
há mais de quarenta anos.
Bebi-a com o meu filho ontem.
Bebo-a sozinho hoje.
Acaba-a, não deixes sequer uma gota.

Daniel

Dormir na mesma casa,
tu no teu pequeno quarto,
eu no meu, que também é pequeno,
mas um pouco maior do que o teu,
é um privilégio.
Saber que estás do outro lado do tabique proporciona-me paz.
Mas hoje ficaste a dormir,
e chegas tarde ao liceu.
Não sabes a pena que me dá
perderes uma hora de aula.
As leis dos homens — eu conheço-as — são inflexíveis,
e tens de aprender a conviver com elas,
tal como eu fiz.
Fiquei a pensar no teu futuro.
Daria a minha vida para te proteger amanhã,
para que nunca te alcance nenhuma desventura,
nenhuma dor, nenhum veneno dos homens.
Abro a janela do teu quarto e olho para as tuas coisas e comovo-me.
Adoro todas as tuas coisas.
Adoro a tua letra, pequena, doce, humilde,
a letra de uma alma bondosa.
Adoro a tua roupa pendurada no meu armário,
o teu blusão castanho,
que me enfeitiça.
A fragilidade que o teu corpo exprime faz-me tremer
e alegra-me ao mesmo tempo.
Passas o dia inteiro com os auscultadores, quando falo contigo não me
ouves.
Vives para o telemóvel,
e pouco para mim,
que vivo para ti.
Gosto de te preparar sandes delicadas.

Penso que terás fome a meio da manhã.
Adivinho a tua vulnerabilidade e sofro.
Transformar-me-ei em cinza em ti
e a tua vida nova verá
a queda de todas as coisas
que me feriram.

Papá

Não bebas mais, papá, por favor.
O teu fígado está morto e os teus olhos ainda são azuis.
Vim buscar-te. A mamã não sabe.
Já não te fiam no bar.
Iam chamar a polícia,
mas avisaram-me antes,
por compaixão.
Papá, por favor, reage, papá.
Há meses que não vais trabalhar.
As pessoas não gostam de ti, já ninguém gosta de ti.
Vai morrer longe de nós, papá.
Nunca tivemos orgulho em ti, papá.
Por favor, vai morrer longe de nós.
Deves-nos isso.
Estavas sempre de mau humor.
Quase não nos lembramos de ti, mas ligam-nos do bar.
Vai para longe, deves-nos isso.
É o único favor que te peço.

974310439

Quem me trouxe ao mundo foi-se hoje embora do mundo.
Ela, que me ligava a toda a hora, para saber de mim.
Como a tratei mal e como nos tratámos mal,
embora gostássemos tanto um do outro; e quão pouco soubeste da minha
vida
nos últimos tempos, a esconder-te como me corria mal
o casamento e tudo o mais
e tu a saberes, porque, enfim, sabias tudo,
vias-me a beber aqueles licores fortes,
vias aquela sede tão estranha, aquela sede tão desconhecida para ti,
que tanto te assustava e tanto temias.
Já ninguém me ligará, tão obsessivamente, para saber
se estou vivo, e a quem importará se estou vivo ou morto;
digo-te já: a ninguém.
De maneira que o grande segredo era este:
já estou completamente desamparado,
ajoelhado
para a decapitação,
para o ansiado adeus deste corpo,
desta existência meramente social e vizinhal que leva o meu nome,
o nosso nome.
Nunca mais voltarei a ver
o teu número de telefone no ecrã
do meu telemóvel; tu, que te queixavas de não ter um,
de eu não te oferecer um,
juro-te que não saberias pô-lo a funcionar;
tê-lo-ias atirado pela janela,
como eu farei com o meu nesta noite do supremo delírio.
Porque eras um número de telefone, cinquenta anos
encerrados nesse número: nove sete quatro, trinta e um,
zero, quatro, três, nove.
Marca-o agora,

marca-o se tiveres coragem e atender-te-ão
todos os mistérios incomensuráveis: o tempo e o nada,
a ira vermelha
dos piores furacões celestiais,
o árido e branco nada transformado
numa mão negra.

Tanto fazia onde estivesse: podia estar na América ou no Oriente,
tu ligavas, tu ligavas sempre ao teu filho
porque eu era Deus para ti, um Deus fora-da-lei,
poderoso e sagrado, a única coisa real e suficiente,
o teu filho sempre fora de qualquer ordem, sempre a reinar,
porque tudo o que fazia ou fiz recebeu a tua ampla aprovação,
cujá moralidade não é deste mundo.
Fiquem sabendo.

Tu, que me amavas ao desespero.

Tu, que derramaste sangue por mim e pela minha discutível e obscura vida,
plena de liturgias cujo sentido desconhecias,
e fazias bem, pois nada havia para conhecer, como finalmente
vim a saber,
equiparado nesse conhecimento
ao mais sábio dos homens.

E agora, outra vez a caminho do Crematório,
como já escrevi num poema com esse título,
no qual falava do teu marido, o meu pai,
que também queimámos,
aqueles fornos chegam a uns mil graus.

O meu grande pai, pelo qual te apaixonaste — vá-se lá saber porquê —
em mil novecentos e cinquenta e nove,
e quem raio se importa com isso senão eu,
o que sempre os amou tanto e os amará até ao último minuto do mundo.
Dei-te um beijo na santa testa gelada
num domingo
pela manhã

de um vinte e quatro de Maio do ano de dois mil e catorze,
a chover,
numa Primavera inesperadamente fria,
enquanto uma máquina sofisticada introduzia a tua caixa barata
— repara que somos pobres — no fogo final,
para o qual eu e o meu irmão
te conduzimos.

Senti a tua testa antiga e acabada nos meus lábios
antigos e acabados,
embora ainda conscientes os meus,
os teus,
venturosamente, não.

Nunca pensei que o sentimento final fosse este:
a inveja que me deste, a cobiça da tua morte,
a cobiçar a tua morte,
por me deixares aqui,
completamente só
pela primeira vez
na nossa longa história de amor,
e só para sempre.

E recordo agora todas essas mulheres
que queriam ir para a cama comigo,
fazer amor comigo,
e isso acabou por ser a minha vida,
quando eu só queria
estar contigo para sempre.

Enfim, mamã, não sabia que te amava tanto.
Já tu sabia-lo, porque sempre soubeste tudo.
Que bom que tudo acabou,
numa culpada tarde de Primavera
na qual começa o mundo,
na qual para ti acaba o mundo,
na qual para mim nem acaba nem começa,

antes persiste involuntariamente.

Que bom este silêncio onnipotente, aqui, em Barbastro,
onde fomos mãe e filho, pelos séculos dos séculos.

Aqui, em Barbastro, neste lugar tão nosso,
tão concisamente nosso: tudo aconteceu aqui, nestas ruas.
Recordo tudo, e tudo recordarei.

Amo-te, finalmente.

Como nunca amei ninguém: todas foram a tua réplica.

Ah, estava a esquecer-me: podias ter deixado algo
para pagar o teu enterro,

não sabes como estou mal e como sou pobre,
olha que foste uma mãos-rotas e uma esbanjadora,
e quanto vale

o caixão mais económico,
como eles dizem, os amáveis senhores da funerária.

Olha que fomos pobres e desgraçados tu e eu,
ma mère, nesta Espanha de grandes filhos da puta enriquecidos
até à abominação.

E mesmo assim, pobres como ratos, tu e eu,
mantivemos a compostura,
como dois apaixonados.

Que bom. Que bonito. O quanto gosto de ti
ou gostei de ti, já não sei, e a quem importará,
sem dúvida que não à história de Espanha,
o nosso país, se é que sabias como se chamava
o solene nada histórico em que o papá, tu e eu vivemos.

A história profundamente íntima e comovente de um homem que procura no passado o caminho para regressar ao presente.



«Ficar-nos-ia muito bem escrever sobre as nossas famílias, sem ficção alguma, sem romances. Contando apenas o que aconteceu ou o que achamos que aconteceu.»

Impelido por esta convicção, Manuel Vilas compõe, com uma voz corajosa, desencantada, poética, o relato íntimo de uma vida e de um país. Simultaneamente filho e pai, autor e narrador, Vilas escava no passado, procurando recompor as peças, lutando para fazer presente quem já não está.

Porque os laços com a família, com os que amamos, mesmo que distantes ou ausentes, são o que nos sustém, o que nos define. São esses mesmos laços que nos permitem ver, à distância do tempo, que a beleza está nos mais simples gestos quotidianos, no afecto contido, inconfessado, e até nas palavras não ditas.

Falando das entranhas, Vilas expõe a comovente debilidade humana, ao mesmo tempo que ilumina a força única da nossa condição, a inexaurível capacidade de nos levantarmos de novo e seguirmos em frente, mesmo quando não parece possível. É desenhando um caminho de regresso aos que amamos que o amor pode salvar-nos.

Confessional, provocador, comovente, Em tudo havia beleza é uma admirável peça de literatura, em que se entrelaçam destino pessoal e colectivo, romance e autobiografia. Manuel Vilas criou um relato íntimo de perda e vida, de luto e dor, de afecto e pudor, único na sua capacidade de comover o leitor, de fazer da sua história a história de todos nós.

«Magnífico, corajoso, vai partir-vos o coração.»

Javier Cercas

«Um livro que nasce da perda e, ao mesmo tempo, da luminosidade do amor.»

La Vanguardia

«Uma narrativa que chega ao coração da verdade e faz da vida de uma personagem um ensinamento universal.»

El País

MANUEL VILAS é um premiado poeta e narrador espanhol nascido em 1962 em Barbastro (Aragão, Espanha).

Entre os seus livros de poesia destacam-se *El cielo* (2000); *Resurrección* (2005; XV Premio Jaime Gil de Biedma); *Calor* (2008; VI Premio Fray Luis de León); *Gran Vilas* (2012; XXXIII Premio Ciudad de Melilla) e *El hundimiento* (2015; XVII Premio Internacional de Poesía Generación del 27). A sua poesia reunida publicou-se em 2010 com o título *Amor*, e a antologia *Poesía completa* saiu em 2016. É autor dos romances *España* (2008), que foi eleito pela revista literária *Quimera* como um dos dez romances mais importantes da primeira década do século XXI; *Aire Nuestro* (2009), distinguido com o Prémio Cálamo; *Los inmortales* (2012) e *El luminoso regalo* (2013). Também é autor de livros de contos e crónicas.

Além dos prémios citados, venceu o Premio Llanes de literatura de viagens, e o Premio de Las Letras Aragonesas, em 2015. A sua obra poética e narrativa figura nas principais antologias espanholas.

Escreve habitualmente na imprensa espanhola. *Em tudo havia beleza* (publicado em Espanha com o título *Ordesa*) é o seu mais recente romance e o primeiro a ser publicado em Portugal.

Título original: *Ordesa*

Edição em digital: Fevereiro de 2019

© Manuel Vilas, 2018

Publicado originalmente em 2018, por acordo com Casanovas & Lynch
Agencia Literaria S. L., Barcelona

Todos os direitos reservados

Esta obra foi publicada com o apoio do Ministério da Educação, Cultura e
Desporto de Espanha



© desta edição: 2019, Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal,
Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edif. Office 123 — Sala 3.6

1069-152 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

www.gostodeler.pt

Tradução: Vasco Gato

Revisão: Rita Almeida Simões

Paginação: Segundo Capítulo

Capa: adaptação de Teresa Coelho

Fotografia do autor © Lisbeth Salas

ISBN: 978-989-665-757-4

Composição digital: leerendigital.com

Alfaguara é uma chancela de:

| Penguin
| Random House
| Grupo Editorial |

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

[1] Jogo de cartas com regras semelhantes ao *Uno*, mas jogado com o baralho normal. (*N. do T.*)

Índice

Em tudo havia beleza

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27

Capitulo 28
Capitulo 29
Capitulo 30
Capitulo 31
Capitulo 32
Capitulo 33
Capitulo 34
Capitulo 35
Capitulo 36
Capitulo 37
Capitulo 38
Capitulo 39
Capitulo 40
Capitulo 41
Capitulo 42
Capitulo 43
Capitulo 44
Capitulo 45
Capitulo 46
Capitulo 47
Capitulo 48
Capitulo 49
Capitulo 50
Capitulo 51
Capitulo 52
Capitulo 53
Capitulo 54
Capitulo 55
Capitulo 56
Capitulo 57
Capitulo 58
Capitulo 59
Capitulo 60
Capitulo 61

Capitulo 62
Capitulo 63
Capitulo 64
Capitulo 65
Capitulo 66
Capitulo 67
Capitulo 68
Capitulo 69
Capitulo 70
Capitulo 71
Capitulo 72
Capitulo 73
Capitulo 74
Capitulo 75
Capitulo 76
Capitulo 77
Capitulo 78
Capitulo 79
Capitulo 80
Capitulo 81
Capitulo 82
Capitulo 83
Capitulo 84
Capitulo 85
Capitulo 86
Capitulo 87
Capitulo 88
Capitulo 89
Capitulo 90
Capitulo 91
Capitulo 92
Capitulo 93
Capitulo 94
Capitulo 95

Capitulo 96
Capitulo 97
Capitulo 98
Capitulo 99
Capitulo 100
Capitulo 101
Capitulo 102
Capitulo 103
Capitulo 104
Capitulo 105
Capitulo 106
Capitulo 107
Capitulo 108
Capitulo 109
Capitulo 110
Capitulo 111
Capitulo 112
Capitulo 113
Capitulo 114
Capitulo 115
Capitulo 116
Capitulo 117
Capitulo 118
Capitulo 119
Capitulo 120
Capitulo 121
Capitulo 122
Capitulo 123
Capitulo 124
Capitulo 125
Capitulo 126
Capitulo 127
Capitulo 128
Capitulo 129

Capítulo 130

Capítulo 131

Capítulo 132

Capítulo 133

Capítulo 134

Capítulo 135

Capítulo 136

Capítulo 137

Capítulo 138

Capítulo 139

Capítulo 140

Capítulo 141

Capítulo 142

Capítulo 143

Capítulo 144

Capítulo 145

Capítulo 146

Capítulo 147

Capítulo 148

Capítulo 149

Capítulo 150

Capítulo 151

Capítulo 152

Capítulo 153

Capítulo 154

Capítulo 155

Capítulo 156

Capítulo 157

Epílogo: A família e a História

O Crematório

Retrato

História de Espanha

A chuva

Huesca, 1969

Cambrils
1980
Coca-Cola
Daniel
Papá
974310439

Sobre o livro
Sobre Manuel Vilas
Créditos
Notas